



HOLOCAUSTO NO SERTÃO



Prefácio

A nova montagem histórica do “Holocausto no Sertão” relata inúmeros fatos ocorridos no decorrer da Revolução Farroupilha no período de setembro de 1835 até janeiro de 1923, com a morte de Adeodato Manoel Ramos, parte foi baseado nos esboços dos livros: “Heróis da Liberdade”, “Guerra do Século”, “Revolta dos Excluídos” e no romance “Guerreiros do Sertão” do próprio autor. De maneira simples e objetiva, vamos mostrar a mais completa análise da história para que as pessoas humildes de pensamento possam compreender e conhecer os fatos, e com isso, levar qualquer um dos leitores a tirar conclusões conforme sua visão pessoal.

A minha real intenção, não é colocar uma máscara de vilão em ninguém, ou denegrir a imagem de quem quer que seja. Muitas falhas hereges foram cometidas no decorrer dos acontecimentos históricos. Como o fanatismo religioso, o mito milenar do final dos tempos, a ausência da Igreja Católica no sertão e a constante presença de monges. Curandeiros e

experientes alquimistas da ciência oculta e natural são umas das principais causas que levou o humilde caboclo do sertão contestado, a se rebelar contra o regime republicano injusto.

O poder completamente ignorante e desumano dos coronéis provincianos impôs à classe social menos favorecida, sobreviver na mais completa miséria. E para complicar mais a situação, ambiciosos coronéis contratavam inúmeros piquetes de vaqueanos para expulsar os caboclos de suas terras, após entregavam ao grupo por um preço quase insignificante.

Os grandes fazendeiros, agricultores, comerciantes, industriais, Loja Maçonica, parlamentares, marechais e membros da alta sociedade estavam decepcionados por continuar ainda longe do poder imperial, e por não terem nascido com o sangue nobre e imperial. E na calada da noite, forças ocultas derrubaram o império brasileiro. Constrói assim, um regime republicano que levaria os humildes a mais completa miséria e a incontáveis injustiças.

A mais nova nação republicana na época, os Estados Unidos da América, decide espalhar ao restante do continente americano o seu regime protecionista e capitalista. À frente do descontentamento da elite, geralmente contra o regime imperialista, decide patrocinar financeiramente o golpe de estado, contanto que fossem recompensados futuramente. Quando o governo republicano assume o poder, os empresários americanos aparecem para cobrar a dívida. O país que já se encontrava à beira da falência, a partir desse momento, passa a ser uma sucata ambulante, jogando sua população na miséria.

A construção da ferrovia, corte de árvores nobres e sua exportação, e por fim, a emigração da área de concessão do grupo Farquhar, lugar onde há muitos séculos moravam caboclos, foi outro principal fato que acende o estopim da “Guerra do Século”.

No contrato do grupo Farquhar com o governo republicano, constava que era obrigação do governo fornecer a mão-de-obra bruta. Naquela época não existia mais mão-de-obra escrava, por ter sido sancionada pela lei áurea, concedendo a libertação a todos os escravos pela princesa Isabel, o que acabou levando à falência, diversos senhores de engenhos, pois, a partir desse instante, teriam de pagar por seus serviços. Resta somente ao governo republicano, fazer um acordo com milhares de prisioneiros, marginalizados pela sociedade. Com a conclusão da ferrovia, deixam os empregados - escravos jogados à própria sorte, numa terra estranha e desconhecida.

A ignorância dos governadores do Paraná e Santa Catarina, não chegando a nenhum acordo na demarcação da divisa dos dois estados. Surgindo assim, a injusta cobrança de impostos de ambos os estados, deixando a região do contestado se transformar numa terra de ninguém.

Os sertanejos sobreviviam na mais completa miséria e o poder da república ainda lhes tiravam o pouco que possuíam por herança, levando o ser humano mais paciente ao desespero, ou à loucura. Agravando mais a situação, já um tanto crítica, os coronéis provincianos julgam-se como Deuses do sertão, ditando quem morreria e quem viveria.

Após a expolanação destes fatos pergunto-lhes: O que vocês fariam no lugar deles? Suicidar-se-iam? Sobreviveria na mais completa miséria? Ou se rebelariam contra o regime republicano? Sinceramente, não estou tentando mostrar que os caboclos fanatizados estavam inteiramente justos e corretos com os acontecimentos, mas provar que eles foram induzidos a pecar no decorrer dos acontecimentos, por não terem uma perspectiva melhor de vida, pois ninguém tinha lhes oferecido pelo menos um raio de esperança, e muitas vezes, sequer uma palavra amiga dos poderes provincianos e republicanos.

Revolução Farroupilha

República e seus Pecados

Parte I

República Rio-Grandense e República Juliana – Revolução Farroupilha

Os ricos fazendeiros e grandes comerciantes locais estão quase falidos, por consequência da campanha militar na província Cisplatina, travada entre o império brasileiro e os republicanos da banda oriental. Nesse conflito armado pela posse do poder na província, ambos confiscam gado e charque para alimentar seus soldados, com a promessa de pagar suas dívidas, após a vitória que de fato nunca aconteceu.

Os fazendeiros e comerciantes da província do Rio Grande do Sul recomeçam com o pouco que lhes restou, e enfrentam inúmeras adversidades impostas pelos governos provincianos, parlamentares e pelo imperador D. Pedro I. E passam anos pagando uma dívida contraída com a França e a Inglaterra, devido ao auxílio militar na Guerra Cisplatina.

O regente de D. Pedro II e parlamentares do império impõem altas taxas sobre o charque, sebo, couro exportado e taxas exageradas pelo sal importado. Por causa desse injusto panorama político e econômico, a província lentamente vai se recuperando e começa a fechar com superávit. Os governos não utilizam os recursos para melhorias, enviam um tanto para outras províncias e o restante para pagar suas dívidas com a Inglaterra e a França. Complicando mais a situação que já é tensa. A regência imperial nomeia Presidentes desconhecidos, ou antipáticos ao povo, o que trouxe um clima de revolução republicana.

Setembro de 1835 explode a Revolução Farroupilha, tendo como líderes rebeldes: Coronel Bento Gonçalves da Silva, Coronel Bento Manuel Ribeiro, Coronel Onofre Pires, Coronel Antônio de Souza Neto, Coronel David José Martins Canabarro, Major João Manuel de Lima e Silva, Capitão Domingos Crescêncio, Capitão José Gomes de Vasconcelos Jardim, Conde Tito Livio Zambecari, e os jornalistas Pedro José de Almeida - Pedro Boticário e Libero Badaró. O movimento teve apoio de muitos comandantes da guarda nacional, imprensa liberal, políticos provincianos, Loja Maçônica e proscritos italianos.

Outubro de 1836, as tropas Farroupilhas são derrotadas na Ilha de Fanfa pelas forças imperiais. O General Bento Gonçalves é obrigado a se render ao seu antigo aliado, Coronel Bento Manuel Ribeiro. Os principais líderes dos Farrapos são enviados ao Rio de Janeiro. A revolução continua lentamente à espera do retorno de seu grande líder.

Enquanto isso, a comunidade maçônica planeja a fuga dos líderes no Rio de Janeiro. Eis que surge o herói da liberdade, Giusepp Maria Garibaldi. Ele, Luigi Rossetti e outros proscritos italianos abraçam a revolução, fazendo serviços de corso na costa brasileira.

Garibaldi é feito prisioneiro na província de Entre - Rios. Tenta fugir. É capturado e transferido para Buenos Aires, onde foi posto em liberdade. A tentativa de fuga dos líderes não teve êxito total, permanecendo na prisão o General Bento Gonçalves, Pedro Boticário e Tito Livio Zambecari. Pedro Boticário fica preso no Rio de Janeiro, sendo posto em liberdade tempo depois. Enquanto o general é transferido para uma prisão na Bahia, Tito Livio é transferido para Pernambuco.

Setembro de 1837, o General Bento Gonçalves consegue fugir da prisão na Bahia, tendo a ajuda novamente da comunidade Maçônica. Em dezembro do mesmo ano, ele chega ao Piratini, onde assume a presidência da República Riograndense. A revolução Farroupilha, a partir desse momento, começa a se expandir por toda a província, diante de muitas derrotas e vitórias contra as tropas imperiais.

As tropas republicanas, sob o comando do Coronel Canabarro tomam de assalto a vila de Lages e deixam-na em domínio de simpatizantes. Canabarro segue com suas tropas para Laguna, onde auxiliariam o ataque naval, sob o comando de Garibaldi e Griggs, proclamando assim a República Juliana.

O barco Farroupilha é surpreendido por um temporal e naufraga na foz do rio Mampituba, morrendo vários amigos e companheiros de armas. Griggs no comando do Seival

refulgia-se na Barra da Lagoa do Camacho, escapando ileso do temporal. Garibaldi e os sobreviventes, após intermináveis horas nadando rumo ao norte, surpreendem-se ao ver o Seival ancorado, completamente intacto. Somente com o barco Seival enfrentam uns poucos barcos legalistas, auxiliado por terra pelas tropas de Canabarro, fazendo com que a pequena força imperial debandasse para Desterro. A vila de Laguna foi tomada em julho de 1839 e é proclamada a República Juliana.

O bloqueio naval imposto pelo Presidente, General Soares Andréia da província de Santa Catarina, surte o efeito desejado. Os comerciantes e políticos de Laguna e Imaruí rebelam-se contra os ideais republicanos e passam a ajudar os legalistas.

O General Canabarro envia Garibaldi e uma tropa de soldados a Imaruí, visando apaziguar os ânimos dos habitantes rebeldes. Garibaldi ataca a vila de surpresa, sem dar tempo de reagirem. Após terem dominado a vila, os soldados encontram vários barris de vinho, embriagam-se e começam a fazer as maiores atrocidades com os moradores, degolando sem piedade todos os homens e depois estuprando as mulheres e as matavam.

Novembro de 1839, o General Canabarro ordena que suas tropas abandonem a vila de Laguna. Permanecem acampados por alguns dias no Camacho, esperando o restante das tropas. Canabarro ordena ao Coronel Teixeira Nunes que reúna os seus soldados e partir para o planalto serrano. Onde deveria encontrar-se com as tropas dos coronéis Mariano Aranha e José Gomes Portinho, e retomar para a vila de Lages.

Dezembro de 1839, reunidas às tropas republicanas, um total de quinhentos soldados. Garibaldi e Ana Maria de Jesus Ribeiro são surpreendidos nos campos de Santa Vitória pelo brigadeiro Francisco Xavier da Cunha com dois mil soldados. Os republicanos dividem-se em duas colunas, assim enfraquecem o inimigo e os leva a uma armadilha. O brigadeiro engole a isca do Coronel Teixeira e massacra toda a coluna do brigadeiro, que também morre ao atravessar o Rio Pelotas. Os sobreviventes dos legalistas debandam rumo à vila de Curitiba, onde pretendem aguardar as tropas vindas da província de São Paulo. Anita e Garibaldi passam o natal em Lages, sendo bem recebidos pelos habitantes e o seu tio Antônio.

Janeiro de 1840, o Coronel Teixeira é informado que as tropas do Coronel Antônio de Mello Albuquerque, encontravam-se estacionadas nos arredores da vila de Curitiba e partem para lá. Dias depois, acampam nos Campos das Forquilhas, proximidades do Rio Marombas. O Coronel Mello, no comando de dois mil soldados, arma uma emboscada para as tropas republicanas. O Coronel Teixeira e Garibaldi é surpreendido pelos legalistas no amanhecer, desencadeando um violento combate, onde morrem quatrocentos e vinte e sete soldados republicanos e quase duzentos soldados legalistas e Ana Maria de Jesus foi feita prisioneira. O Coronel Teixeira, Garibaldi e mais setenta e três sobreviventes fogem para a vila de Lages. Ana pede para procurar o corpo de seu marido, mas não o encontra entre os mortos. Em seguida recebe a ajuda do sargento Padilha e foge em direção ao rio Caveiras, encontrando-se com Garibaldi e Teixeira.

Março de 1840, os republicanos abandonam definitivamente a província de Santa Catarina, retirando-se para Vacaria e encontra-se com as tropas de Canabarro em Setembrina. As batalhas republicanas e legalistas se concentram somente em solo riograndense, à frente de várias vitórias e derrotas. Setembro de 1840 nasce em Mostardas, o filho Menotti do casal Garibaldi. Em Novembro de 1840, o General Bento Gonçalves retira-se com as suas tropas pela Picada do Rio das Antas, enfrentando chuva e o frio intenso na época.

Abril de 1841, Garibaldi pede baixa do exército republicano e decide levar sua família para Montevidéu, onde vários proscritos italianos já estavam à sua espera. Em Julho de 1840, a câmara e o senado decidem antecipar a maioridade de D. Pedro II que tinha quinze anos de idade e assume o trono imperial em Julho de 1841, acabando o regime de regências. Outubro de 1842, D. Pedro II resolve pacificar o Rio Grande do Sul e nomeia Presidente da província Luiz Alves de Lima e Silva, barão de Caxias.

A Revolução Farroupilha aos poucos perde a motivação dos oficiais e soldados republicanos, começando uma sequência de derrotas. O General Bento Gonçalves discute com o Coronel Onofre Pires, fere-o num duelo solitário às margens do Sarandi e morre após três dias. Meses depois, o General Bento pede dispensa por se encontrar enfermo e devido ser o causador da morte do Coronel Onofre, acaba morrendo em sua fazenda em 1847. O General Canabarro decide chegar a um acordo com o barão de Caxias, diante de todos os seus oficiais assina o Tratado de Ponche Verde, em Fevereiro de 1845. Termina assim a Revolução e os legalistas anistiam todos os soldados republicanos e garantem também os cargos de seus oficiais. O resultado desta batalha resulta na perda de mil e duzentos soldados legalistas e dois mil e quatrocentos soldados republicanos.

João Maria D'Agostin - O Primeiro Monge

Junho de 1849 desembarca de um barco francês no Porto de Santos, o monge italiano João Maria D'Agostin que segue a pé os caminhos quase intransitáveis da serra do mar, usados pelos tropeiros até a cidade de São Paulo. Em seguida, continua o caminho das tropas de São Paulo até a cidade de Sorocaba, e chega em dezembro do mesmo ano. Em janeiro de 1850, reinicia a sua peregrinação santa, seguindo o caminho das tropas rumo às províncias do Sul. Chega em 1851 na região do contestado, o santo monge curandeiro, alquimista, profeta, místico e profundo conhecedor das ciências ocultas (espécie de médico homeopático).

O monge percorre os arredores e as vilas de União da Vitória, Canoinhas, Porto União, Rio Negro, Itaiópolis, Papanduva, Estiva, Moema, Iracema, Rio das Antas, Rio Caçador, Campos do Irani, Campos de Palmas, Rio das Pedras, Calmon, Três Barras, Serra da Esperança, Morro do Taió, Margens do Rio Canoas, Margens do Rio do Peixe, Curitiba, Fazenda Corisco, Campos de Lages cumprindo a sua humilde missão de apóstolo do sertão.

O profeta peregrino tinha aproximadamente sessenta e cinco anos, um metro e oitenta de altura, rosto sofrido e pele ressequida pelo sol e frio intenso em suas caminhadas, longa barba e cabelos brancos. Os seus olhos verdes transmitiam uma paz interior e uma personalidade forte e tranqüila. Vestia sempre as mesmas velhas roupas surradas, uma velha sandália de couro nos pés, trazida desde o início de sua santa missão. Um gorro feito manualmente de pele de onça cobria-lhe a cabeça. Carregava consigo um pequeno saco de viagem, onde estavam todos os seus miseráveis pertences. Um rosário de contas de lágrimas atravessa o seu peito, revelando ser muito devoto a milenar crença romana. Os sertanejos identificavam-no em consequência da pequena igreja que transportava em suas costas, além do desgastado cajado que levava em suas mãos, usado para equilibrar-se nos terrenos acidentados e auxiliar-se do cansaço das longas caminhadas.

João Maria somente pernoitava sob as árvores para se proteger do orvalho. Escolhia locais próximos a uma fonte de água e usava pedras como travesseiro, cobrindo-se com um velho cobertor que sempre carregava. A notícia de que o monge estava nas redondezas das vilas, se espalhava como fogo no sertão e as pessoas o procuravam em busca de remédios e seus benzi mentos, além de presenciarem suas previsões. Os humildes sertanejos sempre traziam algum tipo de comida típica da região, visando agradar o profeta do sertão.

O monge sempre pernoitava poucos dias nos locais, desaparecendo da mesma forma como surgia. O que deixava os caboclos do sertão desesperados, deixando-lhes somente a opção de contar a seus filhos, netos e bisnetos que estiveram com o santo ouvindo seus ensinamentos e suas previsões que permanecem até os dias atuais. Nos locais onde pernoitava eram construídas pequenas capelas que ainda são cultuadas por milhares de devotos das mais variadas idades.

Os remédios ensinados eram à base de raízes, folhas, cascas e de uma infinidade de ervas naturais, quase sempre preparados com aguardente. As previsões deixadas pelo monge e

que mais chamaram a atenção: A guerra política e irresponsável dos cem anos na área do contestado; a província de Santa Catarina à frente da do Paraná; - Quando o sertão fosse cortado por estradas de ferro que correria um dragão de fogo dos estrangeiros. Seria uma época de muita injustiça e miséria; - Quando surgissem enormes gafanhotos de ferro, milhares de árvores centenárias seriam consumidas, deixando um vazio no sertão; - Quando os Demônios da República derrubassem do trono o imperador, somente teriam direito às terras, compra de comida e quaisquer outras necessidades se possuísem o selo do poder herege. Para se prepararem para a chegada da guerra dos quatro anos, onde irmão lutaria contra irmão, pai contra filho, neto contra avô. Seria um tempo dominado pelo Demônio e traria a morte de milhares de caboclos no sertão. Quando viesse o tempo da escuridão, teriam de iluminar sua casa com velas bentas, do contrário seriam devorados pelo fogo do dragão. Para rezar diariamente para Deus perdoar todos os seus pecados, porque o final dos tempos estava próximo. Aproximava-se o momento em que o anjo Gabriel tiraria seus pés da cabeça da besta e ela traria ódio, discórdia e todos os tipos de pecados. Quando grandes cruzes cortassem as matas e desviassem os rios para as vilas, viria um longo tempo da mais completa miséria. E centenas de outras previsões que foram repassadas permaneceram por diversas gerações. Transformando-o no maior santo profeta que caminhou no sertão do contestado.

O miserável e humilde caboclo do sertão sobrevivia em constante carência espiritual, devido à onipresença de padres missionários católicos. Quando surgia algum monge, as pessoas pensavam ser um enviado de Deus que veio para amenizar seus sofrimentos de espírito, curar suas enfermidades e mostrar o caminho ao final dos tempos bíblicos.

João Maria D'Agostin peregrinou os sertões nos anos de 1850 até 1856. O seu percurso foi de Sorocaba em São Paulo até as proximidades da vila de Lages. Retornando em seguida pelo mesmo caminho percorrido e desaparecia novamente em Sorocaba e no Porto de Santos.

A Guerra do Paraguai

Novembro de 1864, o General Francisco Solano López, ditador do Paraguai, conhece uma famosa cortesã alemã num luxuoso cabaré de Paris, prometendo a ela um país para governar soberanamente. Ele resolve se apossar da região do Mato Grosso até as imediações do Rio Grande do Sul, situado em território brasileiro, com o objetivo de possuir uma rota marítima de navegação até o oceano atlântico e visando com isso trazer maior progresso à nação emergente. Ele decide apreender o navio Marquês de Olinda, que leva Francisco Carneiro de Campos, Presidente da província do Mato Grosso. O fato cria um conflito diplomático e D. Pedro II declara guerra contra o ditador paraguaio.

Março de 1865 é assinado o tratado tríplice: Francisco Otaviano de Almeida Rosa pelo Brasil, General Bartolomeu Mitre pela Argentina e o General Venâncio Flores do Uruguai, nasceu assim à força aliada, sob o comando de Mitre contra Solano López do Paraguai.

Junho de 1865, a esquadra brasileira sob o comando do Almirante Francisco Manuel Barroso, barão do Amazonas, confrontam-se com a esquadra paraguaia no Riachuelo. Vencido depois de dez horas de intensos bombardeios. O marinheiro João Guilherme Greenhalgh morreu defendendo a bandeira brasileira.

Maio de 1866, as tropas aliadas sob o comando do General Manuel Luís Osório e o marquês de Herval comandam as batalhas de Laguna Serena, Confluência, Estero Bellaco e Tuiuti. Em Julho de 1866, o General Polidoro Fonseca Quintanilha Jordão substituiu o General Osório, que é obrigado a se afastar da campanha por ter sido ferido em combate. Após é substituído pelo General Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, e em 1869

veio a ser substituído por Luís Felipe Maria Fernandes Gastão de Orleans, conde D'Eu, marido de princesa Isabel, que permaneceu até o final da guerra.

De fevereiro de 1868 em diante, a esquadra brasileira sob o comando de visconde de Inhaúma derrotam a esquadra paraguaia em Humaitá no rio Paraguai. Prosseguem sucessivas vitórias dos aliados, confrontando-se por terra e rios: Jujucê, Avaí, Passo da Pátria, Monte Caseros, Lomas Valentinas, Angostura, Itapiru, Corrientes, Chaco, Sauce, Curupaiti, Itororó, Humaitá, Curuzu, Boqueirão, Peribebuy, Timbó e Urquiceri.

Participaram nos inúmeros combates e batalhas navais: General Manuel Luís Osório, duque de Caxias, Almirante José Joaquim Inácio, Marechal Floriano Peixoto, Almirante Eduardo Wandenkolk, conde D'Eu, General Polidoro Fonseca Quintanilha Jordão, Almirante Francisco Manuel Barroso, Almirante Custódio José de Melo, Almirante José da Costa Azevedo, Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, General Hilário Maximiliano Antunes Gurjão, Almirante Joaquim Marques Batista de Leão, General José Antônio Correia da Câmara, Almirante Tamandaré, Almirante Luís Felipe Saldanha da Gama. Os oficiais: Joaquim José Tôres, barão de Jaceguai, José Gomes Pinheiro Machado, visconde de Mauá, Antônio Madureira Sena, Carlos Machado Bittencourt, Emídio Dantas Barreto, Antônio Caetano de Campos e pouco mais de dois mil oficiais de várias patentes, sob o comando de quase cem mil soldados nos quase seis anos de guerra. Nessa guerra adotam um sistema preconceituoso e injusto, que deturpa qualquer direito humano e fazem acordos com os senhores de engenhos para ceder os seus escravos às forças imperiais, concedendo em troca inúmeros incentivos fiscais e a nomeação de títulos nobres e terras. Aos escravos é proposto que todos os sobreviventes teriam a garantia de serem libertos. Aos milhares de escravos mortos nas dezenas de combates violentos, restaram-lhes morrer por uma nação imperial injusta, que podou os seus direitos, centenas de anos e inúmeras gerações, devido a sua humildade, sua cor, suas crenças e sua inocência diante do capitalismo imperial selvagem.

Março de 1870, os aliados sob o comando do General José Antônio Correia da Câmara, visconde de Pelotas, derrotando Solano e seu exército em Cerro Porá. Completamente perdido e desesperado o ditador paraguaio foge, sendo alcançado e morto às margens do riacho Aquidaba. A população paraguaia é reduzida em 70% e o seu território é reduzido em 40%, dividido entre Brasil e Argentina. Em Junho de 1870, é assinado o acordo preliminar de paz com o governo provisório paraguaio.

O império brasileiro teme uma nova guerra com o Paraguai, já que se encontrava abandonado, decidindo povoá-lo com emigrantes estrangeiros, escravos libertos, gaúchos aventureiros e dezenas de soldados imperiais, protegendo assim as suas divisas.

Fim da Monarquia e o Princípio da República dos Injustos

Novembro de 1889, a revolução republicana tinha o apoio de parlamentares, da elite, de fazendeiros milionários, da Loja Maçônica, de empresários europeus, americanos e de diversos marechais da força armada brasileira. Aproveitando-se da ausência de sua majestade D. Pedro II e usando da fragilidade do conde D'Eu e da Princesa Isabel, revolta-se contra a lei do ventre livre em 1871, Lei dos Sexagenários em 1885 e a Lei Áurea em 1888, que anistiava todos os escravos e derrubam a monarquia do Brasil. Após o golpe militar, acaba comprando dos Estados Unidos da América a revolucionária cartilha republicana capitalista que pregava veementemente a revolta contra a monarquia e todos os seus regimes de feudalismo que os distanciavam do jogo do poder e decepava seus passos em direção a um ambicioso futuro progressista.

Os principais personagens da proclamação da República: Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, Marechal Floriano Peixoto, Rui Barbosa, Quintino Bocaiúva, Almirante Eduardo Wandenkolk, Manuel Ferraz de Campos Sales, Benjamin Constant, Aristides da Silveira

Lobo, Francisco Glicério Cerqueira Leite, Raimundo Teixeira Mendes, Prudente de Moraes, Afonso Pena, Nilo Peçanha, José Gomes Pinheiro Machado, Joaquim Manuel Lins de Albuquerque, Rodrigues Alves, Olavo Egídio de Sousa Aranha, Marechal Carlos Machado Bittencourt, Joaquim Francisco de Assis Brasil, Antônio Caetano de Campos, Bernardino José de Campos Júnior, José César Cerqueira, Almirante Custódio José de Melo, contra Almirante Luís Felipe Saldanha da Gama, Delfim Moreira da Costa Ribeiro, Francisco Rangel Pestana.

Com a proclamação da republicana dos Estados Unidos do Brasil, a família imperial é expulsa do país e para o solo europeu até as suas mortes. A imperatriz Tereza Cristina falece em Portugal em 1889. D. Pedro II falece em Dezembro de 1891 num modesto hotel em Paris, na França. A Princesa Isabel falece em Novembro de 1921 no Castelo D'Eu em Paris e, no mesmo ano, o seu marido, o conde D'Eu. Meses após a posse do poder pelos republicanos, gera-se um impasse entre os mandantes da revolução republicana, Marechal Deodoro da Fonseca - Presidente da República e Marechal Floriano Peixoto – Vice-Presidente, ambos assumem um governo provisório até as primeiras eleições. Diversos empresários americanos e canadenses, inclusive o grupo Farquhar, investiram muito num país monarquista que agora era republicano e exigem o pagamento da dívida milionária do novo governo.

O Marechal Deodoro foi contra os contratos nas concessões que estavam à sua frente e se demite da presidência, não querendo participar de forma alguma da peça teatral injusta que colocaria toda a sociedade menos favorecida num martírio, levando-os à miséria. Distante do poder republicano, Deodoro faleceu em Agosto de 1892. O Marechal Floriano Peixoto assume a presidência com o aval de parlamentares e empresários americanos. A partir daquele fatídico dia, nasceu à famosa sigla EPSPRG - Estrada Feita Só Para Roubar o Governo. Tendo o apoio total dos engenheiros brasileiros, Eugênio Gudín e João Teixeira Soares, principais empreiteiros e percussores do capitalismo selvagem estrangeiro.

No Rio de Janeiro o governo brasileiro dá a concessão à companhia Light and Power para gerar e fornecer energia elétrica à capital federal. Quase ao mesmo tempo, são feitas outras concessões de iluminação pública, administração de diversos portos e de transporte urbano nas principais capitais.

Quase um ano depois, o Presidente Floriano renova a concessão com o grupo Farquhar - Trust of Toronto - Holding Brazil Railway Company - Lumber Company - Southern Brazil Development and Colonization Company, na construção de uma ferrovia de São Paulo ao Rio Grande do Sul e forneceria os trilhos, as locomotivas, mão-de-obra especializada e financeira. O contrato previa a cobrança de vinte contos de réis inicialmente e reajustado depois para quarenta contos de réis por quilômetro construído. E como bônus, administraria a ferrovia num prazo de vinte anos, com direito de renovação do contrato. Além disso, exploraria todos os recursos naturais e povoaria com emigrantes europeus toda a área de concessão, sendo quinze quilômetros em ambos os lados da ferrovia. O poder republicano e o grupo Farquhar sequer imaginaram que com isso estariam acendendo o explosivo de uma caixa de pandora em solo brasileiro, que levaria a “Guerra do Século”.

Os Conflitos Políticos e os Governadores dos Estados Contestados

Novembro de 1889, os governadores Américo Lobo do Paraná e Lauro Müller de Santa Catarina, devido à inércia do Presidente Marechal Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, câmara dos deputados e o senado federal quanto à questão dos limites entre os dois estados, iniciaram um polêmico processo no Ministério da Justiça. E para complicar mais a situação, os agentes do fisco avançam as divisas pré-estabelecidas nos muitos processos em estância federal.

Os agentes do fisco do Paraná avançam para Santa Catarina e cobram impostos até as proximidades do Rio Negro e Rio Iguaçu, serras de Joinville, serras de São Bento e Rio do

Peixe. Enquanto os agentes do fisco de Santa Catarina avançam o Paraná, cobram impostos nos campos de Palmas e arredores de União da Vitória. Em seguida aparecem os agentes do fisco de Santa Catarina cobrando novamente os impostos, o mesmo acontecendo no sentido contrário. Nessa tumultuada ociosidade política, os produtores de erva mate, pequenos comerciantes, fazendeiros e industriais somavam prejuízos permanentes, muitas vezes abriam falência, ou todo o seu produto era confiscado pelos agentes.

Os tropeiros do Rio Grande do Sul que levavam gado para as feiras de Sorocaba pagavam altas taxas aos agentes do fisco de Santa Catarina e do Paraná, onde deixavam uma boa parte de seu rebanho. As injustas cobranças de impostos revoltam todos os fazendeiros. Este seria o estopim que acenderia o pavio de uma futura revolução contra o governo e contra o Presidente Republicano.

Os Corruptos Contratos com o Grupo Farquhar e o Poder Republicano

Chegam ao porto da cidade de Santos em São Paulo, milhares de dormentes de ferro, dez locomotivas a vapor, diversas unidades de vagões de trem, máquinas para serraria movidas a vapor, serras manuais e guindastes de alto porte movidos a vapor e muitos outros equipamentos para a montagem de serrarias e para construção de ferrovias.

Dezembro de 1889 começa chegar os primeiros empregados administrativos do grupo Farquhar e toda a mão-de-obra que o governo se comprometeu na concessão. São prisioneiros políticos que viviam à margem da lei, índios, mestiços, ex-escravos marginalizados pelos coronéis e jagunços do norte e nordeste do país.

Janeiro de 1890 começa a construção da ferrovia na cidade de Santos - antiga Serra do Mar, ou Serra dos Emigrantes, cortando o centro da mata atlântica paulista em direção ao estado do Paraná e sul do país. No trecho de São Paulo e até boa parte do Paraná não houve problemas graves nas desapropriações de terras, somente após entrar na área contestada, que geraria os focos da revolta e implodiria a “Guerra do Século”.

O grupo Farquhar, mantém a mão-de-obra braçal sob vigilância de pistoleiros vindos dos Estados Unidos e piquetes de vaqueanos do sertão brasileiro, custeados a peso de ouro. Qualquer tentativa de fuga era sumariamente fuzilado, sem nenhum julgamento formal. Os prisioneiros recebiam um mísero bônus em réis por mês e ao final da construção a sua imediata liberdade.

Diante desse oculto regime de escravidão, legalizado pelo governo republicano, surgem inúmeras revoltas na construção da ferrovia, chefiados por diversos líderes nordestinos, onde os pistoleiros e vaqueanos assalariados pelo grupo Farquhar, matam ou prendem os líderes e sufocam os ânimos da revolta.

Desmatamentos no Sertão e a Construção da Ferrovia da Morte

Janeiro de 1890 inicia-se o desmatamento, limpeza e o corte de árvores nobres na área de concessão. O grupo Farquhar constrói diversas serrarias ao longo do caminho, fabrica milhares de pranchas, que seriam usados na linha ferroviária e para exportações de madeiras nobres para os Estados Unidos e Europa, usando a ferrovia construída, até o porto da cidade paulista de Santos.

A mão-de-obra braçal era formada por ex-prisioneiros, ou excluídos da República. As frentes funcionavam em dois turnos diários, para a enorme demanda de pranchas e exportações de madeiras nobres. A mão-de-obra escrava era sempre vigiada de perto por guardas e vaqueanos, que o grupo trouxe junto dos Estados Unidos ou contratou na região paulista. Nos trinta quilômetros de concessão, foram também construídas linhas férreas de

trabalho para o transporte de toras até a linha central que seguiam numa locomotiva com centenas de vagões até as serrarias e em seguida eram levadas até o porto da cidade de Santos e posteriormente para o exterior.

O marinheiro Benevenuto Alves de Lima - Venuto Baiano, membro da Revolta da Chibata e Joaquim Germano - peão e bandoleiro gaúcho, comanda uma revolta violenta pela liberdade. Os líderes Benevenuto, Joaquim e uns poucos sobreviventes são presos, enquanto outros são mortos e enterrados numa enorme vala no sertão paulista. O regime autoritário imposto pelo grupo Farquhar em sua concessão acende um ódio incontável na mão-de-obra escrava que seria detonado na futura “Guerra do Século”.

Os Emigrantes Europeus são enganados pelo Grupo Farquhar

Novembro de 1890 chega ao porto da cidade de Santos a primeira leva de emigrantes europeus, num navio cargueiro adaptado para passageiros, idêntico aos navios negreiros no tempo da escravidão. O valor da viagem era uma fortuna, uma porcentagem mínima ficava com a agência imobiliária na Europa e o restante ficava com o grupo Farquhar. Centenas de famílias de imigrantes europeus passam pelos fiscais da alfândega brasileira sem qualquer problema porque tudo já estava pré-determinado na concessão do governo republicano com o grupo americano.

Os sócios, Ernest Bishop, Henry Weimaster e dezenas de pistoleiros do grupo direcionam os imigrantes europeus às suas propriedades recém-adquiridas, colocando em suas mãos as escrituras de posse, documentadas pelo grupo e possuindo o aval do governo brasileiro. A partir da cidade de Santos, os imigrantes prosseguem a viagem numa locomotiva de vários vagões de passageiros, utilizando a própria linha férrea recém-construída em direção aos seus sonhos.

Ao chegarem a suas terras, se vêem diante de uma dura realidade em sua propriedade adquirida recentemente, à qual sonhavam que seria um paraíso, e o que vêem é uma terra desnuda de recursos naturais, completamente hostil e selvagem, que lhes reservava anos de trabalho sacrificante. Os imigrantes foram completamente enganados pelo grupo e o governo republicano, e não tinham como voltar atrás, a não ser enfrentar aquela situação desesperadora num sertão cheio de surpresas desagradáveis.

Após dias da mais completa decepção, as famílias de imigrantes começaram a cortar árvores para construir suas casas, e lavrar a terra para torná-la produtiva. A princípio lavraram a terra manualmente e meses depois colocaram os animais para fazer o serviço bruto. Com certeza jamais passou por suas mentes que tinham sido igualmente lesionados, assim como todos os sertanejos expulsos daquelas terras.

João Maria de Jesus - O Segundo Monge

Junho de 1891 surge no sertão contestado catarinense e paranaense, vindo de Buenos Aires na Argentina, Atanás Marcaff, um europeu acaboclado, idêntico ao monge João Maria D’Agostin, que também carregava um pequeno altar.

Mera casualidade, ou capricho do destino! A história não sabe explicar com exatidão, mas ele acaba pernoitando nos lugares do anterior João Maria. O povo da vila de Curitiba e região do contestado, sempre fazia suas rezas ou peregrinações fervorosas nos locais em que o monge pernoitou a primeira vez, e que acabou se transformando num santuário religioso dos místicos.

Ao chegarem ao santuário, os primeiros fiéis se defrontaram com o monge, julgando que estavam vendo uma santa miragem, ou até mesmo sonhando. Em suas humildes mentes,

acreditavam que o velho profeta do sertão tinha retornado, após quarenta e dois anos. A simples fê do sertanejo foi à altura do infinito, confirmando este, ser mesmo um iluminado.

O reaparecimento do profeta percorre o sertão catarinense e paranaense como um rastilho de pólvora. Aparecem muitos peregrinos à procura da ajuda espiritual do monge. Atanás Marcaff era curandeiro, receitava remédios naturais e também fazia previsões. O monge era alquimista, místico e profundo conhecedor das ciências ocultas.

Impasses entre os Líderes Religiosos

Dezembro de 1892 chegava à vila de Lages, no lombo de mulas, vindo de Teresópolis - Rio de Janeiro, os futuros apóstolos do sertão, Frei Rogério Neuhaus e Frei Amando Bahlmann. Em decorrência da fama e da quantidade de pessoas que procuravam o monge, a igreja católica sente-se ameaçada, pois existia a grande possibilidade da perda de fiéis. O apóstolo Frei Rogério procura o monge, visando convencê-lo a passar para o lado da santa igreja. Conforme as informações de populares, ele foi encontrado nas proximidades da casa de dona Vuca.

Frei Rogério interroga curioso João Maria sobre sua real história e este relata que nasceu no mar e criou-se nas ruas de Buenos Aires. E em certa noite do mês de dezembro de 1881, teve um sonho, onde apareceu um profeta de Deus e o ordenou a peregrinar pelo sertão por quatorze anos, benzendo os aflitos, receitando remédios naturais aos enfermos, tranquilizando os desesperados, evangelizando e preparando as pessoas para o final dos tempos. Não deveria comer carne nas quartas, sextas-feiras e sábados, e menos posar na casa de alguém.

O Frei continua o interrogatório com diplomacia, não querendo que seus planos desmoronassem devido a um simples deslize em suas palavras. Pergunta o que tanto ensinava aos fiéis e o monge responde que ensinava tudo o que estava na bíblia e preparava as pessoas para o final dos tempos, pregava penitência, curava os enfermos com ervas, profetizava calamidades e batizava as crianças para deixarem de ser pagãs. O Frei contra-ataca perguntando se ele sabia de onde vinham todos aqueles castigos? E João Maria responde tranquilamente que somente ensinava ou profetizava o que estava escrito na bíblia sagrada.

A partir desse instante se inicia o impasse entre os líderes religiosos. Frei Rogério não aceitava as respostas e João Maria permanecia convicto em suas palavras. O clima tenso povoou os arredores da casa de dona Vuca. O santo padre vê a multidão rodear o monge e fica contrariado diante de seus ataques verbais, julga melhor convidá-lo para assistir a sua missa. Ele responde que só se o Frei esperasse até ao meio dia, pois tinha de despachar o povo porque tinham vindo à procura de remédios e de suas previsões.

Indignado com a resposta do monge, o santo padre informa que não poderia esperar até ao meio-dia, pede para que o leve à santa missa na vila de Curitiba. Ele e a multidão de fiéis assistem à missa do santo padre. E após isso, o monge prossegue aos atendimentos, apesar de ser um ato de sacrilégio religioso e veemente condenado pela igreja.

O santo padre, vendo a força espiritual dos monges entre os sertanejos decide peregrinar numa mula pelo sertão do contestado, carregando consigo uma pequena farmácia homeopática portátil, evangelizando e revelando as muitas profecias da bíblia sagrada.

O monge Atanás Marcaff permanece no santuário por quase um mês fazendo o seu trabalho espiritual místico. Depois disso, se despede da multidão de fiéis e segue com destino ao morro de Taió, onde vive com os Índios Kaingang, até a sua morte anos mais tarde, devido ter contraído uma forte pneumonia.

Explode no Rio Grande do Sul a Revolução Federalista

Fevereiro de 1893 explode no Rio Grande do Sul a Revolução Federalista, abrangendo também os estados de Santa Catarina e o Paraná. O objetivo dos Federalistas era libertar o estado gaúcho do sistema opressor de Júlio Prates de Castilhos. A princípio era somente uma divergência centralizada, mas lentamente ganha força, adere a esse idealismo muitos caudilhos e militares, tornando insustentável a situação do poder estadual.

A Revolução ocorre de início com a concentração de tropas na vila de Carpintaria, divisa do estado gaúcho com o Uruguai, sob o comando de João Nunes da Silva Tavares, Barão de Itaqui. Seguindo no potreiro de Ana Correia, onde se encontra o Coronel Federalista - Gumercindo Saraiva.

Os maragatos, como eram conhecidos os Federalistas, exigem a deposição de Júlio de Castilhos, eleito pelo voto direto. Eles reivindicam um plebiscito, dando a liberdade de escolha para a nova forma de governo.

Devido à forma idealista do movimento, os rebeldes ganham milhares de simpatizantes no panorama nacional, criando um clima de instabilidade no atual governo gaúcho, inclusive o governo republicano de Marechal Floriano Peixoto no Rio de Janeiro.

E Floriano vendo a realidade do movimento e temendo propagar-se para outros estados da República, decidiu enviar tropas federais até a região do conflito, sob o comando do General Hipólito Ribeiro e do Coronel Antônio Moreira César. O General divide a tropa em três grupos legalistas, a do norte, da capital e do centro, também convocando a polícia estadual.

A primeira derrota dos maragatos ocorreu em maio de 1893, próximo ao Arroio Inhanduí - Alegrete. Esse combate eternizou-se no tempo, devido à participação do Senador José Gomes Pinheiro Machado ao lado dos legalistas.

O Coronel Moreira César, teve diversos confrontos com as tropas maragatas do Coronel Gumercindo Saraiva: a abnegação de Gomes Carneiro, a sangrenta batalha de Inhanduí, chacina de Campo Osório, cerco memorável da Lapa, Barrocas do Pico do Diabo e platonismo marcial de Itararé. Na visão dos senhores da guerra, Moreira César tinha um explosivo tempero, coragem e crueldade, não pensava muito para matar qualquer prisioneiro.

O fato de levar uma situação ao extremo rende-lhe três promoções em dois anos. O Coronel ordena a execução sumária de vários prisioneiros maragatos, sem ao menos respeitar o sagrado direito dos prisioneiros de guerra. O impiedoso Coronel constrói um mundo psicótico e violento, que seria consumido anos mais tarde, na violenta Guerra de Canudos, no sertão Baiano.

No mesmo ano, os Almirantes: Custódio José de Melo e Saldanha da Gama no comando de vários oficiais, marinheiros rebelam-se contra o Presidente Floriano Peixoto e ameaçam detonar os canhões de seus navios contra o Rio de Janeiro, se ele e os parlamentares não convocassem eleições presidenciais democráticas, saindo assim, o poder do eixo Rio/São Paulo/Minas Gerais. Entre os oficiais revoltosos, estava o engenheiro militar Euclides da Cunha e Rui Barbosa. Enquanto Saldanha da Gama prossegue o bloqueio aos navios no Rio de Janeiro. Custódio de Melo operava nas costas meridionais. Decidiu tomar Desterro e Curitiba, onde instalaria um governo provisório, que possibilitaria ajudar os líderes revolucionários Federalistas.

A Revolução perdura todo o ano de 1893, alargando-se para os anos de 1894 e terminando em julho de 1895, vencidos pelos legalistas – Pica-Paus, seguidores de Júlio de Castilhos e do novo Presidente Prudente de Moraes que dá início a famosa e imoral República do “Café com Leite”. Nos três anos de conflito, houve mais de dez mil mortes e milhares de feridos de ambos os lados, além de deixar a economia gaúcha numa situação crítica e insustentável. Diante da permanência do panorama político, meses depois Custódio de Melo foge e é preso na Argentina, repatriado e encarcerado na Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, por um longo tempo, enquanto que Saldanha da Gama foge para Portugal.

Como consequência da derrota, muitos maragatos são obrigados a emigrar para os estados de Santa Catarina e Paraná, visando fugir das perseguições dos Castilhistas ou picapaus. Os maragatos assumem papel de destaque nas vilas de emigração, devido à coragem e experiência militar na Revolução Federalista.

Grupo Farquhar e a República dos Injustos

O Presidente e o Vice, Marechal Deodoro da Fonseca e Marechal Floriano Peixoto ao assumirem o governo provisório, encontraram uma nação falida e urgentemente precisavam de uma solução salvadora. Informam aos parlamentares da real situação econômica brasileira, que tinha sido completamente usurpada pelo rei de Portugal, após pelo imperador e também pelo regime de feudalismo do Brasil. Encontram somente a solução republicana, que tinha sido imposta na República dos Estados Unidos: a venda de títulos Coronelistas a peso de ouro, dando aos compradores o direito de posse do poder provinciano.

Os governantes e parlamentares republicanos arrecadam milhares de contos de réis nessa venda degradante que no fundo ainda continuava sendo o mesmo regime feudalista, somente foram mudando as palavras. Nesse momento da história, o povo brasileiro vive o seu verdadeiro martírio nas mãos de seres cruéis e vingativos que tinham ambições desmedidas, vaidade e egoísmo numa visão infinita.

Dezembro de 1894, os coronéis mais ambiciosos mandam os seus piquetes de vaqueanos expulsarem os caboclos assentados nos limites de quinze quilômetros em ambos os lados da ferrovia em construção e assim garantindo uma ótima bonificação do grupo Farquhar. Em Curitiba, o governador Carlos Cavalcânti, seguido por Afonso Alves de Camargo também prestava serviços jurídicos aos interesses do grupo. Eles e os sócios do grupo Farquhar convocam uma reunião com os coronéis das províncias mais importantes nos limites da ferrovia. Eles oferecem centenas de contos de réis para desapropriá-los da área contestada e assim acelerando a construção e a emigração.

Os governadores Carlos, Afonso e o empresário americano Percival Farquhar avisam que já estavam quase no meio do Paraná, e como era uma região de alto risco, solicitavam seus prestigiosos auxílios. Informam também que, estavam enviando materiais e equipamentos para o Rio Grande do Sul, onde iniciariam outra frente de serviço que viria em direção ao centro de Santa Catarina. Enquanto isso, a outra frente de serviço continuaria no Paraná em direção ao centro de Santa Catarina, porque estavam programando o término do serviço entre 1906 ou 1909, com a construção da ferrovia e a sua total emigração. As fagulhas do inferno subiam ao vento do destino, vindo a explodir a “Guerra do Século”.

Construção da Ferrovia na Frente Sul no Rio Grande

Maior de 1895 inicia-se em Santa Maria, a frente de serviço na construção da ferrovia em direção ao centro de Santa Catarina. São colocados milhares de pranchas e dormentes de ferro por centenas de trabalhadores escravos da República. Os feitores gritam ordens para os grupos e estes são vigiados com revólveres na cinta e winchester nas mãos por vigilantes contratados.

Quando os trabalhadores escravos não estavam mais suportando o serviço diário, eram açoitados violentamente pelo feitor do grupo. Na cozinha e no fornecimento de água aos trabalhadores eram utilizados os velhos e os mais fracos. Percival faz um acordo com Joaquim Germano, passa a comandar um grupo de vigilantes que exterminaria com os trabalhadores revoltosos e também policiaria os acampamentos improvisados.

Jaime Bishop comanda a frente de serviço no estado Gaúcho com punhos de ferro. Para isso, tinha dezenas de pistoleiros e vaqueanos na vigilância armada, evitando qualquer

rebelião. Centenas de trabalhadores sofriam horrores para implantar as pranchas e dormentes manualmente. A movimentação da terra era feita com carroças puxadas por burros ou carrinhos puxados pelos trabalhadores. A perfuração das rochas era feita manualmente com ponteiros e marreta e depois implodida.

Os empregados escravos ao final de cada mês recebiam aproximadamente quatro mil réis por dia trabalhado. O que gerava muitas bebedeiras, brigas e mortes nos acampamentos da ferrovia. Era comum encontrar corpos de trabalhadores mortos pelos vigilantes, em valas, riachos, lagoas, penhascos e na mata fechada.

As empresas do grupo Farquhar montam serrarias em várias regiões do estado, cortam os centenários pinheiros e transportam até o Porto de Santos, seguindo o destino da Europa e Estados Unidos da América. Em seguida entra a empresa de colonização, onde as terras revolutas são vendidas a preço de ouro nos dois continentes.

Construção da Ferrovia na Frente Norte no Paraná

Maio de 1895, a construção da ferrovia no estado do Paraná se desenvolve conforme o planejado pelo engenheiro Achilles Stenghel. São colocados milhares de pranchas e dormentes de ferro por centenas de trabalhadores escravos da República. Os feitores gritam ordens para os grupos e inúmeros pistoleiros vigiam os trabalhadores com revólveres na cinta e winchester nas mãos.

O Jagunço Benevenuto Baiano chega à frente de serviço, agora no comando dos vigilantes na repressão aos trabalhadores. O serviço de terraplanagem para colocar os trilhos era feito manualmente, assim como a colocação de pranchas e dormentes.

As empresas do grupo Farquhar iniciam o corte dos pinheiros e a exportação segue pelo Porto de Santos. Começa a expulsão dos sertanejos na área de concessão e a colonização pelos emigrantes europeus. Aproveitando a ocasião eles fecham acordos com os coronéis, onde passam a vender por uma ninharia as demais terras revolutas, extraindo todos os pinheiros e também as colonizando.

Percival Farquhar impôs um regime de ferro aos trabalhadores para que terminassem a ferrovia conforme o previsto, não se importando com quantas pessoas morreriam para que isso se tornasse realidade. A frente de serviço já tinha entrado na área do contestado, com isso se acenderia outro estopim para a futura “Guerra do Século”.

A Esperança dos Emigrantes Europeus

Julho de 1895 chega outro navio cargueiro do grupo Farquhar no porto da cidade de Santos, trazendo centenas de emigrantes europeus. Emigrantes de diversas nacionalidades tentam se entender com os diversos idiomas e contendo em seus olhares muita esperança. À primeira vista, existia um entusiasmo contagiante em suas vozes ao contarem os seus planos futuros.

Os imigrantes sequer imaginavam que uma vida de sofrimentos diários estava à sua espera, diante da compra de posse naquela transação com jeito do mais puro estelionato. Os emigrantes entram nos vagões de passageiros da locomotiva que os levaria até as suas propriedades. Quando os mesmos se vêem diante da dura e cruel realidade, os seus sonhos se transformam em pesadelos intermináveis e que os atormentariam por várias décadas futuras. As milhares de famílias de imigrantes que não tinham condições financeiras para adquirir os títulos de terras, obrigavam-se a trabalhar na colheita de café e nas poucas indústrias de grandes fazendeiros.

O sofrimento dos Primeiros Emigrantes

Julho de 1895, os primeiros imigrantes já estavam com a terra em produção para o sustento das famílias e preparavam outra área de terra para aumentar o cultivo e assim comercializar, ou trocar por outras mercadorias de sua necessidade. Em seus imensos pastos possuíam umas poucas cabeças de gado, galinhas, porcos mantidos em serras, ovelhas e dois a três cavalos. Essa era toda a fortuna dos emigrantes.

Apesar do intenso sofrimento em seus olhos viam um pouco de esperança no futuro. Inúmeras vezes quando estavam com a família em suas lavouras, aparecia um grupo de caboclos revoltosos, dizendo que aquelas terras eram suas e que o grupo Farquhar e o governo republicano tinham os expulsado. Os americanos tinham cortado as madeiras nobres e em seguida vendido aos imigrantes estrangeiros.

Aquela terra tinha pertencido a seu bisavô, a seu avô, a seu pai, a ele e há algum dia, pertenceria a seus filhos. Os Demônios da República tinham tirado tudo o que possuíam, mas lutariam por seus direitos, mesmo que significasse a morte. E era o que viria a acontecer num futuro não muito distante, diante da explosão da “Guerra do Século”.

Holocausto Republicano em Canudos

Outubro de 1897, peregrina pelo norte e nordeste do país, o monge místico Antônio Vicente Mendes Maciel - Antônio Conselheiro. Conselheiro cativou inúmeros inimigos na igreja, da elite da sociedade, dos coronéis provincianos e do poder republicano no Rio de Janeiro em suas pregações apocalípticas e em sua teologia nada ortodoxa aos comandantes da miséria.

O bom Conselheiro era um simpatizante da monarquia e achava que o governo republicano era o império do Demônio. Depois de peregrinar todo o sertão árido e miserável do norte e nordeste, chegaria ao sertão da Bahia e fundaria o Arraial de Bom Jesus do Monte Santo, Canudos, Cabobró, Jerempabo, Itapicuru, Jacobina. Diante de milhares de fanáticos que aderem à irmandade de Antônio Conselheiro, forma a sua tropa de elite de vaqueiros e cangaceiros, com o objetivo de manter a ordem nos acampamentos ele decide nomear vários comandantes para uma vindoura guerra contra os Demônios da República.

Estão entre eles, José Venâncio, Pajeú e Lalau, os irmãos Chiquinho e João Mota, Pedrão e Estevão, Joaquim Tranca Pês, Major Sariema, Raimundo Boca Torta, Chico Ema, Norberto, Quinquim de Coiqui, Antônio Fogueteiro, José Gamo, Fabrício de Cocoboró, Velho Macambira e seu filho Joaquim, Vila Nova, João Abade, Antônio Beato, José Félix e Manoel Quadrado. Esses eram os principais homens do monge.

O governo da Bahia envia a primeira expedição militar composta de cem soldados para debandar os fanáticos de Canudos, quase todos inexperientes em combates naquele tipo de terreno. No confronto são mortos cento e cinquenta guerreiros de Conselheiro e quase cem ficam feridos, enquanto houve somente dez soldados mortos e dezesseis feridos na expedição. Os soldados obrigam-se a debandar, do contrário acabariam todos mortos.

A segunda expedição é composta por duzentos e oito soldados e três oficiais da força da Bahia, sob o comando do Major Febrônio de Brito. Dias depois, o governador envia mais cem soldados sob o comando geral do Coronel Pedro Nunes Tamarindo para atacar os guerreiros de Conselheiro em duas frentes. As tropas entram em confronto com os guerreiros e novamente são obrigados a fugir para não serem todos exterminados.

A segunda expedição regular era composta de quinhentos e quarenta e três soldados, quatorze oficiais e três médicos, dois canhões krupp e duas metralhadoras Nordenfeldt. E outra vez, o poder republicano sente o sabor da derrota contra os guerreiros de Conselheiro e os soldados fogem para não morrer nas mãos daqueles miseráveis da sociedade, deixando todo o seu aparato militar.

A terceira expedição regular sob o comando do Coronel Antônio Moreira César, é composta por dezesseis oficiais e mil e trezentos soldados. Novamente as tropas do Coronel Moreira César, são obrigadas a debandar para não serem completamente exterminadas. O Coronel e centenas de soldados são mortos no confronto com os jagunços de Conselheiro e outras centenas ficam feridas. O impiedoso Coronel que fuzilou muitos maragatos no sul do país, enfim sentiu o sabor de seu veneno.

A quarta expedição regular foi enviada pelo Presidente Prudente de Moraes, tendo no comando o General Artur Oscar de Andrade Guimarães, quarenta e seis oficiais e quase sete mil soldados. A expedição militar contra Canudos teve baixa de mais de dois mil e cinqüenta soldados, entre mortos e feridos. Enquanto no lado dos guerreiros de Conselheiro, entre homens, mulheres e crianças foram mais de dez mil mortes, aproximadamente quinze mil são feitos prisioneiros.

Participaram os oficiais: Capitão Antônio da Silva Paraguaçu, Major Lidio Porto, Capitão Afonso Pinto de Oliveira, Major Henrique José de Magalhães, Coronel Joaquim Manuel de Medeiros, Capitão Napoleão Felipe Aché, Capitão Tito Pedro Escobar, Capitão José Soares de Melo, Coronel Inácio Henrique de Gouveia, Capitão Leopoldo Barros e Vasconcelos, Capitão Alberto Gavião de Pereira Pinto, Major Henrique Severiano da Silva, Capitão Pedro de Barros Falcão, Coronel Emídio Dantas Barreto, Capitão João Carlos Pereira Ibiapina, General Carlos Frederico de Mesquita, Tenente Afrodísio Borba, Capitão Antônio Afonso de Carvalho, Coronel Antônio Olímpio da Silveira, General João da Silva Barbosa, Capitão José Lauriano da Costa, Capitão Francisco Moura Costa, Major Florismundo Colatino dos Reis Araújo Góis, Capitão Furtunato de Sena Dias, Coronel Donaciano de Araújo Pantoja, Capitão Altino Dias Ribeiro, General Fernando Setembrino de Carvalho, Capitão Joaquim Gomes da Silva, Major João Pacheco de Assis, Major Manuel Nonato Neves de Seixas, Coronel Antônio Tupi Ferreira Caldas, Major Aristides Rodrigues Vaz, Alferes João Batista Pires de Almeida. - Coronel Antônio Moreira César, Major Rafael Augusto da Cunha Matos, Capitão José Agostinho Salomão da Rocha, Capitão Pedreira Franco, Coronel Sousa Meneses, Coronel Pedro Nunes Tamarindo, Tenente Domingos Alves Leite, Tenente Alfredo do Nascimento, Capitão Joaquim Quirino Vilarim, Dr. Ferreira Nina, Coronel José Américo C. Souza Velho, o guia Manuel Rosendo, Capitão Alberto Gavião Pereira Pinto, Tenente Marcos Pradel de Azambuja, Capitão Felipe Simões, Coronel Carlos da Silva Teles, Coronel Julião Augusto da Serra Martins, General João da Silva Barbosa, General Cláudio do Amaral Savaget, Coronel Campelo França, Major Carlos de Alencar, Coronel Thompson Flores, Capitão Trogilio de Oliveira, Alferes Marques da Rocha, Capitão Martiniano de Oliveira, Capitão Nestor Vilar Barreto Coutinho, Coronel Sucupira de Alencar Araripe, Coronel Virgínio Napoleão Ramos, Capitão José Luís Buchele, Capitão Salvador Pires de Carvalho Aragão, Coronel Siqueira de Meneses, Coronel Antonino Melo, Capitão Joaquim Pereira Lobo, General Miguel Maria Girad, Coronel Bento Tomás Gonçalves, Marechal Carlos Machado Bittencourt, Coronel Joaquim Elesbão do Reis, Coronel João César Sampaio, Coronel José da Cruz, Coronel Firmino Lopes Rego, Coronel Antônio Bernardo de Figueiredo, Major Frederico Mara, Coronel José Sotero de Meneses, Tenente Cândido José Mariano, General Carlos de Andrade Guimarães, Marechal Floriano Peixoto.

No fogo do combate dos expedicionários com os guerreiros, mediante tantas perdas do lado republicano, quase três mil mortes foram à base de degola, após se entregarem aos oficiais republicanos. Entre os mortos estavam todos os chefes e Antônio Conselheiro. Deste último, tiram sua fotografia para apresentar como troféu no coliseu republicano de Salvador e do Rio de Janeiro, provando que tinham exterminado o líder dos miseráveis e dos excluídos da sociedade republicana, marcando a história do Brasil, com essa vergonha imperdoável e desumana.

Na recepção dos expedicionários de Canudos, os adversários políticos tentam matar Prudente de Moraes no porto do Rio de Janeiro. O Marechal de Ouro Carlos Machado coloca-se diante do Presidente, salvando-lhe a vida, mas morre minutos depois junto com o assassino.

O jornal “O Estado de São Paulo”, envia Euclides da Cunha, com o objetivo de cobrir a campanha de Canudos. Mas antes de enviar as informações à sede do jornal, as reportagens passam por uma malha fina e só depois são liberadas para serem telegrafadas. Após o término da revolta, os trechos das reportagens proibidas são reunidos no livro: “À Margem da História”, obra póstuma. O fato de Euclides da Cunha saber demais e no futuro revelar a verdade determina sua morte a 15 de agosto de 1909, como a famosa queima de arquivo.

A maioria dos prisioneiros da guerra de Canudos, imediatamente é enviada para a construção da Ferrovia no Sul do país, tendo a promessa de liberdade ao término da obra. A vinda dos jagunços de Conselheiro acenderia o fogo místico e de revolta contra a República, fazendo transformar os simples caboclos do sertão em ferrenhos guerreiros de São João Maria.

A República e Seus Pecados Capitais

Dezembro de 1901, o Presidente da República “Café com Leite”, Campos Sales convoca uma reunião com parlamentares e o grupo Farquhar, Percival e os demais sócios apresentam o cronograma programado e o realizado, onde informam que a primeira frente na construção da ferrovia se encontra a poucos quilômetros da suposta divisa entre o Paraná e Santa Catarina. A segunda frente está um pouco atrasada, devido à chuva e ao constante frio, porque os empregados não estavam adaptados com as baixas temperaturas que em certas épocas do ano, chegava há nevar uma semana ou mais. Mas apesar desses obstáculos fariam de tudo para seguir o programado, terminando a construção da ferrovia em dezembro de 1908.

O organograma no assentamento de emigrantes estava correndo melhor do que o programado, apesar de terem perdido muitos imigrantes na viagem que foram contaminados com a peste negra e por um navio cargueiro que naufragou a poucas milhas da costa brasileira, tendo uma perda considerável de imigrantes.

Percival comenta que o grupo Farquhar e o milionário sindicato Inglês pretendem fazer pesquisas na construção de outra ferrovia, que iria do Amazonas a São Paulo, passando pelo Mato Grosso. Apresentaram a proposta ao Presidente e aos parlamentares, pedindo uma atenção especial, pois não iriam se arrepender.

Ao término da reunião, Percival entrega ao Presidente da República e ao líder dos parlamentares, um pequeno baú de madeira muito bem trabalhado com centenas de moedas de ouro, dizendo que era simplesmente um agrado por suas compreensões e seus precisos apoios no decorrer da obra. E se acaso o Presidente, seus ministros e parlamentares, resolvessem viajar para os Estados Unidos ou qualquer país europeu, ele e seus sócios se sentiriam muito honrados em serem úteis em qualquer coisa necessária que viesse a tornar a viagem mais amena e realizadora. A corrupção esteve e sempre estarão no dia-a-dia de todo brasileiro, não se importando quantas vidas signifiquem esse gesto vergonhoso.

Descaso do Paraná

Intendente do Pecado

Parte II

Fiscais do Descaso no Poder Republicano Paranaense

Abril de 1902, o governador do Paraná, Américo Lobo, envia fiscais de tributos e a guarda estadual para cobrarem impostos de pequenos fazendeiros, de produtores de ervas e dos comerciantes na área contestada, impondo aos que não pagassem ter os seus bens apreendidos no valor da dívida. Aqueles que não pagavam muitas vezes eram presos e eram apreendidos bens maiores do que a própria dívida.

O governador dá ordens exclusivas aos fiscais e à guarda estadual para cobrar os impostos da pequena fábrica de bebidas gasosas de Paulino Pereira, que soube por meios do Coronel Fabrício Vieira, que era um fervoroso simpatizante declarado da monarquia e poderiam até usar a violência, visando acalmar o seu ânimo rebelde. Quase em todas as vilas na área contestada, é usada a força física e o abuso de poder, criando um ódio intenso entre os caboclos pelo governador corrupto.

Em decorrência do descaso dos governos catarinense, paranaense e da República, na determinação de limites entre os dois estados, estávamos diante de constantes roubos à luz do dia e de marginais, protegidos pelo poder legalista em uma terra de ninguém.

A Violência do Grupo Farquhar e dos Poderes Provincianos

Janeiro de 1903, Percival e os sócios do grupo Farquhar, enviam inúmeros pistoleiros americanos para área de risco, com a finalidade de expulsar os caboclos que habitavam as terras da república. Os chefes dos grupos de pistoleiros poderiam contratar mais pessoas para intimidar os teimosos. Ao verem a dificuldade na missão, contratam centenas de vaqueanos para o serviço.

A partir desse momento, acende-se o cordel que explodiria o conflito do século. Os bandos de pistoleiros e os vaqueanos chegavam às terras da concessão, mostravam um papel, dizendo que o grupo Farquhar tinha comprado do governo republicano brasileiro, informando que as pessoas teriam de sair imediatamente das terras e usariam da violência se fosse necessário.

O grupo contratado para intimidar os caboclos, demonstrando que não estavam para brincadeira, queima diversas casas na área de concessão, chegando até a matar muitos caboclos que insistiam em ficar. As notícias dessas injustiças no sertão contestado chegam ao Rio de Janeiro, mas praticamente quase todos os parlamentares estavam envolvidos de uma forma ou outra com o problema, porque o grupo tinha comprado suas consciências e assim, nada fazem para sanar o problema.

Os caboclos não tinham mais a quem recorrer. O governo republicano deixou-os na miséria e o grupo Farquhar tentava tirar o pouco de dignidade que ainda possuíam, forçando-os a procurar os seus parentes em diversas vilas. O clima de revolta que se instalou em suas mentes alimentaria ainda mais o movimento da chamada “Guerra do Século”.

Fiscais do Descaso no Poder Republicano Catarinense

Agosto de 1903, o governador de Santa Catarina, Coronel Felipe Schmidt, envia fiscais de tributos acompanhados da guarda estadual para cobrarem impostos dos pequenos fazendeiros e comerciantes na área contestada e segundo informações de seus Coronéis intendentess, o governo do Paraná estava cobrando tributos dentro de seu estado. Os que se recusam a pagar têm os seus bens apreendidos no valor da dívida, são presos e seu patrimônio, muitas vezes, chega a ser confiscado permanentemente.

A mando do governador Felipe, os fiscais confiscam permanentemente a pequena fábrica de bebidas gasosas de Paulino Pereira que é obrigado a procurar abrigo na casa de um

parente que morava na vila de Canoinhas. A partir desse momento, o seu ódio contra o poder republicano inflama seu coração e se perde dentro do misticismo religioso e vindo drasticamente a ajudar a explodir a “Guerra do Século”.

Desmatamento Geral no Sertão Contestado

Fevereiro de 1904, o grupo Farquhar envia diversos empregados e um dos sócios, Bob Helling a área contestada, com a ordem de construir várias serrarias em locais pré-estabelecidos. Iniciando assim, o corte de árvores nobres e mantendo-as em estaleiros para no futuro transportar por via férrea até as serrarias, seguindo para o porto da cidade de Santos.

O grupo constrói quase uma dezena de serrarias, mas de real destaque foram às serrarias Santa Leocádia, Madeira Mamoré e por último a Lumber Company. Toneladas de ouro verde são derrubadas diariamente por vários trabalhadores escravos, e colocadas em estaleiros mais próximos.

O sertão do contestado é despido de seu manto verde, à custa de suor e sofrimento de muitos caboclos humildes e inocentes, que sequer imaginavam o que significava a palavra: República (capitalismo selvagem ou os fins justificam os meios; também a cobiça dos políticos inescrupulosos era o olho ambicioso do Diabo ou a justiça nunca erra, somente fecha os seus olhos a tudo o que não quer ver)

Início da Ferrovia da Morte no Amazonas

Julho de 1907 chega ao porto de Manaus (AM), dez navios cargueiros do grupo Farquhar e o sindicato Inglês, trazendo dormentes de ferros, peças para montagem de vinte locomotivas e centenas de vagões de carga. Peças para montagem de vinte serrarias e dez guindastes movidos a vapor, além de centenas de carroças e de mulas para o transporte de terra. Nos últimos navios vinham mais ou menos seis mil trabalhadores fornecidos pelo poder republicano e doze mil imigrantes estrangeiros que ajudam na descarga dos navios cargueiros.

Após uns quinze dias de trabalho pesado, terminam a descarga dos cargueiros, a montagem dos acampamentos para escritório e para os trabalhadores, que são vigiados de perto por centenas de pistoleiros e piquetes de vaqueanos do consórcio estrangeiro.

O principal objetivo da construção da estrada de ferro Madeira Mamoré, era dar uma infra-estrutura no transporte da borracha para chegar a São Paulo e em seguida ganhar o mercado americano e europeu. Na região Amazônica existiam muitas empresas estrangeiras que exploravam o produto e que há anos reivindicavam investimentos do governo na precariedade do setor. A construção da ferrovia estabeleceria a ligação no transporte de látex nos rios Madeira, Mamoré, Guaporé e Beni, na Bolívia.

Só então entra a mão-de-obra bruta no desmatamento na área da linha férrea e no corte das milenares árvores nobres da floresta Amazônica. O poder republicano insano leva o inferno à outra região do país, só que desta vez num futuro não muito distante, as forças poderosas dos senhores da floresta vingariam as milhares de mortes que viriam a acontecer na área do contestado.

Chacais da República e Capitalismo Selvagem

Janeiro de 1908, o Presidente da República Afonso Pena, convoca uma reunião com ministros e parlamentares, onde Percival e os sócios do consórcio apresentam o cronograma dos serviços realizados. Percival Farquhar reclama que estava enfrentando dificuldades administrativas com os trabalhadores escravos. Ocorrendo revoltas todos os meses na área da construção da ferrovia, no desmatamento no Sul e no Amazonas. E, segundo informações de

seus administradores, nos locais de serviços gerava-se um clima de revolta entre os caboclos no sertão, dizendo que lutariam por seus direitos nas terras que lhes foram tiradas e até morreriam para fazer prevalecer os seus bens hereditários. Já na Madeira Mamoré no Amazonas, era atacada por centenas de índios selvagens, criando um medo entre os empregados que se rebelavam ou tentavam fugir. Percival estava visivelmente preocupado com a atual tensão no sertão do sul e no Amazonas. E busca no governo republicano apoio para resolver o problema e solicita o envio de tropas federais para manter a ordem.

O Presidente Afonso, responde prontamente que naquele instante nada poderia fazer e se enviasse tropas legalistas à área contestada geraria um clima de revolta na população e em diversos órgãos da sociedade. Mas como era um problema de segurança pública local, telegrafaria aos governadores Carlos Cavalcanti do Paraná e o Coronel Vidal Ramos de Santa Catarina para tomarem as providências cabíveis, visando sanar o problema do grupo. Quanto à ferrovia Madeira Mamoré no Amazonas, pediria ao inspetor militar da região norte dar todo o apoio necessário.

Diante dessa atitude injusta do Presidente Afonso Pena, governantes, parlamentares e o capitalismo selvagem encurralam os caboclos do sertão, forçando-os a entrarem involuntariamente na “Guerra do Século”.

Nasce o Arraial dos Miseráveis e dos Excluídos

Agosto de 1909, os governantes republicanos desumanos e os ambiciosos Coronéis contratam vaqueanos para expulsar os caboclos de suas terras, incluindo a ausência física e espiritual da igreja no sertão. Os sertanejos começam a criar inúmeras comunidades em terras revolutas da república, onde diante de um trabalho árduo, cultivam diversas plantações que supriria o sustento das famílias.

A comunidade crescia diariamente com a vinda de muitas outras famílias que vinham em busca dessa terra prometida. O fazendeiro Euzébio Ferreira dos Santos adere à irmandade com toda sua família, empregados, afilhados e inúmeros amigos no Arraial do Taquaruçú. E de imediato é transformando em líder desta comunidade religiosa mística, e decide implantar a tradição folclórica religiosa da festa do Divino Espírito Santo, como uma forma de colocar sob controle os seus membros e também como uma forma psicológica de fugir da realidade injusta e miserável, imposta à força pelos chacais da república.

Parlamentares Visitam a Ferrovia Madeira Mamoré

Março de 1910, o Presidente Hermes da Fonseca, deputados federais, senadores e investidores estrangeiros visitam a construção da ferrovia madeira Mamoré, certificando-se de como estava a sua galinha dos ovos de ouro.

As autoridades republicanas decidiram não prosseguir a visita, além do acampamento central, devido ao massacre de quase mil e quinhentos empregados por diversas tribos indígenas selvagens numa das frentes de serviço avançada.

Percival Farquhar confia-lhes a existência de centenas de imigrantes desaparecidos nas terras recém-adquiridas, sendo direto, convicto e certo de que foram todos mortos pelas inúmeras tribos de índios selvagens.

Alerta também as autoridades que estava encontrando problemas na venda das terras no Amazonas, pois todos os emigrantes tinham medo de adquiri-las devido ao forte rumor feito por um sobrevivente de um dos massacres dos índios.

As autoridades republicanas resolvem retornar às origens, onde tinham o poder em suas mãos, porque na selva amazônica sentiam-se como um peixe fora d'água, temendo os lendários e temíveis índios selvagens.

Revolta das Chibatas

Novembro de 1910, o revolucionário liberal e marinheiro, João Cândido Felisberto comanda uma revolta de marinheiros negros. Reivindicando da classe dominante da marinha e do Presidente da República, o sagrado direito igualitário, recuperando o seu elo perdido e assumindo cargos em todos os altos escalões da marinha. Reivindica também que os seus filhos, netos e familiares tivessem o direito nos bancos escolares, inclusive nas universidades federais.

João Cândido no comando dos negros revoltosos realiza manobras militares notáveis na Baía da Guanabara, com os navios de guerra: 1º de Maio, Minas Gerais, São Paulo, Deodoro e Bahia, que eram consideradas construções das mais modernas da engenharia militar. O fato trouxe surpresa e certa incapacidade no alto escalão militar e no poder republicano, pois temiam que disparassem os seus canhões contra o Rio de Janeiro. A capital federal contava somente com uma minúscula defesa por terra, montada meses antes do levante dos marinheiros negros.

O poder republicano sentindo-se à mercê dos negros revoltosos promete cumprir todas as suas reivindicações, com o objetivo de assumir o comando da situação constrangedora da classe dominante. O líder João Cândido e os demais revoltosos são presos e em seguida enviados para os presídios do Rio de Janeiro, Amazonas, Minas gerais e sertões de Alagoas. Apesar dos dominantes sufocarem a revolta dos excluídos, nasce a partir desse dia, a áurea imortal de Zumbi dos Palmares e liberal de João Cândido que viria a eternizar-se até os dias de hoje, renascendo em cada ser excluído da sociedade capitalista, mercenária e preconceituosa.

Desmatamento na Floresta Amazônica Pelo Grupo Farquhar

Novembro de 1910, à frente de comando do grupo, com centenas de empregados braçais, encarregados no desmatamento e limpeza, encontrava-se a quase sessenta quilômetros de Manaus e já tinha penetrado na maior floresta do mundo. A outra frente, com centenas de empregados braçais, encarregados na colocação de pranchas e dormentes de ferro, encontrava-se um pouco distante da frente de limpeza.

A frente de desmatamento com centenas de trabalhadores braçais, serras manuais movidas a vapor, gigantescos equipamentos movidos a vapor que levavam as centenárias árvores nobres aos vagões, eram puxadas por duas ou três locomotivas movidas a vapor, devido às enormes dimensões das árvores. As toras eram transportadas para a admirável Madeireira Mamoré, nas proximidades do porto de Manaus. Depois de serradas, eram carregadas nos navios do grupo Farquhar, rumo ao continente europeu e norte-americano.

Diariamente desapareciam trabalhadores que eram pegos numa armadilha mortal por insetos e animais mortais ou surpreendidos pelos índios, principalmente os que se aventuravam a afastar-se do acampamento improvisado.

Emigrantes Europeus na Floresta Amazônica

Dezembro de 1910 chega ao Porto de Manaus, o primeiro navio do consórcio com centenas de imigrantes europeus. Os encarregados os levam até a estação da ferrovia onde prosseguem num trem de passageiros até as imediações de seus lotes de terras.

Os imigrantes ao verem que se encontram numa terra hostil e extremamente perigosa, retornam à realidade de seus sonhos de esperança, encaram as suas propriedades

com visível desespero, pois tinham colocado toda a sua família numa aventura regada pelo inesperado.

Os chefes das famílias procuram o melhor lugar para improvisar uma barraca, até a construção da sede de sua colônia. Os mesmos sabiam que não poderiam retornar à sua terra, pois não lhes restara nenhum dinheiro. Diante daquela situação complicada, restava somente a opção de arregaçar as mangas e iniciar o trabalho, derrubando com machados as árvores quase centenárias, onde planejavam plantar a semente que sustentaria as suas famílias.

Os emigrantes não estavam acostumados com o clima úmido da floresta amazônica e também não tinham consciência nos inúmeros perigos mortais que os aguardavam. Tais como: a febre da malária, répteis peçonhentos, animais selvagens e as dezenas de tribos de índios hostis e canibais.

As famílias de imigrantes sequer sabiam que estavam colonizando uma floresta extremamente perigosa e que suas chances de sobreviverem a esta aventura ou desventura, era a mínima possível. O que futuramente se confirmou no macabro prognóstico, foi que nenhum imigrante conseguiu sobreviver, sendo todos vitimados dentro de poucos meses na floresta amazônica.

Final da Ferrovia da Morte

Dezembro de 1910, as festividades comemorativas ao término da ferrovia tiveram as prestigiosas participações do Ex-presidente e Presidente da República, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca, todos os seus ministros, parlamentares e inúmeros Coronéis da região com a complementação do último dormente de ferro.

Comemora o acontecimento no mais alto estilo americano, uma belíssima locomotiva a vapor com quatro vagões de passageiros de primeira classe estava nos trilhos, com o intuito de mostrar aos ilustres convidados umas poucas milhas da faraônica obra construída pelo grupo Farquhar.

O coquetel comemorativo patrocinado por Percival e seus sócios era de dar inveja até aos aristocratas Parisienses, contendo um luxo exagerado, assim como os banquetes das arábias, contrastando com toda a miséria do sertão contestado.

Enquanto que completamente distantes desse acontecimento gastronomicamente imoral, os ex-funcionários escravos da ferrovia festejam com muitos barris de uísque, fornecidos pelo grupo Farquhar. Agora a gritaria era de alegria por serem pessoas livres e não de dor e sofrimento como anteriormente.

Quase ao final da festa comemorativa, quando todos já estavam completamente alcoolizados, Benevenuto baiano e o seu ex-feitor acabam brigando devido a uma rixa antiga. Benevenuto mata-o e foge mata adentro junto com Joaquim Germano. Após o acontecido, Benedito Chato se despede de todos os seus amigos, com o objetivo de retornar ao Arraial do Taquaruçú.

Enquanto isso, a locomotiva e os vagões luxuosos de passageiros levam o Presidente da República, ministros, parlamentares, o grupo Farquhar e convidados até o porto da cidade de Santos, após embarcam num luxuoso transatlântico que os leva até o Rio de Janeiro.

Os Presidentes Marechal Hermes da Fonseca e Venceslau Brás, assinam o reajuste de preços, de sessenta para cem contos de réis por quilômetro construído, na concessão da construção da ferrovia do Amazonas até São Paulo - Madeira Mamoré, tendo a programação de vinte anos de construção. A ferrovia cortava a floresta amazônica, passava no centro do Mato Grosso e terminaria no oeste de São Paulo.

O consórcio leva dois terços dos trabalhadores que construíram a ferrovia São Paulo ao Rio Grande do Sul, mas um terço é abandonado na região contestada. A concessão da Madeira Mamoré mantinha quase as mesmas cláusulas da área contestada, podendo explorar a

madeira na extensão de trinta quilômetros de ambos os lados da ferrovia e povoar com imigrantes europeus, e receberia o valor de sessenta contos de réis por quilômetro construído, depois reajustado para cem contos de réis. No contrato o governo republicano se incumbiria de fornecer parte da mão-de-obra bruta, usando o mesmo método em regime de escravidão que foi imposto na construção da ferrovia no sul do país.

A Sorte dos Desesperados

Janeiro de 1911, com o término da ferrovia, um terço de ex-prisioneiros, ex-jagunços do norte e nordeste de Antônio Conselheiro em Canudos, índios e mestiços, escravos da sociedade republicana e ex-prisioneiros políticos, se encontravam distantes de sua terra natal e jogados à sua própria sorte na área contestada, sem ter quase nenhuma esperança de retorno a sua origem.

Os jagunços Benevenuto Baiano e negro Joaquim, diante de suas sortes miseráveis dizem aos inúmeros companheiros que iriam para um chamado Arraial do Taquaruçú e segundo palavras de seu grande amigo Benedito, era uma terra promissora e existia fartura. Com os ânimos exaltados o grupo não chega a um consenso e uns foram junto com os dois jagunços e muitos outros decidiram servir como capangas de diversos Coronéis ambiciosos. Neste momento começa-se a tecer a teia do conflito que os levaria ao completo extermínio e incendiaria por inteiro o sertão do contestado.

Massacre na Ferrovia da Morte

Maio de 1912, inúmeras tribos indígenas da floresta amazônica aliam-se, inclusive muitas tribos rivais, tendo como objetivo principal, exterminar o seu maior predador - o homem branco. Aproximadamente quinze mil guerreiros, atacam diversos postos de serviços na construção da ferrovia, desmatamento e emigração, matando quase três mil empregados, ferindo várias centenas deles.

O acampamento central também teve ataque maciço, morrendo quinhentos empregados e deixando uma centena de desaparecidos, que serviram de comida para outros predadores selvagens. Entre os mortos e desaparecidos, estava o empresário americano Percival Farquhar, vários sócios e todos os funcionários da administração.

O filho de Percival, legítimo herdeiro de seus investimentos na nova nação republicana, diante dos mais de seis mil mortos e desaparecidos e outras centenas de feridos pelos índios selvagens, decide abandonar a construção da ferrovia Madeira Mamoré, desmatamento e emigração na floresta amazônica, findando um dos mais sangrentos capítulos da história do Brasil republicano.

Ele e os demais sócios sobreviventes concentram-se em seus outros investimentos no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, e nas capitais do norte e nordeste do país, inclusive a exploração de pinheiros e imbuías em Santa Catarina e no Paraná. Os habitantes da região do contestado pagariam com as suas terras, sua dignidade, ingenuidade e até com suas vidas, o enorme prejuízo dos investidores americanos e ingleses na Madeira Mamoré.

Sem sequer imaginarem, as nações indígenas da Amazônia, estavam vingando as milhares de mortes que viriam a acontecer no sertão do contestado, em anos posteriores.

José Maria - O Visionário do Novo Século

Junho de 1912, vindo da vila de Campos Novos, chega ao Arraial de Taquaruçú: Miguel Lucena Boaventura que era curandeiro e se intitulava José Maria - irmão do monge João Maria. José Maria era homem de pouca instrução, mas muito inteligente. Levava sempre

consigo a obra de Carlos Magno - “Os Doze Pares de França”, o livro de magia, Capa de Aço e o Capa Preta de São Cipriano. Diariamente contava a estória de Os Doze Pares de França aos sertanejos, que ficavam embevecidos e fascinados pela epopéia européia. A irmandade de São Sebastião já contava com um total de quase oitocentas pessoas, que sobreviviam diariamente ao advento do final dos tempos.

José Maria de imediato é aceito na comunidade e nomeado líder religioso, onde ele, as virgens Maria Rosa, Chica Pelega e Teodora comandam os festejos religiosos de São Pedro e São Paulo, tendo uma grande mesa da mais completa fartura feita por toda a comunidade. Junto a eles estavam Euzébio Ferreira dos Santos, Francisco Paes de Farias, o comerciante Praxedes Gomes Damasceno, o seu irmão Joaquim Gomes Damasceno e Manoel Alves de Assunção Rocha, também recém-chegado no Arraial, vindo da vila Timbozinho, onde era líder religioso.

O mesmo teve problemas com a guarda municipal na vila de Timbó Grande, resolveu vir para o Arraial com seus seguidores. Antes da ceia toda a comunidade grita: - Viva São Pedro! Viva São Paulo! Viva São Sebastião! Viva São João Maria! José Maria grita: - Viva o Arraial do Taquaruçú, aqui ninguém morre, os velhos ficarão moços e todos serão felizes! A comunidade grita: - Viva! E após cearem continuam os festejos tradicionais religiosos.

As curas milagrosas de José Maria se espalham como pólvora no sertão do contestado, trazendo dezenas de humildes caboclos supersticiosos no advento do novo milênio. O monge diante da grande procura por seus dons espirituais é instigado por outros líderes e decide ampliar a irmandade de São Sebastião do Taquaruçú.

O líder religioso ordena as três virgens manter um relacionamento íntimo com ele, distante das vistas de Euzébio e dos líderes das famílias, dizendo que fora ordem de São João Maria. Os membros da irmandade estavam se entregando ao fanatismo milenarista religioso e ocultamente se acende o principal estopim que explodiria a “Guerra do Século”.

Intendência do Inferno de Curitibanos

Agosto de 1912 reúne-se no escritório da intendência da vila de Curitibanos, o Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, Coronel Marcos Gonçalves de Farias, Capitão João Alves Sampaio, Capitão João Cruz Maia, o promotor de justiça - Coronel Marcílio Cruz Maia, o juiz de direito Guilherme Abry, Capitão Leogídio Vicente Mello, Major Salvador Calomeno, Tenente Coronel José Rauen, Tenente Coronel domingos Oliveira Lemos e o profeta do sertão, Frei Rogério.

O intendente informa-os que não estavam gostando da recente fundação da comunidade Taquaruçú que pregava o fanatismo religioso e impunha o regime de monarquia, não aceitavam as interferências da lei republicana e dos intransigentes Coronéis locais.

Coronel Albuquerque se vê diante de um impasse com a perda de sua autoridade, tendo que tomar alguma providência para solucionar definitivamente o desagradável obstáculo. A atitude do intendente Albuquerque estava retratando, somente o psicológico de todo e qualquer Coronel da república, tendo a alma voltada a uma incurável neurose pelo poder e a mente submersa a uma vaidade egoísta.

Caso visse a ser contrariado em sua autoridade, com certeza tomaria decisões drásticas e mortais contra os rebeldes. Os presentes entram num consenso e o intendente do inferno decide mandar a guarda municipal dissolver a comunidade. Apesar de Frei Rogério ser contra a medida extrema e violenta, é obrigado a acatar a decisão dos demais. O intendente pede a Frei Rogério para rezar uma santa missa para proteção dos soldados da guarda municipal, que estavam se dirigindo ao Arraial do Taquaruçú e que mais tarde culminaria no famoso conflito armado contra os miseráveis do século, trazendo muitas lágrimas de dor, de perda e de morte.

Fuga da Cidade Santa do Taquaruçú

Agosto de 1912, um compadre de Praxedes Damasceno ao saber do envio da tropa ao Taquaruçú, resolve avisá-lo do ataque da guarda municipal. Praxedes pede a seu compadre para pegar o cavalo, seguir imediatamente por um atalho, alertando-os e aconselhando-os para que voltem às suas casas antes que o pior viesse a acontecer. Ao chegar ao Arraial, Francisco Paes de Farias - Chico Ventura, é recebido pelo velho Euzébio que o leva até José Maria e a todos os líderes das famílias, conta em detalhes tudo novamente, surgindo entre os presentes um clima de medo e revolta.

José Maria olha para a virgem Teodora e pergunta o que tinha visto, Teodora responde que teve uma revelação num sonho na noite anterior que tinha visto um dragão de sete cabeças cuspidor fogo contra todos os membros da irmandade e o rio tinha ficado vermelho de sangue, transformando-se num inferno. Mas antes que o dragão mergulhasse todos no inferno, apareceu São João Maria trazendo São Sebastião e seu exército encantado que cortou as sete cabeças do dragão e mergulha-a no rio, e o rio voltou a correr água limpa e pura.

José Maria escuta atentamente a profecia e em seguida ordena a todos os líderes das famílias, juntarem tudo o que pudessem, pois partiriam para os campos de Irani, pois lá tinham amigos e seriam muito bem-vindos. A comunidade se retira do Arraial do Taquaruçú em direção ao Irani, evitando um confronto armado com a tropa do intendente Albuquerque. A comitiva parte, tendo a frente José Maria e as três virgens, após os líderes de cada família e em seguida o restante da comunidade.

Sequer imaginavam, fugindo desse confronto com a guarda municipal, estavam recriando uma nova história, aonde os corruptos republicanos iria intitulá-los enganosamente por décadas, como “Os Errantes do Século”.

Confronto do Silêncio no Arraial do Taquaruçú

Agosto de 1912, os soldados da guarda municipal chegam ao Arraial do Taquaruçú no começo da manhã. O Capitão João Alves Sampaio envia quatro espiões na frente para fazer o reconhecimento do terreno, temendo uma tocaia dos fanáticos da irmandade. Os espiões se embrenham mata adentro e retornam um tempo depois, informando que reduto estava completamente vazio que tinham vasculhado tudo em volta e não encontraram ninguém.

Capitão João Alves e o restante da guarda municipal chegam ao reduto de armas em prontidão, entram com os seus sentidos aguçados, temendo que fosse uma emboscada. Uma densa neblina cobre os carrascais e as matas do Arraial do Taquaruçú, contendo um sobrenatural ar gelado e fúnebre, como se estivesse prevendo os acontecimentos futuros.

Após verificar e vasculhar com extremo cuidado o reduto certifica-se de que realmente não havia ninguém. O Capitão João Alves ordena para incendiar os barracos, depois retornam à vila de Curitiba.

O Capitão sequer imaginava que o incêndio deixado atrás, era só o princípio de tantos outros incêndios que estariam por vir. A partir desse triste momento histórico, todos os envolvidos não sabiam que tinham declarado a “Guerra do Século”.

A Irmandade de São Sebastião nos Campos de Irani

Setembro de 1912, o líder religioso José Maria e a irmandade chegam ao Irani e são recebidos com votos de boas-vindas do próprio Miguel Fragoso, que também era um líder

religioso, curandeiro e benzedor. No mesmo dia os homens começam a cortar árvores e a construir os pequenos barracos do novo reduto, enquanto as mulheres preparam a comida, as crianças brincam e os velhos oram com José Maria e com as três virgens para São João Maria e São Sebastião.

No término da construção dos barracos, é feita uma festa em homenagem a São Sebastião, onde José Maria ordena cravar uma enorme cruz no centro. O líder José Maria em frente da cruz grita à irmandade: - Se o mundo durou mil anos, dois mil anos não durará! Viva São Sebastião!

A comunidade responde numa só voz: - Viva! Nos seus olhares começava a brilhar a rebeldia e o fanatismo religioso, consequência de um regime republicano que os obrigou a sobreviver uma vida miserável.

Os membros da irmandade julgavam que, era preferível a morte a viver sem dignidade. O que todos não sabiam era que o advogado do Diabo e o governador Carlos Cavalcânti planejavam levá-los a uma guerra, que seria impossível vencer e viriam a ser eternamente conhecidos no mundo, como os jagunços... Errantes do Século.

O Advogado do Diabo detona a Guerra do Século

Outubro de 1912, o Coronel Domingos Soares, decide mandar um mensageiro até Curitiba, informar o doutor Afonso Alves de Camargo - o advogado do Diabo e governador do Paraná - Carlos Cavalcânti, que uns fanáticos catarinenses tinham invadido os campos do Irani, pedindo uma solução imediata para o problema, antes que surgissem outros e os expulsassem de suas terras.

Meados de 1912, o ministro André Cavalcânti determina ao juiz federal do Paraná, Joaquim B. Costa Carvalho, intimar os governantes dos dois estados na demarcação de seus limites. O juiz acaba desconhecendo o pedido por ser inconstitucional e ser parente do atual governador do Paraná.

O governador Carlos e o doutor Afonso convocam uma reunião com os parlamentares e seus secretários, expõem o problema delicado e todos foram unânimes na decisão, enviariam uma tropa de soldados para expulsar os marginalizados invasores catarinenses.

O Bispo da catedral de Curitiba reza uma missa em proteção do Coronel João Gualberto e a tropa de segurança do Paraná. O secretário de segurança ordena ao Coronel levar sessenta soldados de seu regimento, três carroças de munição, uma metralhadora Krupp e onze cavaleiros com lanças, todos muito bem montados. Deveriam reunir-se no caminho com a tropa do tenente Busse, que tinha duzentos e vinte soldados sob o seu comando.

O governador do Paraná faz um longo discurso, desejando para todos os militares um feliz retorno e os demais parlamentares também fazem o seu teatro político padrão. O Coronel ordena a tropa embarcar nos vagões de passageiros da locomotiva, gentilmente fornecido pelo grupo Farquhar. O que eles não imaginavam que, muitos não retornariam às suas famílias, manchando a imagem do poder republicano no estado, intitulado-os como os principais causadores da guerra do contestado, da mentira republicana, dos miseráveis e da injustiça social.

Assim que as duas tropas se fundiram, próximos à região de Horizonte, o Tenente decide guarnecer a vila de Palmas, deixando que a tropa do Coronel João Gualberto seguisse aos Campos do Irani. Estava decretado o infernal fogo no sertão contestado, que levaria os sertanejos diretos ao matadouro da república.

Os Campos da Discórdia do Irani

Outubro de 1912, as serras e os campos verdes do Irani eram compostos quase por completo de matas virgens, precipícios traiçoeiros, pântanos mortais e cavernas milenares. O panorama era como uma paisagem surrealista dos grandes gênios da pintura francesa. Mas a visão miserável do reduto da irmandade assemelhava-se a uma pintura impressionista do russo Marc Chagall, possuindo purgatórios e os seus infernos sociais numa visão intelectual.

O monge estava encontrando dificuldades para alimentar os membros da irmandade, decide intensificar o ciclo de rezas coordenadas pelas três virgens, assim alimentando a alma e diminuindo o sofrimento do corpo. Vendo a situação de José Maria, o Coronel Miguel Fragoso manda os seus vaqueanos trazerem algumas cabeças de gado, ovelhas e quase duas centenas de galinhas, que viria a auxiliar por vários dias a fome da irmandade.

O líder religioso José Maria morava na casa central do reduto, ao lado direito havia a casa das três virgens e ao esquerdo os demais líderes das famílias. Miguel Fragoso chega com os seus seguidores, informa-o que a tropa mandada pelo governador do Paraná tinha chegado a Irani e se quisesse voltar para o Arraial do Taquaruçú ainda tinham tempo, do contrário iria deixar os seus homens mais bem preparados para ajudá-los no confronto armado.

Nesse momento chega o Coronel Domingos Soares - o famoso pai dos pobres - com um bilhete do Coronel João Gualberto escrito a lápis para o líder José Maria, ordenando que depusessem as armas, ao contrário sofreriam a pena de extermínio, a fim de trazer a ordem e a lei no sertão.

José Maria diz ao Coronel Domingos que desconhece o valor em bilhete escrito a lápis, e se eles queriam guerra teriam a guerra, se por ventura não os deixassem em paz. O Coronel Domingos retorna junto com Miguel Fragoso às tropas do Coronel Gualberto, aconselha-o para não atacar porque estavam muitos bem armados, mas mesmo assim o Coronel resolve avançar.

E às três e trinta da madrugada aproveitando o denso nevoeiro que cobria os campos, ordena a sua tropa avançar para o combate. Ao atravessar um arroio a metralhadora krupp e parte das munições caem na água de um pequeno arroio, sendo recuperado rapidamente. Enquanto no reduto todos rezavam a São João Maria e São Sebastião.

O líder José Maria chama Euzébio Ferreira dos Santos, Manoel Alves de Assumpção Rocha, Chico Ventura e a Delfino Pontes e lhes diz que se viesse a morrer em combate, era para levar todos para o Arraial do Taquaruçú e esperar o seu retorno. Ressuscitaria dentro de um ano e traria junto consigo o exército encantado de São Sebastião para fazer a Guerra Santa.

Nesse momento o reduto é atacado pela tropa do Coronel Gualberto, imediatamente o líder José Maria manda diversos sertanejos para os capões de mato que cercava o local, pede a Chico Ventura levar também as mulheres, crianças e os velhos. O restante dos sertanejos ficou no centro do reduto sob as ordens de Euzébio.

O Coronel Gualberto manda o atirador disparar à metralhadora, mas esta falha, então ordena estender linha e avançar. Enquanto o líder José Maria vinha na frente gritando: - Viva São João Maria! Viva a liberdade! - Todos os sertanejos respondiam possessos também os seus gritos.

Os sertanejos combatem com facões de aço, porretes de três quinas no corpo a corpo, enquanto os outros sertanejos no matagal atiram como loucos contra os soldados. Coronel Gualberto e sua tropa se encontravam presos entre o matagal da esquerda, o Itaimbé da direita e banhada atrás, estava sendo completamente dizimado pelo ataque dos sertanejos, que não tinha nenhuma regra acadêmica em tática de guerra.

O Coronel Gualberto insiste no combate e acaba sendo morto, o seu é corpo esfaqueado por diversas facadas, sobrevivem somente os soldados que fugiram apavorados. Ao fim do combate quando recolhiam a metralhadora, quarenta fuzis e farta munição, foi

quando deram conta que o líder José Maria e o Coronel Gualberto estavam entre os mortos no combate.

O novo líder religioso Euzébio Ferreira dos Santos, manda enterrar José Maria e todos os sertanejos mortos, colocam a cruz do reduto na sepultura de José Maria. Euzébio, Manoel, Delfino e Chico Ventura gritam possessos: - Viva São João Maria! Viva São José Maria! O líder Euzébio ordena que os sertanejos sigam-no até a cidade santa de Taquaruçú, porque foi o desejo de José Maria antes de morrer.

No Arraial do Taquaruçú esperariam o líder José Maria ressuscitar, pois falou que traria consigo o exército encantado de São Sebastião e fariam a Guerra Santa contra os Demônios da República. Nesse dia histórico, a ignorância republicana fez criar centenas de focos de incêndios no sertão, levando os humildes sertanejos a uma guerra impossível de vencer.

Desespero do Advogado do Diabo e Carlos Cavalcânti

Dezembro de 1912, os governadores do Paraná, Carlos Cavalcânti e Dr. Afonso Alves de Camargo recebem um telegrama do Coronel Domingos Soares, informando-os que a tropa do Coronel entra em combate com os fanáticos Catarinenses, acabou sendo um completo desastre, que o Coronel João Gualberto onde vários soldados foram mortos. Os sobreviventes tiveram de fugir para não morrer também. Os foragidos reúnem dias depois com a tropa do tenente Busse, estacionada na proteção na vila de Palmas.

Telegrafa ao governador Carlos, solicitando para enviar mais soldados, assim buscaria os corpos dos soldados mortos em combate. Informa-o também, que todos na região temiam represálias dos fanáticos. Imediatamente reúne os parlamentares, diversos secretários, inclusive o secretário das forças armadas do Paraná e todos com os ânimos exaltados decidem mandar uma tropa maior para o Irani.

Enquanto a nova tropa sai de Curitiba rumo aos Campos de Irani, a população distante da realidade e da verdade presta homenagens aos soldados, com uma missa pública rezada pelo Bispo e diversos padres do Paraná. O governador Carlos e o Advogado do Diabo não sabiam que com sua atitude anterior, tinha acendido um fogo mortal e violento que se espalharia por todo sertão do contestado.

Arraial de Bom Jesus do Taquaruçú

Dezembro de 1913, o líder religioso Euzébio e toda a irmandade chegam ao Arraial de Taquaruçú, imediatamente ordena para que todos retornem às suas casas, deveriam esperar um ano ou por um sinal do monge, que ressuscitaria e traria junto o exército encantado de São Sebastião.

Os meses passam rapidamente, e a virgem Teodora recebe o aviso do monge para reconstruírem o reduto de Bom Jesus do Taquaruçú. Euzébio e os demais procuram Praxedes, com a intenção de pedir autorização para montarem o acampamento santo em suas terras, mas ele achou melhor não se envolver, temendo represálias do Coronel Albuquerque.

Praxedes aconselha-os a procurar Chico Ventura, que com toda a certeza, cederia o espaço para montar o reduto. A comitiva vai conversar com Chico, que aceita prontamente o pedido dos amigos da irmandade. Imediatamente os líderes convocam todos os seus seguidores, informando que somente tinham três dias para construir o acampamento, pois o líder José Maria estava preste a ressuscitar.

Enquanto os homens trabalham na reconstrução, as mulheres se dedicam aos afazeres domésticos, as crianças brincam e os velhos rezam junto com Euzébio e as três virgens. Quando terminam a reconstrução dos barracos, fazem uma festa ao divino para comemorar o

acontecimento. Nesse dia, Manoel Alves de Assumpção Rocha acaba sendo coroado imperador da monarquia de Bom Jesus do Taquaruçú. A irmandade de fanáticos como loucos atiram para o alto e gritam obsessivos: - Viva o imperador! Viva a monarquia! Viva São João Maria! Viva São José Maria! Viva São Sebastião!

Dias depois, Manoel, filho de Euzébio diz que foi ordenado pelo monge João Maria na sagrada missão, dizendo-lhe: - Vá meu filho, prepare a volta triunfal de seu José Maria que trará o exército encantado de São Sebastião. Você Manoel será a visão dos cegos e comandará a guerra dos seis anos que os levará à vitória contra os Demônios da república. E aqui nesta terra, você construirá a cidade santa do Taquaruçú: onde aqui ninguém morre, os velhos irão ficar moços e todos seriam felizes. A irmandade terá usar fita branca no chapéu, as virgens se vestirão de branco, os homens cortarão o cabelo bem baixo e nem raspará a barba, a bandeira será branca com uma cruz verde no centro. E Euzébio grita: - Viva São João Maria! Viva São José Maria! Viva São Sebastião! Viva o Arraial de Bom Jesus de Taquaruçú!

Começa chegar os primeiros ex-empregados da ferrovia no reduto, onde são muito bem recebidos, contanto que trabalhassem e se entregassem as peregrinações de rezas. Entre os ex-empregados estavam Venuto Baiano e Joaquim Germano, imediatamente Benedito reconhece os dois amigos e apresenta-os a toda comunidade. Também chegam ao reduto inúmeras famílias aderindo à irmandade, entre eles Antônio Tavares, Paulino Pereira, Manoel Teixeira, Delfino Pontes e Augustin Perez de Saraiba (Castelhano).

Manoel, o vidente do monge João Maria, diz a seu pai e a todos os líderes, que José Maria tinha lhe ordenado para dormir com as três virgens, com isso criaria um elo místico divino na irmandade. Gera uma grande revolta entre eles, destituem Manoel do cargo de vidente e substituem por seu sobrinho Joaquim. A primeira ordem de Joaquim como novo vidente foi dar ordem para açoitar Manoel, lavar as feridas com salmoura e expulsá-lo da irmandade.

Cirino Chato e Praxedes Damasceno falam ao líder religioso Euzébio, que iriam a Curitiba espionar o que estava acontecendo. Os dois pegam os seus cavalos e saem do reduto em direção à vila. Na verdade, os dois estavam com receio de que o Coronel Albuquerque os enviasse novamente a guarda municipal, assim teriam outro confronto armado como o acontecido nos Campos de Irani.

Intendência de Conflitos

Dezembro de 1913, Cirino Chato e Praxedes Damasceno, chegam ao escritório do intendente Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, contam sobre o violento combate acontecido nos campos de Irani e que a irmandade estava muito bem armada e fanatizada e que temiam acontecer outro combate. Tinham vindo para levar o santo Frei Rogério, com a esperança de que eles abandonassem a irmandade e voltassem para suas casas.

O intendente Albuquerque chama o seu secretário e manda-o ir buscar Frei Rogério. Nesse momento chega o Coronel Marcos Gonçalves de Farias e Capitão João Alves Sampaio querendo saber o que tinha acontecido e os dois repetem novamente a história. Chega Frei Rogério e mais uma vez repetem o relato.

O santo Padre era um dos poucos sensíveis pela vida miserável dos caboclos do sertão, sempre estava disposto a cumprir a sua missão de sacerdote de Deus, decide acompanhá-los até o Arraial do Taquaruçú.

Coronel Albuquerque manda o seu secretário enviar um telegrama ao governador Vidal Ramos, solicitando tropas militares para debandar os fanáticos no Arraial do Taquaruçú. A notícia da reconstrução do reduto de fanáticos nos arredores da vila de Curitiba corre como pólvora no meio político e militar em Florianópolis, Curitiba e Rio de Janeiro.

Arraial do Fanatismo Religioso

Dezembro de 1913, Cirino Chato, Praxedes Damasceno e Frei Rogério chegam ao reduto de Taquaruçú, são recebidos por Euzébio e os líderes das famílias com certa hostilidade. Frei Rogério pede para abandonarem aquela loucura que somente levaria a mais mortes, e que todos voltassem para as suas casas.

Euzébio chama o Frei de corvo e discípulo dos Demônios da república, criando um clima de mais revolta entre a irmandade, que pretendiam linchá-lo como exemplo. Naquele tumulto Cirino toma a frente do conflito e grita para que ninguém tocasse no santo padre, só se fosse por cima de seu cadáver, e tira o Frei das mãos da irmandade ordenando seu filho Benedito Chato que o levasse até a entrada da vila de Curitibanos.

Benedito e o Frei pegam os seus cavalos e lentamente saem do reduto, diante dos gritos de Euzébio e da irmandade: - Viva São João Maria! Viva São José Maria! Viva São Sebastião! Viva a monarquia do Taquaruçú!

A irmandade do Taquaruçú espanta a penúltima chance em trazer paz no sertão, estava dando um motivo ao Coronel Albuquerque de tomar a atitude que os levaria ao completo suicídio coletivo involuntário.

Intendente do Pecado

Dezembro de 1913, Benedito Chato e Frei Rogério chegam à entrada da vila de Curitibanos, e Benedito pede para que o santo padre lhe abençoe. Frei Rogério, segura o livro de esconjurações e reza: - Meu pai todo poderoso, invoco o seu poder que proteja o corpo e a alma de seu filho Benedito Pedro de Oliveira. Cubra-o com seu manto sagrado e que as facas de pontas se quebrem, que segure balas de chumbo, que nunca os seus inimigos consigam alcançar o seu corpo e o seu coração. Pai escute o pedido desse humilde servo, protegendo o seu filho Benedito de todo mal de corpo e alma, Amém.

Benedito Chato beija a mão do santo padre, e retorna ao reduto Taquaruçú. O santo padre pergunta-lhe porque não se afasta da irmandade e ele responde que o monge João Maria tinha lhe curado quando esteve muito doente e ordenando que fosse para o reduto.

Frei Rogério se encaminha para a intendência de Curitibanos onde estavam presentes no escritório, Coronel Albuquerque, o promotor Marcílio Maia, o juiz de direito Guilherme Abry, Coronel Marcos Farias e Capitão João Alves que o recebem muitos aflitos querendo saber dos fatos recentes. O apóstolo do sertão conta-lhes em detalhes tudo o que aconteceu em Taquaruçú, deixando-lhes muito revoltados com a imperdoável atitude dos fanáticos.

Coronel Albuquerque manda o seu secretário enviar dois telegramas, o primeiro cobrando as forças militares do estado do Coronel Vidal Ramos. O segundo ao ministro Rivadávia da Justiça, requisitando forças militares federais para conter e debandar o novo reduto fanático de Taquaruçú. O Frei não é favorável ao envio de tropas contra a irmandade de São Sebastião, porque poderia morrer muita gente inocentes inclusive velhos, mulheres e crianças. Albuquerque já sabedor desse fato persiste em sua atitude radical e extrema.

Ele ordena para o Capitão João Alves reunir novamente toda a guarda municipal, e partir imediatamente para debandar os fanáticos de José Maria, nem que isso custasse muitas vidas inocentes. O Capitão reuniu a guarda municipal até meados da tarde, seguindo em direção ao Arraial de Bom Jesus do Taquaruçú.

Conflito no Taquaruçú

Compras de Armas na Irmandade

Parte III

O Conflito no Arraial do Taquaruçú

Dezembro de 1913, Chico Ventura encontrava-se nos arredores da vila e soube por um de seus afilhados que o Coronel Albuquerque tinha enviado novamente a guarda municipal para debandar os fanáticos de Taquaruçú. Chico monta em seu cavalo, percorre diversos atalhos que conhecia muito bem, assim chegando a tempo de avisá-los do ataque surpresa.

O clima no reduto era tranqüilo, até a chegada de Chico, que conta para seu Euzébio que o Coronel Albuquerque enviou a guarda municipal novamente pra acabar com o reduto, pois eles já estavam perto dali. O líder religioso Euzébio, chama a virgem Teodora e o vidente Joaquim e pergunta se São João Maria, Seu José Maria ou São Sebastião haviam revelado alguma coisa para eles. Nesse momento, entra Maria Rosa de Sousa dizendo que tinha visto um dragão de sete cabeças soltando fogo do inferno contra a irmandade, um cachorro preto despedaçando a carne de uma criancinha e vários morcegos sugando o sangue que vertia na terra. Foi quando apareceu o seu José Maria trazendo o exército encantado de São Sebastião, cortou as sete cabeças do dragão, cortou o cachorro preto no meio, a criancinha se levantou inteira e começou a matar todos os morcegos. Depois disso, o seu José Maria beijou a mão da criancinha e disse que era abençoada para fazer a guerra contra os Demônios da República. Euzébio e os demais líderes das famílias ficam fascinados com o sonho.

Euzébio pede para Benedito e Joaquim Germano fazer a defesa do reduto. Os dois mandam levar as mulheres, crianças e os velhos para o capão de mato, distribui os caboclos atrás e nos topos das árvores, nas matas ao lado do banhado, deixa também um grupo atrás e no centro do reduto.

Ao final da tarde, a guarda municipal penetra o denso vassoural ao lado do banhado, nesse instante desaba um inferno à beira do reduto, com gritos medonhos e tiros de todos os lados, derrubando imediatamente diversos guardas municipais. O líder Cirino ordena ao grupo no centro voltar o banhado e a guarda é atacada por todos os lados. Os sobreviventes da guarda municipal são obrigados a fugir, aproveitando a neblina baixa que descia o pantanal.

Os líderes Euzébio e Chico se encontram no centro do reduto, onde todos os jagunços gritam: - Viva São João Maria! Viva São José Maria! Viva São Sebastião! Viva a monarquia do Taquaruçú! Dando a cada vez uma salva de tiros para cima. Maria Rosa grita que o exército encantado estava junto, os Demônios da República foram vencidos e sempre serão vencidos, porque agora que temos o exército encantado, somos invencíveis, dando viva ao exército encantado! E todos gritam: - Viva!

Euzébio ordena para juntar grimpas para queimar os soldados da guarda, e enterrar os jagunços mortos em combate. Os fanáticos sequer imaginam que tinham tomado uma atitude violenta já esperada, o forte cerco republicano lentamente se fechava em seus pescoços e num futuro acabaria tirando suas vidas miseráveis.

Intendente em desespero

Dezembro de 1913, os sobreviventes da guarda municipal chegam ao escritório do intendente Albuquerque, e explicam em detalhes o ocorrido no confronto com os Jagunços, alegando que tiveram de fugir para continuar vivos. Esconderam-se uns dias na mata, depois se embrenharam em picadas e em carreiros, chegando à pé na vila.

O intendente já estava nervoso com a demora da guarda e encontrava-se idêntico a um tigre preso numa jaula. O Coronel Albuquerque chama o seu secretário e o manda escrever um telegrama para o governador de Santa Catarina, Coronel Vidal Ramos e outro para o senador Felipe Schimidt, pedindo uma resposta imediata nas tropas que tinha solicitado.

Entra no escritório o Coronel Marcos Gonçalves de Farias pergunta-lhe sobre o ocorrido e aproveitando a ocasião no confronto com os fanáticos, o Coronel Albuquerque decide vigiar o seu concorrente comercial na vila de Curitibanos, procurando um jeito para prendê-lo ou até mesmo matá-lo, pois julgava também que estava incitando a irmandade de São Sebastião.

Coronel Albuquerque em vez de tentar amenizar a tensão violenta no sertão toma decisões marginalizadas que inflamaria mais ainda o conflito injusto. Traria futuramente um fogo violento, ceifando milhares de vidas, onde ninguém estaria mais seguro, ninguém mesmo.

Novo Conflito na Cidade Santa do Taquaruçú

Dezembro de 1913, o governador de Santa Catarina, Coronel Vidal Ramos e o Coronel Felipe Schmidt, decidem finalmente enviar o regimento de segurança com sessenta soldados, sob o comando do Capitão Gustavo Lebon Régis, o desembargador Sálvio Gonzaga, Capitão João Teixeira de Matos Costa e o Capitão Euclides de Castro. Resolve telegrafar para o general Alberto de Abreu - inspetor da 11^o região militar, com sede na cidade de Curitiba, solicitando-o para enviar tropas legalistas para área do conflito. O general envia cem soldados sob comando do Capitão Adalberto de Menezes e outros sessenta soldados legalistas sob comando do Capitão Esperidião de Almeida.

As três colunas militares ao se encontrar próximo ao reduto de Taquaruçú. A coluna do desembargador Sálvio e do Capitão Adalberto acampam no local, enquanto a coluna do Capitão Esperidião não se integra com as outras colunas e acampam numa fazenda da região. Na véspera do final do mês recebem ordem de ataque e duas colunas com cento e sessenta soldados seguem para o destino programado.

Próximos do reduto, as duas colunas são atacadas pelo piquete de vaqueano sob o comando de Benedito Chato, gritam ensandecidos: - Viva a monarquia! Viva São João Maria! Morte aos infiéis da República! - Os soldados eram inexperientes em combate, ficam apavorados com os tiros e os gritos, desesperados começam a atirar por todo lado, matando as mulas e o restante dos tiros se perde na mata.

Os demais líderes e guerreiros estavam ao sul, esperando os soldados do Capitão Esperidião. Temendo a chegada desse grupo rebelde, o Capitão Adalberto ordena a retirada desordenada para a vila de Curitibanos. A tropa legalista sob comando do Capitão Esperidião permaneceu em seu acampamento na fazenda, não cumprindo o plano de ataque do Capitão Lebon Régis. Na derrota das tropas legalistas teve inúmeros soldados mortos e feridos, levando em conta que manchou a imagem do exército republicano.

Os Líderes: Euzébio, Chico Ventura, Cirino e Benedito Chato, Joaquim Germano, Chica Pelega, Maria Rosa, Praxedes e Joaquim Gomes Damasceno, Paulino Pereira, Castelhana, Manoel Teixeira, Manoel Assumpção festejam a vitória contra os peludos, dando diversas salvas de tiros pra cima, também gritando: - Viva São João Maria! Viva São Sebastião! Vencemos as tropas do Hermes e do maldito Coronel Albuquerque.

O fogo fanático na região contestada estava se espalhando no sertão, levando morte e violência numa guerra que seria impossível vencer, transformando-os nos miseráveis do século.

Comitiva de Paz no Taquaruçú

Janeiro de 1914, o Coronel Henrique Rupp envia um mensageiro ao Taquaruçú, onde solicitava uma reunião com os líderes da irmandade. A comitiva de paz era composta pelo secretário do interior - Capitão Lebon Régis, Deputado Federal - Manoel Correia de Freitas, o

emissário do jornal da tarde - Coronel Antônio da Rocha Tico. Também faziam parte da comitiva Antônio Cordeiro Sampaio, Generoso Ribeiro e Firmino Melo, que tinham parentes no reduto e pretendiam tirá-los da irmandade.

Euzébio contra-ataca o deputado, informando-lhe que eram gentes de paz, que em Irani somente se defenderam das tropas do governador do Paraná e que no Arraial do Taquaruçú, também se defenderam das tropas enviadas pelo Coronel Albuquerque e o Coronel Vidal Ramos.

Em seguida reclama que o Presidente Deodoro toma as suas terras, e o Presidente Floriano entrega as terras aos coronéis. O Presidente Rodrigues de acordo com os anteriores diz que a terra não mais lhe pertencia, só porque não possuíam um maldito papel criado pela República. Os governadores Carlos e Vidal querem que eles entrem com um pedido de títulos de terras que não tem dono, ao contrário todas seriam propriedades da República. O Presidente Nilo novamente tira os seus direitos, entregando-as aos coronéis, que exigem que seja pago para se ter o direito nas terras. O Presidente Hermes quer matá-los, dizendo que era uma ameaça à República. E o pior de tudo isso, deu as terras aos americanos, que devastaram todos os pinheiros e em seguida, venderam as terras aos emigrantes e às famílias dos próprios políticos republicanos.

Se realmente a República quer paz, deveriam devolver as suas terras, tirar todos os coronéis do poder das províncias, inclusive devolver as vidas dos guerreiros que morreram no confronto do Irani e do Taquaruçú. Ao contrário, enfrentariam todas as tropas que enviassem contra eles, estavam prontos a morrer para prevalecer os seus direitos. Alerta ao deputado que o maldito do Hermes mandasse mais de dois mil soldados, senão ficariam mortos e enterrados no Arraial.

A comitiva de paz não consegue o seu intento, são obrigados a retornar, sentindo o gosto da decepção, pois os líderes não pretendiam arrear o pé um milímetro do Taquaruçú. O líder religioso Euzébio determina a Venuto deixar os pares de França em vigília, na possibilidade de um ataque surpresa dos peludos. Após, vai reunir-se com a irmandade para o ritual de rezas, aonde o velho Manoel iria novamente ser coroado imperador, só que dessa vez da República Sul Brasileira.

O sol já estava desaparecendo no horizonte quando a comitiva se retira da cidade santa, decepcionados por não conseguir o seu objetivo. As sombras negras do destino e espectros republicanos já tinham traçado os seus caminhos, levando-os à grande mentira do século.

Coronéis do Pecado

Fevereiro de 1914, o governador Coronel Vidal Ramos, sofre uma enorme pressão do Coronel Felipe Schmidt, dos parlamentares catarinenses, Dr. Afonso Alves de Camargo e Carlos Cavalcanti do Paraná. Orientado por seus conselheiros, decide afastar-se do cargo no governo do estado, reassumindo a sua cadeira no Senado Federal.

Coronel Felipe assume o governo catarinense, convoca uma reunião com o seu secretário, Capitão Lebon Régis e ordena que desloque o batalhão de caçadores de Florianópolis, o 5º e o 6º regimento de União da Vitória com setecentos e trinta homens e cento e cinquenta cargueiros, duas peças de artilharia de montanha e um esquadrão de cavalaria para a vila de Curitiba, exclusivamente com a finalidade de exterminar o reduto de fanáticos de Taquaruçú, tendo como comandante o Tenente - Coronel Dinarte de Aleluia Pires.

O governador em exercício, Coronel Felipe pede ao Capitão Lebon Régis que envie um telegrama ao Coronel Albuquerque informando-o que as tropas estavam a caminho. Outro telegrama ao Capitão Adalberto de Menezes em União da Vitória, ordenando-o para deslocar-

se com o seu regimento e se encontrar com o batalhão de caçadores nos arredores de Curitiba, onde ficariam sob o comando geral do Coronel Dinarte. Quando chegasse ao local o Coronel Dinarte mandaria um mensageiro avisá-lo, que era para encontrá-los nos arredores da vila, evitando assim qualquer alerta aos fanáticos do Taquaruçú.

Ordena também ao Capitão Lebon Régis telegrafar para o Rio de Janeiro, requisitando tropas federais para exterminar definitivamente com todos os redutos de fanáticos no contestado. Capitão Lebon Régis pede permissão ao governador para tentar debandar os fanáticos pacificamente, formaria uma comissão para dialogar com os líderes de Taquaruçú. Coronel Felipe autoriza-o, somente depois de muito custo e palavras.

Os oficiais despedem-se do governador Felipe, providenciando tudo para partir no final da madrugada para a região do planalto. A capital catarinense amanhece envolvida com uma neblina fúnebre, devido à maresia do oceano, como se fosse uma revelação apocalíptica no sertão. A partir desse momento, a região do contestado se transformaria num mar de violência e de sangue, o fogo da ignorância prevaleceria em ambos os lados. Principia o holocausto no sertão, também a grande mentira do século: Os Errantes do Século.

O Intendente do Holocausto

Fevereiro de 1914, conforme pedido por telegrama do Coronel Felipe, evitando alarmar os simpatizantes dos fanáticos, que poderiam avisá-los sobre o ataque a Taquaruçú, o Coronel Albuquerque, o Coronel Marcos Farias, Coronel Virgílio Pereira e as demais autoridades, deveriam se encontrar com as tropas da capital nos arredores da vila.

Coronel Albuquerque era a própria encarnação do dragão de sete cabeças, descrito em apocalipse de João na bíblia e levaria todos os membros da irmandade de São Sebastião ao fogo do inferno. Obrigou o monge José Maria e seus seguidores a fugirem para os campos de Irani, onde foram atacados pelas tropas de Carlos Cavalcânti e do advogado do Diabo, que prestava serviços jurídicos ao grupo Farquhar. Ordenou outros dois ataques à cidade santa, onde amargaram uma derrota desastrosa e humilhante.

Diante da rivalidade política entre o Coronel Albuquerque e o Coronel Henrique Paes de Almeida apoiava declaradamente a irmandade. Albuquerque não iria dormir em paz, enquanto não exterminasse com o último dos rebeldes. No mês anterior, ordenou a seus capangas matar covardemente o comerciante fanatizado, Praxedes Gomes Damasceno.

Na visão do humilde sertanejo da irmandade, o monge José Maria desceria do céu, trazendo consigo o exército encantado de São Sebastião, que cortariam as suas sete cabeças e a paz reinaria no sertão novamente.

E mais uma vez, o Coronel Albuquerque estava para mostrar o seu veneno traiçoeiro, ambicioso e politiqueiro que seria uma peça fundamental no ataque a Taquaruçú. Acampa nos arredores da vila, o 5º e o 6º regimento com sessenta soldados, sob o comando do Capitão Adalberto de Menezes, com cento e cinquenta cargueiros com provisões e munições. Ao amanhecer do outro dia, chega o Coronel Dinarte com os cento e cinquenta soldados, duas peças de artilharia pesada de montanha, metralhadoras e cem cargueiros com provisões e munições.

O intendente passa as determinações ao Coronel Dinarte, que queria o reduto destruído e os Jagunços exterminados, deixaria dois homens para mostrá-los o caminho e ajudar-lhes no que fosse necessário.

Coronel Dinarte responde aos três coronéis que não cabia às tropas regulares a tarefa de combater ignorantes que haviam sido levados ao desespero por traficantes da província. Os coronéis Albuquerque, Coronel Marcos Farias, Coronel Virgílio Pereira e demais autoridades, olham as tropas do estado sumir de suas vistas em direção ao confronto armado no Arraial do Taquaruçú, visivelmente contrariados pelas ríspidas palavras Coronel Dinarte.

No mês anterior, o Coronel Albuquerque mandou a guarda municipal apreender as mercadorias de Praxedes Damasceno, vindas de Florianópolis da empresa Hoepcke. Praxedes soube do ocorrido por um amigo que suas vinte mulas e toda mercadoria, tinham sido apreendidas pelo intendente da vila.

Ele vai até a casa do Coronel Albuquerque para tentar resgatar a carga amigavelmente, mas o Coronel Albuquerque levou o seu conflito comercial com Praxedes ao extremo, ferindo-o covardemente, auxiliado pelo Coronel Virgílio Pereira e seus comparsas. Após, ordenou prendê-lo na cadeia municipal, aonde veio há falecer três dias depois, devido a seus ferimentos mortais. O intendente do holocausto usou o conflito dos fanáticos para acabar com o seu principal concorrente comercial, tumultuando muito mais a situação no contestado.

Destruição do Arraial do Taquaruçú

Fevereiro de 1914, os líderes Euzébio e Venuto, sabendo que poderiam ser atacados pelas tropas legalistas, formam dois piquetes de vaqueanos sob o comando de Cirino e Joaquim Germano, com o objetivo de vigiar os arredores do reduto contra um possível ataque surpresa, também para dar o primeiro contra-ataque aos invasores, enquanto que os pares de França sob o comando de Venuto mantêm uma disciplina rígida no interior do reduto.

A irmandade conta com quatrocentas famílias, e diariamente chegava mais famílias aderindo à irmandade. Taquaruçú era composta por quinhentos pequenos barracos e uma igreja em homenagem a São Sebastião. Venuto ordena a seus guerreiros cavar trincheiras a trezentos metros à frente, onde dariam combate frontal com as tropas legalista.

O dia amanhece com uma neblina baixa que cobria os morros, as matas e os campos de Taquaruçú. Nesse momento chega ao barraco de Euzébio um vaqueano, trazendo o ex-Capitão da guarda nacional, Aleixo Gonçalves de Lima, o irmão Ignácio, parente e amigos. O líder chama Chico Ventura e pede para levar o Capitão e a sua comitiva para Caraguatá, porque o reduto de Taquaruçú não suportava mais pessoas.

Mais tarde, Cirino traz consigo o tropeiro Francisco Alonso de Souza - Chico Alonso, acompanhado pela mulher, filhos, parentes e amigos. Euzébio dessa vez pede para Maria Rosa levá-los para o Caraguatá.

Ao final da tarde, Benedito adentra com seu cavalo a galope desenfreado no acampamento, informando que as tropas do maldito Hermes estavam nas proximidades de Taquaruçú. Rapidamente Venuto organiza a defesa, orientado por Manoel Teixeira. Ele com os pares de França atacariam ao sul, sempre se escondendo entre os pinheiros e a mata. Cirino e Joaquim atacariam ao norte, procurando ficar bem protegidos do fogo inimigo. Benedito com os seus vaqueanos ficariam nas trincheiras e dariam combate frontal aos inimigos. Chica Pelega ficaria com as suas guerreiras no centro do reduto, dando proteção a Euzébio, aos velhos, às mulheres e às crianças.

Venuto alerta Euzébio, se estivessem em situação desfavorável era para levá-los para o Caraguatá. Convoca Chica e as suas guerreiras para fazer a proteção da comitiva de foragidos. Eles dariam confronto até o limite, após seguiriam também para o novo reduto.

Coronel Dinarte decide levantar acampamento na fazenda Espinilho, reúne os seus oficiais, onde esclarece o plano de ataque. A partir daquele momento se dividiriam em três colunas: A 1ª com cento e cinquenta soldados, três cargueiros de munição e um vaqueano do Coronel Albuquerque, sob o comando do Capitão Adalberto, atacaria ao norte do reduto. A 2ª também com cento e cinquenta soldados, três cargueiros de munição e outro vaqueano, sob o comando do Capitão Matos Costa atacaria ao sul do reduto. A 3ª sob o seu comando com trezentos e cinquenta soldados, dois vaqueanos, dez cargueiros com munição, metralhadoras e artilharia de montanha atacariam ao leste do reduto. O Capitão Lebon Régis e quinze soldados ficariam encarregados de assentar as metralhadoras e a artilharia pesada num local elevado.

Enquanto o desembargador Sálvio no comando de trinta soldados improvisaria três barracas de emergência, visando atender os soldados e cuidar dos cargueiros restantes.

O Coronel alerta os oficiais que informassem a seus soldados não entrar em confronto de corpo a corpo com os rebeldes, porque os seus facões eram eficientes e mortais. Assim como eles estavam ali para restabelecer a ordem no sertão, os rebeldes tinham sido fanatizados por visionários e estavam prontos pra morrer por tudo o que acreditavam.

As três colunas entram em confronto direto com os piquetes de vaqueanos e os pares de França, obrigando-os a recuar a uma posição mais favorável. Diante de várias perdas, Capitão Lebon Régis e os soldados conseguem assentar as metralhadoras e as peças de artilharia pesada, aguardam somente a ordem do Coronel Dinarte.

E naquela madrugada chuvosa, Coronel Dinarte ordena o fogo incessante da artilharia. No ataque os pequenos barracos explodem corpos de homens, mulheres, crianças e velhos se esfacelam em pedaços, gritos apavorantes são abafados pelas explosões constantes. Esse foi o panorama por quatro dias e quatro noites. Em decorrência de tantos bombardeios, Venuto reúne os pares de França e o restante dos homens que sobreviveram e fogem sorrateiros à noite pelo matagal adentro e se reunindo mais à frente, ordenando para todos irem ao reduto de Caraguatá, que ele e os pares de França dariam cobertura.

No 5º dia de manhã, Coronel Dinarte cerca o reduto e dá ordens para avançar e quando adentram só tinha destruição, inúmeros corpos de mulheres, crianças e velhos esfacelados por todos os lados, um total de quase cem corpos. As tropas ao dominarem o reduto gritam de euforia e dão diversas salva de tiros.

Coronel Dinarte ordena para juntar grimpas e queimar os corpos. A tropa distante olha o fogaréu consumindo por completo os corpos. Coronel Dinarte estava visivelmente contrariado com o genocídio Jagunço, mas tinha de cumprir ordens superiores com o risco de insubordinação, ordena então, a sua tropa a retornar à vila de Curitibanos.

As tropas legalistas desaparecem na mata adentro, deixando atrás um quadro de destruição. A partir daquele momento, todos julgam que tinha terminado o levante dos rebeldes fanatizados no contestado. Sequer imaginavam que estava somente começando e muitas perdas inúteis viriam de ambos os lados. A sede de vingança povoaria diariamente o sertão, revolvendo de seus gabinetes os senhores do poder republicano.

Vitória dos Coronéis Republicanos

Fevereiro de 1914, quando o Tenente-Coronel Dinarte chega aos arredores da vila de Curitibanos, é recebido pelos coronéis Albuquerque, Virgílio Pereira, Marcos Farias, autoridades e toda a população da vila, que os esperavam para fazer uma grande recepção aos heróis, com direito a centenas de foguetes e um baile patrocinado pelos coronéis da República.

No meio da recepção aos heróis, o intendente Albuquerque recebe um telegrama do governador Felipe, ordenando para o Coronel Dinarte assumisse o comando das tropas legalistas que estavam à margem dos rios Timbó e Paciência no planalto norte e que era para deixar o Capitão Matos Costa no comando das tropas estaduais, que ficariam sob o comando de tropas federais. Porém, antes, o Capitão deveria comparecer a seu gabinete imediatamente, onde pretendiam planejar a destruição do novo reduto rebelde.

Explode a 1ª Guerra Mundial

Março de 1914 inicia-se um clima tenso entre os governantes europeus. Em Junho de 1914, com a morte do herdeiro ao trono da Áustria, Francisco Ferdinando e inclusive através de antigas rixas políticas de diversos países ganha força militar, são invadidos e tomam o

poder pela força das armas, matam e denigrem o direito de seu povo. O inferno desaba sobre o velho mundo, trazendo fome, morte e miséria.

Nessa parte da história mundial, o grupo Farquhar tira a última gota de sangue do emigrante europeu, que desesperadamente tentava fugir dos horrores da guerra com sua família. O governo republicano tira o sagrado direito de seu próprio povo, cede milhares de colônias de terras ao empresário americano, decepa quase todos os seus recursos naturais, e em seguida vende a milhares de miseráveis foragidos da guerra.

Em consequência da constante procura de terras brasileiras por famílias da Europa, o governo republicano e o grupo Farquhar, decidem abrir outras colônias de terras em outros estados, como Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, sul da Bahia e norte do país. Terras revolutas da República, onde habitavam há séculos caboclos de suas regiões que foram expulsos pelos coronéis nas províncias, depois repassados a emigrantes desesperados em fugir dos horrores da guerra, principalmente incluindo Santa Catarina e o Paraná.

Emigração dos Redutos

Março de 1914, o líder Venuto dos cavaleiros de França, aconselha os líderes das famílias a migrarem dos redutos para as outras regiões, visando expandir a irmandade. A idéia é aceita imediatamente. Maria Rosa, Chica Pelega, Chico Alonso ficariam no reduto de Caraguatá. O reduto de Caraguatá situava-se nas antigas terras do líder espiritual Euzébio, início da Serra do Espigão, distrito de São Sebastião. O reduto tinha cento e cinquenta pequenos barracos e uma igreja.

Agora com a chegada dos sobreviventes de Taquaruçú, são obrigados a improvisar várias barracas, visando abrigar todos no local. Dias depois, a maioria acompanha os líderes na emigração de outros redutos na região do contestado.

Castelhano e Venuto partem mais para o centro da região contestada. Antônio Tavares e Paulino Pereira mais ao norte da região contestada. Manoel Alves de Assunção Rocha e Aleixo Gonçalves ao leste da região contestada. Euzébio, Cirino e Benedito Chato, Joaquim Germano ao oeste da região contestada.

Os redutos de fanáticos foram se formando como um ninho de formigas: Irani, Caraguatá, Santo Antônio, São Sebastião, Tamanduá, Pedras Brancas, Poço Preto, Reinhardt, Raiz da Serra, Coruja, Traição, Cemitério, Conrado Globber, Aleixo, Tapera, Perdizes, Butiá Verde, São Miguel, São Pedro, Ferreiros, Bom Sossego, Piedade, São José, Pinhalzinho, Pinheiros, Timbó, Timbó Zinho, Timbó Grande, Caçador, Caçadorzinho, Santa Maria e muitos outros redutos.

O fazendeiro e juiz de paz da vila de Perdiz Grande, após um encontro com a líder guerreira Maria Rosa e o seu pai, Elias de Sousa - Eliseu da Serra decide aderir à irmandade. Elias foi Capitão na Revolução Federalista, condecorado por bravura e oficial de confiança de Gumerindo Saraiva. Incendeia a sede de sua fazenda, reúne à família, parentes, amigos e afilhados, encaminhando para o reduto de Caraguatá.

Os líderes do Caraguatá foram unânimes na escolha de Elias de Moraes, para ocupar o comando geral no reduto. Apesar da derrota no Arraial de Taquaruçú, com a recente entrada de Elias, Aleixo e Chico Alonso a irmandade de São Sebastião, se acende uma luz de esperança nos olhos dos fanáticos.

O cerco da infeliz realidade tramava contra tudo e todos, mas antes de se entregar, morreriam lutando, lutando contra os soldados do maldito Hermes e dos corruptos coronéis provincianos, para terem uma vida digna, visando deixar a seus filhos, aos filhos de seus filhos, e a todas as gerações vindouras.

Era uma verdadeira febre de fanatismo religioso que contaminava os sertões catarinenses. Maria Rosa cria o reduto de Santa Maria, fala com a irmandade que ali era a terra prometida... Seria uma terra de fartura. E grita: - Viva Santa Maria! Viva seu José Maria! Viva São Sebastião! Viva a monarquia! E todos respondem: - Viva!

O foco de incêndio que os republicanos julgavam ser centralizado, agora se espalhava pelo sertão, o que tornaria quase impossível de conter sem ter inúmeras perdas irreparáveis. Os soldados legalistas sentiriam na pele a antiga filosofia Grega: Morrer pela pátria e viver sem razão. Ou também não existe nada que supere o sentimento humano na luta por sua liberdade e de uma vida digna.

Coronéis do Holocausto no Sertão

Março de 1914, o governador Felipe Schmidt de Santa Catarina e Carlos Cavalcanti e Afonso Alves de Camargo do Paraná, mediante a idéia revolucionária do Capitão José Vieira da Rosa Araújo, convocam uma reunião com os coronéis provincianos na capital catarinense. Entre os presentes, estavam os coronéis: Francisco Albuquerque, Fabrício Vieira das Neves, Domingos Soares, Manoel Tomás Vieira, Henrique Rupp, Emiliano e Belizário Ramos. Os chefes de vaqueanos: Salvador Pinheiro, David Padeiro, Virgílio Pereira, Pedro Vieira, Leocádio Pacheco, João Alves de Oliveira, Antônio Camargo, Francisco A. Bueno, João Correia Sobrinho, Nicolau Fernandes e Pedro Leão Carvalho - o famigerado Pedro Ruivo.

O objetivo da reunião era solucionar o problema dos fanáticos na região contestada. Os oficiais e soldados legalistas, não tinham muito conhecimento em táticas militares e combates em mata fechada, terrenos acidentados e da astúcia dos jagunços da irmandade. Pois os redutos dos fanáticos sempre ficavam em terreno de difícil acesso e muito bem escondidos, complicando mais ainda a localização dos mesmos.

Coronel Felipe informa que o estado não tinha recursos financeiros para manter por muito tempo uma expedição militar. Contavam somente com a contribuição generosa de cem contos de réis do grupo Farquhar, esperavam contar também com uma contribuição financeira dos coronéis das províncias. No final da reunião arrecadaram trezentos e cinquenta contos de réis e os governadores ficam satisfeitos com a volumosa quantia.

O governador Felipe em seguida dirige a palavra aos chefes de piquetes, pedindo que auxiliassem os oficiais militares na procura dos redutos, e que se empenhassem na caça dos chefes dos fanáticos. Estipula a quantia de dois contos de réis por cabeça de jagunço e vinte contos de réis pela cabeça dos líderes, sendo imediatamente aceito por todos os chefes de piquetes.

Os governadores dispensam os coronéis e os chefes de vaqueanos, pedindo que os coronéis Albuquerque e Fabrício Vieira permanecessem na sala. A partir desse vergonhoso momento histórico, o poder corrupto republicano passa a contabilizar os lucros com essa guerra injusta: a expulsão dos caboclos de suas terras, a venda de pinheiros para a serraria Lumber Company, venda de terras a emigrantes, o derrame de dinheiro falso, a indevida cobrança de impostos pelos dois estados e finalmente discutem sobre a forte pressão jurídica e política, a frente da revolta no contestado na demarcação dos limites entre os estados.

O secretário entra no gabinete, informa que o tenente Coronel José Capitulino Freire Gameiro e o secretário do interior - Capitão Lebon Régis, Capitão Matos Costa e o Capitão Zaluar, tinham chegado para a reunião marcada.

A reunião termina três horas depois, onde ficou acertado que o Coronel Gameiro levaria um contingente de setecentos e setenta soldados. Divididos em duas colunas: A 1º coluna sob o comando do Coronel Gameiro com trezentos e setenta soldados, acamparia próximo ao rio Caçador. A 2º coluna sob o comando do Capitão Matos Costa com trezentos

soldados, acamparia próximo vila de Perdiz Grande. O Coronel Felipe os alerta que era uma expedição de reconhecimento e somente deveriam atacá-los mediante suas ordens.

A destruição do reduto de Taquaruçú deixou-os numa situação delicada com os republicanos liberais no Rio de Janeiro e não pretendiam que a imprensa estadual e nacional, os chamasse novamente de coronéis do holocausto no sertão contestado.

O governador informa que o Capitão Lebon Régis e o Capitão Matos Costa deveriam se encontrar com o Deputado Federal, Manoel Correia de Freitas e o Capitão Adalberto de Menezes na intendência de Perdiz Grande. A comitiva se reuniria com os líderes rebeldes, com o objetivo de tentar dispersá-los pacificamente.

Comitiva Republicana de Paz no Caraguatá

Março de 1914, Elias de Moraes, comandante interino de Caraguatá convoca uma reunião com os demais líderes, decidem ouvir a comitiva do Deputado Federal, envia Venuto e Chica Pelega buscá-los na intendência de Perdiz Grande.

O Deputado Federal informa que trazia uma proposta do Presidente Hermes, onde pede que todos voltem pacificamente para as suas casas, oferecendo terras para trabalharem e criarem os seus filhos em paz. No prazo de seis meses, o Presidente Hermes entregaria as terras juntamente com o título de posse.

Elias responde ao deputado que confiava na palavra de qualquer um membro da irmandade, menos na palavra de um Presidente Republicano que tinha ordenado aos soldados que destruíssem e matassem centenas de pessoas no Arraial de Taquaruçú. Não podia confiar no maldito Hermes, porque ele daria as terras num dia e as tomaria no outro. Confiava muito menos, no Coronel Felipe de Santa Catarina e de Carlos Cavalcanti do Paraná, menos ainda nos coronéis das províncias. Preferiria confiar numa cobra peçonhenta ao invés de confiar em todos eles.

O deputado implora para depor as armas, pois tinha muitos velhos, mulheres e crianças no reduto. Elias responde que os soldados que morriam no Caraguatá também tinham. Em seguida, Elias encerra a reunião, ordenando que Venuto e Chica Pelega levassem-os novamente até a vila de Perdiz Grande.

A comitiva do Deputado Federal retorna decepcionada à vila, pois tinham esperança em convencê-los a deporem as armas. A teia da realidade republicana começava a tecer a armadilha, onde jogaria por dezenas de anos na mentira, intitulado-os como os jagunços do sertão.

Vitória dos Guerreiros Santos do Caraguatá

Março de 1914, a coluna do Coronel Gameiro acampa no rio Caçador, após três dias de caminhada forçada na mata. Os soldados se encontravam visivelmente nervosos em consequência da aproximação do confronto com os rebeldes.

No dia anterior, Chico Alonso decide seguir à distância a comitiva de paz até Perdiz Grande e aproxima-se cautelosamente em direção do acampamento improvisado. Ao chegar à barraca de comando, escuta atentamente o plano de ataque ao reduto de Caraguatá. Chico Alonso recua com cautela, retorna ao reduto e avisa o comandante Elias dos planos das tropas legalistas.

O líder do piquete da irmandade de São Sebastião, Benedito Pedro de Oliveira (Benedito Chato), atacava na mata ao sul das tropas no rio Caçador enquanto Joaquim Germano com outro grupo atacava outro ao norte. Os dois piquetes de vaqueanos gritam ensandecidos: - Viva São João Maria! Viva São Sebastião! Morte aos infiéis!

Coronel Gameiro e os seus soldados são surpreendidos pelo repentino ataque dos rebeldes, tendo diversas perdas até que se recompôs e imediatamente o Coronel ordena para todos recuarem e em seguida contra-atacarem o inimigo.

Os dois líderes dos fanáticos usam a famosa tática de guerrilha em mata fechada, enquanto um atacava, outro grupo recuava, assim levando os legalistas a uma armadilha mortal. O plano dos líderes era levá-los até próximo das trincheiras, onde pretendiam pegá-los num fogo cruzado.

Capitão Zalar ordena aos atiradores assentar os canhões, mas são abatidos pelos disparos certos dos fanáticos. Coronel Gameiro vendo que podiam suportar muito tempo o confronto com os rebeldes, manda dividirem-se em duas colunas e recuarem, uma protegendo a retaguarda da outra. Apesar de usarem a tática militar padrão consegue recuar, mas foi à custa de diversos soldados mortos e feridos.

Ao sudoeste no Arroio da Canhada Funda, a coluna do Capitão Matos Costa, tinha dado de frente com Venuto e os pares de França, onde estavam enfrentando um violento ataque. O líder fanático usa a mesma tática, enquanto um grupo atacava o outro recuava, assim levando os legalistas a uma armadilha mortal.

Nesse instante, Elias no comando de cento e cinquenta guerreiros iniciam o ataque frontal, armados de facões de aço e madeira, porretes com pregos nas pontas. Venuto divide os pares de França, um ao sul e outro ao norte, pegando-os num fogo cruzado. Os gritos ensandecidos dos fanáticos se misturavam com os disparos, criando um clima apavorante aos inexperientes soldados legalistas.

Capitão Matos Costa vendo que estavam numa situação desfavorável, ordena a retirada, do contrário seriam dizimados pelos fanáticos. Capitão Lebon Régis manda recolher os soldados mortos e feridos, enquanto os outros protegem a retaguarda na retirada.

Distantes da área de risco, as duas tropas escutam inúmeras salvas de tiros em direção ao Caraguatá que com certeza estavam festejando a vitória contra os soldados legalistas. As duas colunas, sob o comando do Coronel Gameiro e o Capitão Matos Costa, chegam à vila de Perdiz Grande, carregando vinte e oito mortos - um Capitão, um Tenente, dois Sargentos e vinte e quatro soldados, além dos vinte e um soldados feridos.

Enquanto isso no reduto de Caraguatá, após enterrar os trinta e sete guerreiros mortos e medicar os quarenta feridos, os membros da irmandade festejavam a vitória contra as tropas do maldito Hermes.

As poderosas forças do capitalismo selvagem e do regime republicano, a partir desse momento histórico, incendiariam o fogo herege contra os humildes caboclos do sertão, que somente sonhavam com um pedaço de terra, paz e uma vida decente, onde pudessem terminar de criar os seus filhos, os netos e toda a sua geração vindoura.

Compra de Armas à Irmandade

Março de 1914, os líderes Elias e Aleixo, mandam diversos caboclos matreiros com a finalidade de comprar uma grande quantidade de armas e munição, na Hoepcke & Cia, e distribuí-las em todos os redutos para o conflito com as tropas federais. Nesse momento chega o tropeiro Adeodato Manoel Ramos e sua família e pede para ficar na irmandade, sendo imediatamente aceito por todos os líderes.

Elias e Aleixo pedem para Adeodato e Chico comandar os pares de França, fazendo escolta aos homens na compra de armas em serra - abaixo, onde deveriam esperar de dois a três dias no final da serra - acima até a total da distribuição nos redutos.

Nesse intervalo, era para juntar mais dinheiro pelo caminho e mandar novamente outros homens de volta, comprando mais armas e munição, retornando a distribuir nos redutos. Após o término da missão era para vir para o reduto de Caraguatá.

HOLOCAUSTO NO SERTÃO

O teatro da realidade estava perfeito, os atores profissionais representavam com admiração os seus papéis, surgindo o final conforme o programado no Livro do Século.

Cabeças do Dragão Republicano

Matos Costa e as Feras Republicanas

Parte IV

As Cabeças do Dragão Republicano

Abril de 1914, frente o desastre militar no reduto de Caraguatá, o Tenente Coronel José Capitulino Freire Gameiro é dispensado da 11ª região militar, sendo provisoriamente substituído pelo Tenente Coronel Adolpho de Carvalho. O Ministro da guerra, General Vespasiano de Albuquerque, designa para assumir o comando geral da região militar em Curitiba, o General Carlos Frederico de Mesquita.

Assim que assume o comando, procura inteirar-se com o Coronel Carvalho dos mais recentes acontecimentos na região contestada, lê atentamente todos os relatórios militares das expedições contra os fanáticos. Em sua primeira revista às tropas, inteira-se do estado lastimável das fardas militares, pois não existia nenhuma reserva de uniforme. As armas desgastadas pelos muitos anos de uso, a artilharia já estava ultrapassada, o estoque de munição estava praticamente à zero.

O General Mesquita convoca uma reunião urgente, com o governador Felipe de Santa Catarina, Carlos Cavalcânti e Afonso Alves de Camargo do Paraná, teriam de comparecer imediatamente à região militar. O objetivo da reunião era buscar os seus apoios nas localizações de redutos rebeldes, também solicitar dois vaqueanos de inteira confiança, com o objetivo de infiltrar-se na irmandade de São Sebastião. Após entrarem na irmandade, os espiões legalistas informariam a quantidade total de rebeldes, as suas defesas e fraquezas, seus planos e localizações na região do contestado.

Coronel Felipe antecipando-se a esse detalhe importante, traz consigo para Curitiba, o Capitão Henrique Wolland – Alemãozinho, oficial da inteligência militar de Santa Catarina, e Antônio Tavares Júnior, ex-secretário de gabinete do governador. Informa ao General, que os dois eram as pessoas ideais para infiltrar-se entre os fanáticos, tinham coragem e não se intimidavam com o cheiro de perigo, levando a missão até o fim.

Antônio Tavares conta ao General Mesquita, que já tinha recebido proposta de um líder, Bonifácio José dos Santos - Bonifácio Papudo, para montar um reduto nos arredores de Canoinhas. Prontifica-se em apresentar o Alemãozinho aos demais líderes, assim facilitando a missão. O Coronel entrega-lhes dez contos de réis, visando suprir as suas primeiras despesas.

General Mesquita alerta o Coronel Felipe, que necessitariam de outro espião, seria o elo entre eles e a inspetoria, assim correriam menos perigos de vida. O Coronel informa-o, que entraria em contato com o Coronel Albuquerque da vila de Curitiba, pedindo um de seus homens de confiança para se infiltrar também entre os fanáticos. O novo espião deveria se identificar como Carneirinho, assim passar todas as informações a eles, que faria com que chegasse a segurança até Canoinhas ou Curitiba.

Alemãozinho e Antônio Tavares embarcam no trem de passageiros, aconchegando-se num dos muitos bancos da 2ª classe. O maquinista da locomotiva puxa a corda do apito, que soa estridente na estação de Curitiba, informando aos passageiros atrasados, que a mesma estava de partida para a região do contestado.

A sorte estava lançada para os dois espiões do poder republicano, o imprevisto estaria em suas vidas diariamente. As forças poderosas da realidade republicana começavam a traçar a armadilha do século, jogando muitos humildes sertanejos a uma vida miserável e outros tantos ao juízo final, o apocalipse de sua própria simplicidade e ignorância.

Fuga da Cidade Santa do Caraguatá

Abril de 1914, o líder interino, Elias de Moraes, passa uns papéis com ordens a seu lugar - Tenente Venuto, que tinha retornado recentemente da região norte do contestado, determinando a imposição de respeito no reduto e o uso a força caso fosse necessário. Os que não tivessem trabalhando teriam de se entregar às orações, sendo proibido fumar ou beber no

reduto e se necessário se poderia dar uma refresca. Os homens deveriam estar com as montarias, cavalos, apetrechos e suas armas em prontidão a qualquer eventualidade de combate e o não cumprimento poderia levá-los ao fuzilamento.

O tropeiro Adeodato chega a Caraguatá, traz consigo, o emigrante alemão acaboclado Conrado Glober, informando a Elias e Venuto, ser um excelente atirador e imitava o assobio de qualquer pássaro do sertão, um simpatizante da causa, sendo imediatamente nomeado para os pares de França.

Os quatros se encontram com Euzébio, líder religioso, que estava reunido com os demais membros numa farta mesa com churrasco de carne de boi, carne de porco, feijão, quirera de milho, mandioca, pinhão, pão e bolo de coalhada. Todos acompanham a prece de Euzébio e logo devoram o banquete, sobrando somente às migalhas aos cachorros. Seguindo a tradição de submissão aos homens, as mulheres comiam com as crianças. O líder interino dos cavaleiros de França, sentado numa ponta da mesa e o líder religioso na outra. Após o banquete, Elias manda os cavaleiros de França vigiar os arredores do reduto. Os piquetes de vaqueanos, sob as ordens de Cirino e seu filho Benedito, percorrem as estradas assuntando qualquer movimento suspeito. O restante do grupo é dividido, uns continuam os seus afazeres, outros vão para o ciclo de orações, enquanto as mulheres e os velhos cuidam das crianças.

Em consequência da quantidade de pessoas em Caraguatá, inicia-se uma epidemia mortal de febre tifóide, devido à falta de higiene entre os membros da irmandade de São Sebastião. Morria diariamente diversas pessoas que eram imediatamente enterradas, assim evitar que epidemia se alastrasse aos outros desatentos em sua higiene pessoal.

Passado alguns dias, Elias convoca uma reunião com todos os líderes, com o objetivo de decidir se enfrentaria outro confronto com as tropas do Hermes, ou abandonariam o Caraguatá e emigrariam para outros redutos. O reduto do Caraguatá encontrava-se superlotado, sendo necessário distribuir as famílias para novos redutos, só assim, poderia conter a mortal epidemia da febre de tifo.

A líder guerreira, Maria Rosa, resolve partir com os seus seguidores, próximo ao rio das Pedras Brancas. Os demais líderes decidem emigrar para as proximidades do Vale do Rio do Peixe, Rios Iguaçu, Negro, Pelotas, Caçador, Timbó, Canoas e Vale de Santa Maria.

Os espíões, Antônio Tavares e Alemãozinho chegam ao reduto, apresentam-se a Elias e a outros líderes, sendo muito bem recebidos e aceitos na irmandade de São Sebastião. O líder interino determina aos líderes levarem os seus seguidores conforme o planejado, decidindo acompanhar Maria Rosa até Pedras Brancas.

Venuto e os pares de França seguem à frente, assim evitando qualquer surpresa desagradável pelo caminho, sendo seguidos de perto por Elias, Maria Rosa e os outros líderes, em seguida vinha o restante da irmandade que percorria à pé, acompanhados pelos piquetes de vaqueanos. As marcas do destino no sertão contestado estavam traçadas, nada mais poderia evitar o inevitável.

Veneno do Dragão Republicano

Maio de 1914, o inspetor da 11ª região militar, General Carlos Frederico de Mesquita, reúne-se com os oficiais, o Tenente Coronel Dinarte de Aleluia Pires, Capitão Matos Costa e Tenente Campos. O General Mesquita, após ler todos os relatórios das expedições militares anteriores, decide atacar o reduto de Caraguatá e fazer uma devassa nos outros pequenos redutos de fanáticos.

Ele informa que comandaria pessoalmente a nova expedição ao sertão contestado, e que teria a formação de mil e setecentos soldados e duas seções completas de artilharia de montanha. A 1ª coluna, sob o comando do General Mesquita, Coronel Dinarte, Tenente Campos e mais novecentos soldados, seguiria para a Vila de Timbozinho, com a finalidade de

construir uma ponte provisória, visto que a anterior tinha sido destruída pelos rebeldes, e também para facilitar o transporte da artilharia. Atacariam todos os pequenos redutos localizados naquela região, seguindo ao sul de Caraguatá. O Capitão Matos Costa seguiria com a 2ª coluna, composta de oitocentos soldados, atacaria todos os pequenos redutos ao norte de Caraguatá. As duas colunas fundir-se-iam nas proximidades de Caraguatá, destruindo por completo a maior sede de fanáticos.

General Mesquita confia aos seus oficiais, que o povo miserável do sertão contestado é produto da cobiça dos coronéis, da política corrupta republicana e fruto da ignorância desse humilde sertanejo. Alerta os mesmos, que deveriam manter a ética militar a qualquer custo, porque não queria presenciar novamente as atrocidades acontecidas na região de Canudos. Em seguida revela e confia que o Ministro Rui Barbosa, como ele em anos anteriores, ser militar é transformar-se em marionete dos senhores do poder, não ter nenhum direito de pensar, a não ser que o leve a cumprir as ordens determinadas.

O grupo de oficiais retira-se do gabinete militar, sediado na capital do Paraná. Ao final da tarde na estação de Curitiba, a expedição do General Mesquita, com o Capitão Matos Costa, Coronel Dinarte, Tenente Campos e aproximadamente novecentos soldados legalistas, seguem para a região do contestado. Essa expedição iria reforçar os oitocentos soldados sediados na vila de Canoinhas. A principal meta do General Mesquita era debandar os rebeldes agrupados nos pequenos redutos, inclusive o reduto sede de Caraguatá. O General Mesquita sequer imaginava que, o fogo rebelde estava somente começando no sertão, levando-o a pedir demissão num futuro próximo, totalmente decepcionado com o poder republicano.

Confronto do Silêncio no Caraguatá e Perdizinhas

Maio de 1914, Capitão Matos Costa reúne os oficiais e os soldados sediados em Canoinhas, marcham em direção ao norte de Caraguatá, seguindo os planos do General Mesquita. No caminho, soube por sertanejos que os ânimos estavam à flor da pele, e decide não arriscar a sua vida e a de seus soldados.

No dia anterior, a coluna pernoita na fazenda dos Tigres, deslocando-se novamente nas primeiras horas do dia, rumo a Perdiz Grande. O Capitão Matos Costa, tinha ordens de destruir o reduto de Caraguatá, seguir em direção norte atacando os pequenos redutos, até o encontro com a coluna do General Mesquita.

O silêncio nas matas de Caraguatá é quebrado pelos passos do Sargento Silva e outros dez soldados, que recebem ordens do Capitão para fazer o reconhecimento do terreno, assim atacariam com segurança os fanáticos. O grupo adentra com extrema cautela o reduto de Caraguatá, temerosos que fosse uma armadilha dos surpreendentes rebeldes de São Sebastião. O Sargento Silva, após conferir os primeiros pequenos barracos, certifica-se que se encontram todos vazios, acenando para o Capitão Matos Costa, e em questão de segundos, a rua empoeirada de Caraguatá estava repleta de soldados legalistas.

O Capitão estranha encontrar o reduto completamente vazio, receoso que fosse uma tática dos fanáticos, determina que incendeiem todos os barracos. Caraguatá transforma-se numa tocha incandescente, podendo ser avistado a quase vinte quilômetros do local. Em seguida ordena para marcharem rumo a Perdiz Grande, onde pretendia pernoitar com sua tropa e assim que chegam aos arredores da vila, manda que todos improvisem as barracas de campanha.

No final da madrugada, o Capitão ordena o toque de despertar, seguindo rumo ao reduto de Perdizinhas. Outra vez, manda o Sargento e os mesmos dez soldados para fazer o reconhecimento do terreno. Eles entram com cautela no reduto, estranham porque também se encontrava vazio. Verificam os arredores, só então acenam para o restante das tropas,

avisando que o perímetro do reduto estava tranquilo. Em questão de minutos, Perdizinhas também se transforma numa tocha incandescente.

Capitão Matos Costa fica apreensivo com os redutos abandonados, e este decide retornar com a coluna a Perdiz Grande, onde pretendia aguardar novas ordens do General Mesquita. Resolveu não prosseguir conforme os planos, porque temia que os fanáticos os surpreendessem no meio do caminho. A força militar republicana começava a respeitar os humildes sertanejos, porque sabiam que eles não tinham mais nada para perder, a não ser as suas vidas miseráveis.

O Caçador Transforma-se em Caça

Maio de 1914, a coluna do General Mesquita, composta de novecentos soldados e duas peças de artilharia chega à vila Nova de Timbó e acampam na fazenda dos Pardos. Partem de madrugada sob uma forte neblina, chegando à beira do Rio Timbozinho, quando o sol estava se pondo no horizonte. O General manda montar as barracas de campanha determina ao Coronel Dinarte coordenar os grupos de vigilância, enquanto o restante deveria descansar, pois iniciariam a construção da ponte improvisada ainda de madrugada.

Ainda era noite, quando o Tenente Campos escala duzentos soldados para o corte de árvores, retornando três horas depois com dezenas de toras, puxadas por vários cavalos e mulas. O General coordena os trabalhos de preparação do terreno e a construção da ponte, sendo auxiliado pelo Tenente Campos e os seus soldados, enquanto o Coronel Dinarte, no comando de cem soldados fica incumbido na vigilância nos arredores, evitando um ataque surpresa dos rebeldes.

O trabalho na construção da ponte no Rio Timbozinho, desenrola-se na maior tranquilidade até ao meio-dia e quando estavam preparando-se para almoçar, são surpreendidos por dezenas de tiros vindos do interior da mata. Coronel Dinarte ordenou aos atiradores da artilharia que disparassem na mata, derrubando várias árvores, mas não conseguem descobrir a localização exata dos atacantes. Os soldados atiram em todas as direções, também não acertando em nenhum inimigo.

Coronel Dinarte manda os soldados verificarem os arredores, que retornam minutos depois, informando-o que todos tinham desaparecido e que somente, encontraram vários projéteis no interior da mata. O restante do dia transcorre na maior tranquilidade, fazendo que terminassem seu trabalho no início da noite. O dia amanhece envolto por uma densa neblina e o sol, timidamente rompe-a, transformando o clima um pouco mais agradável.

General Mesquita divide as tropas em três colunas: A 1ª coluna com trezentos soldados, sob o comando do Coronel Dinarte atacaria no sentido norte-oeste. A 2ª coluna com trezentos soldados, sob o comando do General atacaria no sentido norte-leste. A 3ª coluna também com trezentos soldados, sob o comando do Tenente Campos atacaria no sentido norte-centro-oeste.

As três colunas tomam a direção do reduto de Santo Antônio, ninguém sequer imaginava a armadilha que o destino tinha lhes reservado, onde muitos ficariam gravemente feridos e outros tantos perderiam a vida, e novamente a imagem do exército republicano ficaria manchada, humilhada pelos simples caboclos de São João Maria.

Os Guerreiros de Santo Antônio

Maio de 1914, o Comandante interino, Elias de Moraes, divide os líderes e membros da irmandade em diversos redutos na região, tais como: Bom Sossego, Pedras Brancas, São Sebastião, Tamanduá, Poço Preto, Reinhardt, Raiz da Serra, Coruja, Traição, Cemitério,

Conrado Globber, Aleixo, Tapera, Perdizes, Butiá Verde, São Pedro e Ferreiros. Sentindo um clima tenso no ar, Elias convoca os líderes que ficaram no reduto de Santo Antônio.

A guerreira, Chica Pelega relata o seu sonho a todos na noite anterior, julgando que foi um aviso de São João Maria, alertando-os que estavam prestes a ser atacado pelos soldados do maldito Hermes. Elias manda Chica e as suas guerreiras levarem os velhos, as mulheres e as crianças para o reduto de Tamanduá.

Venuto e os pares de França fariam um contra-ataque frontal a cavalo, retornando lentamente ao reduto. Aleixo, Alonso, Cirino e Benedito liderariam quatro piquetes de vaqueanos, dois piquetes combateriam no sentido sul-oeste, um piquete atacaria com cem guerreiros e outro com cem guerreiros ficariam na retaguarda. Enquanto um piquete atacava, o outro recuava. Os outros dois piquetes com duzentos guerreiros fariam o mesmo, só que no sentido sul-leste. Enquanto Elias ficaria com um grupo de duzentos guerreiros no centro do reduto, Adeodato comandaria e espalharia na mata trezentos guerreiros nos arredores do reduto.

Comandante Elias os alerta que, acaso não suportassem o ataque das tropas legalistas, deveriam retirar-se do reduto, andando pelo menos um quilômetro em círculo para confundir-los, e só então, deveriam seguir para o reduto de Tamanduá.

À quase três quilômetros de Santo Antônio, a expedição do General Mesquita dividiu-se em três colunas. Uma coluna, sob o comando do General segue no sentido norte-oeste, outra sob o comando do Coronel Dinarte segue no sentido norte-leste e a última sob o comando do Tenente Campos, segue no sentido norte-centro-oeste. As três colunas caminham cautelosamente por picadas, carreiros e na mata quase fechada, não se confrontando com os rebeldes, evitando assim, o fator surpresa.

O líder Benedito julga ouvir um barulho de galhos quebrados, vindo um pouco distante do local onde estavam, levanta a mão direita como um sinal de alerta aos demais, ordena aos vaqueanos procurarem abrigo atrás das árvores, e permanecerem em completo silêncio até os soldados estarem em distância de tiro. O clima de tensão intensa recai sobre Benedito e os vaqueanos. Os segundos pareciam inacabáveis e mortais, cada um deles podia sentir o bater descompassado de seu coração. O cheiro de morte estava impregnado naquele local. Ainda um pouco distante, Benedito olha atentamente o Coronel Dinarte e os trezentos soldados caminhando cautelosamente, mantendo uma formação cinco filas. Quando se encontravam a trinta metros de distância, Bendito e os seus vaqueanos gritam ensandecidos: - Viva São João Maria! Viva a monarquia! Morte aos infieis!

Coronel Dinarte e os soldados surpreendidos pelo repentino ataque dos fanáticos recuam desesperadamente, buscando proteção nas inúmeras árvores à beira da mata. Benedito manda o seu piquete recuar, assumindo o ataque Cirino e os seus vaqueanos, ora um e ora o outro.

No sentido norte-oeste, a coluna do General Mesquita escuta a constante onda de disparos, onde a coluna do Coronel Dinarte tinha se direcionado, com certeza, estavam confrontando-se com os rebeldes. Nesse momento são alvos de centenas de disparos, acompanhados por gritos assustadores, deixando-os completamente surpresos e perdidos.

Os piquetes de vaqueanos, de Aleixo e Chico Alonso, atiram contra a coluna do General Mesquita. Os líderes vêem os soldados legalistas recuarem e tornam a avançar contra eles, então passam a usar a mesma tática de guerrilha na mata, enquanto um piquete atacava, o outro recuava, e assim vice e versa. O objetivo principal era levá-los ao encontro dos guerreiros de Adeodato e ao piquete de Elias na entrada do reduto, pegando-os num fogo cruzado mortal.

No sentido norte-centro-oeste, Venuto, os pares de França e cem guerreiros, davam confronto frontal nas trincheiras com a coluna do Tenente Campos. O mesmo é obrigado a ordenar para os soldados que recuassem, ao contrário seriam trucidados pelos disparos

certeiros dos fanáticos. O Tenente, vendo que a fuzilaria diminuiu, manda avançar com extrema cautela.

Enquanto isso, no sentido norte-leste, a coluna do Coronel Dinarte enfrentava os piquetes de vaqueanos de Cirino e de seu filho Benedito. No sentido norte-oeste, a coluna do General Mesquita enfrentava os piquetes de Aleixo e Chico Alonso. Apesar da grande experiência militar em combate do General Mesquita, Coronel Dinarte e Tenente Campos seguiam em direção de uma inesperada armadilha fatal.

As três colunas republicanas se conscientizam da astúcia e tenacidade do inimigo, somente quando um inferno de disparos parece desabar sobre suas cabeças. Os comandantes e os soldados estavam completamente perdidos diante das centenas de tiros, fazendo dezenas de mortes e deixando vários feridos. Mas o que deixavam todos mais apavorados eram os gritos ensandecidos dos fanáticos, revelando que não temiam a morte, muito menos os republicanos.

Diante de várias baixas, os atiradores da artilharia conseguem assentar um dos canhões, diversas granadas explodem contra a mata, confundindo-se com os relâmpagos e trovões, derrubando as árvores menores, despedaçando galhos, levantando uma nuvem de poeira e abrindo uma pequena cratera no chão. As poucas granadas que caem entre os guerreiros fanáticos, jogavam muitos corpos ao longe, ferindo-os mortalmente ou despedaçando-os. Os líderes dos fanáticos ordenam aos sobreviventes saírem da linha de tiro da artilharia dos legalistas, buscando proteção atrás dos centenários pinheiros.

O Comandante interino Elias, ordena aos outros piquetes de vaqueanos que recuassem, enquanto o seu piquete e os pares de França davam cobertura. A coluna do Tenente Campos entra em Santo Antônio atirando contra os últimos fugitivos. O grupo de soldados vê que um dos rebeldes atirava próximo da igreja, então avançam sobre ele e aprisiona-o. Levam-no imediatamente à presença do Tenente Campos, que o degola sem nenhuma piedade ou remorso. O fatídico acontecimento é presenciado por Elias e Venuto, que juram vingança contra o oficial republicano.

Desaba uma forte tempestade, fortes rajadas de vento e chuva torrencial, como fosse uma vontade de Deus para lavar os rastos de sangue, deixado na mata e no reduto fanático. General Mesquita manda os soldados reunirem os porcos e as galinhas, em seguida retira-se em direção de Vila Nova do Timbó.

Benedito escolhe seis de seus guerreiros, decide espionar o que estava acontecendo no reduto dominado pelos legalistas. Aproxima-se cautelosamente do local em que se encontram os oficiais, onde escuta as ordens do General para partirem para Vila Nova. Recua lentamente em silêncio, reunindo-se com os demais líderes, informando os planos do oficial republicano.

Elias decide armar uma tocaia nas proximidades de Vila Nova, manda Benedito, Cirino, Aleixo e Chico Alonso com os seus piquetes, que seguissem ao norte do antigo atalho à Vila de Santo Antônio do Timbozinho. Enquanto que ele, Venuto e os pares de França seguiriam ao sul pela estrada velha, encontrando-se nas proximidades da entrada da Vila Nova do Timbó.

As três colunas legalistas e os piquetes de vaqueanos rebeldes enfrentam a constante chuva à noite toda. Os dois grupos rebeldes aceleram o passo para conseguir chegar antes das tropas militares do maldito Hermes. Ao final da noite a chuva deu um descanso, facilitando a caminhada de ambos os lados. O primeiro piquete fanático chega ao início da manhã, o segundo chega próximo ao meio-dia. Elias reúne-se com os chefes de vaqueanos e orienta-os de seu plano de ataque surpresa aos legalistas.

As colunas do General Mesquita também chegam às proximidades da Vila Nova de Timbó, próximo ao meio-dia. Ele ordena que os soldados montem as barracas de campanha. Aproveitando o momento, o comandante Elias ordena aos vaqueanos para disparar continuamente contra os soldados e oficiais.

General Mesquita vendo que estavam numa situação desfavorável, ordena que a coluna do Coronel Dinarte o proteja na retirada da coluna dele e do Tenente Campos, em seguida as duas colunas protegeriam a retirada da coluna do Coronel, seguindo em direção de Porto União.

Benedito vendo que o Tenente Campos recuava nas proximidades da mata, espera a melhor oportunidade para fazê-lo prisioneiro. O momento surge depois de uns instantes de espera, ele aproxima-se pelas costas do Tenente, dá-lhe uma coronhada em sua cabeça e este acabou caindo desacordado no chão. Ele e mais dois guerreiros puxam-no para dentro da mata, colocam-no num cavalo e o levam até o ponto de encontro dos rebeldes.

Elias manda jogar um pouco de água no rosto do Tenente Campos, acordando-o. Ele olha assustado para os rebeldes que o rodeavam. Elias o interroga uns minutos, visando saber para onde as colunas do General estavam indo, então ele confessa imediatamente o seu destino. Em seguida, Elias manda que Adeodato faça o mesmo que o Tenente tinha feito com o guerreiro José Alves. Ele não deixa o Tenente esboçar nenhuma reação, e a sua cabeça rola no chão com um forte golpe de seu afiado facão de aço.

Benedito grita ensandecido: Viva São João Maria! Viva a monarquia! E os demais, respondem ao chamado de guerra e seguem rumo ao reduto de Tamanduá. O comandante Elias, manda enterrar os vinte e cinco guerreiros mortos e a ajudar os guerreiros feridos em combate. Os fanáticos encontravam-se exaustos diante da batalha, e também por estarem até aquele momento sem dormir um instante. Enquanto isso, a expedição militar do General Mesquita encontrava-se à quase dois quilômetros dali, ainda caminhavam alertas, temendo um ataque dos rebeldes.

No caminho, o General Mesquita informa ao Coronel Dinarte que, pediria demissão assim que chegasse à Vila de Porto União, alegando que não queria morrer longe de sua família. O Coronel fica em silêncio, porque diversas vezes tinha passado em sua mente o mesmo pensamento apavorante.

A expedição do General Mesquita levava os corpos dos quinze soldados mortos e quatorze feridos em combate contra os fanáticos. O inferno rebelde começava a esquentar as cabeças dos republicanos em Curitiba, Florianópolis e Rio de Janeiro. O ignorante sertanejo do contestado passara de cordeiro a fera perigosa, que precisava ser exterminado o mais rápido possível da face da terra e do mundo dos mortais.

Inferno na Região Militar de Curitiba

Junho de 1914, o General Carlos Frederico de Mesquita, envia um extenso telegrama ao Ministro da guerra, Vespasiano de Albuquerque, relatando a sua campanha na área do contestado e soltando críticas diretas contra o poder provinciano e republicano:

“Solicitei o regresso das forças aos quartéis de origem por se acharem elas extremas, sem roupas e grande parte atacadas de reumatismo e bronquite. Solicito a minha exoneração do exército republicano por ter concluído a minha missão. Não me compete mais andar com as forças federais à caça de bandidos, como um Capitão do Mato em tempos de escravatura. Aos governos do Paraná e de Santa Catarina compete, com as forças policiais, exterminar os bandidos que aparecem. Em parte, a culpa é dos referidos governos que descurem de instrução, deixando a ignorância campear livremente, chegando ao fanatismo e a constituir grupos, como o que acabo de aniquilar numa luta inglória”.

General Mesquita recebe a resposta do Ministro Albuquerque, solicitando que o Capitão Matos Costa assumisse provisoriamente a inspetoria da 11ª região militar, até a chegada do General Fernando Setembrino de Carvalho. Ao saber das ordens do Ministro, o Capitão Matos Costa surpreende-se com a decisão, não restando outra opção senão de cumprir a determinação do comando superior.

O General alerta Matos Costa sobre o seu grave erro, pois muitas vezes, agira com o coração e com muito sentimento humanitário, e existem momentos em que essas duas coisas não cabem na realidade militar, porque era necessário ser desumano e ser cego no cumprimento das ordens superiores. O General parte para o Rio de Janeiro no final da tarde, desejando sorte ao novo inspetor.

Capitão Matos Costa sequer imaginava que, com a sua nomeação viria a conhecer as reais causas da Guerra do Contestado e o segredo do poder dos coronéis provincianos, que o levaria à morte, destruindo a última esperança de paz no sertão.

Ataque Rebelde à Vila Canoinhas

Julho de 1914, os líderes espíões Antônio Tavares e Alemãozinho, trazem a ordem do comandante interino, Elias de Moraes, endereçado a todos os comandantes de fanáticos na região norte do contestado: Bonifácio José dos Santos - Bonifácio Papudo, Paulino Pereira, Carneirinho, Sebastião Campos, Gustavo Reinhardt, Estanislau Schumann, onde os ordenava que atacassem a vila de Canoinhas.

Antônio Tavares e Alemãozinho decidem ir à vila, certificar-se de todas as suas defesas. Assim que chegam à entrada, são recebidos pelos vigilantes e soldados com certa hostilidade. Mas ao reconhecerem Tavares, o clima tenso se evapora, informa-o que estavam preparados para um ataque de jagunços. Sem despertarem suspeita, os espíões retiram-se da vila e retornam ao local de encontro com Bonifácio, e alerta-o que a vila estava muito bem guarnecida por vigilantes e soldados legalistas.

Apesar dos líderes saberem desse fato, decide continuar com os planos iniciais, atacar e incendiar todas as casas de Canoinhas. Bonifácio informa aos dois espíões que não participariam do ataque, e que deveria partir o quanto antes, ninguém poderia ligá-los com eles. Os dois partem em direção da vila de Perdiz Grande.

Bonifácio e os seus guerreiros atacam a vila às duas horas da madrugada, porque tinham poucos vigilantes e soldados nas trincheiras, em sua maioria devia estar descansando. Bonifácio ataca pela entrada principal, Carneirinho ataca na entrada norte e Paulino ataca na entrada leste.

O ataque rebelde continua por quase duas horas, atiram contra os vigilantes e soldados, que se refugiam no interior das casas. Bonifácio vê já chegaram ao objetivo, ordena para recolherem os feridos e se retiram gritando ensandecidos da vila, deixando atrás várias casas em chamas e dezenas de mortos e feridos.

Os vigilantes, soldados e moradores procuram às pressas tudo o que pudesse transportar água, e tentam apagar as casas em chamas. O que ninguém sequer imaginava, é que viriam outros incêndios muito piores que aquele. Muitos outros incêndios, que poriam a área contestada no mais completo pavor. Estava lançada a guerra injusta no sul do país, onde muitos membros de famílias estariam em lugares opostos, e apesar de ter o mesmo sangue, chegariam a matar-se e se tornariam inimigos mortais.

O Capitão da Verdade e Justiça

Julho de 1914, o Capitão João Teixeira de Matos Costa assume como inspetor da 11^a região militar, com sede em Curitiba na capital paranaense. Deixa o Coronel Dinarte de Aleluia Pires no comando, e decide investigar pessoalmente a crise fanática no contestado.

Ele envia três telegramas: um endereçado ao governador Felipe Schmidt de Santa Catarina, outro ao governador Carlos Cavalcânti do Paraná e o último, endereçado ao Ministro da guerra Vespasiano de Albuquerque no Rio de Janeiro, informando que precisaria

se ausentar da inspetoria, porque precisava coordenar pessoalmente as unidades militares no próprio local, visando manter a ordem no sertão contestado.

Capitão Matos Costa embarca no trem rumo ao norte de Santa Catarina. A locomotiva percorre os trilhos da intriga, chega a Porto União no final da tarde. Imediatamente procura uma pensão, onde pretendia tomar um banho, tirar a farda militar e vestir roupas simples de civil. O Capitão vai até o quartel militar da vila, fingindo ser um fazendeiro do norte do Paraná, interessado em comprar terras naquela região. Em poucos minutos de conversa com um de seus sargentos, soube que Canoinhas tinha sido atacada no mês anterior, e outras vilas também sofreram ataques da irmandade de São Sebastião.

Ele vai à ferraria para comprar uma carroça, consegue uma por cinco mil réis, depois de pechinchar muito, porque o ferreiro Manoel era um teimoso emigrante italiano. Após dirige-se para a pensão para descansar, pretendia partir no outro dia bem cedo para Canoinhas. O dia estava amanhecendo ao meio de uma forte neblina, quando o Capitão parte rumo à vila. Só que agora, estava disfarçado de caixeiro viajante, que vendia peças de bijuterias e muitas outras peças de utilidade do humilde caboclo do sertão.

No caminho passa por fazendas e pequenas vilas, vendendo e assuntando sobre o problema rebelde na região. Soube por um antigo morador nos arredores de Canoinhas da localização do reduto de Piedade - Bonifácio Papudo, e prossegue na direção indicada. Quando se encontrava num atalho nas proximidades do reduto, é abordado com certa hostilidade por Carneirinho e o seu piquete de vaqueano. A desconfiança evapora-se depois de mostrar os seus produtos, então, o líder até prontifica-se em levá-lo até Piedade e apresentá-lo ao seu comandante.

No caminho, o Capitão tenta por várias vezes puxar conversa com Carneirinho, mas ele manteve-se arredio e respondia às perguntas secamente. Ao ver que não conseguiria tirar nada dele, resolve expor a sua identidade, revelando que era o novo inspetor militar.

Carneirinho surpreende-se com a revelação, julgando que o Capitão tinha muita coragem ou era louco, infiltrando-se entre os fanáticos e diz que se fosse descoberto a sua vida não valeria nada. Só então, começa a relatar os reais fatos que levaram a irmandade a se revoltar, e também a contar dos principais motivos da guerra. Informa ao Capitão que, o Coronel Felipe de Santa Catarina, Carlos Cavalcânti e Afonso Alves de Camargo do Paraná, Coronel Albuquerque de Curitiba, Coronel Fabrício de Canoinhas e muitos outros coronéis das províncias, estavam envolvidos na cobrança ilegal de impostos e falsificações de dinheiro republicano. E o pior de tudo, que haviam expulsado os sertanejos de suas terras, vendido os pinheiros para a serraria Lumber e em seguida vendido os títulos de terras aos emigrantes e a outros caboclos, tornando a expulsá-los e revendendo as terras novamente.

Carneirinho ensina-lhe a localização do reduto de Pinhalzinho, onde Antônio Tavares era líder da irmandade de São Sebastião. Outra vez, é recebido com hostilidade por Pedro de Sousa e o seu piquete, que faziam a vigilância nas imediações do reduto. Informa ao líder dos vaqueanos que, conhecia o Tavares e trazia um recado de Bonifácio de Canoinhas. Pedro, tendo receio de ser chamar a atenção, resolve levá-lo pessoalmente o caixeiro viajante até o comandante.

Alemãozinho conversava com Tavares, quando Pedro e o Capitão entram no pequeno barraco, ele reconhece-o imediatamente, ordena para o Pedro retornar a vigilância, assim poderiam falar com tranquilidade.

Alemãozinho e Tavares mantêm as acusações de Carneirinho, inclusive com o depoimento de Chico Ruivo - ex-capanga do Coronel Fabrício, onde endossou as muitas acusações contra o corrupto poder republicano. Capitão Matos Costa parte para Canoinhas, vai ao correio e passa vários telegramas: ao Coronel Felipe de Santa Catarina, a Carlos Cavalcânti do Paraná, ao Coronel Dinarte na inspetoria militar, ao Ministro da guerra -

Vespasiano de Albuquerque, ao Senador Pinheiro Machado e ao Presidente Hermes da Fonseca no Rio de Janeiro.

Matos Costa reinicia a sua peregrinação aos redutos da irmandade: Pinheiros, Irani, Caraguatá, Santo Antônio, Tamanduá, Pedras Brancas, Poço Preto, Reinhardt, Raiz da Serra, Coruja, Traição, Cemitério, Conrado Gloor, Aleixo, Caçadorzinho, Tapera, Monte Castelo, Perdizes, Perdizinha, Butiá Verde, São Miguel, São Pedro, Caçador, Timbó Grande, Timbozinho e Bom Sossego. Ao percorrer os dez primeiros redutos, já tinha vendido toda a sua mercadoria, sendo obrigado a improvisar. Disfarça-se de dentista, mágico, barbeiro e até mesmo de tropeiro. O Capitão, após dois meses percorrendo os redutos de fanáticos, decide retornar à inspetoria militar em Curitiba.

No reduto de Bom Sossego, o comandante interino Elias de Moraes, confia-lhe que a paz retornaria ao sertão, mas o governo republicano teria de abrir mão de muitas coisas impossíveis, porque era a alma de sua natureza corrupta e injusta. Teriam de devolver a terra que foi roubada pelos coronéis das províncias e que venderam aos emigrantes estrangeiros. Acabar com os títulos de terras, com os coronéis nas províncias. O povo teria de participar do poder democraticamente, e não somente os ricos fazendeiros e comerciantes. Teriam de prender todos os ladrões de terras, não importando ser Coronel, político, estrangeiro ou vaqueano. Teriam de acabar com a república, proclamando novamente a monarquia. Por esses motivos, Elias tinha completamente certeza ser impossível de tornar-se realidade.

Nessa reunião com os líderes dos fanáticos, conhece e encanta-se com a beleza da guerreira Maria Rosa. Elias manda Maria Rosa acompanhá-lo até a estrada principal, em seguida retorna a Bom Sossego. Enquanto isso, o Capitão fica observando-a desaparecer entre a estrada e a mata quase fechada. Alguma coisa dentro de seu peito lhe dizia que, a sua felicidade estava escapando das mãos a galope, e o pior de tudo, tinha certeza que, não poderia fazer nada para mudar o seu destino. Sentia um forte sentimento de perda, um pressentimento que seria a última vez, que veria aquela menina com corpo de mulher, uma verdadeira guerreira da vida. Matos Costa nem imaginava que, as forças corruptas da república fariam tudo para cortar os seus passos, ou até mesmo a sua própria vida.

Capitão Matos Costa entre as Feras Republicanas

Agosto de 1914, o Capitão Matos Costa segue até a estação de Caçador, onde vende a carroça ao comerciante alemão, Guilherme Gaertner, prosseguindo o restante do caminho de trem até a estação em Curitiba. Ao chegar na 11ª região militar é recebido pelo Coronel Dinarte, mas mantinha um olhar de preocupação. Imediatamente o Capitão começa a relatar tudo o que descobriu em suas investigações entre os fanáticos, deixando o Coronel mais preocupado com a atual situação.

Coronel Dinarte informa-o, que o Ministro da guerra ordenou para que viajasse imediatamente para o Rio de Janeiro, onde deveria prestar contas de seus atos de irresponsabilidade, também depor no parlamento sobre as denúncias contra pessoas ilustres e poderosas no governo republicano. Alerta-o que deveria preparar em detalhes a sua defesa, do contrário poderia ser expulso do exército e responder processo civil e militar. Dinarte aconselha-o, que somente conte com o apoio do Deputado federal Manoel Correia de Freitas, Senador Lauro Müller, talvez uns poucos parlamentares liberais e o Senador Vidal Ramos.

Capitão Matos Costa dirige-se a seu alojamento, prepara as suas coisas para partir na sua nova missão, só que dessa vez julgava que seria quase impossível de realizar. Na certa as feras republicanas queriam a sua cabeça. Ele tinha um forte pressentimento que algo muito grave, encontrava à sua espera no Rio de Janeiro ou talvez até na região contestada.

Não sabia ao certo, mas alguma coisa lhe dizia que devia aproveitar cada instante, porque a sua vida teria um destino não muito agradável. O Coronel Dinarte e dois soldados levam-no numa pequena carruagem até a estação da capital.

Assim que o Capitão entra no vagão de passageiros, o trem parte em direção de São Paulo. Ele percorre toda a tarde, a noite inteira e uma parte da manhã para chegar à capital paulista. O Capitão aguarda a próxima partida até uma da tarde, só então embarca em outro trem com destino ao Rio de Janeiro. A locomotiva chega à capital federal perto de uma hora da madrugada e ele decide alojar-se numa pensão ao lado da estação e só no princípio da manhã se apresentaria ao Ministro Vespasiano.

Apesar de estar muito cansado com as constantes viagens, consegue recuperar um pouco as suas energias e o seu estado de tensão emocional. O dono da pensão lhe acorda às quatro horas da madrugada, conforme tinha pedido anteriormente. Quebra tranquilamente o seu desjejum, retirando-se da pensão para enfrentar as feras republicanas. Aproximadamente a uns duzentos metros à frente, embarca numa das dezenas de enormes carroças para o transporte de passageiros puxados por oito fortes e vistosos cavalos que era explorado pelo grupo Farquhar. Após uma hora de viagem, desembarca em frente ao palácio dos ministérios. O Capitão olha por uns instantes o majestoso complexo ministerial, suspira forte e adentra a sede do ministério da guerra, apresenta-se ao Ministro Vespasiano de Albuquerque.

O Ministro recebe-o com certa hostilidade, devido ao inferno que tinha criado em suas denúncias em diversas áreas do governo, inclusive com o Presidente Hermes da Fonseca, que solicita a demissão imediatamente do Capitão Matos Costa. Mas ao ver os documentos apresentados, certificam-se da veracidade das denúncias e a bomba que estava prestes a cair no parlamento federal.

O Capitão e o Ministro embarcam numa luxuosa carruagem e tomam a direção do parlamento federal. No caminho Vespasiano relata a real situação, alertando-o sobre as possíveis agressões verbais dos políticos envolvidos em suas denúncias, mas tranquiliza-o informando que podia contar com o seu apoio e que teria um enorme prazer em colocar os chacais em seus devidos lugares. Os dois adentram a sala de reunião no parlamento e são recebidos pelos Deputados e Senadores com olhares de revolta e curiosidade, julgando pelos rumores que ecoaram na sala.

Capitão Matos Costa é intimado pelo presidente do parlamento a relatar a todos os motivos de suas acusações, inclusive apresentar as devidas provas, ao contrário ele estaria numa situação crítica. O Capitão tranquilamente inicia o relato, sob os olhares atentos de todos os parlamentares:

Assim que assumi a inspetoria da décima primeira região militar, com sede em Curitiba na capital paranaense, decidi por conta própria, investigar o real motivo da revolta dos fanáticos na região do contestado, entre os estados de Santa Catarina e do Paraná. Percorri por quase dois meses os sertões, ouvindo depoimentos dos rebeldes e juntando provas para apresentar a todos os senhores.

Bom... Prosseguindo senhores. Primeiramente quero esclarecer uns pontos que foram cruciais nesses acontecimentos no contestado: Quando o governo republicano sacramentou a concessão da estrada de ferro de São Paulo ao Rio Grande do Sul, não sei se, porque não tinham conhecimento ou por um simples regime autoritário... Além de pagar vinte contos de réis, passando depois para quarenta contos de réis o quilômetro construído. Forneciam também a mão-de-obra bruta de prisioneiros políticos, marginais de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, cangaceiros e jagunços do norte e nordeste e cediam mais quinze quilômetros de ambos os lados da ferrovia. Só que nessa área de terra, já existiam caboclos que viviam há mais de um século e que herdaram legalmente de seus antepassados.

De repente, aparecem os vigilantes do grupo Farquhar, piquetes de vaqueanos assalariados pelos coronéis das províncias e pelo Percival Farquhar, expulsando-os de suas

terras, alegando que não eram mais suas, porque não possuíam os títulos de posse da república, e que o governo republicano tinha dado posse ao grupo e já tinham vendidos aos emigrantes europeus. Percival que era um grande capitalista republicano, viu que a mina de ouro não era as terras, mas a sua riqueza natural. Monta diversas serrarias nas áreas de concessão, devastando quase por completo os seculares pinheiros, imbuías e exportando para América do Norte e Europa. Além de tudo isso, cedia o direito do grupo administrar por várias décadas a ferrovia, na época um tremendo negócio da China.

Bom senhores, não estou aqui para dizer, o que a república fez de errado ou certo. Mas foram coisas que trouxe complicações a região contestada, vindo agravar mais a situação miserável no sertão. Com o termino da ferrovia, trinta por cento dos empregados foram abandonados numa terra estranha e deixando-os jogados a sua própria sorte, enquanto que os restantes foram levados para construção da ferrovia Madeira Mamoré no Amazonas. À frente do abandono da construtora, eles souberam que na irmandade de São Sebastião ou dos fanáticos na área do contestado, era a famosa terra prometida bíblica, resolveram emigrar para o local.

Senhores, até esse momento, os fanáticos somente cuidavam de suas crenças, mantendo sempre o clima de inteira paz. Mas com a chegada dos jagunços de Conselheiro de Canudos, cangaceiros do nordeste, oficiais e soldados da Revolução Federalista, a adesão de grandes fazendeiros e comerciantes nas províncias, juntando os que foram expulsos de suas terras, passa a partir desse momento se organizar, recebem treinamento militar com os mais experientes.

Como eu já disse, o clima era de paz, mas com a chegada desse violento grupo rebelde, acabaram assumindo cargos importantes entre os fanáticos, mudando completamente a direção dos fatos e de seus atos. Os coronéis provincianos, inclusive o Coronel Felipe Schmidt de Santa Catarina, Carlos Cavalcanti e Dr. Afonso Alves de Camargo do Paraná, Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque de Curitiba, Coronel Fabrício Vieira das Neves de Canoinhas, inclusive vários Deputados e Senadores viram que os pinheiros, as imbuías e as terras era uma mina de ouro, devido à grande guerra mundial, muitas famílias fugiam de sua terra natal e emigravam na área do contestado.

No restante da área dos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso, Espírito Santo e diversos estados do Brasil, mas isso não vem ao caso nesse momento. Como já disse, ao verem essa mina de ouro, passam a expulsar os caboclos de suas terras, vendem os pinheiros e imbuías a Lumber Company, em seguida vendem as terras aos emigrantes. Após tornam a expulsá-los e revendem para outros emigrantes.

Pelo que soube, sem nenhuma prova é claro, os Coronéis corruptos compraram uma máquina de impressão na Europa, e sob o comando de João Fagundes passaram a falsificar dinheiro republicano, espalhando na região do contestado, por ser uma região de conflito constante. Após esse fato fraudulento, passaram a forçar os seus legítimos proprietários a vender suas terras, pagando-os com o dinheiro falso.

Prosseguindo senhores, para complicar mais a situação na região, esses Coronéis contratam vaqueanos para se infiltrar entre os fanáticos, com intuito de criar mais tumulto no contestado, forçando assim que o governo e parlamentares definissem a divisa dos dois estados. Existe também a cobrança ilegal de impostos de ambos os estados, o que levou muitos pequenos fazendeiros e comerciantes à falência. Denuncio aqui também, que muitas dessas terras estão sendo vendidas a ricos comerciantes, advogados, amigos e famílias de políticos, até para grandes fazendeiros das capitais. Alerto que ainda continuam a expulsar os sertanejos de suas terras, vendendo-as para pessoas que sequer sabem onde ficam as suas propriedades adquiridas.

Eu vim para o Rio de Janeiro, sabia que poderia enfrentar a corte marcial, a expulsão do exército, até mesmo um processo civil e militar. Mas existe uma coisa que os senhores nunca vão conseguir tirar de mim: a verdade dos fatos e a minha consciência.

A partir de hoje, digo com certeza senhores, vou conseguir dormir em paz comigo mesmo, fiz tudo o que podia a favor desses miseráveis do sertão. Sinceramente, espero que os senhores também estejam com as suas consciências em paz a partir de hoje, podendo encarar a sua mulher, seus filhos e até mesmo os seus amigos. Do contrário senhores, vou sentir muita pena por tomarem uma atitude inconsciente e lamentável. Deixarei agora com os senhores, a pasta com todo o conteúdo de minhas investigações. Nela vocês encontrarão o dinheiro falso, os títulos de terras vendidos até três vezes seguidas, a nota fiscal dos impostos cobrados indevidamente e muitos outros documentos que comprometem muitas pessoas influentes no governo. Obrigado por terem muita paciência comigo e por me ouvirem, espero que tenha esclarecido alguma dúvida sobre a minha pessoa e sobre o conflito no contestado.

Os lobos da república imaginavam, que iriam se alimentar com a carne do cordeiro, e o mesmo se revelou ser mais esperto e mortal que o próprio lobo. Desaba um inferno entre os parlamentares, que trocam acusações, surgindo várias agressões verbais. Capitão Matos Costa, o Deputado de Freitas, Senador Lauro Müller e o Ministro Vespasiano abandonam a sala deixando um inferno entre os lobos da república.

Capitão Matos Costa deixa a Capital Federal no início do dia seguinte e embarca no trem de passageiros rumo à São Paulo e após à capital paranaense. A cada segundo que a locomotiva se aproximava de seu destino, sentia um aperto em seu coração, como se estivesse pressentindo que a sombra da morte encontrava-se a seu lado e que o seu destino já estava selado. Mas sentia também, que a sua consciência estava em paz, se acaso a morte o visitasse naquele momento.

Destruição da Serraria Calmon

Vale Sagrado de Santa Maria

Parte V

Destruição da Serraria Calmon

Setembro de 1914, o gerente da serraria Calmon - filial da Lumber Company, Bob Helling, soube por intermédio de Pedro Ruivo, chefe de um dos piquetes de vaqueanos, sob as ordens do Coronel Fabrício Vieira, que poderiam ser atacados pelos fanáticos. Bob ordena a seus empregados para construir trincheiras com troncos de imbuía em frente à serraria e na estação ferroviária.

Enquanto isso, a três quilômetros do local, encontrava-se Chico Alonso, Adeodato Ramos, Paulino Pereira, Benedito Chato, Chica Pelega, Chico Ventura com mais trezentos guerreiros. A partir desse ponto, percorrem o restante do caminho com extrema cautela. Quando estavam próximos do objetivo, o comandante Chico Alonso divide o grupo em seis, com cinquenta guerreiros, assim atacando-os em todas as direções e aproveitando o fator surpresa incendeiam as pilhas de tábuas e toras de pinheiros e imbuías, principalmente a estação.

Bob vê que estavam em desvantagem no confronto e ordena a Pedro Ruivo e ao chefe dos vigilantes que o deixassem em segurança a serraria Lumber. Assim que os três desapareceram no interior da mata, o comandante Chico Alonso salta da trincheira com o seu cavalo, sendo acompanhados pelos demais líderes e guerreiros. Os vaqueanos e os vigilantes da serraria Calmon se vêem numa situação desesperadora, decidem acompanhar os empregados e fogem rapidamente no mato adentro.

Alonso vendo que todos os vigilantes e vaqueanos debandavam e manda incendiarem tudo, inclusive os pequenos barracos dos empregados e em poucos minutos, as pilhas de toras e tábuas, a estação e a serraria Calmon transformam-se numa enorme fogueira no sertão. Após isso, Chico ordena a todos para retornarem ao reduto de Bom Sossego, onde são recepcionados como heróis, verdadeiros guerreiros do exército encantado de São Sebastião. A partir daquele momento, iniciava-se o Setembro Negro na região do contestado, onde colocariam os dois estados em estado de emergência, e ninguém... Ninguém mesmo estaria em segurança.

Destruição da Vila São João

Setembro de 1914, a população da vila São João não percebe que a revolta fanática tinha incendiado a serraria Calmon, sequer imaginavam que seriam os próximos. O sol desaparece no horizonte e timidamente começava a surgir a lua e as estrelas. Permanecia a mesma paz rotineira na vila.

Os habitantes se recolhiam em suas casas com o intuito de descansar do exaustivo dia de trabalho na lavoura, preparando-se para iniciar novamente o trabalho no final da madrugada. A noite mantinha uma temperatura fria, descendo uma densa neblina sobre a vila São João, acompanhado por um silêncio estranho, que criou um clima sobrenatural nos arredores do sertão.

Próximos da vila estavam os líderes Aleixo Gonçalves, Maria Rosa, Cirino Chato no comando de duzentos guerreiros. Os guerreiros de São Sebastião fazem o percurso até a entrada da vila com extrema cautela, após dividem-se em três grupos de ataque. Aleixo determina para que não matassem as mulheres, velhos e crianças, porém o resto deveria ser executado sumariamente.

Diante do silêncio da noite, Aleixo grita ensandecido: - Viva São Sebastião! Viva São João Maria! - Morte aos estrangeiros! Era à ordem de ataque, um inferno desaba sobre os habitantes da vila, que tentam fugir para a mata. Os vaqueanos adentram nas casas com os seus cavalos, executam todos os homens, conforme as ordens de Aleixo. Depois expulsam das casas os velhos, mulheres e crianças e começam a incendiá-las.

Aleixo ao ver realizado o seu objetivo, ordena aos líderes e guerreiros para retornarem para Bom Sossego. O vento dos rebeldes, os novos jagunços do contestado, começava a espalhar o seu fogo mortal, nada mais conseguiria apagá-lo, a não ser a perda de muitas vidas ignorantes ou inocentes.

A Morte do Capitão Matos Costa

Setembro de 1914, O inspetor da 11ª região militar, Capitão Matos Costa recebe um telegrama de Bob Helling da Lumber Company, informando-o do ataque rebelde à serraria Calmon no dia anterior, onde a serraria, estação, escritório, as casas dos empregados e mais de cem pilhas de madeira foram incendiadas. No violento ataque dos fanáticos, tiveram cinquenta mortos e aproximadamente sessenta funcionários ainda se encontravam perdidos no interior da mata.

Recebe outro telegrama do intendente de Porto União, informando-o que a Vila de São João também foi vítima do ataque fanático, onde mais de cem habitantes foram mortos, inclusive várias mulheres e crianças. Os sobreviventes tiveram de fugir e se embrenhar na mata até chegar a Porto União. Conforme depoimentos de testemunhas, ainda tinham muitas mulheres, velhos e crianças perdidos na mata, ou permaneciam escondidos devido ao pavor com o violento acontecimento.

Diante da gravidade da inesperada situação, o Capitão Matos Costa deixa o Coronel Dinarte no comando da região militar, dirigindo-se no primeiro trem para área do conflito, levando sessenta soldados e dois sargentos. No final da tarde, ele decide desembarcar com os seus soldados em Porto União, fazendo o restante do percurso a cavalo no início da manhã, até a serraria Calmon e vila São João, locais dos ataques rebeldes.

Matos Costa manda todos improvisar um lugar para dormirem porque partiriam antes do amanhecer. Aproximadamente à meia-noite, recebe uma visita inesperada no interior da estação. A líder guerreira Maria Rosa decidiu alertá-lo que, Venuto e os pares de França pretendiam matá-los numa tocaia no caminho. Ela desaparece na escuridão da mesma forma que apareceu, deixando-o completamente confuso e perdido. A partir daquele momento, não consegue dormir, a imagem da bela Maria Rosa permanecia em seus pensamentos, deixando-o muito mais intrigado.

Quando viu ela pela primeira vez no reduto do Taquaruçú, teve uma ligeira impressão de ser tocado por um forte sentimento. Mas a julgar pela própria realidade, era um relacionamento impossível, encontrava-se em lados opostos. Ele um militar e ela uma líder guerreira dos fanáticos. Eram como o sol e lua, sem nenhuma chance de viver um futuro romance.

No caminho, o Capitão decide fazer a última tentativa de paz com os fanáticos, manda que o sargento e os soldados prossigam até a serraria Calmon. Matos Costa parte sozinho em direção do reduto rebelde, levando uma esperança que o levaria à morte. O sargento vendo o perigo que seu comandante estava correndo manda dez soldados ao seu encalço, pois tinham ordens de protegê-lo de qualquer ataque surpresa ou alguma tocaia.

Os soldados percorrem o restante do caminho lentamente a cavalo com extrema cautela, com os olhos e ouvidos atentos a qualquer movimento suspeito. Após quase meia hora no rasto do Capitão, vêem que estava cavalgando tranquilamente no meio de uma área descampada. O soldado Martins estava no comando, vê um brilho próximo da mata, temendo que fosse uma tocaia ao seu oficial superior e atira para cima com o seu fuzil. Nesse mesmo instante, Venuto atira com seu Winchester, transpassando o peito esquerdo do Capitão, que cai mortalmente ferido no gramado com o impacto da bala.

Martins ao ver o Capitão ser alvejado por um disparo, é tomado por um sentimento de ódio e revolta com aquele ato covarde e aos berros ordena para dispararem contra os

fanáticos. Venuto não esperava a existência de mais soldados, manda os pares de França atirar contra eles, não queria ninguém vivo. Apesar de serem todos os soldados experientes em confrontos, são imediatamente abatidos pelos disparos certos da elite dos novos jagunços.

Venuto temendo que surgissem mais soldados desaparece no interior da mata, tomando a direção do reduto de Bom Sossego. Não muito distante do local, Bob Helling, os sargentos e restante dos soldados escutam o tiroteio em direção onde se encontrava o Capitão e os dez soldados, que tinha mandado segui-lo.

O sargento no comando manda os soldados montarem em seus cavalos e partem para o local. Todos temiam que tivesse acontecido o pior com o Capitão e seus companheiros de armas. Ao chegar ao local, encontram todos mortos. O sargento manda os soldados carregarem os mortos, retornando para a serraria Calmon.

Bob Helling ao ver a tragédia, pede para o sargento colocar os corpos do Capitão e dos soldados mortos num dos vagões, embarca com os seus vigilantes em outro vagão, partindo imediatamente para Curitiba. Abate um clima de tristeza e revolta no vagão de passageiros, onde se encontrava os soldados do Capitão Matos Costa.

Naquele momento, morria também, a última chance de paz entre os republicanos e os novos jagunços do contestado. Não só tinha morrido o Capitão Matos Costa, mas também toda a esperança. Agora nada mais segurava as feras republicanas para cometer o completo extermínio dos guerreiros de São Sebastião. Os Coronéis da miséria e os corruptos do poder republicano começariam a traçar o verdadeiro destino, tendo o intuito de trazer o holocausto no sertão.

Revolta Entre os Líderes dos Fanáticos

Setembro de 1914, o comandante interino, Elias de Moraes, aguardava o retorno de Venuto e os pares de França e no dia anterior enviou-os um grupo para verificar a existência de tropas militares na vila de Porto União. Ele estava visivelmente preocupado com a demora do grupo de elite, pois já era para terem retornado a Bom Sossego.

Reúne-se com os demais líderes, decidem partir ao novo reduto no vale de Santa Maria. No caminho Maria Rosa relata-o em detalhes o plano secreto de Venuto e os pares de França contra as tropas do Capitão Matos Costa, onde pretendiam matá-los numa tocaia, sem o seu conhecimento. Venuto julgava o Capitão um perigo, porque conhecia muitos redutos e contava com a admiração de vários comandantes da irmandade.

Os comandantes e confinados da irmandade São Sebastião caminham o dia inteiro, e uma parte da noite e enfim, chegam às proximidades do reduto de Santa Maria. Elias e os demais fanáticos são recebidos pelos líderes: Chico Ventura, Euzébio, Aleixo, Cirino, o seu filho Benedito e os seus piquetes de vaqueanos.

O grupo rebelde segue adiante e no caminho Chico Ventura e Euzébio relata-o em detalhes o cumprimento de todas as suas ordens, enquanto Benedito e Maria Rosa conversam sobre os ataques na serraria Calmon, na vila São João e a tocaia de Venuto e os pares de França contra as tropas do Capitão Matos Costa. Ambos tinham a mesma opinião que não era necessário tanta violência contra eles, só porque não simpatizavam com a irmandade. Ao chegar ao reduto, cada um se ajeita como pode, procurando descansar da longa caminhada.

Horas depois, as estrelas e a escuridão da noite começavam a desaparecer, os raios de sol tentavam romper a densa neblina, muito comum no vale de Santa Maria. O reduto era composto por aproximadamente quatrocentos pequenos barracos, mas já estavam sendo construídos outros para receber os recém-chegados. A igreja e um cruzeiro enorme formavam o quadro santo, onde se reuniam nas romarias e festas a seus santos protetores. O vale de Santa Maria, ao norte, leste e sul era rodeado por um morro inclinado com aproximadamente quinhentos metros, a oeste ficava um pequeno riacho, um banhado e a uns trezentos metros de

distância continuava o morro vindo de outras direções. O vale tinha somente uma estrada e uma entrada, sendo também a única saída do local.

Elias de Moraes pede para Elizinho chamar a sua filha Maria Rosa, pois precisava esclarecer o que ela tinha lhe contado no caminho. Maria Rosa adentra o barraco de comando e antes de qualquer pergunta do comandante, relata visivelmente nervosa que o Capitão tinha aparecido à noite a beira de sua cama, informando-a que fora morto a mando do Senador Pinheiro Machado, Coronel Albuquerque, Coronel Fabrício Vieira, os Coronéis das províncias, os diretores do grupo Farquhar, os governadores dos estados contestados e inclusive o próprio Presidente Hermes da Fonseca. Depois das denúncias e o seu depoimento contra eles no Rio de Janeiro, temiam que ele conseguisse a paz no sertão, com isso perderiam muito dinheiro. Em ocasião da guerra mundial, milhares de emigrantes procuravam terras nos sertões brasileiros, visando fugir do caos dos ditadores e da miséria imposta no continente europeu e asiático.

Comandante Elias comenta a Maria Rosa que se Venuto matasse-os covardemente numa tocaia, na certa teria o mesmo destino. Nesse instante, adentram o barraco Venuto e Adeodato, alegando que tiveram um confronto com os malditos republicanos, conseguindo matar todos eles. Temendo uma reação violenta do comandante Elias, Adeodato desmente a versão de Venuto. Revoltado contra a covardia de Venuto determina que Adeodato execute Venuto, do contrário ele mesmo executaria os dois.

Adeodato e outros dois da elite jagunça levam o líder Venuto a um capão de mato, mas os dois recusam-se a participar da execução, deixando a incumbência a Adeodato. Venuto antes de ser executado, pede a Adeodato que o executasse de frente e não de costas como um covarde, mas ele não atende ao pedido, golpeia suas pernas com o seu fâção de aço, fazendo-o ajoelhar involuntariamente, em seguida executa-o com um tiro de winchester na cabeça. A violência dos fanáticos, agora dos novos jagunços do contestado, começava a se voltar contra eles próprios e a partir daquele momento ninguém mais estaria seguro, nem mesmo os membros da própria irmandade de São Sebastião.

O General Republicano do Holocausto

Setembro de 1914, a morte do Capitão Matos Costa, inspetor da 11ª região militar em Curitiba, cai como bomba entre o alto escalão militar, parlamentares, Ministros e o Presidente Hermes da Fonseca. Todos os jornais do país deram manchete na primeira página, instigado pela sociedade conservacionista e patrocinado pelos desumanos Coronéis provincianos, solicitando uma solução imediata ao problema dos fanáticos na região contestada.

O crime de um militar pacífico que lutou tanto pela paz no sertão da região sul, não poderia ficar impune, teriam de colocar na prisão todos esses marginais que se escondiam atrás de um culto religioso. Diante de tanto tumulto popular na cidade do Rio de Janeiro, inclusive em todo o país e no exterior, o general Hermes da Fonseca convoca uma reunião com o Ministro Vespasiano de Albuquerque, o Ministro das relações exteriores Lauro Müller e os demais Ministros, com o objetivo de solucionar definitivamente a revolta fanática no sul do país.

Presidente Hermes e o seu ministério decidem enviar para a área de conflito, o general Fernando Setembrino de Carvalho, oficial veterano na guerra de Canudos e nas revoltas em outras províncias do país. Incube os Ministros Vespasiano e Lauro a convencê-lo, fornecendo os seus préstimos militares em mais uma revolta.

A princípio o general Setembrino recusou o convite do Ministro da guerra, mas diante do argumento que o indicaria ao ministério da guerra, quando o transferissem para outra pasta no ministério, resolveu aceitá-lo a missão na área de conflito, assim se aposentaria no poder máximo de sua profissão como oficial militar.

General Setembrino parte antes do pôr-do-sol levando todos os seus oficiais num trem de passageiros, gentilmente cedido pelo grupo Farquhar. A locomotiva roda nos trilhos ininterruptamente por toda a noite e também o dia seguinte inteiro, chegando à estação de Curitiba ao anoitecer. O Coronel Dinarte envia uma carroça de passageiros para apanhá-los na estação, levando todos até a região militar. Assim que a comitiva chega, manda o sargento Martins levá-los para as suas novas acomodações. O general ordena que o seu ajudante de ordens, Tenente Antônio Guilhon arrumasse as suas bagagens em seus aposentos, porque pretendia inteirar-se com o Coronel sobre os fanáticos.

Coronel Dinarte informa-lhe que o Capitão Matos Costa reuniu todos os relatórios das expedições militares na área de conflito, como também as manchetes de jornais dos dois estados, os telegramas enviados pelos intendentos da região, de governadores, parlamentares do estado e federal, Ministros e do Presidente Hermes. Ele resolveu reunir todas as informações que julgou importante, assim facilitando a missão do novo inspetor da região.

General Setembrino confidencia ao Coronel Dinarte, que no Rio de Janeiro, o general Mesquita falou muito bem sobre o Capitão Matos Costa e que tinha verdadeira admiração como pessoa e militar. Dinarte procura na pasta dos relatórios e apresenta para Setembrino o dossiê pessoal de Matos Costa:

“O conflito rebelde e revolta dos sertanejos fanatizados na região do contestado, é produto dos Coronéis corruptos e exploradores da miséria no sertão. Toda essa violência é produto da ignorância de quem não teve outros meios para se defender, apegando-se de corpo e alma em filosofias milenares e apocalípticas de antigos monges, que peregrinaram pelo sertão, porque era o único fato verdadeiro que lhes restavam diante de tanta miséria”.

“Numa conversa pessoal com o comandante interino, Elias de Moraes me confidenciou que deporiam todas as suas armas, se expulsassem da região vários Coronéis que estavam ficando ricos com esse conflito. Na mesma conversa outro líder, Chico Alonso alegou que, antes tratava de nossas devoções, não matava e nem roubava, mas vieram os Coronéis e o governo republicano e expulsou os filhos dos brasileiros dos terrenos que pertencia à nação, vendendo tudo aos estrangeiros. Diante disso, tivemos de nos rebelar, fazendo prevalecer os nossos direitos”.

Nessa minha investigação nos redutos rebeldes, vi a existência de centenas de mulheres guerreiras e crianças, prontos para morrerem por tudo o que acreditavam. No momento aquela visão dramática surpreendeu-me e me sensibilizou muito e cheguei a perguntar para mim mesmo, quem realmente eram os rebeldes e os fanáticos nessa história apavorante, se os próprios fanáticos que lutavam por uma esperança e uma perspectiva melhor de vida ou se os Coronéis das províncias e o governo republicano com as suas ambições desmedidas e cruéis? Por dezenas de vezes pensei em pedir demissão do exército brasileiro porque acreditava que sempre lutaria pela razão e pela justiça, mas tudo o que estava à minha frente era muito injusto aos meus olhos.

Se me perguntassem hoje, o que levou a revolta fanática no sertão contestado, responderei com toda a certeza que foi o poder injusto da república. Explicarei o porquê da incorreta cobrança de imposto na região contestada que é devido à ociosidade do império e após da república que não definem os seus limites. A concessão republicana com o grupo Farquhar na construção da estrada de ferro, cedendo os trinta quilômetros no perímetro da ferrovia, complicando mais a situação já crítica, pois nessas áreas de terras existiam sertanejos a centenas de anos que foram expulsos com a alegação de que a terra não lhe possuía, e que já haviam sido vendidas a emigrantes europeus.

Os sertanejos não tinham a quem recorrer ou em quem acreditar e começam a formar os atuais grupos religiosos. Outro fato que tumultuou a situação foi o término da construção da ferrovia, o governo republicano tinha feito um acordo verbal com os presidiários de São Paulo, Rio de Janeiro, jagunços de Canudos do nordeste e cangaceiros do norte, após uma boa

parte deles ficam abandonados nessa região, indo reforçar violentamente a irmandade fanática. A partir desse momento entra outro agravante, os Coronéis provincianos começam a expulsar os poucos sertanejos que não entraram na faixa dos trinta quilômetros da construção e vendem todos os pinheiros e imbuías a Lumber Company, depois revendem as terras a sertanejos, fazendeiros, comerciantes e emigrantes de várias regiões do país. Em seguida obrigam a vender as terras, pagando-os com dinheiro republicano falso sob ameaça armada.

E por último, a quadrilha de Coronéis, que explora a região do contestado contrata vaqueanos para infiltrarem-se entre os rebeldes, muitos deles ocupando cargos de liderança no grupo. Todos esses espiões tinham a missão de agir com extrema violência com os civis, fazendo-os se transformarem na visão de todo o país, de humildes caboclos do sertão em perigosos bandidos, que deveriam ser exterminados da face da terra.

Aqui termino o meu relatório pessoal, não enviarei ao Ministro da guerra porque tenho a certeza da ociosidade e serei crucificado por todos os republicanos. Então deixo aos posteriores inspetores da região militar, com o intuito de ajudá-los no conflito armado no contestado.

Coronel Dinarte retira-se do escritório da inspetoria, deixando o general Setembrino absorvido nos relatórios militar anteriores, inclusive com o dossiê pessoal do Capitão Matos Costa. O general sequer imaginava o que realmente estava em suas mãos. Era a revolta da Canudos Sulista. Talvez com menos violência, mas com um rastilho de pólvora destruidor e muito abrangente numa região de contestações seculares.

Os Confiscos de Guerra no Sertão

Setembro de 1914, o comandante interino, Elias de Moraes, ordena aos demais líderes rebeldes confiscar nas fazendas próximas tudo o que poderia servir de alimento ou qualquer objeto de valor, com o objetivo de manter as milhares de famílias confinadas nas dezenas de redutos em toda área do contestado.

A partir desse momento, começa um quadro da mais completa violência insana dos fanáticos, a maioria dos chefes de piquetes age com extrema crueldade contra os outros caboclos. As ordens de Elias eram para deixar somente uma casa nas fazendas atacadas, que abrigaria os sobreviventes, e o restante poderia ser incendiado. Tinham ordens também de matar todos os simpatizantes dos republicanos, ou peludos como eram conhecidos pela irmandade.

Na hierarquia fanática, Elias de Moraes era o comandante geral, seguido pelo líder espiritual Euzébio Ferreira dos Santos, as virgens guerreiras Maria Rosa de Sousa, Chica Pelega e Maria do Carmo, o chefe dos pares de França - Chico Alonso, Chico Pitoca, Negro Olegário, Manoel Rocha, Alemãozinho, Paulino Pereira, Antônio Tavares, Bonifácio Papudo, Sebastião Campos, Estanislau Schumann, Castelhana, Carneirinho, Conrado Glober, irmãos Ventura, Irmãos Sampaio, Benedito e Cirino Chato, Negro Germano, Aleixo e Ignácio Lima, irmãos Palhano, Adeodato Ramos, seguidos pelos líderes das famílias confinados nos inúmeros redutos na região contestada.

O piquete de Chico Pitoca com mais cento e cinquenta vaqueanos atacam a sede da fazenda Corisco, propriedade de João Goeten Sobrinho, enquanto Chica Pelega com cinquenta vaqueanos arrebanham o gado e os porcos criado em serra. O confronto armado continua por quase uma hora, Chico e os seus guerreiros circulam as trincheiras da fazenda, que defendiam valentemente a sede do ataque dos fanáticos, em seguida se retiram da mesma forma que surgiram. Quando os rebeldes sumiram entre a mata, João entende o verdadeiro motivo do ataque.

Nesse momento, João Goeten percebe que o ataque era somente para distraí-los, assim dando tempo de arrebanhar o gado e os porcos. Ordena a seus vaqueanos montar em

seus cavalos, com a intenção de verificar o gado e os porcos que se encontravam no campo. Ao chegarem ao campo, eles vêem somente um bezerro desgarrado, o restante tinha sumido. Depois foram aonde se criam os porcos em serras, também todos haviam desaparecido. João Goeten teve um enorme prejuízo, perdeu quinhentas cabeças de gado e quatrocentos porcos. O fato de ainda estarem vivos, deixa-o pouco otimista porque os bens materiais poderiam ser conseguidos novamente, enquanto que a vida não, essa era uma só.

O líder Henrique Wolland - Alemãozinho, recebe ordens de Elias de Moraes para atacar a vila de Itaiópolis. Ele reúne cento e cinquenta guerreiros que marcham em direção à pequena vila. Assim que chegam aos arredores, envia um espião para verificar a existência de soldados e as defesas dos moradores da vila. O espião retorna tempo depois, informando que não tinha nenhuma tropa legalista e que ninguém na vila esperava um ataque. A vila era composta de delegacia, correio, armazém e aproximadamente quarenta casas.

Alemãozinho os divide em quatro grupos, um sob o seu comando ataca pela entrada principal, enquanto os outros atacam em outras direções, encontrando-se no centro da vila. Por onde passam matam os homens que tentam defender a vila, após entram a cavalo dentro das casas, pegam tudo o que encontram de valor e incendeiam as casas. Esse foi o panorama por quase vinte minutos, Itaiópolis se transforma numa enorme fogueira a céu aberto. Os sobreviventes, desesperados, embrenham-se na mata que cerca a vila.

Alemãozinho vê que chega ao objetivo, ordena a retirada a seus guerreiros, que partem em galope alucinado em direção ao reduto de Pinheiros, atirando centenas de vezes para o alto. No ataque surpresa, o grupo de Alemãozinho não teve nenhuma baixa, enquanto os habitantes da vila tiveram aproximadamente trinta e cinco mortos.

O líder Aleixo Gonçalves de Lima no comando de duzentos guerreiros, também recebe ordens de Elias para atacar Papanduva. O piquete rebelde estaciona a quase um quilômetro da vila, visando organizar o ataque. Paulino Pereira é enviado para espionar a existência de soldados ou piquetes de vaqueanos defendendo a vila. Ele retorna tempo depois informando que não vira nenhum movimento suspeito, pois ninguém esperava um ataque. A vila era composta de delegacia, correio, um armazém e aproximadamente trinta e cinco casas.

Aleixo decide atacar com todo o seu grupo reunido, seguindo pela entrada principal. Alerta-os antes, que mataria pessoalmente quem matasse algum velho, mulher ou criança. Manda incendiar todas as casas, menos a igreja.

Os guerreiros de Aleixo atiram contra os homens que surgiam em sua frente, também os que procuram abrigo nas casas. Em seguida entram e recolhem tudo que encontram de valor, depois incendeiam as casas. Dentro de uns quinze minutos a vila de Papanduva transforma-se numa fogueira imensa, restando somente à igreja, conforme as ordens de Aleixo.

O piquete de Aleixo retira-se da vila aos gritos, atirando centenas de vezes para o alto, deixando-a completamente destruída. No ataque, os jagunços não têm nenhuma baixa, enquanto os habitantes têm quase quarenta mortos. Os sobreviventes fogem apavorados mata adentro, visando escapar da fúria dos jagunços de José Maria.

O líder Bonifácio Papudo no comando de duzentos e cinquenta guerreiros ataca Canoinhas de surpresa. A vila ainda estava se recuperando do último confronto desastroso e já haviam reconstruído a intendência, fórum, delegacia, correio, dois armazéns e pouco mais de sessenta casas.

Os moradores não esperando outro ataque dos fanáticos da irmandade de São Sebastião, ficam uns instantes sem esboçar nenhuma reação, só então fogem para dentro de suas casas. Bonifácio com o grosso de seus guerreiros sitia os vaqueanos e soldados legalistas na delegacia, mantendo-os numa intensa fuzilaria.

Tavares no comando de cem guerreiros invade as casas, recolhem todos os objetos de valor, incendiando-as em seguida. Ao adentrar em um dos armazéns, acontece o inesperado,

encontra a ex-mulher Cristina, que o reconhece imediatamente e desmaia, pois julgava que ele tinha sido morto num jogo de cartas em Curitiba.

Tavares temendo a chegada de outros soldados legalistas ordena a retirada da vila, gritando vivas a monarquia e São João Maria, que prontamente é respondido pelos demais fanáticos. Todos abandonam a vila atirando centenas de vezes para cima, deixando outro rastro de destruição em Canoinhas.

Os líderes: Castelhana, Chico Ventura, Paulino Pereira da Silva, Olegário Ramos, Benedito Chato e os irmãos Sampaio no comando de quinhentos guerreiros, recebem ordens de Elias de Moraes para atacar Curitiba, em represália pelo covarde assassinato de Praxedes Gomes Damasceno pelos capangas do Coronel Albuquerque.

Coronel Albuquerque soube do ataque a vila por um de seus espiões, decide fugir com sua família para Blumenau, deixando o Coronel Marcos G. Farias na intendência. Albuquerque abandona a vila, com a sua mulher Laurinda Oliveira Albuquerque, os filhos Euclides F. Albuquerque, Tiago F. Albuquerque, Orival F. Albuquerque, Elvira F. Albuquerque, Iracy F. Albuquerque.

Capitão João Alves reúne trinta guardas municipais, partem para a entrada da vila em direção ao Rio Marombas. Assim que chegam ao local cavam trincheiras, preparando-se para o confronto com os jagunços de José Maria. Às duas horas e meia da madrugada do dia 26, inicia uma fina chuva que foi aumentando lentamente, constantes relâmpagos cortam a escuridão, desaba uma cachoeira do céu sobre eles. Ao meio desse inferno natural, soam surdamente o maior de seus temores, os temidos fanáticos do Arraial de Taquaruçu.

Capitão João e a guarda municipal não esperavam tantos jagunços, conseguem sustentar o fogo intenso por uns minutos, sendo obrigado a recuar em direção da vila, após embrenham-se furtivamente na mata a seu redor.

Os líderes mandam os seus guerreiros incendiarem a intendência, o armazém, a casa e o jornal “O POVO” de propriedade do Coronel Albuquerque, o correio, o fórum, a delegacia, o teatro, escola, duas casas comerciais, e dezoito casas. As casas de parentes e simpatizantes são poupadas, inclusive o cartório, devido ser de propriedade de Chico Ventura, mas todos os documentos, títulos e uma variedade de papéis são jogados na rua principal, incendiados no meio daquela chuva intensa.

O grupo fanático vendo que cumpriram as ordens de seu comandante interino, Elias de Moraes, retorna ao reduto de Santa Maria. O grupo retira-se da vila dando vivas à monarquia e São João Maria, atirando várias vezes para o alto, deixando para trás um rastro de destruição na vila de Curitiba. O grupo permanece na vila do dia 26 de Setembro até o dia 01 de Outubro.

Outros líderes rebeldes atacam também as vilas: Rio Negro, Campos Novos, Vila Nova do Timbó, Três Barras e centenas de fazendas que se situavam na região do contestado. O inferno no sertão contestado prosseguia fazendo vítimas inocentes, marcando uma época da mais intensa crueldade insana e desumana.

Desespero dos Coronéis da Miséria

Outubro de 1914, os governadores de Santa Catarina e do Paraná, Coronel Felipe, Carlos Cavalcanti e Afonso Alves de Camargo reúnem-se com os demais Coronéis das províncias do contestado, com o objetivo de pressionar o general Setembrino para tomar uma providência imediata contra os jagunços de José Maria.

O general lhes informa a atual situação crítica na região militar, a falta de farda militar, munição, armas, barracas de campanha, carroças, mulas e cavalos, artilharia pesada e principalmente teria de elevar o moral dos soldados.

Os Coronéis abandonam a região militar, visando providenciar urgentemente com o Ministro da guerra nas inúmeras requisições do general. Ele continua a leitura dos relatórios de todas as expedições militares na área de conflito, constavam estratégias padrão de combate, mas não própria para o terreno acidentado da região.

O general não tinha percebido que, a irmandade rebelde não era mais comandada por líderes religiosos, e sim por comandantes experientes e violentos, idênticos aos que enfrentou na Guerra de Canudos. Ele até poderia derrotá-los, mas somente diante da perda de muitas vidas inocentes, de ambos os lados, transformando o sertão numa só fogueira apavorante, mortal e destruidora.

Jagunços - Os Novos Guerreiros Santos

Outubro de 1914, a irmandade de José Maria inicia um novo ciclo de mudanças, o comandante interino, Elias de Moraes, vendo que os líderes religiosos poderiam levá-los a completa derrota contra os soldados republicanos e os piquetes legalistas, afasta todos do cargo de comando, entrega à liderança a seus comandantes de briga e homens de confiança.

Ordena aos comandantes que em seus ataques, continuem confiscando todo objeto de valor para comprar armas e munição, e tudo que servisse de alimento a todos os confinados nos redutos. Manda Tavares, Benedito Chato e o seu piquete com várias carroças para Florianópolis e Blumenau, com o objetivo de comprar armas e munição nas lojas Hoepcke, após distribuírem nos inúmeros redutos no contestado. Quando se encontravam em Piedade de Bonifácio Papudo, Tavares recebe uma visita inesperada, a sua ex-mulher Cristina. Apesar da insistência de Cristina, ele permanece inalterável e pede para retornar à vila.

Princípio do Fim do Mundo Jagunço

Novembro de 1914, Elias de Moraes, monta o teatro de operações no reduto de Santa Maria, onde coordena os confrontos com os militares republicanos, os ataques e os confiscos, as fazendas e vilas, compras e distribuição de armas aos demais redutos na região do contestado.

O líder Chico Alonso decide atacar a vila de Rio das Antas, contrariando os conselhos e as ordens de seu comandante. Chico comete um grave erro, que o levaria a morte. Envia um mensageiro com um ultimato para que os colonos abandonassem a vila, do contrário seriam mortos sem nenhuma piedade todos os que resistissem. Ele sequer imaginava que a viúva negra de seu destino, tinha tecido uma teia traiçoeira e mortal.

Os colonos cercam a vila com arame farpado, constroem barricadas e trincheiras, visando defender-se do ataque dos fanáticos. Chico e os jagunços levam a pior, são obrigados a recuar e a abandonar o confronto. Adeodato Manoel Ramos já há uns tempos, vinha tendo um caso amoroso com Margarida, a mulher de Chico - líder dos pares de França, que decide aproveitar o momento oportuno para acabar com o seu rival e compadre, executando-o covardemente pelas costas.

Assim que retornam ao vale de Santa Maria, Adeodato informa pessoalmente a Elias de Moraes da morte do Chico no confronto. Em seguida encontra-se às escondidas com Margarida no capão de mato, próximo ao cemitério. Ela pede a Adeodato que o relacionamento permanecesse ainda em completo sigilo e se o comandante Elias desconfiasse de alguma coisa, mandaria executá-los imediatamente, sem ter nenhuma piedade. Margarida alega a Adeodato que precisavam acabar com outro obstáculo, a morte de sua mulher Firmina e a sua mãe, só assim os dois teriam um pouco de paz.

Diante desse novo impasse, Adeodato manda a sua mulher e a sua sogra para a vila de São José do Cerrito, com o objetivo de visitar os seus parentes. Após contrata Manoel

Lima para matar as duas. Um franco atirador dos pares de França executa-as friamente nos Campos de Monte Alegre.

Adeodato sugere a Elias que desejava assumir o comando dos pares de França que foi obrigado a aceitar, devido não ter outra melhor opção. A líder guerreira, Maria Rosa, fica contrariada com a nomeação de Adeodato, pois tinha planejado aconselhar Elias a entregar o comando a Antoninho Vidente. Diante da nomeação de Adeodato no comando da elite dos jagunços, ela tinha certeza de que o seu amigo Antoninho e toda a sua família correria perigo de vida, porque desconfiava que Adeodato fosse um espião dos Coronéis provincianos. Mas como não tinha como provar limita-se em permanecer em silêncio. Maria começa a planejar uma maneira de distanciar-se de Santa Maria, criando o seu próprio reduto.

Os líderes: Castelhana, Chico Ventura, Paulino Pereira no comando de trezentos jagunços, encontram-se nas proximidades de Lages. Castelhana tenta convencê-los no ataque à vila, mas todos acham muito arriscados por ser muito populosa e muito bem protegida pela guarda municipal e tropas republicanas. Ele decide enviar um bilhete ao Coronel Belisário Ramos, informando-o que entraria na vila com a proteção de Deus e São João Maria. Os que ficassem teriam de suportar as consequências.

Os demais líderes e guerreiros decidem não atacar a vila, deixando Castelhana sozinho. Depois de refletir um pouco, faz o mesmo. O Capitão Vieira da Rosa no comando de quatorze vaqueanos resolve caçar o líder jagunço. O piquete o encurrala num capão de mato, próximo ao Rio Pelotas, e num rápido confronto desigual, é ferido na perna e acaba ficando sem munição, sendo executado sumariamente. O Capitão Vieira manda cortar suas duas orelhas, jogando o corpo num formigueiro. Ao retornar à vila, envia pelo correio as duas orelhas de Castelhana para Florianópolis, notificando que tinha acabado definitivamente com o temível líder dos jagunços de José Maria. A partir desse momento, principia o fim do mundo jagunço, mas antes muito sangue seria derramado no sertão contestado.

Bandidos Legalistas no Contestado

Novembro de 1914, os piquetes de vaqueanos formados pelos Coronéis das províncias na região do contestado, sob o comando interino do Coronel Fabrício Vieira das Neves, percorrem fortemente armados nas áreas dos constantes confrontos com a irmandade de São Sebastião, à caça dos redutos menores, simpatizantes da irmandade, fazendo até serviços de matadores de aluguel dos Coronéis contra os seus desafetos. Aproveitando o inferno na região e a recente guerra mundial, os europeus e asiáticos fogem de seus continentes, refugiando-se em terras mais seguras com as suas famílias. Mediante o desespero dos refugiados, a elite coronelista ordena que os seus piquetes vaqueanos expulsem os sertanejos e outros emigrantes de suas terras, assim vendendo-as a outros emigrantes recém-chegados.

Coronel Fabrício incube o famigerado Pedro Ruivo e o seu piquete, no extermínio das famílias de sertanejos e emigrantes. Eles executam dezoito sertanejos, após queimam os seus corpos com grimpas e jogando os restos mortais no Desfiladeiro da Morte, próximo à vila de Canoinhas. A partir daquele momento, a população da região do contestado não mais saberia quem era bandido ou quem era gente de paz. Os Demônios provincianos da república começavam a traçar os seus planos ambiciosos e ninguém mais estaria seguro.

Fúria dos Jagunços em Canoinhas

Dezembro de 1914, o líder interino dos jagunços, Elias de Moraes, à frente da inércia do novo inspetor da região militar de Curitiba, decide enviar os seus guerreiros do exército encantado de São Sebastião atacar as vilas próximas, confiscando objetos de valor ou

alimentos, visando o sustento dos milhares de confinados em diversos redutos. Resolve enviar a região de Canoinhas, os líderes Antônio Tavares, Paulino Pereira, Chica Pelega, Conrado Glober e Henrique Wolland - Alemãozinho, com o objetivo de auxiliá-lo num novo ataque a vila.

Bonifácio Papudo soube por intermédio de Tavares da morte de Castelhamo nas proximidades de Lages e da morte de Chico Alonso no ataque a vila do Rio das Antas. Ele também expressa a sua desconfiança na morte de Chico que julgava ser uma armadilha de Adeodato e de Margarida, mulher do Chico. Pois dias atrás, viu os dois se encontrando às escondidas num dos capões de mato de Santa Maria, naquele momento chegou à conclusão que estavam armando alguma coisa contra ele, mas como não gostava de se meter na vida dos outros, fingiu não ver nada e ficar de bico calado.

Bonifácio divide os seus guerreiros em vários piquetes, entregando o comando para Tavares, Paulino, Conrado, Carneirinho, Alemãozinho e Ignácio Lima. As mulheres guerreiras são entregues ao comando a Chica e Maria do Carmo. Depois iniciam um ciclo de rezas e a procissão em homenagem a São Sebastião, dirigido pelo líder espiritual Frei Manoel ou Pai Velho.

Os líderes e confinados do reduto Piedade e de toda irmandade de São Sebastião, acreditavam que Pai Velho era a encarnação do santo guerreiro, José Maria. Bonifácio pede um conselho ao Pai Velho sobre o ataque a Canoinhas, que imediatamente procura os seus apetrechos mágicos.

Ele vai até uma mesa improvisada de seu barraco, pega um tacho de cobre, enche até a borda de água, acende uma vela feita com cera de abelha, após ajoelha-se em frente e começa a rezar e fazer as suas evocações mágicas.

Lentamente surgem na água imagens de acontecimentos que estariam por vir. Ele fica uns instantes com os olhos fixos naquelas imagens violentas e aterradoras. As muitas cenas sob o luar da noite retratavam o ataque à vila de Canoinhas. Muitas pessoas fugindo apavoradas, várias pessoas sendo mortas de ambos os lados, as casas se transformando numa enorme fogueira. Depois surgem imagens dos ataques às fazendas, onde arrebanham muito dinheiro e animais. A visão mágica finda, quando os guerreiros se retiram aos gritos e atirando várias vezes para o alto, deixando atrás um rastro de sangue e de destruição.

Os comandantes de briga tiram os seus chapéus, Pai Velho reza a oração de São Cipriano: “Com os poderes de São Cipriano, te passo em cima e te bebo o sangue. Deus e homem, para na minha guia. Deus na minha companhia. Deus em frente, Deus em monte. Que os meus inimigos não me encontre, nem de noite, nem de dia, nem amanhã, por todo o dia serei guardado no ventre de Nossa Mãe Maria Santíssima, com nove meses foi guardado Jesus Cristo no ventre de sua mãe Santa Maria... Com os poderes de São Cipriano... Amém”. Todos os presentes respondem amém, organizam os guerreiros e retiram-se do reduto de Piedade, seguindo conforme o planejado.

Bonifácio, Carneirinho, Paulino e Ignácio no comando de quatrocentos guerreiros, atacam a vila em todas as direções, sacramentando as visões aterradoras na magia de Pai Velho. Alemãozinho com cem guerreiros atacam as fazendas ao leste. Conrado com cem guerreiros ataca as fazendas ao oeste. Chica Pelega e Maria do Carmo com cem guerreiras atacam as fazendas ao sul. Tavares com cem guerreiros atacam as fazendas ao norte. Uma das fazendas que ficava no sentido de Tavares, era de seu antigo sogro. Cristina depois de discutir com o pai e os irmãos, decide acompanhá-lo, não se importando com as muitas privações e situações indesejáveis.

A região de Canoinhas, mais uma vez sentia a mortal fúria jagunça. Muitas outras fazendas e vilas também sentiriam, até que o general do holocausto jagunço entrasse em cena no contestado.

Os Planos do Holocausto Jagunço

Janeiro de 1915, o inspetor da 11ª região militar, com sede em Curitiba, general Fernando Setembrino de Carvalho, convoca todos os seus oficiais mais graduados, vindos de vários estados da república, visando repassar os seus planos de ataque para a irmandade de José Maria.

Entre os oficiais, estava o Tenente Coronel Francisco Raul D'Estillac Leal, Capitão Tertuliano Albuquerque Potyguara, Capitão Viera da Rosa Araújo, Tenente Coronel Henrique Rupp, Major Atalibio Taurino de Resende, Tenente Coronel Júlio César, Tenente Coronel Onofre Ribeiro, Capitão Euclides de Castro, Tenente Coronel Eduardo Socrates, Major Furtado Paiva. Os Tenentes, Joaquim Souza Reis, Herculano Teixeira Assumpção, Walfredo Ermílio e mais outros vinte e dois oficiais, inclusive o seu ajudante de ordens, Tenente Antônio Guilhaon.

General Setembrino informa que, as tropas dos dois estados e as de apoio enviadas pelo Ministro da guerra seriam divididas em quatro colunas: O Major Taurino, Capitão Potyguara e o Coronel Júlio César comandariam a coluna leste, tendo mil e quinhentos soldados, cinco oficiais e três piquetes de vaqueanos, que destruiriam os redutos nos arredores de Rio Negro, São Bento, Papanduva e Itaiópolis.

Ele, o Coronel Onofre e o Capitão Euclides comandariam a coluna norte, tendo mil e quinhentos soldados, oito oficiais e cinco piquetes de vaqueanos, que destruiriam os redutos nos arredores de Canoinhas, Porto União, Vila Nova, Timbó, Pinheiros, Colônia Vieira e Morro do Taió.

Coronel Sócrates comandaria a coluna oeste, tendo mil e quinhentos soldados, cinco oficiais e três piquetes de vaqueanos, que destruiriam os redutos de Rio das Antas, União da Vitória, também dando proteção à linha férrea da EFSPRG do Rio Caçador, Calmon, Nova Galicia, Três Barras.

Coronel Estillac, Capitão Vieira da Rosa, Coronel Rupp, Major Furtado, os Tenentes Reis, Assumpção e Walfredo comandaria a coluna sul, tendo mil e quinhentos soldados, quatro oficiais e três piquetes de vaqueanos, que destruiriam os redutos nos arredores de Curitiba, Campos Novos, Ponte Alta do Rio das Pedras e Canoas, inclusive nas proximidades de Lages.

O plano de ataque aos redutos dos jagunços de José Maria foi muito bem aceito por todos os seus oficiais. Somente ficam contrariados ao saber que contariam com os piquetes de vaqueanos legalistas, pois não eram de confiança, e também temiam que os levassem a uma armadilha mortal.

Em seguida, o general relata a seus oficiais tudo o que descobriu sobre os líderes da irmandade de São Sebastião, conforme os relatórios das expedições militares anteriores, inclusive o dossiê pessoal do Capitão Matos Costa.

Elias de Moraes foi um destemido e experiente Capitão de Gumerindo Saraiva, na Revolução Federalista. Augustin Saraíba (Castelhano), segundo as informações, se dizia filho de Gumerindo, era um ideologista da monarquia. Pelo que soube por militares catarinenses, tinha sido recentemente morto no cerco a Lages. Euzébio Ferreira dos Santos era um curandeiro que morava no pé da serra do Espigão, um verdadeiro fanático religioso. Segundo as informações, ele era o principal membro que desencadeou todo o fanatismo no contestado.

Francisco Alonso de Sousa (Chico Alonso), um conhecido tropeiro no estado de Santa Catarina e do Paraná, é audacioso e muito inteligente. Também segundo as informações, tinha sido morto por outro líder fanático no ataque à vila do Rio das Antas. Bonifácio José dos Santos (Bonifácio Papudo), antigo fazendeiro nos arredores de Canoinhas, entrou com vários pedidos de títulos de posses de terras de amigos, que foram recusadas pela justiça, revoltado com o julgamento protecionista da república e tornou-se um líder rebelde.

Antônio Tavares Júnior, um aventureiro, jogador inveterado, montou diversas empresas. Vendeu dormentes ao grupo Farquhar, foi proprietário de um hotel, um bar e foi secretário de Bonifácio Papudo nos salões de festas e bingos. Também foi inspetor de uma escola, inclusive escrevia poemas para alguns jornais de Curitiba e até foi auxiliar de promotor público em Canoinhas.

Aleixo Gonçalves de Lima foi Capitão da guarda nacional catarinense, que invadiu a estrada Dona Francisca em Rio Negro, no conflito secular entre os dois estados. Ele é um oficial determinado e tinha idéias revolucionárias. Ignácio Gonçalves de Lima, irmão de Aleixo, também muito determinado. Maria Rosa de Sousa, filha de Elizinho da Serra, uma virgem guerreira que tem o total apoio dos jagunços. Segundas as informações, tinha o direito de vida e morte entre os fanáticos.

Chica Pelega, outra virgem guerreira, só muito mais violenta que Maria Rosa. Segundos o relatório, já matou mais de trinta homens, entre soldados e civis. Henrique Wolland (Alemãozinho), dizem que é desertor da traineira alemã Phanter, mas se têm informações seguras que foi Capitão da guarda pessoal do Coronel Felipe Schmidt, desconfia-se ser um espião do governador. Francisco Paes de Farias (Chico Ventura), um fanático e amigo de José Maria, é membro de uma família respeitável de Curitiba, dizem que foi outro responsável por todo esse conflito.

João Paes de Farias (João Ventura) e Guilherme Paes de Farias (Guilherme Ventura), irmãos de Chico, também são fanáticos muitos perigosos. Adeodato Manoel Ramos, foi tropeiro nos sertões de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, dizem que era ambicioso e cruel e pelas informações que chegaram até mim, ele matava todos os que estivessem em seu caminho e já está entre os principais líderes dos jagunços. Conrado Globber, um fanático alemão acaboclado, pelo que se soube pertence à tropa de elite de combate dos jagunços.

Paulino Pereira da Silva, dizem que entrou na irmandade rebelde, porque confiscaram a sua fábrica de bebidas gasosas com as roubalheiras de impostos e foi um dos líderes mais respeitáveis entre os jagunços. Carneirinho é outro líder rebelde, nunca falava sobre o seu verdadeiro nome. Sabe-se por fontes não oficiais, que foi ou é vaqueano do Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque de Curitiba.

Cirino Pedro de Oliveira (Cirino Chato) e o seu filho Benedito Pedro de Oliveira (Benedito Chato), os dois são chefes dos piquetes de vaqueanos que vigiam os redutos, também formavam outra elite muito perigosa da irmandade. Guilherme Helmich, alemão acaboclado que aderiu a irmandade, devido a seu fanatismo religioso e o seu espírito monárquico.

Francisco Maria Camargo (Chico Pitoca), é líder de uns dos piquetes que faz ataques, confiscando dinheiro para compra de armas e alimento para os confinados. Joaquim Germano, é comandante de outro piquete de vaqueano, dizem que foi muito destemido e muito cruel quando necessário. Benevenuto Alves de Lima (Venuto Baiano), comandante da tropa de elite dos jagunços, que mantinha a ordem entre os confinados na sede principal dos redutos. Essa tropa vocês devem tomar cuidado, pois se sabe que são todos experientes e destemidos nos confrontos.

Sebastião Campos, líder espiritual e chefe de piquete. Dizem que o seu reduto possuía quase dois mil confinados. Olegário Ramos (Negro Olegário), também foi líder de um piquete de vaqueano. Dizem que ele comandou o ataque a Curitiba, em represália da morte do comerciante fanático Praxedes Gomes Damasceno pelos capangas do Coronel Albuquerque. Estanislau Schumann, outro alemão acaboclado, que aderiu a irmandade e comanda um dos redutos.

Gustavo Reinhardt, também outro alemão fanatizado, foi líder de outro reduto. Manoel Alves de Assumpção Rocha, um dos mais respeitáveis entre os líderes da irmandade, dizem que foi coroado imperador da Monarquia Sul Brasileira.

As virgens guerreiras: Maria do Carmo, Teodora, Conceição, Margarida, Terezinha e Clementina, segundo a crença da irmandade, elas são o elo entre os seus santos. Francisco Salvador é outro líder de reduto, que tinha grande prestígio entre os milhares de confinados.

Eu sei que existem muito mais líderes na irmandade, mais não chegou ao meu conhecimento. Somente sei que, na irmandade de São Sebastião existem mais de vinte mil confinados. Peço aos senhores oficiais que, evitem o máximo possível a morte dos confinados, pois são gentes ignorantes, que se apegam numa crença mística, devido estar sobrevivendo numa vida miserável porque os governantes das províncias não lhes deram oportunidade melhor de vida, inclusive muitos deles perderam as suas terras, onde viviam com as suas famílias.

O grupo Farquhar gentilmente coloca à disposição do general Setembrino, três locomotivas com trinta vagões de passageiros, visando transportar os mais de seis mil soldados, quinhentos oficiais e três mil vaqueanos para as regiões que foram destacadas.

A partir daquele momento, o destino republicano iniciava o traçado do holocausto no sertão. O simples caboclo que sonhava com um pequeno pedaço de terra, que os Coronéis das províncias e o poder injusto e autoritário lhes roubaram descaradamente, jogando-os na mais completa miséria.

Destruição do Reduto de Tavares

Janeiro de 1915, o líder Antônio Tavares levou a sua mulher Cristina para o reduto de Pinhalzinho, após o ataque na fazenda de sua família. Ela foi muito bem recebida pelos confinados, principalmente pelas mulheres e as virgens. A princípio foi difícil se acostumar com a rotina miserável e a dura vida de privações, mas com um pouco de força de vontade e perseverança em seus objetivos conjugais, lentamente acaba se acostumando.

No instante em que decidiu trazê-la consigo, os confusos planejamentos de sua vida errante, começam a tomar outro rumo, mas estava consciente com certa realidade concreta. Como Tavares era espião do Coronel Felipe - governador de Santa Catarina, em consequência de tudo o que soube em suas andanças pelos redutos da irmandade, pelo Capitão Matos Costa, Capitão Henrique Wolland e Carneirinho, que a maioria dos Coronéis das províncias no contestado, tinha formado várias quadrilhas de vaqueanos, com o intuito de roubar as terras dos sertanejos e de inocentes emigrantes europeus, distribuindo dinheiro republicano falso, a injusta cobrança de impostos e assassinatos de todos os seus desafetos, decide fugir com a sua mulher para bem distante da área de conflito.

Naquela manhã, o sol demorou muito a dissipar a densa neblina, que descia sobre o serrado e o reduto, formando uma belíssima paisagem e ao mesmo tempo, transbordava um ar de mistério e um silêncio sobrenatural.

Tavares pede que Carneirinho escolha quatro guerreiros para viajar imediatamente, deixando Cristina na casa de uns amigos na cidade de Tubarão, litoral catarinense. Informa-o que as tropas republicanas se aproximam de Pinhalzinho sendo necessário tirá-la o mais rápido possível do local, porque não queria colocar a sua vida em risco. Completamente contrariada, Cristina cede o pedido de Tavares, e parte com o Carneirinho e os quatro guerreiros fanáticos para o litoral.

Alemãozinho soube por um de seus vaqueanos da existência de tropas republicanas na direção do reduto de Pinhalzinho, deixa o seu reduto de Pinheiros no comando de Chica Pelega e Guilherme Ventura, partindo com vinte guerreiros para ajudá-lo. Tavares fica um pouco mais tranquilo ao ver o amigo e os seus guerreiros, pois nesses críticos momentos necessitava de gente de comando e de ação.

À quase quatro quilômetros do reduto, o Major Taurino de Resende no comando de uma tropa com oitocentos soldados, dois oficiais e dois piquetes legalista, composto de quase

trezentos vaqueanos, mandam montar as suas barracas de campanha. Envia um mensageiro ao reduto com um bilhete, alertando o líder dos jagunços para depor as suas armas e se entregar pacificamente, evitando derramamento de sangue inocente.

Apesar de todos estarem com os nervos tensos e diante de um possível confronto com os soldados republicanos, manteve a calma, lê atentamente o bilhete e em seguida envia a resposta ao comandante.

“Não aceitamos o epíteto de campanha inglória, como vossa excelência, batiza o nosso movimento armado. Nós nos debatemos dentro dos limites de um programa que observamos com o maior respeito, com a maior fidelidade e com a maior lisura. Defendemos uma causa sacrossanta, mas infelizmente até hoje tem sido descurado pela nefasta negligência dos ex-governadores de meu pobre estado: a apodrecida questão dos limites”.

Só temos um lema e esse é:

- Execução da sentença do supremo tribunal federal ou a morte.

São dez mil famílias que imploram pela execução; são dez mil famílias que se encontram ignominiados por essa conspurcação vexatória do direito, da lei, da justiça, feita exclusivamente para satisfazer os caprichos de meia dúzia de politiqueiros e acolitados pela sede insaciável de nossos vizinhos, enfim, que preferem entregar-se em holocausto, a suportar a ambição desmedida e as perseguições do sequioso Paraná.

Foi, pois, impulsionado por esse brado de desespero e de justiça que corri as armas para, ao protesto espontâneo e unânime desse povo digno de chamar-se brasileiro, juntar os meus reduzidos esforços, esquecendo dos filhos, da vida, das propriedades, e não espalhar o meu sangue e me tornar o bandido de que me acoima o Paraná.

Tenho, pois, a dizer a vossa excelência que, tudo se conseguirá desde que o preclaro chefe da nação queira fazer justiça.

Prevenimos aos interessados que, com ameaças nada conseguirão, porque os mil homens que existem neste acampamento sob as minhas ordens, só se entregarão contra o direito, depois de o último deles cair inânime.

O convite verbal que vossa excelência se dignou mandar-me fazer, pode vossa excelência marcar o lugar, assim como se quiser, poderá vir até este acampamento, onde trocaremos indizível de recebê-lo.

Pode vossa excelência, vir sem o menor receio, que será garantido. Não costumamos violar as nossas promessas.

Subcrevo com estima... Antônio Tavares Júnior.

O Major Taurino lê atentamente o bilhete, relê em seguida, após fica por um instante pensativo. Julgava a princípio que encontraria pessoas sem nenhuma instrução intelectual, o bilhete que estava à sua frente, era escrito por uma pessoa inteligente e muito consciente a tudo o que estava fazendo. O acontecimento inesperado trouxe-lhe o receio de atacar o reduto, sem primeiro descobrir as suas fraquezas. O impasse se prolonga por quase uma semana, onde recebe ordens expressas do general Setembrino para atacar e destruir o reduto.

Tavares e Alemãozinho organizam os seus guerreiros e a quase quinhentos metros entram em confronto com os soldados e vaqueanos legalistas, que gritam vivas ao São João Maria e a São Sebastião. Valentes guerreiros, não temiam a morte, porque lutam numa guerra santa, onde destruiriam os filhos do Demônio. Aos injustiçados do século deixaram somente a opção em sobreviverem uma vida miserável, onde se obriga a se apegar em suas superstições, trazendo ao sertão contestado a guerra do século.

Os soldados e os piquetes legalistas ganhavam terreno, avançando lentamente contra eles e em direção do reduto. Tavares e Alemãozinho após vinte minutos de intenso combate, onde perdem vários guerreiros, são obrigados a debandar. Alemãozinho pede para Tavares levar todos os confinados para o reduto de Piedade, de Bonifácio Papudo, enquanto que ele e os seus guerreiros dariam cobertura. Assim que viu que eles já estavam distantes, ordena a

retirada aos seus guerreiros, formando duas colunas. Enquanto uma recuava, a outra protegia a retaguarda.

Escondido no mato, Alemãozinho testemunha o desenrolar dos acontecimentos. Os soldados republicanos adentram o reduto, fazem duzentos e setenta e oito prisioneiros. O Major Taurino manda incendiar o reduto, jogando os corpos dos jagunços mortos no fogo. Ele sente que era o princípio do fim, o holocausto jagunço, umas das maiores vergonhas do poder republicano.

Destruição do Reduto de São José

Janeiro de 1915, o Major Taurino de Resende a dez quilômetros do reduto destruído de Pinhalzinho, decide interrogar os prisioneiros, o que lhe rende valiosas informações sobre os demais redutos dos jagunços de José Maria nas proximidades. À frente dessas informações, manda cem soldados e os dois piquetes de vaqueanos sob as ordens de cabo Correia, levar os duzentos e setenta e oito prisioneiros a central de comando em Canoinhas. O Major parte em direção ao reduto de São José com setecentos soldados, inclusive os dois prisioneiros delatores, que era liderado pelo bandoleiro e foragido Josefino. A tropa republicana chega ao local após quatro horas em marcha forçada.

Aleixo, Benedito e quatro guerreiros encontravam-se no reduto e tinham o objetivo de repassar as ordens do comandante interino Elias de Moraes. No final da madrugada, Benedito pressente que o perigo estava próximo. Ele conta ao amigo, mas este lhe responde que era muito supersticioso. Diante do nervosismo de Benedito, partem imediatamente aos demais redutos próximos daquele local.

Major Taurino divide o grupo em quatro colunas e ataca de surpresa o reduto São José. O inesperado ataque republicano deixa os líderes e os demais guerreiros sem ação, tempo necessário para adentrar e dominar o reduto. Josefino e João Ventura vendo que não tinham outra opção fogem para Santa Maria, acompanhados por cinco guerreiros mais experientes.

Quando o reduto São José já estava em poder das tropas do Major Taurino, são incendiados todos os pequenos barracos, jogados os corpos dos jagunços mortos em combate no fogo e amarrados os cento e treze prisioneiros. Em seguida, prosseguem a sua caminhada vitoriosa em direção de Canoinhas. Começava o princípio do inferno, o holocausto no sertão.

Destruição do Reduto de Pinheiros

Janeiro de 1915, diante da destruição do reduto de Pinhalzinho pela coluna do Major Taurino de Resende, Antônio Tavares e os confinados dirigem-se ao reduto de Piedade, sob o comando de Bonifácio Papudo.

Os foragidos encontram-se próximo do meio do caminho, são abordados pelo líder Sebastião Campos e os seus vaqueanos. Pede que ele os deixe no reduto de Piedade, porque tinha um forte pressentimento de que os republicanos atacariam o reduto de Pinheiros e precisava ajudar o amigo.

Sebastião resolve atender ao pedido do amigo, escolhe cinco de seus vaqueanos e segue para o reduto. Tavares chega às proximidades de Pinheiros, é abordado pelo piquete de vigilância sob os comandos de Guilherme Paes de Farias e a guerreira Chica Pelega.

Tavares relata-os em detalhes, tudo sobre o violento confronto armado com as tropas republicanas. Em sua fuga para o reduto de Piedade com os demais confinados, Alemãozinho fica protegendo a retaguarda. No encontro com o Sebastião Campos, pediu para levá-los, porque temia que os malditos pés-redondos atacassem o reduto de Pinheiros.

Chica o informa que Alemãozinho deixou ciente de seu segredo, contou-lhe que os dois eram espiões do Coronel Felipe e tinham a missão de infiltrarem-se na irmandade de São Sebastião, descobrindo a localização de todos os redutos e analisando os seus pontos fracos, em seguida relatar em detalhes ao inspetor militar da 11ª região militar. Já dentro da irmandade, ocupando cargo de chefia, começaram a descobrir diversos desmandos do poder provinciano.

As perseguições e as atitudes arbitrárias do Coronel Felipe, Coronel Albuquerque, Coronel Fabrício, Carlos Cavalcânti, Afonso Alves de Camargo e Coronéis das províncias da região do contestado, praticamente quase todos os parlamentares do Rio de Janeiro, empresários americanos e ingleses, os Presidentes da república Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca. O roubo de terras, a venda de pinheiros e imbuías a Lumber Company, o derrame de dinheiro falso na área de conflito, a criação dos piquetes de vaqueanos para sacramentar as suas ambições, inclusive decepar as cabeças de todos os seus desafetos.

A situação se complica ainda mais com a guerra mundial no velho mundo, pois muitos emigrantes acabam refugiando-se no Brasil, visando fugir do inferno. Esse fato acaba cegando as sanguessugas do poder republicano, que vendiam as terras até três ou quatro vezes seguidas.

Chica alerta Tavares que deviam manter tudo isso no mais completo segredo, se acaso o comandante Elias soubesse, com certeza seriam executados, porque ele não tinha piedade com traidores.

Tavares conta a Chica que tinha pedido a Carneirinho para que levasse para Tubarão a sua mulher – Cristina e pretendia encontrar-se com ela assim que fosse possível. Mas primeiro tinha de ajudar Alemãozinho, só então, iria procurar viver distante de tudo aquilo.

Alemãozinho adentra o reduto num galope desenfreado, alertando-os que as tropas republicanas se aproximavam e precisavam armar as suas defesas. Tavares assim que pode, relata os recentes acontecimentos ao amigo. Alemãozinho pede a Tavares para levar a Chica consigo e se reuniria com eles assim que pudesse. Chica é contra a sugestão dizendo que ficaria nem que fosse para morrer no confronto. Ele alerta Tavares que deveria partir o mais rápido possível, porque os republicanos estavam perto do reduto, além de existir o risco de encontrar-se com eles no caminho.

Tavares despede-se de todos, parte em direção a Serra do Espigão e após até a cidade de Tubarão, ao encontro de sua mulher Cristina, o primeiro e único amor da vida do andarilho no sertão.

A coluna sul é dividida em três frentes: a 1ª com quatrocentos e cinquenta soldados e o piquete de vaqueano de Salvador Pinheiro, sob o comando do Capitão Vieira da Rosa. A 2ª com quatrocentos soldados e o piquete de vaqueano de Leocádio Pacheco, sob o comando do Coronel Rupp. A 3ª com seiscentos soldados e os piquetes de vaqueanos de João Alves de Oliveira e Nicolau Fernandes, sob o comando do Coronel Estillac Leal.

O Coronel soube por intermédio de um fazendeiro da região que o maior reduto dos jagunços de José Maria ficava no vale de Santa Maria, onde julgava possuir quase seis mil pessoas confinadas. Soube também, que ficava próximo ao reduto de Pinheiros, comandado por um desertor da traineira alemã Phanter, chamado Alemãozinho. Lau Fernandes informa que conhece muito bem o local indicado. Imediatamente o Coronel organiza a sua tropa, seguindo o piquete de Lau rumo a Pinheiros.

Lau era um veterano no sertão do sul e foi soldado por longos anos sob o comando do Capitão Potyguara. Certo dia decidiu pedir baixa do exército, comprou um pedaço de terra e umas poucas cabeças de gado na região do contestado, visando ter um pouco de paz junto a sua família.

Quando se encontram a quase dois quilômetros do local, são surpreendidos pelos piquetes de vaqueanos de Guilherme e Alemãozinho, sendo obrigados a recuarem e a buscarem melhor proteção. Os líderes fanáticos usam a conhecida tática de guerrilha no sertão, onde um grupo disparava as suas Winchester's atrás das árvores enquanto o outro recuava até o reduto, assim vice-versa. Tendo o principal objetivo de levar os soldados republicanos a uma armadilha, porque no local Chica encontrava-se com outro grupo de guerreiros, assim pegando-os em intenso fogo cruzado e mortal.

À frente da intensa fuzilaria na mata, Chica parte para apoiá-los no combate, adotando a mesma tática. Num de seus recuos é atingida por um tiro de fuzil. Alemãozinho ao ver a sua amada cair, corre em seu auxílio. Ele vê que tinha sido atingida no peito, corta a tira de seu alforje e amarra bem forte, visando estacar um pouco o sangue, tentando evitar assim uma futura hemorragia, que poderia ser mortal.

Os vaqueanos ao verem o seu comandante em perigo, atiram desesperadamente contra os soldados, dando tempo para trazê-la a um lugar mais seguro. Ele coloca o corpo desmaiado de Chica no cavalo, pede a Guilherme e aos vaqueanos que segurassem o avanço dos soldados, depois poderiam recuar e seguir para Santa Maria. Maria do Carmo assume o piquete de Chica, formando a temível tríplice força de ataque jagunça. Após Alemãozinho desaparece na mata, levando junto o corpo ferido de sua amada.

Coronel Estillac vê que lentamente diminui os disparos dos defensores de Pinheiros, ordena a sua tropa para avançar e percebe que os jagunços estavam fugindo. Ao adentrar no reduto, somente encontram dezenas de jagunços, mulheres e crianças mortas no confronto. Sem ter outra opção, manda incendiar e jogar os corpos no fogo. Em seguida, pede para colocar os soldados e os vaqueanos feridos numa das carroças, ordenando a retirada em direção da estação do Rio Caçador. A coluna sul deixa atrás um inferno em chamas, que anteriormente era o reduto de Pinheiros.

Os Índios Kaigang Expulsos da Serra Encantada do Taió

Janeiro de 1915, o líder Alemãozinho percorre dois quilômetros em galope moderado, segurando Chica Pelega gravemente ferida pela cintura. Verifica diversas vezes no caminho o seu estado, prosseguindo imediatamente e temendo que não chegasse viva no vale de Santa Maria. Como não poderia empreender um galope rápido, consequência do grave ferimento de Chica, logo é alcançado pelo piquete de Maria do Carmo e Guilherme Ventura.

Guilherme vendo a gravidade do ferimento da líder guerreira aconselha Alemãozinho a levá-la até a aldeia Kaigang, que ficava distante aproximadamente uns vinte e cinco quilômetros, pois talvez não chegasse com vida a Santa Maria.

O líder jagunço do extinto reduto de Pinheiros e Capitão republicano, infiltrado sob as ordens do Coronel Felipe Schmidt - governador de Santa Catarina despede-se e percorre lentamente e com extremo cuidado o caminho acidentado, indicado por Guilherme Ventura, implorando a todos os santos do sertão que concedessem a graça de sua amada chegar viva até a aldeia.

Alemãozinho pára no caminho dezenas de vezes, com o objetivo de verificar o seu estado e trocar as folhas de badana, utilizadas para evitar a perda de muito sangue ou uma hemorragia interna grave. Ao ver que ela já começava a apresentar um pouco de febre, decide espalhar pólvora sobre o ferimento, recolocando a bandagem novamente. Após, tira a pele de uma folha de caraguatá e coloca em sua testa, trocando-a a cada vinte minutos, implorando que a febre cedesse.

O sol desaparece no horizonte e surge a escuridão da noite e as estrelas que estavam encobertas por um lençol negro. Iniciam-se rajadas fortes de vento sul que balanceavam as copas das árvores, e Alemãozinho resolve pernoitar num capão de mato até o dia amanhecer.

Desmonta lentamente do cavalo, descendo Chica Pelega inconsciente com extremo cuidado, deita-a ao lado de um pinheiro, cobrindo-a com a sua capa de chuva e um blusão que ela usava, feito manualmente com couro de ovelha.

Ele não consegue sequer tirar um simples cochilo, passando a noite inteira aflito com o estado de sua amada. Troca a badana e a pele de caraguatá a cada duas horas. Em consequência de sua febre alta, Chica começa a delirar, grita desesperadamente o nome de seus pais, após desaba em prantos, implorando que o santo do sertão trouxesse de volta a vida de seus pais, mortos no massacre republicano no Arraial do Taquaruçú, sob o comando do Coronel Dinarte de Aleluia Pires. O dia já estava quase amanhecendo quando a febre começa a diminuir, e assim dormiu um sono mais tranqüilo. O ferimento reinicia a sangrar aumentando novamente a febre e Alemãozinho resolve prosseguir a viagem, e a julgar pelo que Guilherme lhe informou, com certeza já estavam próximos da aldeia Kaigang.

Nos primeiros quilômetros, sentindo que estava sendo seguido, redobra a sua atenção até sair num descampado, cortado por um pequeno riacho. Nesse instante é cercado por dezenas de índios Kaigangs hostis, armados de lanças pontiagudas, arcos, flechas e fuzis. Na certa tinham recolhido dos soldados mortos nos confrontos com os guerreiros de São João Maria.

Alemãozinho implora a ajuda, relatando que Chica havia sido gravemente ferida no confronto em Pinheiros com as tropas republicanas. Cauê, cacique dos Kaigang, tranqüiliza-o e o informa que vai ajudá-lo e pede para segui-los até a aldeia. Ele os leva até o curandeiro Jaqui, que rapidamente toma as primeiras providências.

Temendo perder Chica, Alemãozinho implora a Jaqui que salvasse a sua vida e ficaria grato pelo resto de sua vida. O curandeiro tranqüiliza-o, prometendo fazer tudo o que puder, mas ela precisava vencer os seus Demônios, só assim ficaria curada.

Alemãozinho vê no interior da cabana uma pequena capelinha, idêntica a que tanto ouviu falar na irmandade, a mesma que os santos do sertão, João Maria D'Agostin e João Maria de Jesus, carregavam sempre junto consigo em suas peregrinações, nos anos de 1850 e 1890. O cacique relata que o velho de barba branca apareceu há muitas luas grandes no morro encantado do Taió, e tinha ensinado muitas coisas para eles. Informa também que há nove grandes luas e meia tinha ficado doente, consequência de uma febre incontrollável, morrendo dias depois.

O curandeiro Jaqui conta que o santo do sertão deixou várias previsões: “Quando homens ruins tomassem o poder da coroa do rei e o tocassem pra longe daqui, viria tempo de guerras”, “Quando chegassem homens de terras distantes, vindos pelo mar em grande canoas de ferro, trariam enormes gafanhotos que comeriam milhares de árvores da mãe natureza e tocariam os Kaigang e os próprios brancos de suas terras.”, “Um cavalo de ferro cortaria a floresta ao meio, e viria um tempo de fome, injustiça e miséria.”, “Não a muitas luas grandes depois dele viver na serra, viria uma guerra de quatro luas grandes, onde famílias se transformariam inimigas de morte e os rios verteriam sangue. O homem branco poderoso mandaria guerreiros azuis, faria a floresta chorar também sangue à frente de muitas mortes.”

Cacique Cauê confia ao Alemãozinho que os seus antepassados foram expulsos dos campos do rio Chapecó e dos campos de Palmas. Depois eles foram expulsos do morro encantado do Taió, tendo certeza de que também seriam expulsos dos campos de Papanduva, vendendo as terras aos povos distantes.

Curandeiro Jaqui informa Alemãozinho que o espírito de São João Maria pediu para lhe dizer, que a guerra estava no fim, mas ainda teriam muitas mortes. Os rios verteriam sangue, lágrimas de dor encheriam riachos trazendo o ódio, a fome e muita miséria. E derrotados se entregariam ao poder republicano e o mal voltará do fogo do inferno, uma paz traiçoeira viria depois. Os Coronéis ainda expulsarão o caboclo e os índios de suas terras,

vendendo-as para milhares de emigrantes, que fugiam desesperadamente da guerra apocalíptica em seu continente.

O grupo Farquhar terminaria de construir a estrada de ferro, mas continuariam por muitos anos devastando os pinheiros, imbuías e cedros na região do contestado. São João Maria também pede que deixem Chica Pelega no Quilombo Capão dos Negros, às margens do rio Canoas e só então, partissem para a missão de paz com os líderes da irmandade, evitando assim milhares de mortes de pessoas inocentes.

Os índios que vigiavam os arredores informam ao cacique que piquetes de vaqueanos estavam vindos em direção da aldeia. Cauê organiza os seus guerreiros para o confronto com os vaqueanos, Alemãozinho teima em segui-los, julgando que precisariam de sua ajuda.

Nesse instante, ele vê o verdadeiro sangue guerreiro que corria nas veias dos Kaigang, porque enfrentavam os vaqueanos numa luta desigual, mas superavam em determinação, astúcia e coragem. O famigerado Pedro Ruivo grita para seus vaqueanos debandarem ou do contrário seriam facilmente exterminados pelos Kaigang. Aproveitando a ocasião, Alemãozinho acerta o seu cavalo, derrubando-o no chão. No desespero, Pedro Ruivo pula em cima do primeiro cavalo que encontra, desaparecendo imediatamente do local.

Aquele dia ficou gravado eternamente na mente de Alemãozinho, assim como nas mentes dos humildes caboclos do sertão contestado. Ambos, caboclos e índios Kaigang, eram injustiçados pelos Coronéis e o regime republicano. Os caboclos começaram a ser injustiçados com a proclamação da república, completamente dominado pelas mentes ambiciosas dos Coronéis corruptos e cruéis.

O povo Kaigang já sofria essa injustiça há vários séculos, desde o regime imperial até o poder republicano. Sabe Deus quantos senhores ainda assumiriam o poder republicano, até que chegasse justiça a todo povo Kaigang, onde passariam a viver em paz, com a sua humildade e suas superstições, sentindo livremente parte da natureza e, quem sabe algum dia muito distante, distante dessa república maldita dos injustos, com os miseráveis sertanejos e índios do sertão do contestado.

O Vale Sagrado de Santa Maria

Janeiro de 1915, o líder interino da irmandade de São Sebastião, Elias de Moraes, aguardava um ataque maciço dos soldados republicanos, somente não sabia quando e como aconteceria. Diante de centenas de famílias que aderiram à irmandade, decidindo afastar do comando os líderes espirituais, entregando a liderança a seus comandantes de briga de confiança.

A partir do momento em que Adeodato Manoel Ramos assume a liderança dos Pares de França, tropa de elite dos jagunços, inicia-se um regime de ferro com todos os confinados, impondo castigos severos e até mesmo a morte suplicante da estaca. Adeodato temia uma traição idêntica ao que fez a seu antigo líder, Chico Alonso, quando o matou covardemente e ficou secretamente com a sua mulher. Então passa a procurar pretextos, aonde viesse a exterminar os futuros candidatos ao comando da tropa de elite.

Elias acorda de seu sonho místico, com a chegada dos líderes Antônio Tavares, João e Guilherme Ventura, Josefino e Maria do Carmo, trazendo consigo aproximadamente umas setecentas pessoas. Tavares informa que trouxe os seus confinados porque estava se afastando da irmandade e estava procurando ter uma vida em paz com a sua mulher na cidade de Tubarão. Ele não gostou da decisão de Tavares, mas este estava em seu direito e tinha de aceitá-la, quisesse ou não.

Elias manda matar vários bois, visando alimentar os refugiados dos redutos de Pinheiros, Pinhalzinho e São José. Em seguida, convoca todos os líderes para uma reunião, onde pretendia encontrar uma solução e defesa à frente dos ataques republicanos, como

também, encontrar uma saída na superlotação no reduto de Santa Maria, pois já tinham quase dez mil pessoas confinadas, contando com os recém-chegados.

Os líderes chegam à conclusão que deveriam tirar os confinados dos redutos menores, colocando-os nos maiores, onde tivessem maior poder de combate e de defesa. Os refugiados passam a ser distribuídos nos redutos das proximidades do vale de Santa Maria.

A maioria dos líderes jagunços sequer imaginava que o seu mundo estava desmoronando. Somente Antônio Tavares e Elias de Moraes sabiam que estavam no princípio do fim. Os dois tinham certeza de que era somente uma questão de tempo, porque todos já se encontravam em seu limite. A guerra Santa estava perdida, mas muito mais injustiças viriam dos Coronéis provincianos e da capital republicana, jogando-os na mais completa miséria social e humana.

Quilombo Capão dos Negros

Destruição do Reduto Caçador

Parte VI

O Capitão no Quilombo Capão dos Negros

Fevereiro de 1915, o líder do reduto de Pinheiros e Capitão legalista, Henrique Wolland - Alemãozinho, aguardava Chica Pelega melhorar de seu ferimento, consequência do confronto com as forças republicanas em Pinheiros. O curandeiro Jaqui dos Kaigang, usando com mestria a sua medicina natural, livraram-a da morte. Então pretendia cumprir a sua promessa, deixaria Chica no Quilombo e depois seguiria para a vila de Curitibanos.

O quilombo Capão dos Negros situava-se nas proximidades do rio Canoas, entre as vilas de Curitibanos e Campos Novos, pelas informações do cacique. Cauê conta a Alemãozinho que o Nego Véio e trinta e cinco negros chegaram à aldeia há muitos anos atrás, fugindo de uma fazenda no litoral, onde sobreviviam em regime de escravidão por um Coronel republicano. Os escravos esperaram um momento de descuido do feitor e de seus capangas e avançaram sobre eles e conseguiram dominá-los. Amarrou todos em três árvores nas proximidades da lavoura, embrenhando-se na mata em direção do rio Canoas. Nego Véio e o restante do grupo de foragidos chegaram à aldeia num estado deplorável, cansados, famintos e com muitos ferimentos, devido aos constantes castigos pelos capangas do Coronel. Eles resolveram partir dias depois, temendo que o Coronel enviasse os capitães de mato a caça deles, colocando em risco a segurança da aldeia Kaigang.

Os dois se despedem dos Kaigang e partem em direção a vila de Curitibanos. Eles seguem o curso do riacho até uns dois quilômetros, após embrenham-se na mata com os seus cavalos. Cavalgam continuamente até o escurecer, acampam num dos muitos capões de mata fechada, visando proteger-se de uma possível chuva. Cansados pela marcha forçada, dormem rapidamente, sem ao mesmo ver a chuva fina, que perdurou por toda a noite.

Os dois reiniciam a viagem no início da manhã e próximo ao meio-dia, nas proximidades dos campos de Monte Alegre, Chica resolve visitar uma parenta, com o objetivo de descansar e comer uma comida decente. Soube com esta parenta, que as tropas republicanas estavam à procura dos redutos, ajudados por piquetes de vaqueanos, onde planejavam destruir todos os que encontrassem, levando para a vila todos os prisioneiros maneados como gado. Ela calculava ter uns mil ou talvez, até mais soldados muito bem armados, a julgar pela quantidade de carroças que viu passar. Chica e Alemãozinho vêem que as informações eram de grande valia e sabiam que teriam de passar distante de Curitibanos.

Continuam novamente até o início da noite e já próximos do rio Marombas resolvem acampar, visando descansar e dar descanso a seus cavalos. Reiniciam a cavalgada ainda de madrugada, chegando ao destino no final da tarde.

Os dois são abordados pelo grupo de vigilância, sob o comando de João Garipuna, filho de um dos chefes do Quilombo. Alemãozinho relata que Cauê, cacique dos Kaigang recomendou procurar Nego Veio e que segundo ele, ajudaria em sua missão. João fica completamente extasiado quando soube a identidade dos viajantes, pois tinha enorme admiração por eles, principalmente Chica Pelega, porque tinha ouvido falar muito bem dela. Segundo soube na vila de Campos Novos, a virgem guerreira era muito bonita e pior que a aranha viúva-negra, pois já tinha matado muitos machos.

João os leva até o Quilombo, onde se apresenta a Nego Veio e informa que foram muito bem recomendados pelo cacique Cauê dos Kaigang. Mas o grupo é interrompido por um dos vigilantes, os alertando que estava vindo o Coronel Rupp e aproximadamente uns trinta soldados republicanos. Nego Véio manda Alemãozinho e Chica Pelega se esconderem, temendo que estivessem à procura dos dois.

Coronel Rupp relata a Nego Véio que os quilombolas estavam roubando gado e queria que os culpados se apresentassem ou seria obrigado a prendê-lo, até que o culpado se apresentasse. Nego Véio defende-se e pergunta por que quando alguma coisa era roubada,

sempre colocam na culpa dos negros e justifica que há quase seis meses não comem carne de gado, a não ser de pesca ou caça.

Os membros do Quilombo se aproximam lentamente dos soldados republicanos, curiosos para saber o que realmente estava acontecendo. O Coronel Rupp ao ver que os negros começam a cercá-los, teme por sua segurança e dos soldados e ameaça atirar em Nego Véio, se o culpado não se apresentasse imediatamente.

Chica retira-se da cabana, empunhando um winchester e alerta que se tentasse alguma coisa contra Nego Véio, seria o primeiro a cair. Ele se surpreende ao reconhecer a temida virgem guerreira. Alemãozinho vendo que Chica estava se expondo em demasia, resolve sair a seu auxílio. A presença do novo personagem no momento deixa o Coronel quase sem ação, mesmo sem reconhecê-lo imediatamente.

Alemãozinho decide revelar a sua verdadeira identidade e informa ao Coronel que é o Capitão Henrique Wolland, membro das forças especiais do exército republicano. Essa tropa de elite estava subordinada somente ao Presidente e ao Ministro da guerra e sendo assim, sempre era o oficial superior em qualquer uma das situações.

O Coronel revolta-se contra o líder jagunço, alega que estava sendo procurado por traição. Capitão Wolland pede para levá-lo ao oficial no comando da coluna sul e ele recusa-se terminantemente. Então resolve ser mais convincente, alerta o Coronel que telegrafaria aos governadores de Santa Catarina e do Paraná, ao Ministro Caetano de Farias, inclusive ao Presidente Venceslau Brás, que na certa não gostariam da atitude do Coronel. Ao ouvir todos esses nomes, ele teme ser levado à corte marcial por abuso de autoridade ou até mesmo por desacato a autoridade superior, decidindo levá-lo a presença do Coronel Estillac Leal, acampado nos arredores da vila de Curitiba.

O segredo revelado do líder jagunço, apresentando-se como Capitão do exército republicano deixa os líderes do quilombo muito mais perdidos e agora que não estavam entendendo nada mesmo. Afinal quem realmente ele era naquela história. Alemãozinho pede para que Nego Véio dê abrigo por uns tempos a Chica, porque tinha uma missão muito perigosa, e não queria colocar sua vida em risco. Apesar de encontrar-se perdido, Nego Véio decide dar proteção a Chica, porém antes se justifica pelo que tinha visto, seria ela quem protegeria o Quilombo.

Alemãozinho pede a Chica que conte tudo aos líderes, mas ela teima em querer acompanhá-lo, o que recusou terminantemente. Em seguida despede-se longamente dela, beijando-a como se fosse à última vez.

Chica o acompanha com um olhar triste, até que ele se encontrasse com as tropas e assim, seguem em direção da vila de Curitiba. Instantes depois, Chica viu-se rodeada por dezenas de mulheres e crianças, fascinadas por estar à frente de quem tanto tinham admiração e respeito, uma verdadeira guerreira.

Mapa do Fim do Mundo Jagunço

Fevereiro de 1915, o Tenente Coronel Henrique Rupp, o Capitão Henrique Wolland e os trinta soldados da cavalaria, chegam às imediações da vila de Curitiba no início da noite. Dirigem-se imediatamente ao acampamento improvisado da coluna sul, que estava sob o comando do Tenente Coronel Francisco Raul D'Estillac Leal.

Ao adentrar na barraca de comando, vêem que o Coronel e os demais oficiais encontram-se completamente perdidos em frente a uma mesa lotada de mapas dos dois estados e da região do conflito. Apesar de o General Setembrino contar com quase sete mil soldados e oficiais e quase três mil vaqueanos legalistas sob o seu comando, a região era hostil, o terreno era acidentado e havia milhares de metros quadrados para vasculhar. Até para

o mais experiente caboclo do sertão era como procurar uma agulha em meio na areia do oceano.

Uma luz de esperança brilha nos olhos do Coronel Estillac assim que vê o espião republicano entrar na barraca de comando. Mas o Capitão foi explícito em seus objetivos, informando que precisava telegrafar para o Coronel Felipe de Santa Catarina, Afonso do Paraná, o Ministro da guerra - Caetano de Farias e o Presidente Venceslau Brás, solicitando algumas ordens por escrito, dando o direito de resolver o problema rebelde por meios pacíficos, assim evitando milhares de mortes de gente inocente.

Wolland encontra-se com Carneirinho e o vice-governador de Santa Catarina, Coronel Albuquerque. Convida Carneirinho para acompanhá-lo ao correio da vila, onde pretendia enviar os telegramas. Aproveitando o momento oportuno, o Coronel Albuquerque decide também acompanhá-los. Quase duas horas depois de enviar os telegramas, ele recebe as respostas dos senhores do poder republicano, dando carta branca em seu objetivo pacífico. Alerta-o que se não conseguisse o objetivo, os seus soldados atacariam todos os redutos dos jagunços de José Maria, fazendo voltar à paz no sertão na região contestada.

Capitão Wolland aproveita a presença do Coronel Albuquerque, informa-o que queria ter uma conversa em particular, sendo aceito imediatamente. O Capitão inicia a conversa, entrando num campo perigoso e minado e pergunta sobre a veracidade dos fatos que soube entre os líderes dos jagunços, da existência de uma poderosa máfia entre os republicanos. O Coronel responde-lhe que existiam muito mais coisas e muita gente importante envolvida. Se ele respeitava um pouco a sua vida, era para fazer de conta que não sabia de nada, do contrário acabaria como o Capitão Matos Costa. O Coronel confidencia que se aquela conversa chegasse ao conhecimento de alguma das pessoas envolvidas, a sua vida não valia um centavo de réis.

O Coronel retorna a Curitibanos, enquanto que o Capitão Wolland, Carneirinho e os cartógrafos concentram-se nos diversos mapas em cima da mesa, onde os dois marcavam com um “x” as localizações de todos os redutos da irmandade de São Sebastião.

Terminada a localização dos redutos, o Coronel Estillac telegrafia ao General Setembrino em Canoinhas, informando as localizações dos redutos e solicitando ordens para atacar os mais próximos da coluna sul. Começa a se fechar o cerco republicano para o fim do mundo jagunço, o holocausto no sertão contestado.

Abandono dos Pequenos Redutos de Jagunços

Fevereiro de 1915, o comandante interino da irmandade de São Sebastião, Elias de Moraes, devido à destruição dos redutos de Pinhalzinho, São José e Pinheiros pelas tropas republicanas, decidem enviar os piquetes de vaqueanos e os pares de França, avisando aos demais líderes para abandonarem os pequenos redutos, concentrando-se nos redutos maiores, assim fortalecendo o seu ponto de defesa e neutralizando um de seus pontos frágeis.

Elias pede para informá-los, que o General Setembrino era um excelente estrategista militar, veterano da Guerra de Canudos no sertão baiano. As tropas republicanas no confronto com os seguidores de Antônio Conselheiro executaram e degolaram quase de quatro mil prisioneiros fanáticos, entre homens, velhos, mulheres e crianças.

Coronel Estillac Leal aguardava ansioso a resposta do telegrama enviado ao General Setembrino, onde solicitava ordens para prosseguir a expedição contra os jagunços de José Maria. Consequência desse fato, o Capitão Wolland - Alemãozinho pede para se ausentar do acampamento, visando fazer uma visita a Chica no Quilombo Capão dos Negros, situado às margens do rio Canoas. O pedido é imediatamente autorizado pelo Coronel Estillac, contanto que não ocasionasse atraso na partida da expedição.

Alemãozinho resolve convidar Carneirinho, que aceita o convite de bom grado, visando assim quebrar a sua rotina no acampamento em Curitibanos. Quando os dois estavam próximos aos Campos de Palmares, encontram Benedito Chato, Maria Rosa e suas guerreiras. Após uma longa conversa, ambos resolvem acompanhá-los ao Quilombo.

Chica ao vê-los se aproximando da entrada do Quilombo, corre desesperadamente para os braços de seu amado e somente depois cumprimenta os seus amigos de irmandade. A comitiva de guerreiros do sertão é muito bem recebida por Nego Véio e os demais líderes.

Eufórica com a inesperada visita, Chica apresenta todos aos líderes e os quilombolas. Após todos adentram a cabana de João Garipuna, onde Chica revela a verdadeira identidade de Alemãozinho. A revelação pega de surpresa todos da irmandade, principalmente a líder guerreira Maria Rosa, devido ainda sentir a falta do Capitão Matos Costa, morto covardemente por Venuto e os pares de França. O fato de manter em segredo o seu sentimento em relação ao Capitão republicano fez compreender melhor a situação de Alemãozinho.

Imediatamente Capitão Wolland relata o principal motivo que fez mudar de pensamento em relação à irmandade. Assim que Maria Rosa soube que o Coronel Albuquerque assumiu o cargo de vice-governador de Santa Catarina, explode contrariada e tece um comentário irônico: “Para completar o dia, só faltava dizer que o Coronel Fabrício Vieira era o novo Presidente da República”. Alemãozinho responde à amiga: que o Coronel Fabrício não era o Presidente, mas tinha muitos intendentess, Governadores, Ministros, Senadores e muitos Deputados em sua folha de pagamento.

Alemãozinho segue o relato nas investigações dele, de Tavares e de Capitão Matos Costa, descobrindo a existência de uma quadrilha organizada no poder republicano. Encontravam-se envolvidos num mar de lama, como a cobrança ilegal de imposto entre os dois estados, derrame de dinheiro e títulos republicanos falsos na região. A expulsão dos índios Kaigang e das demais tribos indígenas, inclusive dos humildes sertanejos de suas terras, vendiam todas as imbuías, cedros e os pinheiros a Lumber Company, em seguida revendendo quase sem nenhum recurso natural a emigrantes europeus. Devido à guerra mundial na Europa, milhares de famílias emigram para o solo brasileiro, visando escapar da crise em seu continente. A frente da grande demanda os senhores do poder expulsam de suas terras antigos emigrantes, pequenos e médios fazendeiros. Muitos desses aguardavam ansiosos há muitos anos, os títulos legais das autoridades republicanas.

Em consequência da pressão de toda a imprensa nacional liberal, resolvem usar outro método de roubar descaradamente os miseráveis e começam a comprar suas terras com dinheiro falso. Os que não aceitavam a oferta eram executados sumariamente pelo piquete do famigerado Pedro Ruivo.

No decorrer da guerra mundial, diante de uma fantástica propaganda dos associados do grupo Farquhar em todo continente europeu, onde milhares de famílias eram perseguidas pelos ditadores inescrupulosos, outras tantas visam escapar da crise econômica e da própria fome. Com a constante demanda de emigrantes, o grupo e os políticos republicanos se obrigam a expandir esse negócio da China, abrangendo também os estados do Rio Grande do sul, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, partes do norte e nordeste, inclusive o Rio de Janeiro para os nobres e os mais abastados financeiramente.

As explicações de Alemãozinho não convencem muito Benedito e nem Maria Rosa e as suas guerreiras. Consequência dessa desconfiança dos amigos de irmandade resolve pedir a Nego Véio invocar o profeta do sertão. A princípio o líder do Quilombo é contra, mas vendo melhor a situação que se encontrava o Capitão Wolland, optou por ajudá-lo.

Nego Véio coloca um pouco de um estranho pó no fogo, ocasionando uma fraca explosão, subindo uma fumaça vermelha e azulada, repetindo outras seis vezes. Na sétima vez, joga o restante do pó mágico no fogo e surge uma forte explosão, produzindo no ar uma

fumaça de cor azul celeste e branca. Aparece como por encanto a imagem ou quem sabe uma miragem do santo profeta.

As características do monge tão conhecidas pelos caboclos do sertão, velho, alto, corpulento, uma longa barba branca, casaco quadriculado, um colar de contas de rosário atravessado no peito, calçava sandálias de couro cru. A visão fantasmagórica pega os guerreiros da irmandade de surpresa, trazendo um enorme temor e fazendo com que muitos deles por instinto buscassem forças na reza.

Surge no meio da fumaça e da imagem fantasmagórica, a voz grave e carinhosa do monge do contestado: “Não temam meus filhos, venho só para ajudar vocês. Quero que parem com essa guerra, vocês não poderão vencer o mal. Se não pararem agora, os rios se transformarão em sangue. Serão muito poucas as famílias, que não chorarão a morte de um ente querido. As teias do sofrimento e o cheiro da morte permanecerão por décadas no sertão”.

“Eu falei a seus pais, a seus antepassados, da guerra dos cem anos entre o Paraná e Santa Catarina. Profetizei que Santa Catarina venceria, por demonstrar um pouco mais de respeito a seus filhos menos afortunados. Falei que quando viessem enormes gafanhotos de ferro, devorariam parte das árvores do sertão. Falei também das carroças de aço, que soltavam fumaça e fogo, cortando o sertão afora, viria à guerra dos quatro anos, onde seria impossível de vencer. Com o passar dos anos, o bem se transformaria em mal e se incendiariam as florestas, levando milhares de mortes e todos chorariam lágrimas de sangue. A partir desse momento, por muitas décadas a mentira se tornará verdade, até que alguém revele essa verdade”.

“Vocês imploram o nome de Deus, o meu nome e o de São Sebastião, mas não podemos ouvir os seus lamentos, porque vocês estão fazendo o mesmo que os Demônios da república. O meu tempo esta terminando, peço que acabe com essa guerra injusta, procurem viver em paz e em harmonia. Vocês não conseguirão acabar com os coronéis, com a corrupção da república, esse mal perpetuará até o final dos tempos, trazendo muitas injustiças, fome e miséria a todos os brasileiros. Não odeiem os povos de outro continente, eles também estão fugindo do poder do mal e da miséria. Acabem com essa guerra... Procurem a paz... Encontrem... A paz.”

A imagem do monge João Maria desaparece conforme a fumaça dissipava no ar, até sumir por completo. Reinam uns instantes no ambiente um silêncio de morte, aos poucos os presentes se recuperam da surpresa sobrenatural e inesperada.

Alemãozinho pede a Maria Rosa que pelo menos agora acreditasse no santo profeta, tudo o que estava fazendo, era uma ordem desse ser iluminado, visando salvar milhares de vidas inocentes. Maria contra-ataca, informando que os líderes da irmandade já se encontravam por demais envolvidos nessa guerra, seria quase impossível desistir de seus objetivos. Ainda mais, após a morte de muitos membros de sua família no confronto com as tropas republicanas.

A conversa entre os membros da irmandade de São Sebastião prolonga por várias horas, não chegando a uma solução concreta. Alemãozinho, Carneirinho, Benedito e Maria Rosa despedem-se de Chica Pelega e dos líderes anciões do Quilombo. Maria e Benedito seguem em direção às margens do rio Canoas, enquanto Alemãozinho e Carneirinho retornam ao acampamento da coluna sul, estacionada nas proximidades de Curitiba.

Os dois pretendiam chegar antes do anoitecer e tinham esperança de já ter chegado o tão esperado telegrama do General Setembrino, contendo as ordens para se encaminharem aos redutos de jagunços mais próximos, onde tentariam conseguir que depusessem as suas armas e se entregassem. Do contrário, não poderiam evitar o confronto direto armado, em que morreriam centenas de pessoas inocentes. Como José Maria dizia aos fanáticos: “O sertão vai

virar mar e o mar vai virar sertão”. Só que eles sequer imaginavam que o mar e o sertão iriam se transformar em sangue, morte e sofrimento.

Bandidos Legalistas no Extermínio de Jagunços

Fevereiro de 1915, o General Setembrino encontra-se preocupado com a situação miserável dos oitocentos prisioneiros do reduto de Pinhalzinho, São José e Pinheiros, além dos espíões jagunços presos nos arredores das vilas e desafetos dos coronéis da região do contestado. O General envia um telegrama ao Ministro da guerra, Marechal Caetano de Farias, Coronel Felipe de Santa Catarina, Afonso Alves de Camargo e Carlos Cavalcânti do Paraná, informando-os da quantidade de prisioneiros e que não possuíam recursos financeiros para alimentar toda essa quantidade de pessoas. Alerta também que, devido à falta de condições de higiene no campo de concentração começou uma epidemia de febre tifóide, obrigando-os a colocar todos em quarentena, pois temiam que se espalhasse entre os soldados e os vaqueanos que vigiavam o campo.

A resposta que o General recebe das três autoridades republicanas, é que nem eles mesmos sequer tinham idéia do que fazer para resolver o problema e lhe davam carta branca para fazer o que julgassem mais convenientes. Mas, se o General tomasse uma decisão extrema, que fizesse bem feita para não vir se tornar pública.

A princípio o General Setembrino procurou jogar o problema a seus superiores, mas o problema retorna em suas mãos, deixando-o completamente perdido, colocando-lhe entre a cruz e a espada. A inesperada resposta fez com que reunisse os seus oficiais da coluna norte e os chefes de piquetes legalistas, visando encontrar uma solução imediata para os prisioneiros.

Aproveitando a ocasião, o Coronel Tomás Vieira expõe o maior de seus medos, alertando que temia que Bonifácio Papudo e os demais líderes jagunços atacassem novamente a vila, com o objetivo de libertar os prisioneiros, complicando muito mais a situação já crítica.

Coronel Fabrício Vieira sugere para fazer o mesmo que estava fazendo com os seus piquetes, onde expulsavam ou exterminavam os sertanejos e emigrantes mais teimosos. A horripilante cena desumana se desenrola nos desfiladeiros do Diabo e da Morte, tendo somente como testemunhas o céu, a terra e Deus, a não serem os miseráveis barbaramente executados covardemente, mas como morto não pode falar ou testemunhar, era a solução viável para o problema dos prisioneiros. A não ser que alguém falasse demais, e o fato chegasse aos jornais e aos políticos liberais, então teriam um problema de proporções imensas.

General Setembrino não tendo outra opção, resolve fazer igual à Pôncio Pilatos no julgamento de Jesus Cristo, lava as suas mãos, informando que não se sujaria com o sangue de gente inocente. Afasta-se da vila de Canoinhas, com a desculpa de que outros problemas graves requeriam a sua presença na região militar. Deixa a fúnebre tarefa de extermínio ao Coronel Fabrício, que imediatamente ordena Pedro Ruivo no transporte noturno dos prisioneiros aos desfiladeiros do Diabo e da Morte, onde seriam sumariamente executados, sem ao menos terem um julgamento justo, conforme requer a lei aos prisioneiros de guerra.

Naquela mesma noite, a lua cheia, as estrelas e o capão de mato são as únicas testemunhas daquele holocausto. Um inferno de disparos corta o silêncio da noite, acompanhados por centenas de gritos apavorantes, impregnando o ar com um forte cheiro de morte. Depois de quase vinte minutos, o silêncio volta a reinar no sertão. A fumaça dos disparos encobre por uns instantes a lua e as estrelas, após desce uma neblina fria e sobrenatural sobre o capão de mato.

Os vaqueanos começam a recolher tudo o que encontram pela frente, tudo o que servisse para alimentar o fogo, grimpas de pinheiros, galhos e troncos secos, jogando-os sobre

os cadáveres e em seguida jogam um lampião de querosene. Em poucos minutos, uma fogueira enorme ilumina o capão de mato, formando uma assustadora visão fantasmagórica.

Antes, o famigerado Pedro Ruivo escolhe uma mocinha de aproximadamente uns treze anos de idade, distancia-se dos demais vaqueanos, estuprando-a violentamente como um selvagem e possesso por seus desejos insanos. Após estuprá-la, corta sem piedade a sua garganta, jogando o seu corpo também com os demais mortos. A expedição legalista da morte se repete por mais duas vezes, e todas com o mesmo instinto de crueldade.

Os coronéis e os governantes republicanos encontram um inteligente meio de fazer desaparecer as provas, descendo ao nível mais baixo da crueldade humana. Ou melhor, se pudermos chamar essas pessoas de humanos. Era uma verdadeira solução extrema, que somente décadas mais tarde, seria novamente usada pelos nazistas no holocausto Judeu.

Princípio do Fim do Mundo Jagunço

Março de 1915, o General Setembrino divide a coluna norte e três frentes de combate: a 1ª frente com oitocentos soldados, três oficiais, seis carroças, duas metralhadoras e dois piquetes de vaqueanos, sob o comando do Major Atalibio Taurino de Resende, onde destruiu os redutos de Pinhalzinho, São José e Pinheiros, depois seguiria destruindo os redutos nas imediações.

A 2ª frente com oitocentos soldados, três oficiais, cinco carroças, duas metralhadoras e um piquete de vaqueano, sob o comando do Tenente Coronel Onofre Ribeiro, que destruiria os redutos de Colônia Vieira, Aleixo, Timbózinho, São Sebastião e Piedade.

A 3ª frente com novecentos soldados, dois oficiais, três metralhadoras e dois piquetes de vaqueanos, sob o comando do Capitão Euclides de Castro, que destruiria o reduto de Guarita dos Santos, Conrado Glober, Passo do João Vargeano, Boliche de João Santos, Sebastião Campos. O objetivo do General Setembrino era destruir todos os redutos, debandar os jagunços e aprisionar todos os seus líderes.

A 2ª frente norte, sob o comando do Coronel Onofre que conta com o apoio do piquete de Tobias Ribeiro que atacam o reduto de Aleixo nas proximidades de Colônia Vieira. Após um violento combate com os jagunços de Aleixo, aos poucos ganham terreno e adentram o reduto, obrigando os líderes, Benedito já ferido, Aleixo e o seu irmão Ignácio debandarem desordenadamente na mata, tomando a direção do vale sagrado de Santa Maria.

Assim que dominou o reduto, Coronel Onofre manda uns soldados ajudarem os feridos em combate, outros a enterrar os soldados e vaqueanos mortos. E o restante, manda vigiar os prisioneiros e incendiar os pequenos barracos, jogando no fogo todos os corpos dos jagunços mortos no confronto.

Coronel Onofre incube o Sargento Pires e outros trinta soldados, com a missão de levar os prisioneiros para Canoinhas. A partir daquele momento, estava começando o caminho do holocausto dos guerreiros da irmandade de São Sebastião, os novos jagunços do contestado, marca registrada obrigatória do ambicioso e cruel poder republicano corrupto.

A expedição militar da destruição segue adiante, tomando a direção do reduto de Timbózinho, mas encontra a localidade completamente abandonada. O Coronel manda os soldados incendiarem os miseráveis barracos. Dentro de poucos minutos o reduto de Timbózinho transforma-se numa enorme fogueira no sertão contestado.

A 1ª frente norte sob o comando do Major Taurino de Resende, conta com o apoio de dois piquetes de vaqueanos que avançam para o reduto Guarda do Cemitério, encontrando-o completamente abandonado. O Major manda os seus soldados incendiarem todos os miseráveis barracos, seguindo a sua missão de destruição.

Avançam em direção do reduto de Francisco Salvador, também o encontrando abandonado. O ritual de destruição segue o seu caminho e em poucos minutos tudo se

transforma numa só chama. Prosseguem para os redutos de Estanislau Schumann e Guilherme Helmich que também encontram completamente abandonados, e mais uma vez se transforma numa só chama.

Após, dá ordens de retirada aos seus soldados e vaqueanos, retornando ao quartel General em Canoinhas. O Major leva estampado no rosto a decepção, a ausência de confronto armado em não fazer nenhum prisioneiro nos ataques.

A 3ª frente norte sob o comando do Capitão Euclides de Castro, conta com o apoio de dois piquetes de vaqueanos sob as ordens de Lau Fernandes que seguem para Guarita de Conrado Glober, encontrando-o completamente abandonado. Mandam os soldados arrebanharem os animais e incendiarem todos os barracos e depois seguem adiante.

A frente do Capitão Euclides de Castro também encontram abandonados e destroem os redutos Passo do João Vargeano, Boliche de João Santos e de Sebastião Campos. À primeira vista, julgam pela bagulhada espalhada no caminho, ter sido abandonado às pressas, avisado do ataque das tropas republicanas. Lau manda os seus vaqueanos arrebanharem os animais e seguem decepcionados para Canoinhas.

As chamadas das forças legalistas estavam deixando todos os líderes da irmandade de São Sebastião perdidos, temerosos por uma possível derrota vindoura. A realidade nua e crua acaba acordando os seus sonhos místicos, transformando-se num pesadelo constante, à base de sangue e morte.

Fúria Jagunça Contra o Império Americano

Março de 1915, com a chegada dos foragidos dos redutos destruídos em Santa Maria, o comandante interino, Elias de Moraes finalmente acorda e passa viver um pesadelo interminável. Convoca todos os líderes para uma reunião, visando encontrar uma solução para neutralizar o avanço das tropas republicanas.

Capitão Aleixo sugere para descarrilar os trens na ferrovia, incendiar as estações e os armazéns que ficam na área principal das tropas republicanas, inclusive as linhas de telégrafo. Elias imediatamente cria os planos de ataque, enviando os seus piquetes ao contra-ataque.

Os irmãos Ventura e os seus vaqueanos fazem emboscada, colocam diversas toras de pinheiros nos trilhos, descarrilam um dos trens do grupo Farquhar nas proximidades de Porto União, com os seus vagões carregados de madeira para exportação, tendo como destino o Porto de Santos.

Os líderes Cirino, Manoel Assumpção e Euzébio com os seus piquetes de vaqueanos, emboscados nas proximidades dos Campos de Monte Alegre, entre o morro do Taió e Curitiba. Eles mandam colocar diversas toras de madeira nos trilhos, descarrilam outro trem do grupo Farquhar que tinha os seus vagões lotados de madeira, também para exportação.

Os irmãos Aleixo e Ignácio, acompanhados de seus vaqueanos atacam de surpresa a serraria Lumber em Três Barras, incendeiam a estação, os barracos dos empregados e a serraria, inclusive os montes de madeira que aguardavam o transporte para exportação.

Os líderes Paulino Pereira e Benedito Chato, acompanhados de seus vaqueanos atacam e incendeiam a estação do rio Caçador, o armazém de Guilherme Gaertner, inclusive a linha de telégrafo. Os jagunços encontram uma pequena tropa de soldados, que não representam nenhuma resistência. Visando salvar suas vidas, debanda desordenadamente na mata. A estação e o armazém do rio Caçador ardiam em chamas quando os líderes ordenam para retornar ao vale sagrado de Santa Maria.

O inferno em chamas era amigo de ambos os lados, dos soldados republicanos e dos jagunços de José Maria. Mas tudo aquilo era só o princípio, pois haveria muito mais chamas

que queimariam almas inocentes e explodiria o ódio que traria muitas mortes no sertão contestado.

Reconhecimento Aéreo no Contestado

Março de 1915, General Setembrino em sua estada em Curitiba, soube pelos governadores Carlos Cavalcânti e Afonso Alves de Camargo, que o piloto Cícero Marques tinha colocado sua experiência e os seus serviços profissionais, ao anterior inspetor militar, General Carlos Frederico de Mesquita, que veio a recusar, alegando que o motor de sua aeronave não possuía potência para vôos de reconhecimento em terrenos acidentados.

O piloto pediu que General Mesquita solicitasse um dos grandes aeroplanos da Escola Brasileira de Aviação, com sua sede no Rio de Janeiro. O pedido foi feito pelo General ao Ministro Vespasiano de Albuquerque, sendo imediatamente recusado, devido às poucas chances de êxito no sertão do contestado.

Apesar da recusa do Ministro anterior, General Setembrino envia um telegrama ao novo Ministro da guerra, Marechal Caetano de Farias, solicitando com urgência aviões para reconhecimento aéreo no sertão, porque os redutos dos jagunços de José Maria encontravam-se confinados na mata, sendo vinte oito mil quilômetros quadrados que teriam de vasculhar palmo a palmo.

O Ministro aceita o pedido do General e envia quase de imediato cinco aviões monoplanos, um Bleriot de oitenta cavalos, um Morane Saulnier de noventa cavalos, um Parrascal Morane de setenta cavalos e dois Parrascal Morane de cinquenta cavalos. Os aviões são transportados por uma locomotiva e cinco vagões de carga, gentilmente cedidos pelo grupo Farquhar ao Ministro da guerra.

No trajeto do Rio de Janeiro a Canoinhas, três aviões são completamente destruídos pelas fagulhas da locomotiva Maria Fumaça, danificando somente um pouco os dois últimos. O Coronel Ricardo Kirk e o Tenente Ernesto Dariolli trabalham dia e noite para deixá-los em condições de vôo, acontecendo no último dia de fevereiro.

No dia seguinte, o General Setembrino reúne todos os oficiais da coluna norte, convidando-os para presenciar o 1º vôo de reconhecimento. Pouco antes da partida, o General alerta aos dois pilotos os riscos da missão, mas Kirk e Dariolli respondem conscientes que já voaram muito no Pico das Agulhas Negras, estado do Rio de Janeiro, e na Serra da Mantiqueira, estado de Minas Gerais. Correr riscos já era uma rotina.

O monoplane Parrascal Morone com cinquenta cavalos do Tenente Dariolli, é o primeiro a levantar vôo, seguido pelo monoplane Bleriot de oitenta cavalos do Coronel Kirk. Dariolli segue ao sul da região do contestado, onde com um binóculo procura a existência dos redutos de jagunços da irmandade. Próximo a Perdizes, seu monoplane começa a apresentar problemas, se estabilizando estranhamente pouco depois. Após segue em direção ao rio Marombas e Canoas, surgindo novamente outro problema inesperado, a falta de vento, correndo o risco de se chocar contra as árvores ou cair no solo. Enfim se estabiliza no ar ao passar por uma forte corrente entre os morros à beira do Canoas.

A expedição de reconhecimento aéreo estava predestinada ao fracasso, quando se encontra próximo da vila de Curitiba porque se iniciou nova instabilidade no monoplane, agora devido à falta de combustível. Dariolli é premiado por outra corrente de ar e diante de muito trabalho, consegue finalmente pousar o avião na estrada oeste da vila.

Seguindo determinações do General Setembrino, procura imediatamente o Coronel Marcos G. Farias na intendência. O pouso do monoplane causa temor entre os habitantes da vila, devido à invenção ser de conhecimento de uns poucos privilegiados. Os habitantes envoltos em suas superstições, assim que vêem a máquina no céu, julgam ser a besta do apocalipse, o místico final milenar dos tempos.

Dariolli o encontra acompanhado pelo Major Euclides F. Albuquerque, Coronel Virgílio Pereira, Dr. Guilherme Abry, Dr. Márcilio da Cruz Maia e o comerciante Antônio Rossi. Ele relata ao Coronel Marcos o ocorrido, lhe solicita ajuda para conseguir combustível ao monoplane e então seguir até o acampamento militar central, em Canoinhas.

O comerciante Rossi lhes informa que possuía em seu armazém uns cem litros ou talvez até um pouco mais. Porém, forneceria o querosene, contanto que o Coronel fosse fiador do produto. Nesse instante, são interrompidos pelo Capitão Wolland, que se surpreende ao ver o Tenente naquele sertão sem fim. O mesmo acontece com Dariolli que sequer imaginava que estivesse envolvido na guerra dos fanáticos no contestado. Já com o monoplane abastecido, Dariolli levanta vôo, diante dos olhares curiosos e assustados de todos os presentes, se dirigindo para Canoinhas.

A poucos quilômetros de Porto União, o motor monoplane do Coronel Kirk entra em pane e começa a perder altura. O Coronel puxa o manche com força, mas a aeronave não obedece ao seu comando e este se encontrava numa área coberta de mata e terreno irregular, inadequado para pouso de emergência.

Kirk vê a existência de uma pequena estrada aproximadamente três quilômetros à sua frente e decide arriscar tudo num pouso forçado. O Coronel fica preso numa forte corrente de ar, ocasionando uma turbulência que trouxe instabilidade à aeronave. O acontecido força-o a descer uns poucos metros, sendo o necessário para vir a se chocar contra um pinheiro. No choque, o monoplane perde sua asa esquerda, chocando com o solo e ocasionando uma violenta explosão, matando instantaneamente o Coronel Ricardo Kirk.

O acidente é visto por dois caboclos da região, que procuravam uns gados perdidos próximo do local. Assim que se aproximam da aeronave em chamas, ficam apavorados e curiosos ao mesmo tempo. Pois, em toda a sua vida humilde, nunca tinham visto algo semelhante. Diante de seus temores, resolvem avisar os soldados republicanos, acampados em Porto União.

General Setembrino é informado do acidente do Coronel que comunica imediatamente o Ministro Caetano de Farias, que suspende o reconhecimento aéreo no contestado. Ao saber do ocorrido, o grupo Farquhar cede gentilmente uma locomotiva, visando ajudar na missão de resgate do monoplane destruído como também o corpo do Coronel Kirk. Em seguida transportaria para o Rio de Janeiro as duas aeronaves, o corpo de Kirk e Tenente Dariolli. Decepcionado com o acontecido, Dariolli abandona a região de conflito completamente derrotado pela perigosa região do contestado.

Confronto do Silêncio

Março de 1915, a coluna oeste, sob o comando do Tenente Coronel Eduardo Sócrates, com mil e quinhentos soldados, dois oficiais e três piquetes de vaqueanos legalistas, Pedro Leão Carvalho - Pedro Ruivo, Antônio Camargo e Francisco Antônio Bueno. Oito carroças, duas metralhadoras e quinze mulas de carga partem de Canoinhas com destino à União da Vitória. A coluna chega a seu destino e depois se embrenham na mata seguindo o mapa de localização dos redutos da irmandade, enviado por um mensageiro através do General Setembrino.

O Coronel, piquetes e soldados chegam aos redutos e o encontram completamente abandonados. Os jagunços tinham emigrado para os redutos maiores porque teriam mais proteção e defesa contra as forças republicanas. Temendo o retorno dos jagunços aos redutos, ele deixa um oficial, quinhentos soldados, duas carroças e três mulas de carga para protegerem União da Vitória.

Partem para estação EFSPRG. Nome que rendeu muitas crônicas em todos os jornais do país, como, Estrada Feita Só Para Roubar o Governo. Ao chegar à estação, as tropas

vasculham os arredores, e outra vez, encontram os redutos abandonados. O Coronel por precaução deixa um oficial, duzentos soldados, uma carroça e uma mula de carga, com o objetivo de proteger a estação, as linhas férreas e arredores.

O mesmo acontece em vila Rio das Antas e Nova Galícia, onde deixa um piquete de vaqueano legalista, cinquenta soldados, duas carroças e uma mula de carga em cada uma das vilas. O restante das colunas segue para a estação Calmon, onde deixam duzentos soldados, uma carroça e uma mula de carga para auxiliar a tropa republicana, que se encontrava no local para proteger a vila e serraria Lumber.

Coronel Sócrates no comando de quinhentos soldados, o piquete de Francisco Antônio Bueno, uma carroça e oito mulas de carga chegam até a estação rio Caçador e armazém de Guilherme Gaertner, encontrando-os completamente destruídos pela fúria jagunça. Por determinação do General Setembrino improvisam acampamento no local, escalando uma frente com duzentos soldados para reconstruí-las, a pedido do grupo Farquhar.

A outra frente, sob seu comando com trezentos soldados, percorre vários dias os arredores, à procura de redutos da irmandade. Mas de acordo com depoimentos de diversos caboclos de fazendas próximas, os fanáticos resolveram abandoná-los à noite, temendo um ataque das tropas republicanas. Só não podiam informá-los para onde foram, porque não sabiam nada a esse respeito.

Coronel Sócrates retorna ao rio Caçador, onde auxilia na reconstrução da estação e armazém. Ele forma uma tropa para acompanhar o operador de telégrafo no conserto da rede. Assim que é consertada, envia um telegrama ao General Setembrino, solicitando novas ordens. No mesmo dia recebe a resposta onde ordena que permaneça no local e dê proteção a toda região, até segunda ordem.

Nesse momento, as forças republicanas entram numa realidade inesperada, o abandono dos pequenos redutos. O fato indicava que estavam concentrando toda a sua força num ponto fixo, visando fortalecer suas defesas, e neutralizando todos os seus pontos fracos. O humilde caboclo do sertão enfim começava a aprender com seus erros, podendo se tornar um forte inimigo e extremamente perigoso.

Divisão da Destruição Republicana

Março de 1915, a coluna leste, sob o comando do Tenente Coronel Júlio César, Capitão Tertuliano Albuquerque Potyguara e Major Atalíbio Taurino de Resende, com um contingente de mil e quinhentos soldados, cinco oficiais e três piquetes de vaqueanos, Tobias Ricardo, Pedro Vieira e João Correia Sobrinho, doze carroças e vinte e cinco mulas de carga.

A coluna leste se divide em três frentes de combate. A 1ª frente, sob o comando do Coronel Júlio César com quinhentos soldados, um oficial, o piquete de Pedro Vieira, quatro carroças, uma metralhadora e sete mulas de carga que percorreriam os redutos, situados nas redondezas de Papanduva. A 2ª frente, sob o comando do Major Taurino de Resende com quinhentos soldados, dois oficiais, o piquete de Tobias Ricardo, quatro carroças, uma metralhadora e dez mulas de carga que percorreriam os redutos, situados nas redondezas de Rio Negro. A 3ª frente, sob o comando do Capitão Potyguara, com quinhentos soldados, dois oficiais, o piquete de João Correia Sobrinho, quatro carroças, uma metralhadora e onze mulas de carga que percorreriam os redutos, situados nas cercanias de Itaiópolis.

O Capitão e a Tentativa de Pacificação no Sertão

Março de 1915, o Capitão Henrique Wolland - Alemãozinho pede a Carneirinho para acompanhar a coluna sul, tendo a missão de conversar com os comandantes da irmandade,

aconselhando-os a deporem suas armas e a se entregarem, evitando assim, mortes desnecessárias nesse conflito injusto. Sem pensar duas vezes, Carneirinho aceita a missão.

Enquanto percorre os redutos no sentido oeste, leste e norte, tentando fazer o mesmo, analisa qual seria a melhor e mais rápida rota. Em seguida, decide iniciar a missão se vestindo como líder jagunço e não como Capitão republicano, visando não trazer obstáculos ou revolta entre seus amigos de irmandade. Seguiria imediatamente para o norte de Canoinhas e após retornando a Curitiba.

Assim que parte a seu destino, surge em sua mente, a imagem do grande e inestimável amigo, o valente e sentimentalista Capitão Matos Costa. Se ele estivesse vivo, com toda certeza estaria fazendo o mesmo, buscando trazer a paz no sertão à custa do mínimo de mortes possível.

No trajeto, procura descansar o mínimo possível, inclusive o seu cavalo. Assim que chega ao reduto de Piedade, sob o comando de Bonifácio José dos Santos - Bonifácio Papudo é recebido com certa hostilidade e apreensão.

Ele revela seu segredo a Bonifácio Papudo, repetindo a mesma história relatada para Maria Rosa no Quilombo dos Negros. Informa Bonifácio que o General Setembrino era um veterano de guerra e participou da expedição a Canudos, onde foram exterminados covardemente quase cinco mil jagunços de Antônio Conselheiro. O General contava com sete mil soldados, dezenas de oficiais experientes e quase três mil vaqueanos legalistas. Aconselha-o que se prosseguisse com aquela guerra, teriam o mesmo destino dos jagunços de Canudos, porque não teria a menor chance contra o poder republicano.

Alemãozinho informa-lhe que, Antônio Tavares e Cristina se encontravam em Tubarão, onde tentariam junto uma nova vida, procurando um pouco de paz. Conta-lhe Também, sobre seu romance com Chica Pelega de Taquaruçú, que pretendia levá-la para longe do conflito, procurando ter uma vida comum e em paz.

O líder jagunço, Bonifácio Papudo empresta seu cavalo para Alemãozinho, que parte em direção dos redutos Sebastião Campos, Francisco Salvador, Guilherme Helmich, Conrado Glober, Reinhardt. Neste último, consegue convencê-los a depor as armas e se entregar ao General Setembrino em Canoinhas.

Parte imediatamente aos redutos que se situam pelas redondezas de Rio Negro, Papanduva e Itaiópolis, onde novamente é recebido pelos líderes com certa hostilidade, até lhes revelar a real situação à frente dos mais recentes acontecimentos. Só então, Alemãozinho decide ir ao encontro da coluna sul, conforme o acordo feito com Carneirinho.

Derrota e Cerco Republicano em Santa Maria

Março de 1915, a coluna sul, sob comando geral do Tenente Coronel Raul D'Estillac Leal, se divide em três frentes de combate: a 1ª frente sob seu comando, com quinhentos soldados, o líder jagunço Carneirinho, o piquete de vaqueano de Nicolau Fernandes, seis oficiais, seis carroças, uma metralhadora e dez mulas de carga, que destruiria os redutos situados no vale de Santa Maria. A 2ª frente, sob o comando do Capitão Vieira da Rosa Araújo, com quinhentos soldados, seis oficiais, os piquetes de vaqueanos do Coronel Virgílio Pereira e David Padeiro, seis carroças, uma metralhadora e dez mulas de carga, que destruiriam os redutos no sentido oeste e norte de Curitiba. A 3ª frente, sob o comando do Major Paiva Furtado, com quinhentos soldados, seis oficiais, o piquete de vaqueano de Francisco Geraldo, uma metralhadora, seis carroças e dez mulas de carga, que destruiriam os redutos situados ao leste e sul de Curitiba.

A frente do Coronel Estillac Leal acampa a três quilômetros do vale de Santa Maria, visando primeiro conhecer o terreno, suas fraquezas e a quantidade de jagunços em sua defesa e somente após ordenar o ataque surpresa. Imediatamente envia Carneirinho, Lau Fernandes e

dois vaqueanos para fazer o reconhecimento, que retornam minutos depois, informando que tinha aproximadamente umas cinco mil pessoas confinadas e dois mil jagunços prontos para o combate. O veterano Lau aconselha o Coronel Estillac para não atacá-los, ao contrário muita gente iria morrer porque não tinham a mínima chance de vencê-los.

Carneirinho pede para tentar convencer os líderes a depor as armas e se entregar, sendo aceito pelo Coronel, devido ao perigo num possível ataque surpresa. No caminho sente que está sendo seguido, apressa o passo de seu cavalo para assim poder surpreender o eventual inimigo na curva adiante. Mas se surpreende ao reconhecê-lo, o líder e Capitão republicano Henrique Wolland. Rapidamente lhe informa de sua missão, da intenção do Coronel em atacar Santa Maria. Ao ver a gravidade da situação, Alemãozinho resolve acompanhá-lo.

Os dois seguem a estrada de acesso para Santa Maria e são abordados com hostilidade pelos piquetes de vaqueanos que faziam a guarda do vale sagrado, que dissipou quando o líder negro Olegário Ramos os reconheceu. Assim que chegam ao reduto, relata em detalhes ao comandante interino, Elias de Moraes, da realidade dos fatos e imediatamente convoca uma reunião com os demais líderes da irmandade em Santa Maria. Entre os convocados estavam Olegário Ramos, Euzébio Ferreira dos Santos, Adeodato Manoel Ramos, Cirino e Benedito Chato, Maria Rosa, Maria do Carmo, Joaquim Germano, os irmãos Ventura, Aleixo e Ignácio Lima, Antoninho Vidente e as virgens, Conceição e Margarida.

Toninho Vidente revela aos presentes que Pedro Ruivo tinha executado no desfiladeiro da Morte e do Diabo todos os prisioneiros da irmandade, inclusive muitos desafetos dos coronéis. Segundo o tropeiro, eles também tinham executado todos os Xocling da aldeia próxima a Canoinhas, com a finalidade de culpá-los do massacre.

Elias de Moraes lentamente retorna de seu sonho místico, e vê nitidamente a força do exército inimigo. Confidencia ao Alemãozinho que os diversos Presidentes republicanos já tinham lhes matado, quando decidiram jogá-los na miséria. Na situação que se encontravam naquele momento, morrer era o melhor que poderia acontecer. Se os republicanos queriam guerra, teriam guerra, porque nunca viveriam sob domínio dos coronéis.

Os dois se retiram de Santa Maria, Carneirinho retorna a frente do Coronel Estillac, enquanto Alemãozinho toma a direção de Curitiba. O Coronel se altera ao saber que os líderes não se entregariam, porque souberam da chacina de prisioneiros no desfiladeiro da Morte e do Diabo, na aldeia dos Xocling, executados pelo piquete de Pedro Ruivo. Segundo o Coronel, o exército sempre respeitava todos os direitos dos prisioneiros e nunca faria algo que viesse a desabonar sua imagem, e muito menos cometer uma barbárie daquelas. Mas sua convicção entra em xeque, quando descobre que muitos sabiam do massacre.

Nesse instante, São atacados pelos piquetes de vaqueanos de: Benedito, Aleixo e Ignácio, irmãos Ventura, nego Olegário, Joaquim Germano, inclusive Maria Rosa com suas guerreiras e Adeodato com os pares de França. O Coronel distribui ordens desordenadamente de um lado, Lau distribui por outro lado, visando buscar proteção e assentar as metralhadoras. Adeodato manda os seus atiradores de elite matar os responsáveis pela metralhadora, ao contrário poderia fazer um enorme estrago nos guerreiros da irmandade.

Ao ver que se encontravam numa situação crítica, o Coronel decide debandar. Ordena recolher os mortos e feridos, formando dois grupos na retaguarda para auxiliar no recuo. A perda da frente do Coronel foi grande: vinte e nove soldados mortos, dois oficiais e trinta e nove feridos. Lau teve quinze vaqueanos mortos e cinco feridos. No lado dos jagunços, tiveram trinta e cinco guerreiros mortos e vinte e dois feridos.

Enquanto a frente do Coronel combatia os jagunços, Carneirinho sentou atrás de um pinheiro, e aguarda pacientemente o termino do combate. O fato não passou despercebido ao Coronel, deixando-o completamente furioso. Assim que se encontram fora de perigo, o Coronel se revolta com a atitude de Carneirinho, alegando que ele não tinha honra e não

merecia viver. Carneirinho se defende com certa ironia, alegando que se para ter honra teria de matar covardemente mil e quinhentas pessoas, entre homens, velhos, mulheres e crianças, então nunca em sua vida teria honra. Lau vendo que a discussão estava tomando um rumo indesejável resolve interferir.

Carneirinho parte em direção de Curitibanos, onde pretendia encontrar o Capitão Wolland, colocando-lhe à par dos fatos recente. O Coronel e sua frente se encaminham para vila de Butiá Verde, onde pretendiam enterrar os mortos e cuidar dos feridos, retornando a entrada do vale. O objetivo do Coronel era fechar o cerco na entrada de Santa Maria, não deixando nenhum mantimento entrar ou sair do vale, assim forçá-los a se render. Resolve enviar mensageiros para buscar as outras duas frentes da coluna leste, assim com mais de mil e quinhentos homens, entre soldados e vaqueanos, conseguiria levar adiante seu plano.

A escassez de alimentos no reduto de Santa Maria não demoraria muito tempo, devido à quantidade de pessoas que se encontravam confinados no vale. A partir desse momento, iniciava tecer a teia da ignorância republicana, que culminaria em muitas mortes pela peste, fome e desespero diante da situação miserável, o holocausto no sertão.

Ascensão do Flagelo de Deus

Março de 1915, diante da vitória contra os soldados republicanos, os líderes e guerreiros são recebidos em Santa Maria como verdadeiros heróis. Elias de Moraes manda carnear doze reses, oito ovelhas, dez porcos e dezenas de galinhas, dando uma festa de comemoração a seus guerreiros vitoriosos.

Aproveitando a ocasião, Adeodato Manoel Ramos, líder dos temíveis pares de França, decide derrubar Elias de Moraes no comando interino da irmandade, onde alega: Que São João Maria e José Maria apareceram à beira de sua cama, lhe ordenando que assumisse o comando geral da irmandade, assim liderar a guerra contra os coronéis, os ladrões de terras, os carrascos e os Demônios da república. Visando dar mais veracidade a suas palavras, apresenta a espada de José Maria, presenteada pelo Coronel Henrique Paes de Almeida, com o objetivo de degolar o seu rival político, Coronel Francisco Ferreira Albuquerque de Curitibanos. A espada desapareceu em Caraguatá, quando houve a debandada geral para os demais redutos da irmandade.

Os demais líderes presentes aprovam imediatamente a profecia enganosa de Adeodato, exceto Elias de Moraes e Maria Rosa, que tinham certeza absoluta, que tudo não passava de uma ardilosa embromação para assumir o comando geral. Mas devido à aceitação geral, resolvem manter em silêncio.

Adeodato no poder máximo da irmandade resolve acabar com todos os futuros adversários. O 1º da lista foi Antoninho Vidente, sendo executado covardemente por Joaquim Germano e dois pares de França, enterrando-o no cemitério de Santa Maria. O flagelo de Deus fazia mais uma vítima com sua psicose de poder, que levaria toda a irmandade ao juízo final.

Destruição do Reduto de Ignácio Lima

Março de 1915, na coluna leste, a frente do Capitão Tertuliano Albuquerque Potyguara, no comando de quinhentos soldados, dois oficiais, o piquete de João Correia Sobrinho, quatro carroças e onze mulas de carga. A frente militar republicana percorre terrenos acidentados, matas traiçoeiras, desfiladeiros e banhadões, rumo ao reduto Ignácio Lima.

Apesar de toda cautela do Capitão Potyguara, são visto por um grupo de vigilância colocado nas copas de árvores, que correm imediatamente para avisar os seus líderes. Aleixo ao saber da presença de soldados nas proximidades do reduto organiza rapidamente a sua

defesa. Primeiramente escala dez guerreiros para levar os velhos, mulheres e crianças para o reduto de Maria Rosa. Aleixo leva o seu piquete de vaqueano em um dos lados da estrada, encarrega Maria do Carmo para o outro lado, enquanto Ignácio fica com outro piquete na entrada do reduto.

Desce um silêncio de morte sobre a mata e estrada, a não ser o pisar em galhos secos de algum soldado não muito acostumado em combates no sertão. Quando se encontravam na linha de tiro, Aleixo solta o seu grito e dispara contra o primeiro soldado a frente, sendo acompanhado por seus vaqueanos e de Maria do Carmo.

O Capitão Potyguara manda recuar, visando se proteger e avança novamente contra os jagunços. Aleixo vê que não poderia suportar muito tempo o fogo inimigo e que logo iria escurecer, acena a Maria do Carmo para proteger a sua retirada, seguido pelo piquete dela. Os dois piquetes prosseguem nessa estratégia de combate, até se encontrar próximos à entrada do reduto. Nesse instante, entra em ação o piquete de Ignácio, que intensifica os disparos contra eles, obrigando-os a recuar.

Aproveitando a escuridão da noite, Aleixo manda que Maria do Carmo e Ignácio se dirija com seus piquetes para o reduto de Maria Rosa, enquanto ele e seus vaqueanos retardariam os soldados republicanos, reunindo depois com eles.

Coronel Estillac viu que diminuiu os disparos contra eles, mas resolve esperar um pouco mais, temendo ser uma armadilha dos jagunços, e também devido à escuridão da noite. Quando caiu sobre eles um silêncio de morte, ordena que sua frente avance em direção do reduto. Encontra completamente abandonado, restando somente os jagunços mortos e feridos no confronto. Ordena para enterrar os dez soldados e os cinco vaqueanos mortos, outros cuidarem dos vinte feridos. Escala outro grupo para incendiar todos os barracos, jogando os sessenta corpos no fogo. A tropa republicana abandona o reduto destruído de Ignácio Lima, acampando quatro quilômetros do local, onde tomariam a direção do reduto de Tamanduá.

Destruição do reduto de Tamanduá

Março de 1915, a frente militar do Capitão Potyguara improvisa acampamento conforme o planejado, distante quatro quilômetros do reduto destruído de Ignácio Lima, Prosseguem o seu destino no final da madrugada, enfrentando novamente os mesmos obstáculos anteriores, até chegar às proximidades de Tamanduá.

O líder dos vaqueanos, João Correia é enviado para fazer reconhecimento do reduto. Ele desaparece na mata, reaparecendo minutos depois com todos os dados necessários para o ataque. Capitão Potyguara deixa cinco soldados para cuidar dos feridos, só então passa a organizar seus soldados e vaqueanos. O piquete do João e o Sargento Reis cercariam o reduto, enquanto que ele com o restante dos soldados atacariam pela estrada, aproveitando o momento que todos se encontravam dormindo.

As três frentes do Capitão avançam sorrateiramente em direção do reduto. Mas um soldado menos cuidadoso ou inexperiente em combates surpresa acaba se expondo demais a beira da estrada, diante da pequena claridade entre a mata e a estrada acaba sendo visto pelos olhos acostumados de Cirino e de seu filho Benedito Chato. Cirino manda alertar os demais do ataque republicano.

Benedito desaparece entre a mata, com objetivo de avisar Euzébio da existência de soldados nos arredores de Tamanduá, assim se preparando na sua defesa. Benedito vai imediatamente ao barraco de Euzébio, bate na porta com força e grita várias vezes seu nome. O velho Euzébio acorda assustado, manda Benedito parar de gritar, ao contrário iria acordar todos em Tamanduá. Ele pede para acordar todos, os guerreiros deveriam ajudá-los no confronto com os soldados. Enquanto Euzébio deveria reunir os velhos, mulheres e crianças e levá-los imediatamente para o reduto de Maria Rosa.

Cirino e seus guerreiros chegam à entrada do reduto, e com ajuda dos guerreiros de Benedito montam uma barricada, assim se preparando para o confronto armado. Os segundos pareciam uma eternidade, a escuridão da noite transmitia um ar sobrenatural no ambiente natural, a tensão aumentava entre os guerreiros da irmandade. Cirino teve uma idéia, resolve colocá-la em prática, manda Benedito e quinze guerreiros fazer um monte de grimpas a trinta metros da entrada, em seguida tocar fogo, assim poderiam ver os soldados e vaqueanos republicanos.

Assim que Benedito põe fogo no monte de grimpas, completamente surpreso, Capitão Potyguara manda atirar contra ele, que corre em zigue zague até a entrada do reduto, escapando ileso da empreitada. Nesse instante, explode um inferno de tiros de ambos os lados, substituindo rotineiro silêncio da noite. Cirino e Benedito incentivam seus guerreiros, gritando vivas a monarquia e morte aos pés redondos, sendo respondidos pelos demais guerreiros da irmandade.

Enquanto continua o inferno na entrada de Tamanduá, Euzébio, Teodora e Joaquim desaparecem com os três grupos, cada um toma uma direção, mas todos seguem em sentido do reduto de Maria Rosa. Benedito vendo que a situação se complicava cada vez mais manda Cirino debandar com seus guerreiros, porque ficaria com seus guerreiros para proteger a fuga, debandando também depois.

Assim que viu seu pai desaparecer na escuridão da mata, pede para Neguinho e cinco guerreiros incendiar todos os barracos, visando confundir os soldados, dando tempo para fugir do local. O Capitão novamente se surpreende com astúcia do inimigo, desesperado ordena para os soldados e vaqueanos avançar, porque os jagunços estavam preparando para fugir.

Benedito e seus guerreiros recuam sempre atirando contra os soldados, jogam em seguida um punhado de balas no fogo. Frente o intenso calor as balas começaram a explodir, dando a impressão de uns trezentos jagunços atiravam contra os soldados. O Capitão desconfia do aumento de disparos, mas resolve não arriscar, quando percebe que era somente uma estratégia para escapar, ordena aos três grupos para avançar, encontrando-o completamente vazio.

O Capitão manda recolher os soldados e vaqueanos mortos e feridos se encontrasse algum jagunço ferido era para degolar imediatamente, jogando-os junto com o restante no fogo. O legalista João Correia encontra uma menina de doze anos ferida, que se chamava Dorothéia Sampaio. Ela se encontrava descontrolada, seus olhos e suas palavras eram a face viva do ódio contra os republicanos. Dorothéia se encontrava caída perto de um facão, rapidamente o segura com sua mão direita e investe contra o chefe dos vaqueanos, que é obrigado a disparar contra a menina, matando-a instantaneamente.

A frente do Capitão improvisa acampamento a quase um quilômetro do reduto Tamanduá. Levantaria acampamento no início da manhã, tomando rumo do reduto de Traição, onde tentariam novamente debandar os jagunços e destruir os seus barracos miseráveis.

Quando o líder José Maria disse a seus seguidores, que o mar iria virar sertão, o sertão iria virar mar. Ele sequer imaginava que o mar era de sangue, e o sertão ficaria deserto na inexistência de seus seguidores, ficando as terras para os emigrantes europeus, vendidas pelo grupo americano, corruptos coronéis e o poder republicano brasileiro.

Capitão Wolland Entre a Guerra e a Paz

Março de 1915, o Capitão Wolland após se despedir de Carneirinho, a poucos quilômetros do vale de Santa Maria, escutava distante centenas de tiros no confronto da frente do Coronel Estillac e os guerreiros de São Sebastião.

As atitudes ambiciosas de Adeodato, há dias que estava preocupando-o, porque queria o cargo de comandante interino, alegava que Elias de Moraes não tinha mais condições para continuar assumindo o posto. Se seus pressentimentos transformassem realidade, a partir desse momento, começaria um verdadeiro inferno e seria impossível chegar à paz no sertão. Adeodato tinha obsessão por poder, quanto mais espaço ganhasse na hierarquia da irmandade, se tornava quase imune para satisfazer seus instintos neuróticos em vencer essa guerra insana. Também poderia levar a assassinar todos que vise contrariá-lo, agindo como fosse o Deus da vida e da morte.

No lado adversário, a situação não era muito diferente, talvez fosse muito mais complicada. Começando pelo General Fernando Setembrino de Carvalho, era oficial linha dura, tinha ambição de assumir o governo do Paraná ou ministério da guerra, nem que para isso fosse necessário trazer novamente, o massacre dos miseráveis de Canudos para o sertão contestado.

Capitão Vieira da Rosa Araújo era um oficial com instintos superiores e tinha ambição em chegar a General, nem que para isso levasse a exterminar gente inocente. Além de ser autoritário e dotado de uma crueldade infinita, sentia prazer ao degolar qualquer miserável, ou até mesmo executá-lo friamente. E nessa guerra, teria muitas oportunidades para satisfazer todo seu instinto assassino, transformá-la numa paisagem impressionista de terror e miséria.

Capitão Euclides de Castro era um oficial obstinado em cumprir seus objetivos, procurava sempre evitar mortes desnecessárias, mas se tivesse de optar pelo contrário, não tinha nenhuma piedade.

Tenente Coronel Francisco Raul D'Estillac Leal era formado em bacharel, tinha obsessão por leis e direito, não se importava se era uma lei que beneficiavam uns poucos e massacrava aos milhares. Ele sempre dizia que, tinha de cumprir as leis porque era assim que mandava. O Coronel Estillac vinha da velha escola gaúcha de oficiais, onde se determina que muitas vezes, é preciso sacrificar dezenas de vidas para que se consiga o seu objetivo.

O governador Coronel Felipe Schmidt era um autêntico ditador às avessas, não gostava de ser contrariado e era muito ambicioso. Sua filosofia era: Os fins justificam os meios, que os humildes sertanejos e miseráveis do império e da república, eram uma verdadeira ameaça ao progresso e que deveriam sepultá-los sobre sua insignificância.

Os governadores, Dr. Afonso Alves de Camargo e Carlos Cavalcanti herdaram a filosofia capitalista e insensível do famigerado empresário americano, Percival Farquhar que tanto trouxe conflitos e levou muitos miseráveis das regiões do país ao completo extermínio, transformando-os em mortos vivos e sem nenhuma esperança melhor de vida.

O vice-governador, Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque era forte comerciante na vila de Curitiba e principal líder político, descendente do General Melo Manso, veterano na Revolução Farroupilha e mestre em táticas napoleônicas. Ele controlava a política local com punho de ferro e levava uma situação até as últimas consequências se fosse contrariado. Ateu e membro da Loja Maçônica local, era ferrenho inimigo dos fanáticos do Taquaruçu e um dos principais culpados pela guerra do contestado.

A escolha do Presidente Venceslau Brás para assumir a presidência da república, trouxe inúmeros conflitos entre o alto escalão das forças armadas. Para vários governadores e diversos coronéis nas províncias ele era considerado um estranho no ninho, porque fugia da escolha de toda ética política desde o início do país republicano. Em sua análise, os fanáticos sertanejos tinham somente duas opções, viver aquela vida miserável ou morrer na miséria.

Alemãozinho é recebido por João Garipuna e Pai Véio - líder do Quilombo Capão dos Negros, nas proximidades do Rio Canoas. Conta-lhes que tinha vindo buscar Chica Pelega e pretendia levá-la para a aldeia Kaingang porque não queria colocá-los em risco de vida. Pai Véio não gostou muito da decisão de Alemãozinho, mas esperou suas explicações.

Ele justifica dizendo que Chica era procurada pelos membros da irmandade como uma traidora, e pelos soldados republicanos era considerada uma perigosa guerreira e que deveria ser presa ou imediatamente morta.

Enfim, consegue convencê-lo. Pai Véio manda a filha Clementina Garipuna e suas guerreiras os acompanharem até a aldeia Kaigang e assim poderiam chegar seguros ao destino. Chica, Alemãozinho, Clementina e suas guerreiras partem para aldeia Kaigang, proximidades da vila de Papanduva. O grupo segue o curso do rio e a quase um quilômetro da aldeia, ouvem gritos de guerra dos Kaigang e dezenas de tiros.

Apesar de seus cavalos se encontrarem cansados, o grupo força-os ao máximo para chegarem rapidamente à aldeia para ver o que estava acontecendo. Todos eles imploram para Deus que chegassem a tempo, assim evitando o pior. Com certeza os índios Kaigang foram atacados de surpresa, do contrário estariam combatendo por onde passaram minutos atrás.

Assim que o grupo adentra a aldeia pelo taquaral, vêem que os índios Kaigang se defendem com arcos e flechas, outros empunham winchester que recentemente tinham adquirido, mas manejavam sem muita destreza. À beira do matagal se encontravam quase cem vaqueanos atirando contra os Kaigang. Os olhos do Capitão e de Chica percorrem o piquete para ver alguém conhecido, e distante vêem a aparência inconfundível do famigerado Pedro Ruivo.

O grupo sai do taquaral e costeiam o capão de mato até julgarem estar atrás dos vaqueanos. Embrenham-se novamente na mata com extrema cautela, até se aproximarem do piquete. O Capitão faz sinal à Clementina que atacaria pela esquerda, ela e suas guerreiras atacariam pela direita, assim estendendo a linha de ataque, com objetivo de colocá-los num fogo cruzado.

Questão de segundos, Pedro Ruivo vê sua situação mudar, de caçador se transforma em caça. Diante dos disparos certos de Wolland, Chica, Clementina e suas guerreiras, além das flechas mortais dos Kaigang, os vaqueanos caem como mosca, Pedro Ruivo vendo que tudo estava perdido, procura um jeito de sair vivo daquele local. Ele corre para o seu cavalo, monta-o dispara em direção à saída da aldeia. O Capitão e Chica, ao ver que Pedro Ruivo estava fugindo novamente, disparam contra o seu cavalo, que o derruba no chão. Ao ver que um de seus vaqueanos vinha em sua direção, visando escapar do inesperado fogo mortal, mata-o e se apodera do cavalo e parte desenfreado rumo a saída. Chica vê outra oportunidade para matá-lo, procura não desperdiçá-la, fere-o no peito, mas continua em fuga da aldeia.

Chica leva um dos vaqueanos até a beira do rio e manda as guerreiras negras afundarem sua cabeça na água por uns segundos, só então ordena para tirá-la. O ritual de tortura prossegue a cada vez que uma pergunta não era respondida. O vaqueano lhes conta que era o seu primeiro serviço para Pedro Ruivo e que aceitou porque sua família estava passando por necessidades. Clementina decide matá-lo, mas é impedida por Chica, porque queria que ele desse um recado a Pedro Ruivo e o Coronel Fabrício Vieira. Se acaso o Pedro ou o Coronel matasse algum Xocling ou Kaigang, colocando a culpa na irmandade de São Sebastião, ela e Alemãozinho teriam prazer em matá-los, assim como se mata uma cobra peçonhenta.

Wolland manda soltar o prisioneiro sobrevivente, que corre alucinado em direção a saída da aldeia e desaparece, pois temia que se arrependessem e o matasse, assim como os outros sete vaqueanos que foram executados pelos Kaigang. Ele pede ao cacique Cauê se poderia deixar Chica novamente, pois assim poderia cuidar de sua missão mais tranquilamente.

Após acertar tudo com cacique Cauê, se despede de Chica, parte com Clementina e suas guerreiras negras até a estrada mais próxima. Assim que chegam ao local, Clementina e suas guerreiras tomam a direção do Quilombo Capão dos Negros, enquanto Alemãozinho toma a direção norte do contestado. Ele tentaria ser o elo dos comandantes da irmandade e dos

oficiais das colunas republicanas. Não sabia se conseguiria, mas pelo menos, tentaria acabar com aquela guerra insana e trazer um pouco de paz no sertão.

Destruição do Reduto de Taquaruçú

Março de 1915, a frente do Capitão Vieira da Rosa Araújo - coluna sul, no comando de quinhentos soldados, seis oficiais, seis carroças, uma metralhadora, dez mulas de carga e os piquetes de David Padeiro e Coronel Virgílio Pereira, se encaminham ao Arraial do Taquaruçú. Segundo informações cartográficas do Capitão Wolland, os jagunços criaram um reduto por aqueles lados.

Vieira da Rosa decide improvisar acampamento diante da longa viagem até a fazenda Butiá Verde, do Coronel Zacarias de Paula Xavier, onde é acolhido calorosamente, devido o medo de serem atacados novamente. No dia seguinte, a expedição segue para a irmandade de Taquaruçú. Chegando às proximidades, envia o Coronel Virgílio e dois vaqueanos para fazer o reconhecimento, que retornam tempo depois, trazendo informações valiosas, culminando o planejamento e a ordem de ataque.

A frente legalista segue a estrada até a entrada do reduto de Taquaruçú, onde caminham com extrema cautela e completo silêncio, visando não alertar os vigias ou algum jagunço mais atento, assim acabando o ataque surpresa.

Uma falsa paz e um silêncio de morte pairam sobre a irmandade de São Sebastião. Os confinados se encontram em seus afazeres diários, enquanto Chico Ventura, Manoel Rocha, virgem Terezinha e os demais líderes, encontram-se reunidos na pequena igreja, com o objetivo de debater e solucionar o problema dos ataques das forças republicanas.

A virgem Tereza profetiza: “O juízo final está próximo, temos que nos arrepender de nossos pecados, assim poderemos subir ao céu e encontrar os nossos entes queridos. O dragão republicano vai soltar fogo por suas sete cabeças e acabar com a irmandade de São Sebastião. Os poucos que ficarão vivos terão de se esconder como bichos, senão perderão suas cabeças”.

Diante da profecia, Chico Ventura manda construir uma barricada na entrada do reduto. Com o passar dos minutos, a forte tensão lentamente se dissipava, tendo uma fraca esperança da virgem ter errado as suas profecias. Assim que vêm os soldados republicanos se aproximando, são obrigados a encarar o poder da realidade.

Assim que entram em linha de tiro, o inferno desaba sobre o Arraial do Taquaruçú, os gritos de guerra dos jagunços se confundem com as centenas de disparos. E apesar de se encontrar em fogo intenso, a frente legalista avança. Zeca, líder dos vaqueanos vendo a situação crítica, pede que Chico Ventura e Manoel Rocha levem todos para o reduto de Guarda Quadros, enquanto seu piquete seguraria os soldados o tempo necessário para se encontrarem distantes, só então debandaria também, tomando a mesma direção.

Chico adentra a igreja e informa Manoel que teriam de fugir para o reduto de Chico Pitoca. A Virgem Terezinha resiste em abandoná-lo, seguida pelos demais fanáticos. Manoel Rocha teima em ficar, mas é convencido pela virgem e o amigo. Em questão de segundos, os dois desaparecem entre a mata. Terezinha manda os demais acompanharem-na no ciclo de oração, preparando-se para enfrentarem os Demônios da república.

Zeca é ferido no braço direito e gritando insistentemente dispara desesperadamente contra os legalistas, sendo acompanhado pelos vaqueanos. Mas não por muito tempo, porque teve a testa perfurada pela bala de fuzil. Os seus vaqueanos ao verem o chefe morto no chão, jogam suas armas e se entregam aos republicanos.

Capitão Vieira manda o piquete de David vigiar os prisioneiros, enquanto se aproximam lentamente da igreja, temendo que fosse uma armadilha dos jagunços. Assim que abrem a porta, encontram mais de cem pessoas rezando, como se estivessem à espera de um milagre. O quadro visto representava claramente a cara do misticismo religioso e a vida

miserável que o poder injusto poderia levar o ser humano, isso se pudermos chamar o antes e depois de humano.

Os legalistas presenciam uma cena de total obediência e submissão que não se encontrava em nenhum quartel militar republicano. O grupo de fanáticos estava olhando fixamente para uma menina de doze anos, como se estivessem à espera de sua aprovação. Terezinha manda cumprir as ordens do Capitão, reunindo-se em frente à igreja.

O Capitão tenta entender a cena que presenciou e interroga a virgem, recebendo respostas que a seu ver eram todas evasivas. Coronel Virgílio vendo que o Capitão ficava mais perdido a cada resposta de Terezinha, aconselha-o a não fazer mais perguntas, porque não iria compreender mesmo, por mais ela tentasse explicar. Revoltado, manda fazer duas filas e executa a todos friamente. Apesar de muitos não compactuarem com as ordens do Capitão, são obrigados a cumpri-las sem reclamar.

Ele manda incendiar todos os barracos e jogar os jagunços mortos, enquanto outros enterram os soldados e vaqueanos mortos em combate. Coronel Virgílio reclama do massacre a Vieira da Rosa, apresentando-o uma justificação psicótica, que a erva ruim deve ser arrancada ainda pequena. Todas essas crianças no futuro matariam os seus filhos sorrindo. É simplesmente a fatalidade da guerra, somente sobrevivem os mais fortes.

Os legalistas têm quinze mortos e onze feridos, entre soldados e vaqueanos. Enquanto na irmandade duzentos e vinte mortos, entre homens, velhos, mulheres e crianças. Inclusive, onze mulheres grávidas, cinco crianças com menos de um ano de idade que em sua maioria foram executadas sumariamente.

A frente republicana se retira do reduto de Taquaruçú, envolto em chamas e exalando um forte odor de carne queimada. Os soldados e vaqueanos retiram-se cabisbaixos, envergonhados e com suas consciências pesadas, devido ao desumano massacre legalista.

Destruição do Reduto de São Sebastião

Março de 1915, logo depois da destruição de Santa Maria, Guilherme Ventura monta o reduto de São Sebastião. Ele observava as nuvens negras, o vento que balanceava as copas das árvores, à admirável coreografia sincronizada das andorinhas no céu que indicava estava vindo uma violenta tempestade. O vôo assustado de dezenas de pássaros no interior da mata chama a sua atenção. Vê Manoel Sampaio galopando desenfreadamente e o pior dos pressentimentos toma conta de seu pensamento.

Ele o informa da existência de soldados e piquetes legalistas nos arredores. Manda imediatamente Manoel reunir os velhos, mulheres e crianças e levá-los para Perdizinha, reduto de Maria Rosa. Enquanto que ele, Chico Sampaio, João Sampaio e seus guerreiros procurariam retardá-los até que estivessem numa distância segura, só então debandariam e se encontrariam no local indicado.

Manoel bate diversas vezes num arco de ferro, alertando os confinados do perigo iminente. Diante do desespero para escaparem do ataque republicano, os confinados derrubam peças de roupa, crianças choram com aquela correria, a fuga era um verdadeiro caos, sendo controlado lentamente pelos gritos enérgicos dele. Os guerreiros reúnem quase quarenta cavalos próximos à igreja, facilitando assim a sua fuga, e retornam à entrada do reduto. Manoel e os confinados rapidamente desaparecem na mata, seguindo o planejado.

Guilherme, Chico, João e seus guerreiros aguardam a tropa legalista estar em distância de tiro. O tempo decorrido parecia um martírio emocional, o suor frio escorria em suas faces tensas e assim que entra em distância, o inferno de gritos ensandecidos e de tiros desabam sobre as forças legalistas, quebrando o rotineiro silêncio no sertão.

Capitão Vieira, Coronel Virgílio e David Padeiro se refazem da surpresa e passam a distribuir ordens aos soldados e vaqueanos. Uma chuva de balas atravessava ambos os lados,

ora sem destino certo e ora encontrava o corpo dos mais desatentos. Apesar de este confronto ser desigual, Guilherme e seus guerreiros fazia o impossível para não deixá-los avançar.

A força legalista começava a ganhar terreno e vendo que não poderiam segurá-los por mais tempo, são ordenados a fazer vários montes de grimpas e incendiar. Depois montam em seus cavalos e aguardam o líder. Ele joga dezenas de balas em cada monte de grimpas, monta no cavalo que João segurava e desaparecem na mata. A estratégia funciona, os legalistas recuam, imaginando a existência de muito mais jagunços. Ao cessar os disparos, Capitão Vieira manda todos avançarem, mas encontram o reduto de São Sebastião completamente abandonado.

Os legalistas recolhem três mortos e dois feridos. O Capitão manda enterrar os mortos, cuidar dos feridos e incendiar todos os barracos, jogando os quatro jagunços mortos no fogo. A frente da destruição prossegue o seu caminho fúnebre, agora se dirigindo para o reduto Guarda Quadros.

Destruição do Reduto de Guarda Quadros

Março de 1915, o reduto Guarda Quadros, estava sob o comando do temido Francisco Maria Camargo, mais conhecido por Chico Pitoca. Enfrentam novamente os mesmos problemas até o destino. Só que dessa vez muito pior, pois a mata era muito fechada em várias partes, onde são obrigados a fazer picada. Assim que chegam aos arredores do reduto, o Capitão Vieira envia o Coronel e dois vaqueanos para fazer reconhecimento do terreno.

Eles se embrenham na mata, procurando proteção entre as centenas de pinheiros e imbuías no caminho. O grupo chega a uma elevação e observa em detalhes o reduto que era composto de quase duzentos barracos, igreja e cruzeiro. Calcula-se que deveria ter uns trezentos confinados. Apesar da distância, vêem uns sessenta jagunços protegendo a entrada, então decidem retornar a frente do Capitão Vieira da Rosa.

Naquele instante, Benedito Chato contava o seu sonho para Chico Pitoca, que São João Maria estava à beira de sua cama e lhe falou que seriam atacados pelos Demônios da república. Precisavam preparar suas defesas, do contrário seriam todos mortos, assim como os confinados de Taquaruçú. Chico ri do sonho, dizendo que ele estava ficando louco igual ao velho Euzébio. O comentário deixa Dito revoltado e Chico justifica-se que não acreditava em sonhos e pressentimentos.

Manoel Lira de Jesus revela que tinha visto o Coronel Virgílio e dois capangas na mata e isso indicava que os pés redondos estavam pertos. A notícia pega Chico de surpresa e este se revolta com Dito que lhe pergunta se não tinha outra coisa para sonhar. Ao se refazer da surpresa, manda Dito e dez guerreiros levar os confinados para Perdizinha, enquanto organiza a defesa na entrada do reduto. Repentinamente o silêncio no matagal de Guarda Quadros é cortado pelos gritos ensandecidos dos jagunços, acompanhado por dezenas de disparos.

A frente do Capitão Vieira dava ataque frontal, o piquete do Coronel Virgílio à esquerda e do David à direita. Chico Pitoca não esperava toda aquela força legalista e vendo que a situação iria ficar muito pior, desesperadamente começa a distribuir ordens a seus guerreiros. Benedito reconhece o Coronel atrás de um pinheiro, mira com extremo cuidado e dispara, acertando o seu braço de raspão. Ao ver o Coronel cair, julga que tinha vingado a morte de seu amigo Praxedes Gomes Damasceno.

Chico manda Benedito levar os confinados para Perdizinhas, mas é atingido por uma bala de fuzil. Maneco corre ao auxílio do amigo e o encontra desmaiado, carrega-o em seu ombro até os cavalos no curral de taquara, coloca-o num dos cavalos, montando rapidamente em outro e desaparecem entre o matagal com os seus irmãos.

Os legalistas ao verem que estavam fugindo, começam a avançar mais rápido. Chico distribuía ordens a seus guerreiros, sentindo-se uma fera presa na jaula. Descuida-se e é atingido várias vezes pelas armas do inimigo. Assim que vê o seu comandante cair morto, jogam suas armas e se entregam. O Capitão manda os soldados e vaqueanos verificarem no reduto a existência de mais alguém escondido. Vasculham com extremo cuidado, temendo que fosse uma estratégia dos jagunços. Minuto depois, encontram aproximadamente cento e cinquenta confinados na igreja.

Capitão Vieira manda o Coronel com seu grupo reunir os prisioneiros com os feridos, a frente do Sargento Almeida e de David enterrar os vaqueanos e soldados mortos e os outros cuidam dos feridos. A baixa legalista fica em quinze soldados mortos e vinte feridos, seis vaqueanos mortos e treze feridos. Enquanto no lado jagunço, sessenta e um mortos, inclusive o líder Chico Pitoca, oitenta e um feridos e mais de cento e cinquenta são feitos prisioneiros.

Coronel Virgílio e David Padeiro, vendo que a mesma cena desumana e cruel iria se repetir como o acontecido em Taquaruçú acaba discutindo com o Capitão Vieira, que ameaça prendê-los. Este aos poucos, vê que tinha se excedido e tenta se desculpar, porque precisava de seus piquetes, do contrário nunca encontraria os redutos da irmandade de São Sebastião. Os dois chefes dos vaqueanos decidem retornar a Curitiba, com ou sem o Capitão Vieira.

Os legalistas incendeiam o reduto e retornam à vila. Devido não ter condições de cuidar dos feridos, decidem executá-los no Capão da Mortandade. Antes, o Coronel Marcos Farias manda o seu filho, Major Altino Gonçalves de Farias retirar dez parentes e afilhados entre os prisioneiros, levando-os à sua fazenda. Assim que chegam ao Capão, ordena executar covardemente os oitenta e um jagunços feridos e depois queimam os seus corpos com grimpas, enterrando a cinza e os restos mortais no mesmo lugar em que foram enterrados os soldados farroupilhas e imperiais. Futuramente muito mais mortes viriam a compartilhar daquele Capão maldito, envolto completamente com a sombra da morte.

Coronel Marcos manda o Major Euclides F. Albuquerque telegrafar a seu pai, o vice-governador Francisco F. Albuquerque, pedindo-lhe providência urgente com os demais prisioneiros, informando-o sobre o destino dos feridos. A república dos malditos continuava a fazer suas vítimas e os jagunços de José Maria passam a ser outra ameaça aos verdadeiros fanáticos.

Cavaleiros do Apocalipse Jagunço

Abril de 1915, o General Setembrino de Carvalho, inspetor da 11ª região militar, devido à grande quantidade de prisioneiros da irmandade de São Sebastião, envia a Florianópolis, capital catarinense, o seu ajudante de ordens, Tenente Antônio Guilhon, com o intuito de buscar uma solução concreta. Ele não queria que tivessem o mesmo destino dos prisioneiros anteriores, onde entregou quase mil prisioneiros para o piquete de Pedro Ruivo.

Assim que o Tenente Guilhon chega à capital catarinense, segue imediatamente ao palácio do governo e solicita uma audiência com o governador. Estavam entre os presentes na reunião o Coronel Felipe Schmidt, Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, Senador Vidal Ramos, Capitão Gustavo Lebon Régis - secretário do interior, e Paula Ramos - Presidente da Câmara dos Deputados.

Tenente Guilhon lhes informa sobre a existência de uma enorme quantidade de prisioneiros da irmandade de São Sebastião. O General cobrava uma solução imediata porque, em primeiro lugar, não possuía prisões suficientes para todos, em segundo, não tinham condições financeiras para alimentá-los e em terceiro, temiam surgir uma epidemia de tifo e outras doenças contagiosas, devido às condições precárias de higiene entre os prisioneiros.

O Deputado Paula Ramos e o Senador Vidal Ramos comentam sobre a execução sumária dos prisioneiros em Canoinhas e o Tenente se defende, informando que cumpria ordens e somente o General poderia responder às perguntas. Capitão Lebon Régis revela que foi contra a escolha do General Setembrino, porque pesava sobre ele e vinte e oito oficiais do alto escalão, o extermínio covarde de quase cinco mil jagunços na Revolta de Canudos.

Capitão Lebon Régis informa que recebeu o telegrama do Coronel Henrique Paes de Almeida, contando sobre a chacina de oitenta e um prisioneiros em Curitibanos. Mas antes, o Coronel Marcos Gonçalves de Farias soltou seus dez parentes e afilhados. A revelação enfurece o deputado Paula Ramos que promete abrir na Câmara uma comissão para investigar os dois casos. Coronel Albuquerque o ameaça caso fizesse algo que prejudicasse o seu filho, o mataria com suas próprias mãos. Paula Ramos explode dizendo ao Coronel que não era homem para fazer aquilo, pois isto era serviço de seus capangas. Coronel Felipe é obrigado a intervir na discussão a conversa porque estava tomando um rumo tenso e insustentável.

Chegando a um consenso depois de muita discussão, prometem ao Tenente que liberariam uma pequena verba para alimentá-los e o restante mandaria uma comissão especial entregar pessoalmente. Os republicanos encontravam-se completamente perdidos, assim como uma raposa que caça uma galinha, sem sentir nenhuma fome para devorá-la. O dragão da república solta fogo por suas sete cabeças e os quatro cavaleiros do apocalipse jagunços continua cavalcando sobre o sertão contestado, banindo suas espadas mortais contra tudo e todos e ninguém mais estaria seguro.

Rendição de Fanático no Leste Contestado

Abril de 1915, Capitão Wolland assim que se despede de Clementina Garipuna e de suas guerreiras negras e pensa retornar pelo norte do contestado, mas julga melhor percorrer os arredores de Papanduva e Itaiópolis. Começa pelo seu antigo reduto destruído de Pinhalzinho, surpreende-se ao ser abordado pelo piquete de Paulino Pereira e de Conrado Gloor antes de chegar a seu destino.

O novo reduto era composto por duzentos e cinquenta barracos, igreja e cruzeiro. À primeira vista, deveria possuir aproximadamente mil e quinhentos confinados. Observando, percebe que existiam muitos de seus seguidores, o que lhe trazia um pouco de tranquilidade, facilitando a sua missão de pacificação.

Conrado reúne os líderes das famílias em frente à igreja e o Capitão tenta convencê-los a deporem suas armas e a se entregarem às forças legalistas. Primeiramente revela a sua verdadeira identidade, relatando-lhes os últimos acontecimentos, as intenções ambiciosas dos coronéis e políticos republicanos, inclusive a missão que o santo profeta tinha lhe incumbido. Revela que o General Setembrino tinha quatro colunas com sete mil soldados e vários piquetes com quase três mil vaqueanos e prosseguir com tudo aquilo era morte certa, pois não teriam nenhuma chance.

Enfim consegue convencê-los, contanto que ele fosse o intermediário na rendição. Os líderes informam todos os confinados que rapidamente correm aos seus barracos e recolhe tudo o que poderiam levar, parecendo uma fuga de um ataque das forças legalistas.

Depois de uma hora e meia, os confinados da irmandade se retiram do reduto em direção a Papanduva, cumprindo as ordens de seu santo profeta, São João Maria. A visão daquelas mil e quinhentas pessoas caminhando pela estrada afora, era o verdadeiro panorama miserável e cruel que os republicanos impuseram aos sertanejos. Visão esta em que talvez o mundo presenciase somente na revolta de Antônio Conselheiro em Monte Santo, no semi-árido sertão da Bahia.

Assim que a comitiva de fanáticos se aproxima de Papanduva, cria-se um intenso pavor nos habitantes, temendo que fosse outro ataque. Coronel Júlio César é avisado dos

inesperados visitantes e corre com o restante de seus soldados para a entrada da vila. Wolland sentindo o clima tenso no ar decide falar a sós com o comandante. Ele se apresenta ao Coronel, informando que os fanáticos estavam se entregando pacificamente e que deveria tratá-los humanamente como prisioneiros de guerra. Do contrário, ele mesmo tomaria providências que chegariam ao conhecimento do alto poder republicano.

A população da vila, em sua maioria emigrante europeus, emociona-se ao ver aqueles andrajos humanos. Entre eles, tinha velhos que caminhavam com extrema dificuldade, mulheres e crianças desnutridas com seus ossos nitidamente vistos, inclusive dezenas de mulheres com bebês em seus braços, mais parecendo uma visão apocalíptica.

Capitão Wolland, Paulino Pereira, Conrado Globber e Francisco Alves Pires se encaminham para uma nova missão, tendo como objetivo convencer os líderes de outro reduto de fanáticos a se entregarem, carregando a esperança em obter êxito, evitando mortes desnecessárias de pessoas inocentes.

Um colono prontifica-se em doar dez bois para alimentar os prisioneiros, enquanto as mulheres da vila improvisam uma cozinha, onde também recebiam donativos. O restante do dia e da noite foi curto para os soldados e os habitantes de Papanduva, pois estavam sensibilizados diante da situação miserável dos fanáticos. Anteriormente tinham uma visão que todos eram jagunços cruéis, mas naquele dia histórico vêem que foram induzidos em sua crença a confinar na irmandade, que já se encontrava repleta de marginais, inclusive muitos capangas de coronéis das províncias do contestado. Outros aderiram à irmandade, porque não possuíam mais nada na vida, a não ser sua mulher, filhos e alguma esperança para uma vida melhor.

No início da manhã, os quatro retornam com outros mil e quinhentos fanáticos. O cenário era o mesmo do anterior, homens, velhos, mulheres e crianças desnutridas. Wolland confia ao Coronel que quando terminasse sua missão, pediria demissão do exército brasileiro e tentaria viver longe daquele local com a mulher de sua vida. Ele despede-se de todos, segue a cavalo em passo lento até desaparecer na estrada e na mata. A partir daquele momento histórico, começava a abrir uma porta de esperança, que evitaria o holocausto jagunço, isto é, somente para uns poucos.

Confronto com a Elite Jagunça

Abril de 1915, a outra frente da coluna leste, sob o comando do Capitão Tertuliano Albuquerque Potyguara, com quatrocentos soldados, dois oficiais, o piquete de vaqueano do João Correia Sobrinho, quatro carroças, uma metralhadora e onze mulas de carga, decidem improvisar acampamento por vários dias para se recuperar da longa caminhada. Levantam acampamento, dirige-se ao reduto de Traição, próximo do vale de Santa Maria.

Os militares enfrentam novamente matas fechadas, banhados traiçoeiros, terrenos acidentados, precipícios perigosos e por várias vezes são obrigados a passar com as carroças em partes rasas de rios e riachos na região. Enfim chegam às proximidades de Traição no início da tarde do próximo dia, manda todos se esconderem na mata, enquanto os Sargentos Reis e João Correia fariam o reconhecimento do terreno.

Os dois desaparecem na mata, buscando se proteger entre os pinheiros, temendo ser vistos pelos piquetes de jagunços. Era comum deixar esses piquetes a poucos quilômetros, assim dando-o tempo para fugir ou contra-atacar. Depois de vinte minutos chegam aos arredores de Traição e observam atentamente a existência de alguma movimentação. Estranham o silêncio, deixando-os atentos e apreensivos, temendo que fosse uma ardilosa emboscada da irmandade. O reduto era composto por oitenta e cinco barracos, igreja e cruzeiro. Observam uns minutos e só então retornam à frente, informando ao Capitão que Traição estava abandonada.

Potyguara divide-os em três grupos de combate, o 1º sob o comando do Sargento Reis, o 2º sob o comando do João Correia e o 3º sob o seu comando, onde deveriam manter uma distância de cinquenta metros, dificultando assim serem todos surpreendidos por um eventual ataque jagunço. O 1º grupo se encontrava a cem metros da entrada e um inferno de gritos e tiros corta o silêncio no sertão.

Devido ao silêncio que estava à volta, os três grupos acabam se aproximando um do outro, não mantendo os quinze metros de distância. Foi o seu grave erro tático. A confiança devido ao silêncio e contra os jagunços muitas vezes poderia ser fatal. Naquele inesperado momento, todos eles sentiram na pele.

Diante dos disparos dos jagunços são feridos vinte soldados e vaqueanos. Refazendo-se da surpresa, o Capitão manda todos recuarem, visando tirá-los da linha de tiro. Pela primeira vez, o Capitão Potyguara se vê acuado num confronto, devido os disparos certos dos atiradores da irmandade. João Correia alerta-o que estavam enfrentando a elite dos pares de França, mas Potyguara insiste em avançar contra Traição.

Desesperados vêm que de caçador acabaram se transformando em caça. Em meia hora de confronto com a elite jagunça, houve vinte e cinco soldados mortos e dez feridos, cinco vaqueanos mortos e quatro feridos, um resultado desastroso para quem julgava ter a situação sob controle, tendo a seu favor o fator surpresa.

Os quatro grupos de Adeodato Ramos e Joaquim Germano combatiam ocultos atrás dos pinheiros e imbuías, dificultando o avanço do grupo legalista. Os dois líderes, vendo que já tinham chegado ao objetivo, recuam e desaparecem na mata rumo ao vale sagrado.

Capitão Potyguara insiste em persegui-los e diante de muita insistência de João Correia consegue convencê-lo, alertando que seria muito perigoso, porque os jagunços conheciam aquela região como a palma da mão. Potyguara manda uns soldados e vaqueanos enterrarem os mortos, outros a darem assistência aos feridos. Decide acampar no reduto, recomeçando a jornada da destruição no amanhecer do dia.

O restante do dia e da noite foi o mais longo que os soldados e vaqueanos já tiveram, ainda permanecia vivo as cenas do tiroteio e as mortes de seus companheiros. Eles cochilavam poucos minutos, acordando sobressaltados com o barulho ensurdecedor do confronto. As sentinelas quase nem piscavam, atentos e temerosos com o balançar dos galhos na mata, devido ao vento. Somente se sentem mais tranquilos quando amanhece o dia, julgando que teriam mais segurança. Outro erro imperdoável, os jagunços eram extremamente perigosos durante o dia, porque temiam morrer na escuridão e não se encontrar com os seus santos no reino de Deus.

Capitão Potyguara manda incendiar todos os barracos, igreja e cruzeiro que rapidamente se transformam numa enorme fogueira. Depois se dirigem para o reduto de Faxinal, encontrando-o completamente vazio. Rapidamente cento e cinquenta barracos, igreja e cruzeiro são incendiados. O mesmo acontecendo com os duzentos e vinte barracos, igreja e cruzeiro no reduto Reinhardt. A frente de destruição legalista prossegue rumo ao reduto de Caçador. O fato de encontrar os redutos abandonados indicava que ali teriam uma resistência ferrenha dos jagunços, porque com certeza se refugiariam ali ou em Perdizinha. Potyguara sabia que em Santa Maria encontraria a maior resistência, mas contava com o auxílio da tropa do Coronel Estillac Leal.

Destruição do Reduto Caçador

Abril de 1915, o reduto de Caçador era composto por quatrocentos barracos, igreja e cruzeiro. Nele concentram-se os quatro pares de França e vários piquetes de jagunços, sob os comandos de Adeodato Ramos, Joaquim Germano, irmãos Ventura, Cirino Chato, Aleixo

Lima, Maria do Carmo e os irmãos Sampaio. Encontravam-se reunidos no quadro santo, onde repassavam os planos de ataque contra os legalistas.

O piquete de Aleixo vigia a esquerda da mata e Maria do Carmo à direita da mata. Adeodato, Joaquim e os pares de França montam barricada e dão confronto na entrada do reduto. Os demais líderes e guerreiros cavam trincheiras rapidamente na estrada, onde dariam combate frontal com os legalistas.

Assim que terminam o programado, esperam impacientes os malditos soldados republicanos, visando vingar os mais de dois mil guerreiros mortos. Aleixo e Maria do Carmo observam o avanço cauteloso do grupo do Sargento Reis e o piquete de João Correia. Eles caminhavam lentamente em silêncio, olhando assustados para ambos os lados, como se estivessem pressentido a armadilha dos jagunços de José Maria. Assim que entram em linha de tiro, o inferno desaba sobre o sertão, desencadeando um intenso tiroteio e gritos ensandecidos dos líderes, sendo respondidos pelos demais guerreiros de São Sebastião.

O grupo do Sargento Reis é surpreendido pelo piquete de Aleixo, os vaqueanos de João Correia são surpreendidos pelas guerreiras de Maria do Carmo. Capitão Potyguara ao ver os dois grupos sob intensa fuzilaria, ordena a seu grupo que os ajude, dando-os tempo de recuar e procurar proteção entre os pinheiros. Nesse instante os guerreiros nas trincheiras entram em ação, atiram desesperadamente contra o grupo de Potyguara. Agora eram eles que se encontravam numa situação crítica, novamente o caçador se transforma na caça.

Aleixo e Maria do Carmo vendo que não podem suportar o confronto por muito tempo, resolvem recuar até as trincheiras, cedendo terreno aos republicanos, assim pegando o inimigo num fogo cruzado. Capitão Potyguara ao ver que estavam recuperando o terreno perdido, incentiva aos gritos seus soldados e vaqueanos, mas outra vez é surpreendido pelo fogo intenso do inimigo, obrigando-os a recuar.

O estrago na frente de Potyguara é enorme, perdem trinta e oito soldados e vaqueanos entre mortos e feridos. No lado jagunço, a baixa é de quarenta e oito guerreiros entre mortos e feridos. Adeodato manda acenar a bandeira da irmandade, e todos recuam para entrada do reduto. O Capitão grita desesperado aos grupos para avançar porque os jagunços estavam se preparando para fugir. Intensificam o tiroteio contra os jagunços, visando ganhar mais terreno e encontrar uma posição melhor para combatê-los, tentando frustrar a fuga deles.

Adeodato manda os piquetes de Cirino, Aleixo, Maria do Carmo, os Irmãos Ventura e Sampaio debandar, tomando o rumo de Perdizinha. Adeodato, Joaquim Germano e os pares de França intensificam os seus disparos, visando retardá-los, dando tempo para os piquetes se distanciarem. Os dois pares de França sob o comando de Adeodato são o próximo a debandar. Joaquim Germano e os outros grupos de elite dão confronto aos legalistas, sendo os últimos a desaparecer do reduto de Caçador.

O silêncio tenso e quase insustentável desce sobre os legalistas, mas mesmo assim vacilam um pouco antes de avançar, temendo que fosse outra armadilha. Enfim o Capitão ordena para avançar, mas encontram o reduto completamente vazio, a não serem dez corpos de jagunços. Sargento Reis e seu grupo recolhem os soldados mortos e feridos, João Correia e seu grupo recolhem os jagunços mortos e executam os feridos. Potyguara e seu grupo recolhem os objetos de valor, incendiando todos os barracos. Os legalistas têm vinte e três soldados mortos e três feridos, quatro vaqueanos mortos e seis feridos. No lado da irmandade, vinte guerreiros e cinco feridos são executados. Depois ordena para jogar os soldados, vaqueanos e jagunços mortos no fogo, pois pretendia sair o quanto antes ao encalço daqueles marginais do monge.

A frente legalista perde um tempo precioso na tarefa incendiária e fúnebre, o necessário para que os jagunços se distanciassem deles. Prosseguem cautelosamente mata adentro, temendo uma nova armadilha dos guerreiros de São Sebastião. A expedição

HOLOCAUSTO NO SERTÃO

republicana de destruição prossegue o seu caminho apocalíptico e as enormes perdas eram somente números fatídicos, um efeito colateral de toda guerra insana.

Destruição do Reduto Perdizinha

Reduto Poço Preto

Parte VII

Destruição do Reduto de Perdizinha

Abril de 1915, a líder guerreira Maria Rosa de Sousa, recebe os fanáticos foragidos dos redutos destruídos, Ignácio Lima, Tamanduá, Traição, Faxinal, Reinhardt e do Caçador, mas como eram muitos, envia parte para Santa Maria, devido Perdizinha possuir quase mil confinados. Entre os foragidos estavam os irmãos Sampaio, irmãos Ventura, Manoel Lira de Jesus e Benedito Chato, que se encontrava ferido.

Devido aos amigos e parentes não quererem separar-se, ficam somente com confinados em Perdizinha. A comitiva miserável parte lentamente para o vale sagrado de Santa Maria, onde Maneco Lira improvisa uma maca para transportar Dito, ferido no confronto com os legalistas.

Depois de duas horas, ela recebe as visitas de Adeodato, Joaquim, Aleixo Lima, Cirino Chato, os quatro pares de França e seus guerreiros santos. Ele encontrou a comitiva no caminho, e recruta os irmãos Sampaio, irmãos Ventura e seus piquetes. Adeodato manda Maria Rosa formar um piquete de suas guerreiras, porque pretendia fazer uma emboscada aos legalistas em Caçador. Ela justifica a Adeodato que poderia ir à frente e partiria quando reunisse suas guerreiras e então, encontraria no caminho.

Ela reúne as guerreiras e entrega o comando para Maria do Carmo, alertando-a para tomar cuidado com Adeodato, pois era muito traiçoeiro. O grupo parte, visando encontrá-los no caminho. Elias de Sousa, Maria e os demais líderes comentam sobre o perigo eminente se acaso os guerreiros da irmandade não conseguissem segurar os legalistas.

Maria Rosa incube o seu pai de avisá-la sobre qualquer acontecimento inesperado, e se encaminha ao seu barraco. Encontrava-se esgotada e pretendia descansar um pouco. Assim que chega, deixa o seu corpo cair sobre a improvisada cama de madeira e um colchão feito de fibra de butiro. Entra rapidamente num sono profundo, mas acorda repentinamente ao sentir que não estava sozinha no barraco, olha assustada e vê à frente da cama uma luz intensa se formando. Sente um arrepio percorrer o seu corpo e uma euforia domina o peito. Em meio à luz surge uma voz muita conhecida, que tanto fazia sofrer com seu desaparecimento.

Capitão Matos Costa alerta-a do perigo de um ataque legalista. Teria de tirá-los imediatamente de Perdizinha, do contrário, poucos sobreviveriam. Maria inconscientemente tenta abraçar o amor de sua vida e ele lhe diz que não conseguiria tocá-lo. Após, pede para ter mais esperança, porque muitas vidas dependeriam disso. Matos Costa desaparece da mesma forma que surgiu, o que leva Maria ao completo desespero.

Ao poucos se recupera e corre para avisá-los que teriam de abandonar o reduto o mais rápido possível. A tranquilidade em Perdizinha evapora por encanto, desencadeando um inferno de gritos nervosos e correria nos homens, velhos, mulheres e crianças. Todos reúnem somente o necessário, deixando o restante dentro dos barracos, inclusive o gado, ovelhas, porcos e galinhas. Conforme as ordens de Maria, a comitiva fanática parte em direção ao vale sagrado de Santa Maria. À frente a líder guerreira vestida com seu vestido branco, flores silvestres em seus cabelos longos e negros e os demais eram uma deplorável visão, mais parecendo uma romaria de miseráveis desnutridos, dando a impressão que somente a esperança os mantinha em pé e caminhando para viver nos seus infernos e os seus poucos momentos de paz.

Adeodato, os demais líderes e seus guerreiros não conseguem parar o avanço da frente do Capitão Potyguara, recuam a Perdizinha, visando unir suas forças e derrotar os legalistas. Mas surpreende-se ao encontrar o local completamente abandonado. O fato deixa todos intrigados, pois sabiam que Maria Rosa não era de fugir de um confronto e na certa teve um forte motivo para tomar aquela decisão.

O comandante interino da irmandade de São Sebastião, Adeodato Ramos, conscientiza os demais líderes que teriam de derrotá-los ali, do contrário, seguiriam para

Santa Maria, unindo-se com a coluna do Coronel Estillac no cerco do vale e se encontrariam numa situação crítica. Logo iria anoitecer e certamente acampariam no reduto. Decidem espalhar-se na mata e atacá-los no amanhecer.

Quase meia hora depois da divisão do grupo jagunço, à frente do Capitão Potyguara entra com cautela em Perdizinha, temendo que fosse uma emboscada, pois eles nunca atacavam em tática militar padrão, sendo altamente imprevisíveis, corajosos e bárbaros em combate. Vendo que todos se encontravam esgotados, inclusive ele próprio, decide pernoitar no reduto.

Sargento Reis organiza as sentinelas, manda cavar uma trincheira no centro do reduto, onde estacionaria a metralhadora, protegendo-se de um ataque surpresa. Em seguida, ordena aos soldados e vaqueanos para vasculharem todos os barracos, na esperança de encontrarem algum objeto de valor. Os Sargentos Reis e Veiga resolvem vasculhar o maior de todos que com certeza era do comandante... Maria Rosa.

O interior do barraco era muito bem cuidado e à primeira vista dava impressão de possuir um esmerado toque feminino. Eles vêem um pequeno baú de madeira próximo da cama, curiosos, abrem-no com extrema cautela. Dentro havia um vestido branco, enfeitado de fitas verdes e azuis, e dezenas de penas com diversas cores também o adornava. Reis chama a atenção de Veiga da existência de outro baú embaixo da cama. Abrem-no com intensa curiosidade, mas somente continha umas poucas moedas de pouco valor e inúmeras cartas endereçadas à Maria Rosa de Sousa. Abrem várias delas, lendo o seu conteúdo. Todas continham textos que comprometiam diversos Coronéis das províncias do contestado.

O Coronel Felipe Schmidt, Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, Carlos Cavalcânti, Afonso Alves de Camargo, Senador Pinheiro Machado, dois Presidentes da República e vários Ministros. Principalmente o Coronel Fabrício Vieira das Neves no roubo de terras, venda de pinheiros e imbuías para a Lumber Company, venda de terras a emigrantes europeus, roubo na cobrança ilegal de imposto, chacina de fanáticos e de desafetos dos Coronéis, falsificação de dinheiro republicano, a infiltração de bandidos na irmandade, visando forçar o Presidente e parlamentares na divisa dos dois estados.

Em uma delas, constava que a morte do Capitão Matos Costa foi encomendada pelos Governadores, Coronéis e inclusive pelo Senador Pinheiro Machado, pois alegavam que ele era um perigo a seus planos ambiciosos e mediante suas denúncias no parlamento federal, viria a complicar a emigração de europeus que sonhavam encontrar um país de futuro, induzido pela miséria e a guerra no continente.

Os Sargentos mostram as cartas a Potyguara, que lê com atenção cada detalhe, ficando surpreso e assombrado a cada uma das cartas e diante de tantas revelações comprometedoras contra personalidades importantes no poder republicano. Ao ler aquelas cartas, entende imediatamente que a morte do Capitão Matos Costa foi encomendada e que com certeza deveria saber demais, acontecendo assim, uma queima de arquivo. Temendo que as cartas caíssem em mãos erradas, decide queimá-las, exterminando as mais fortes provas contra os corruptos da República dos malditos.

Diante de tantas revelações bombásticas e inacreditáveis fica sem sono, o cansaço desapareceu por completo, chegando ao ponto de alterar o seu pensamento, colocando-o em cheque se estava no lado da verdade e da justiça. Os jagunços de José Maria eram mesmo tudo que alegavam os jornais dominados pelos republicanos? Ou talvez fosse somente um blefe. Que os poderosos os levaram a uma situação conforme suas conveniências, na completa miséria social e humana.

Os guerreiros de São Sebastião se encontravam a quinhentos metros e aproximam lentamente em várias direções, assim cercando-os num fogo cruzado. O silêncio no sertão é cortado por centenas de gritos infernais e uma fuzilaria intensa contra a frente de Potyguara. Adeodato e dois pares de França combatem ao oeste. Cirino, Aleixo e Maria do Carmo e seus

guerreiros combatem ao sul. Joaquim e dois pares de França combatem ao norte. Os irmãos Sampaio e Ventura combatem ao leste do reduto.

O ataque pega todos desprevenidos e assim que Potyguara recupera-se da surpresa, manda os atiradores assumirem a metralhadora, distribuindo o restante nas trincheiras e atrás dos barracos. A metralhadora entra em funcionamento, disparando ininterruptamente em todas as direções, acertando os jagunços descuidados, derrubando pequenas árvores e perfurando as paredes de vários barracos. Os atiradores disparam conforme o programado, visando nenhum soldado ou vaqueano legalista.

Diante dos disparos ininterruptos da metralhadora, auxiliado pelos soldados e vaqueanos, os quatro grupos apavorados, recuam e fogem desordenadamente para o vale sagrado de Santa Maria, deixando para trás vários guerreiros mortos e feridos. A frente do Capitão tem onze soldados mortos e cinco feridos, enquanto João Correia tem um vaqueano morto e dois feridos. No lado da irmandade têm trinta jagunços mortos, sendo que os cinco feridos são executados sumariamente.

Potyguara manda incendiar todos os barracos de Perdizinha, que em poucos minutos se transforma numa enorme fogueira. A seguir, partem rumo ao vale sagrado de Santa Maria com o objetivo de se encontrar com a coluna do Coronel Estillac Leal, assim destruindo o último reduto da irmandade de São Sebastião. Só que a partir daquele instante, o Capitão tinha dúvidas se estava no lado justo da história, porque já não sabia mais quem realmente eram os jagunços, se os fanáticos ou os republicanos.

Desespero no Reduto de Santa Maria

Abril de 1915, o comandante interino, Adeodato Manoel Ramos, diante da derrota com a frente do Capitão Potyguara no reduto de Maria Rosa, fora obrigado a se refugiar no vale de Santa Maria. A sua decisão em ordenar aos membros da irmandade dos redutos destruídos, de virem todos para vale sagrado, foi uma tática irresponsável e seu erro fatal.

O vale sagrado tinha somente uma estrada de acesso, fato muito bem observado pelo Tenente Coronel Francisco Raul D'Estillac Leal, que manteve o cerco da estrada, assim que foram obrigados a recuar contra o ataque dos jagunços.

A partir daquele dia histórico, não entrou mais nenhuma carroça de mantimentos e muito menos alguma coisa que servisse de alimento. Devido o cerco constante da frente do Coronel Estillac, surge à escassez de alimentos aos quase seis mil confinados em Santa Maria. Com isso, o fantasma da fome passa a conviver diariamente com os membros da irmandade de São Sebastião no vale sagrado e, não tendo muita escolha do que comer aproveita-se tudo o que poderia servir de alimento, saco de boi, saco de cavalo, mijador de vaca, bainha de couro de facão, cinta de couro, miolo de xaxim, fruta de imbuía torrada, cabeça de butiá, cavalos, brotos de caraguatá e muitos outros tipos de raízes.

Adeodato caindo na realidade percebe que tinha feito uma arapuca para si próprio, pois todas as opções que encontra era um completo suicídio, porque teria de enfrentar a frente militar do Coronel Estillac. À frente desse quadro convoca uma reunião na igreja com os demais líderes de piquetes e das famílias confinadas no vale, Benedito e Cirino Chato, Manoel e Chico Sampaio. Chico, Guilherme e João Ventura. Aleixo e Ignácio de Lima. Elias e Maria Rosa de Sousa. Joaquim Germano, Maria do Carmo, Conceição, Olegário Ramos, Manoel Assumpção Rocha, Euzébio Ferreira dos Santos, Manoel Padilha e Elias de Moraes.

Os cinco líderes saem da igreja, Joaquim bate com uma barra de ferro num velho e pequeno sino e imediatamente mais de cinco mil pessoas se reúnem em frente à igreja. Nenhum deles sabia como iria escolher os que seriam liberados e foi nesse momento que apareceu Maria Rosa.

Os que estavam no grupo que ficaria no reduto, se revoltam porque também queriam ser escolhidos. Joaquim ordena para que três pares de França os rodeiem, e diante dessa atitude autoritária os ânimos se acalmam, pois conheciam muito bem a violência usada pelo grupo de elite dos jagunços. Um dos homens que não foi escolhido corre até Maria Rosa, ajoelha-se a seus pés implorando que o escolhesse. O seu estado era deplorável, estava só pele e osso.

O par de França que estava mais próximo aponta seu Smitt Wesson e atira na cabeça do miserável. Ao ver aquele ato covarde do par de França, Maria do Carmo tira sua winchester, atirando contra o assassino daquele miserável. Quando ele pensou em mandar os seus homens prender Maria Rosa, vê que o grupo que iria ficar saem de forma empunhando seus winchesters, então, faz sinal a seus homens abaixarem suas armas.

Os líderes que estavam dentro da igreja, correm para ver o que estava acontecendo e ficam surpresos ao ver os dois corpos estendidos no chão, esvaindo-se de sangue. Adeodato curioso e meio perdido se aproxima de Germano para saber o acontecido. Ele furioso manda os pares de França prender Maria Rosa.

Adeodato olha as guerreiras empunhando seus winchesters contra ele e os pares de França, e inclusive todos os líderes apóiam as guerreiras. Então decide usar o bom senso e ordena todos abaixarem as armas. Ele decide novamente pregar suas falsas profecias, evitando uma debanda geral em Santa Maria.

Diante das palavras do comandante interino, percorre um murmúrio entre todos os presentes, porque ainda tinha muitas pessoas que acreditavam nas profecias do monge José Maria. Que ressuscitaria do mundo dos mortos e traria o exército encantado de São Sebastião, exterminando da face da terra todos os Demônios da República. Maria Rosa, Elias de Moraes e Aleixo sabiam que era tudo mentira de Adeodato, que era uma estratégia para apaziguar os ânimos dos membros da irmandade.

Carneirinho segue até a estrada, sendo acompanhado por quase duas mil pessoas, homens, mulheres, crianças, velhos e uns poucos jovens e adultos que portavam a febre de tifo. A comitiva era uma inesquecível visão dramática, onde quase todos estavam somente em pele e osso, pálidos pela fome ou pela epidemia.

A primeira vez que Carneirinho olha para os miseráveis que o acompanhavam, fica com raiva de tudo e de todos, governantes, Coronéis, líderes fanáticos, líderes do exército, inclusive dos santos do sertão, perguntando para si próprio, onde se encontravam todos eles que não viam aquilo e sequer tinham feito algo para não chegar até aquele quadro de total miséria humana.

Carneirinho leva quase uma hora para chegar ao acampamento do Coronel Estillac, pois teve de parar diversas vezes no caminho, para deixá-los descasar e porque se encontravam desnutridos, inclusive seis desmaiam devido à fraqueza.

As frentes do Coronel Estillac, Major Atalibio Taurino de Resende, Tenente Coronel Onofre Ribeiro, Capitão Euclides de Castro, Capitão Vieira da Rosa e os mais de quinze piquetes de vaqueanos, inclusive os vaqueanos do temido Lau Fernandes ficam todos sensibilizados e emocionados pela condição miserável, que em se encontravam aquelas pessoas fanatizadas.

A cena deixa-os tão impressionados, que imediatamente todos oficiais e soldados correm para matar quinze bois e outros providenciam outros alimentos, enquanto que os oficiais médicos levam os doentes de tifo até uma barraca de campanha, onde isolam uma parte da área, evitando que a epidemia se espalhasse entre os soldados e os demais jagunços.

Enquanto isso, no vale sagrado de Santa Maria, o fantasma da fome e do desespero ainda rondava todos os confinados, menos os líderes e seus guerreiros. Era tanto o desespero que um fanático chega a matar o outro porque tinha comido a sua cinta de couro, complicando

ainda mais a situação dos confinados do vale. É que justo naquele ano os pinheiros resolveram não produzir pinhas.

O pinhão matava a fome dos porcos, bichos do mato, inclusive dos sertanejos. Ao final da tarde, o comandante geral, Adeodato Ramos, manda Conceição e o Euzébio fazer o ciclo de rezas, que se prolongava até as dez horas da noite. Após o ciclo de rezas, ele toma a palavra e faz um discurso não muito convincente aos fiéis de São Sebastião.

Adeodato para dar mais veracidade e impor sua palavra aos confinados de Santa Maria, chama os outros líderes para falar sobre as profecias e palavras de São João Maria, começando pelo Joaquim Germano, Euzébio, Manoel Rocha e os demais líderes.

Maria Rosa e Benedito abandonam Santa Maria

Abril de 1915, Maria ao entrar em seu barraco, pressente que estava sendo observada, olha com receio para os cantos, fica mais tranqüila quando vê que era só uma simples impressão. Ela senta na cama, coloca as duas mãos no rosto e o seu pensamento retorna ao passado, ao Capitão Matos Costa.

Nesse momento parece ouvir no ar uma voz bem longe, chamando seu nome. Levanta da cama assustada e olha em todas as direções e vê novamente aquela luz intensa começando a se formar bem próximo de sua cama. O seu olhar se fixa naquele ponto, que lentamente foi formando o corpo do Capitão Matos Costa. “Minha Maria, você precisa abandonar o vale de Santa Maria. Você e toda a sua família estão correndo perigo. Adeodato já entrou em desespero pela situação, sabe que está perdendo o respeito entre os membros da irmandade, está preste a explodir e a se tornar um assassino muito mais frio do que já é. Ele precisa matar um líder que a irmandade tem muito respeito, impondo seus atos insanos pelo medo. Saia do vale ainda hoje meu amor, amanhã poderá ser tarde demais.” Em seguida, desaparece.

Maria cai sobre a cama e desata a chorar por uns instantes, em seguida enxuga as lágrimas com a barra de seu vestido branco. Olha para o teto uns segundos, respira por várias vezes, só então se retira de seu barraco em direção a seu pai e toda sua família.

Elias de Sousa avisa toda sua família, que era um total de quinze membros: mulher, filhos, irmãos, primos e sobrinhos. A Maria Rosa, Maria do Carmo e Conceição estavam esperando o grupo com seis cavalos, que chegam dez minutos depois.

Maria Rosa e seus familiares desaparecem entre a mata e a escuridão. As duas ficam olhando partir por uns instantes, em seguida se dirigem ao ciclo de rezas, que mais parecia discurso de político republicano ou de um monge fanático e apocalíptico.

A reunião somente termina às duas horas da madrugada, só então foram para seus barracos com suas cabeças cheias de palavras, mas com a barriga roncando de fome. Benedito fala baixo ao seu pai, aos irmãos e amigos para se encontrarem no capão de mato, próximo ao rio. Benedito chega primeiro e logo aparecem os outros, num total de quarenta e cinco pessoas, inclusive o Ignácio, irmão do Aleixo.

Benedito e os demais se despedem de Maria do Carmo, desaparecendo no matagal na subida da serra de Santa Maria. Quando ela saía do capão de mato, é abordada por Joaquim e mais quatro pares de França, querendo saber o que estava fazendo, ela então explode, dizendo que não podia nem fazer suas necessidades em paz.

Maria se encaminha ao seu barraco para tentar dormir, o que de fato não consegue, somente tira alguns cochilos. Joaquim e os quatro pares de França prosseguem a vigilância interna no reduto. Ao amanhecer baixa uma densa neblina sobre o vale sagrado, deixando um ar sobrenatural e de intenso mistério.

Adeodato quase não consegue dormir, devido aos inúmeros pesadelos que tinha, vendo-se ser atacado pelos republicanos, onde o comandante deles decepou sua cabeça por

diversas vezes. Manda um dos que estava de vigia em seu barraco, chamar Joaquim Germano, que aparece uns minutos depois.

Joaquim se retira do barraco para providenciar as ordens de seu comandante, deixando-o envolvido em pensamentos e com um ar muito sinistro em seu rosto. Adeodato Sai lentamente de seu barraco, se dirige aos guerreiros em forma e Adeodato caminha até o último guerreiro, retornando até onde estava Aleixo.

Aleixo cumpre a ordem de seu comandante imediatamente, dá um passo à frente dos demais guerreiros. Adeodato olha-o por uns segundos, após saca seu Smitt Wesson e atira covardemente a queima roupa em seu peito. Joaquim Germano tentou sacar sua arma, mas é impedido pelos pares de França.

Os pares de França levam Joaquim até o seu barraco, onde tenta dormir, mas aquela cena covarde de Adeodato não saía de sua cabeça. Adeodato assim que atira contra Aleixo, corre o olho aos demais guerreiros e vê o medo estampado em todos eles. À frente daquele ato covarde, chega a seu objetivo, transmitir o medo e respeito, pois só assim poderia controlar todos confinados.

Aproximadamente às dez horas da manhã, Adeodato soube das fugas por intermédio de Euzébio de Maria Rosa e mais quinze de sua família, Cirino, seu filho Benedito e mais quarenta e cinco pessoas, inclusive o irmão de Aleixo, morto covardemente por ele.

Euzébio sente um arrepio percorrer a espinha, seu corpo treme com a explosão emocional de Adeodato e prevê que mais alguma desgraça estava para acontecer. Ele sai do barraco com o corpo trêmulo, avisa os pares de França que faziam a sua proteção, para trazer Joaquim a seu comandante, nem que fosse maneado.

Eles estranham a ordem, mas cumpriam-na. Joaquim estava dormindo e quando é acordado é informado que Adeodato pedia sua presença. Então, foi ver o que Adeodato queria, pois sabia que certamente deveria ser algo grave, mas percebe ser algo muito pior quando entra em seu barraco. Adeodato explode, e diz que ele não era homem para cumprir com suas obrigações, deixando várias pessoas fugir e então, não merecia viver.

Adeodato saca seu Smitt Wesson e atira por três vezes sobre o corpo de Joaquim Germano, matando-o instantaneamente. O líder dos pares de França, Joaquim, morre sem saber quem fugiu do vale de Santa Maria.

O ex-comandante geral, Elias de Moraes, se reúne na igreja com os demais líderes, os irmãos Ventura, os irmãos Sampaio, Euzébio Santos, Maria do Carmo, Conceição, Olegário Ramos, Manoel Rocha e Manoel Padilha, com a intenção de alertar ou conscientizar o atual comandante geral Adeodato a liberar mais pessoas, procurando ganhar mais tempo, até encontrar uma possível solução contra as forças republicanas.

Assim que o grupo chega a uma decisão, Elias se prontifica em falar com Adeodato, mas acabam discutindo. Adeodato sente um arrepio na espinha e um temor percorrer seu corpo diante da ameaça velada de Elias. O conhecia há muito tempo, mas sabia que quando ele falava com calma e com aqueles olhos frios, não se importava em matar ou morrer, e pelo que se soube ninguém ficou vivo para contar a história. Retorna à sua razão, porque não pretendia ser mais um desses mortos.

Adeodato teve que engolir as acusações e as ameaças de Elias, porque tinha o apoio dos demais líderes. Ele sabia esperar o momento certo, assim como uma cobra em seu bote mortal, e o de Elias não iria demorar muito. Os líderes sabiam que o único que Adeodato temia era Elias, porque sabia que nunca ameaçava em vão.

Manoel Lira de Jesus entra às pressas na igreja, estava pálido e respirava com certa dificuldade. Respira diversas vezes com força, recupera um pouco o fôlego, então conta o que todos temiam. Elias e os demais líderes sentem que o momento da verdade tinha chegado inclusive o comandante Adeodato, e o pior tudo, que eles não tinham a menor chance contra as forças militares da república.

Os líderes reúnem rapidamente os confinados de Santa Maria, informando que teriam de acompanhar Manoel Lira e Conceição. Todas as famílias correm e recolhem somente o necessário em seus barracos, reunindo-se novamente em frente à igreja.

Quando a comitiva de miseráveis se aproxima do acampamento improvisado na entrada do vale, sensibiliza novamente os vaqueanos e os soldados, inclusive os oficiais, que imediatamente ordenam dar assistência médica, providenciam comida aos fanáticos que se entregavam. O Coronel Estillac manda os soldados construírem outro cercado com dez fios de arame farpado, onde ficariam os novos prisioneiros.

General Setembrino, os oficiais de comando das frentes ou colunas militares, inclusive todos os piquetes de vaqueanos, pagos pelos Coronéis da região contestada, não tinham percebido que a irmandade tinha três tipos de grupos.

Os fanáticos que acompanham os demais, devido às grandes injustiças da república ou por sua filosofia monarquista. Os fanáticos que eram induzidos pelo líder espiritual e pelo comandante de briga, a se transformar em jagunços a serviço da irmandade. Os bandidos que se infiltravam por ordem dos Coronéis da região do contestado, fazendo os líderes espirituais se distorcer de sua ilusão mística. Os verdadeiros jagunços que estavam fugindo da justiça e na irmandade acham um meio de roubar os desprotegidos fazendeiros e a população das vilas. E por último o verdadeiro fanático, que entra na irmandade, porque acreditava no final dos tempos, o juízo final. Esse último era somente marionete nas mãos dos demais líderes, mas muito importante diante de suas metas insanas e desumanas.

No lado dos republicanos, também tinha vários objetivos ocultos, os Governadores que ganhariam com a desgraça dos fanáticos, forçando assim o Presidente e os parlamentares aprovarem a divisa dos dois estados do contestado. Os Coronéis da região do contestado, que estavam fazendo fortuna com a venda de pinheiros, imbuías e árvores nobres para serraria Lumber, assim, com a vender e revender as terras aos emigrantes europeus. O Presidente e os parlamentares que firmaram um contrato com grupo Farquhar, além de pagarem vinte e após reajustando para quarenta contos de réis por quilômetro de ferrovia construída, fornecendo a mão-de-obra de muitos prisioneiros de vários estados, dando o direito da Lumber explorar todos os pinheiros e as imbuías numa área de quinze quilômetros, de ambos os lados da ferrovia, além de ter os títulos das terras e poder vendê-las a emigrantes europeus. A quadrilha de falsários sob o comando do Coronel Fabrício Vieira e de muitos outros Coronéis Republicanos, que obrigava os humildes caboclos a vender suas terras e a receber dinheiro falso como pagamento. A cruel ambição dos governantes estaduais, que cobram injustamente duas vezes o imposto na área contestada, ocasionando mais miséria a um território de miseráveis.

A história sabe que nem todos os Coronéis eram corruptos, mas nunca admitiu que noventa por cento da irmandade de São Sebastião era injustificada por um regime ambicioso e capitalista, e não os temidos jagunços, que tanto descrevem fantasiosamente numa verdade mentirosa.

Destruição no Vale Sagrado de Santa Maria

Abril de 1915, retornando ao vale sagrado de Santa Maria, a frente do Capitão Potyguara no comando de trezentos e oitenta e oito soldados, dois oficiais e cento e trinta e quatro vaqueanos do piquete de João Correia, se aproxima lentamente no sentido oeste do reduto, com extrema cautela, temendo um ataque surpresa dos jagunços. O Capitão decide enfrentar os jagunços no início da manhã, deixando os burros de carga, a metralhadora, as carroças, os vinte e oito soldados feridos e os vinte vaqueanos feridos nos confrontos anteriores. Ele forma a frente em dois grupos de combate, que devia manter uma distância de trinta metros uma da outra, com objetivo de evitar que todos fossem pegos de surpresa.

Os militares redobram sua atenção quando se aproxima da entrada do reduto. O Capitão entra em Santa Maria no primeiro grupo, o segundo grupo também entra no comando do Sargento Reis, encontrando o maior reduto dos jagunços completamente vazio, deixando todos intrigados diante daquele fato inesperado. Os soldados e os vaqueanos vasculham todos os barracos, a igreja e inclusive os arredores do reduto, então têm a certeza de que estava abandonado. Após, certificam-se que se encontravam sozinhos no reduto e retornam às suas posições de combate.

A noite chega ao vale de Santa Maria e baixa uma densa neblina envolvida com um frio sobrenatural. Até a meia-noite os únicos barulhos eram dos insetos e dos predadores noturnos e de repente, o inferno parece desabar sobre os soldados republicanos.

Sargento Reis combatia de um lado e o Sargento Veiga de outro lado, o piquete de vaqueanos estava dividido entre os dois grupos. O chefe dos vaqueanos corre em zigue zague sempre atirando contra a mata até se aproximar do Capitão, ordenando que ele e mais uns vinte vaqueanos subissem do vale até o acampamento, e para que falassem para o Coronel Estillac que estavam precisando de ajuda. É ordenado a João que fosse rápido, pois dariam proteção a ele e a seus vaqueanos e que aproveitassem a escuridão e a neblina, se embrenhassem na mata e só voltassem com eles e que fosse avisado ao Coronel que não agüentariam muito tempo e eles teriam de vir rápido.

O chefe dos vaqueanos escolhe às pressas vinte vaqueanos, desaparecendo na mata da serra em direção do acampamento da coluna sul. O Capitão vê que se encontram numa situação crítica e as possibilidades de sobreviverem eram muito pouca.

Os dois grupos de jagunços estavam em vantagem, primeiro por conhecer o local, segundo por estarem protegidos pela escuridão da mata e pela neblina, terceira porque tinham um pouco mais de visão do reduto, devido às fogueiras dos soldados. Enquanto os soldados e vaqueanos se guiam pelos disparos dos jagunços, eles estavam vendo muito bem seus alvos.

Ao ver que a ajuda estava demorando muito e temendo que João e seus vaqueanos estivessem mortos, pensa que logo seria a vez deles, pois já tinha perdido mais da metade de seus soldados e vaqueanos. No final da madrugada escuta barulhos na descida da serra, a princípio pensa que seria a coluna sul, após pensa que poderia ser mais jagunços e um calafrio percorre todo seu corpo.

Sargento e vinte soldados se escondem atrás dos barracos, lugar em que estariam protegidos dos disparos dos jagunços às suas costas. Todos ficam com seus fuzis apontados em direção do barulho no mato. Cada segundo que passava eram um tormento e um suspense, porque sabiam que o barulho vinha trazer a vida ou a morte. O Sargento e os soldados parecem estar nas nuvens, quando vêem que era João com a coluna sul e diversos piquetes de vaqueanos.

O comandante dos dois grupos de jagunços, Adeodato e Elias, vêem a chegada dos soldados que vêm auxiliar os outros. Os dois tinham a situação sob controle e agora não restava alternativa, senão debandar em várias direções, segundo o plano, se houvesse algum imprevisto.

Adeodato desaparece na mata antes deles debandarem, só então também desaparece cada grupo numa direção. Elias de Moraes e os demais líderes também vêem que a situação iria complicar para o lado deles e resolvem seguir um plano de improvisado.

O grupo de Elias se embrenha na mata em passo rápido, desaparecendo em questão de minutos. O Capitão Potyguara e Coronel Estillac, vendo que a resistência jagunça tinha acabado, ordena a seus soldados e vaqueanos verificar os arredores de Santa Maria.

Capitão Potyguara e o Coronel Estillac discutem, devido à demora da tropa, que custou a vida de vários soldados e vaqueanos. Os Sargentos Reis e Veiga, vendo que o Capitão já estava perdendo sua consciência, seguram seus braços e procuram tirá-lo dali antes

que a situação se complicasse de vez. A princípio o Capitão resiste à ajuda dos Sargentos, mas conseguem convencê-lo a sair do local, sem mais complicações.

Tendo os ânimos do Coronel e do Capitão sob controle, os dois mandam uns soldados recolherem os mortos e feridos, entre soldados e vaqueanos. Os piquetes de vaqueanos recolhem todos os jagunços mortos nos arredores do reduto. Outros soldados cavam uma vala para enterrar os quarenta e cinco soldados e os vinte e dois vaqueanos mortos em combate.

O Restante dos soldados incendeia os mil barracos, a igreja, o cruzeiro, jogando os corpos dos duzentos e vinte e oito jagunços mortos no fogo, além de cuidar dos trinta e dois soldados e quinze vaqueanos feridos e inclusive os oitenta jagunços feridos em combate.

A frente do Capitão Potyguara e do Coronel Estillac, começam a subir a serra de Santa Maria, onde pensavam telegrafar ao General Setembrino, informando que o último reduto de jagunço estava destruído. O Sargento Veiga e mais uns dez soldados buscam os feridos, os burros de carga e as carroças.

O Coronel Estillac e cinquenta soldados seguem até Papanduva, onde passam o telegrama ao General Setembrino, informando que o último reduto rebelde tinha sido destruído e que aguardavam instruções do que fazer com milhares de prisioneiros. Recebe a resposta de imediato, informando que era para levar todos os prisioneiros até a vila de Curitiba, aguardando ordens superiores sobre o assunto.

A coluna sul e a leste partem com mais de cinco mil prisioneiros em direção de Curitiba, onde já se encontravam quase trezentos prisioneiros. Ali, esperariam ordens superiores, que poderia ser do General Setembrino, dos Governadores de Santa Catarina e Paraná, Ministro da guerra e justiça, inclusive do Presidente da República, Venceslau Brás. O que todo o poder republicano julgava é que a guerra dos jagunços tinha acabado por completo e logo seria visto que, levaria ainda vários meses para extinguir esse fogo fanático no sertão.

Juízo Final do Mundo Jagunço

Abril de 1915, Capitão Henrique Wolland da elite das forças especiais do exército brasileiro, cavalga dia e noite, chegando ao final do próximo dia ao reduto destruído de Piedade - Bonifácio Papudo, aos arredores de Canoinhas. Ele fica completamente perdido com o acontecido e decide percorrer as mata próxima para saber algo sobre eles. O Capitão é abordado por um piquete de vaqueano de Bonifácio, a quinhentos metros do desfiladeiro da Morte, onde o famigerado Pedro Ruivo e seu piquete chacinaram aproximadamente mil pessoas, inclusive muitos pequenos fazendeiros que se recusaram a vender suas terras por dinheiro republicano falso, e também outros tantos que eram desafetos das dezenas de Coronéis, acusados de simpatizantes dos jagunços. O chefe do piquete era o alemão acaboclado Gustavo Reinhardt, que estranha a sua presença. O líder do piquete deixa Néco no comando e comenta que iria junto com o Capitão.

Os dois seguem o carreiro improvisado na mata por uns dez minutos, até sair numa área descampada, onde vêem que devia ter mais de duas mil pessoas. O reduto improvisado tinha um pequeno barraco de madeira e uma dezena de barracas de lona. Os líderes Bonifácio Papudo, Estanislau Schumann e Guilherme Helmich se encontravam no barraco de madeira, onde discutiam calorosamente o que pretendiam fazer com a atual situação da irmandade de São Sebastião, devido aos constantes ataques dos republicanos e dos piquetes legalistas. Ao verem Reinhardt e o Capitão, faz-se um silêncio de morte, até que os dois se aproximam do grupo.

Wolland justifica a sua presença no local, dizendo que tentava trazer a paz no sertão, aconselhando-os a depor as armas e se entregar, porque a guerra santa tinha acabado. Revela que vários redutos foram destruídos, principalmente Santa Maria. Quase dez mil foram feitos

prisioneiros, cinco mil foram mortos nos confrontos com as colunas republicanas, vários líderes e pouco mais de mil guerreiros conseguiram fugir, mas estavam sendo caçados como se fossem animais.

Os dois montam novamente em seus cavalos e saem do reduto improvisado. Reinhardt passa novas ordens a Néco e prossegue com o Capitão para tentar encontrar a paz. Os dois seguem por uma pequena estrada por quatro quilômetros, rodeiam um enorme banhado, seguindo um pequeno riacho por um quilômetro até chegar onde se encontrava Sebastião Campos e Francisco Salvador. O reduto contava com quinze pequenas barracas de lona, e numa delas encontrava-se todo o comando. Ele vê que o reduto improvisado tinha aproximadamente mil pessoas, entre homens, velhos, mulheres e crianças.

O Capitão repete as mesmas informações que expôs aos líderes anteriores, solicitando que usassem o bom senso e pede para deporem as armas e se entregarem às forças legais. A princípio rejeitam o pedido, mas depois de prometer a eles que estaria junto e que trabalharia para liberá-los, decidem aceitar com esse argumento. Os dois comandantes chamam os líderes das famílias, conversam por mais de uma hora, e enfim chegam a uma decisão. Os dois se dirigem onde se encontravam o Capitão e o Reinhardt, revelando o tinham decidido.

Os fanáticos sob o comando de Sebastião Campos e Francisco Salvador levam quase uma hora para arrumar tudo e partem em seguida até o carreiro, aonde iriam ao reduto improvisado dos outros líderes. Os dois comandantes pedem para ficar à sua espera num descampado, depois de um capão de mato perto do local e iriam junto com os dois até o reduto de Bonifácio. Os dois comandantes São recebidos com alegria, inclusive pelos membros confinados que já os conhecia.

Aproximadamente uma hora depois, quando todos já estavam reunidos com os demais, partem em direção a Canoinhas. Por ser um grupo de quase duas mil pessoas, caminham até quase meia-noite e decidem descansar, recomeçando antes de o dia amanhecer. Ainda estava escuro, quando prosseguem a viagem para Canoinhas, chegando às proximidades da entrada do reduto perto das quatro horas da tarde.

O Capitão pede para ficar esperando no campo até conversar com o General, depois então, retornaria e levaria todos para se entregar ao próprio General. Os soldados sob o comando do Capitão Euclides de Castro que vigiam a entrada de Canoinhas, ao verem aquela quantidade de jagunços reunidos, imediatamente avisam ao Capitão, que manda chamar o General Setembrino e o intendente Manoel Tomás Vieira imediatamente. O soldado não consegue explicar muito bem ao General e ao intendente, porque julgava ser um ataque de jagunços, mesmo assim se apressam para ver com o Capitão, o que realmente estava acontecendo.

Capitão Euclides e os soldados ficam surpresos ao saberem que quem estava conversando com o General e o intendente, era nada menos que o famoso Capitão e jagunço, que convenceu mais de três mil fanáticos a se entregarem em Papanduva. Ele conseguiu o que três mil soldados não conseguiram, e ainda estava trazendo naquele momento quase dois mil fanáticos novamente.

Segue primeiro o Capitão Wolland, General Setembrino, o intendente e o Capitão Euclides, em seguida os dez soldados escolhidos para acompanhá-los. Eles caminham lentamente em direção ao enorme grupo de fanáticos e a cada passo, os soldados sentem percorrer um arrepio de frio em suas espinhas, recordando os vários confrontos que tiveram com eles. Os líderes deram vários passos à frente dos demais, dando a entender ao General que eram os comandantes da irmandade.

Os líderes dos jagunços fazem sinal com as mãos para que trouxessem suas armas e deixassem cair à frente do General e em seguida retornassem onde estavam. Leva quase vinte

minutos para que todas as armas estivessem à frente do General, inclusive os seus facões de aço.

General Setembrino envia um telegrama ao Ministro da guerra, Marechal Caetano de Farias, que se reúne com Presidente Venceslau Brás, com o restante de seus Ministros e inclusive com os Presidentes do senado e da câmara dos deputados. Também notifica aos Governadores Felipe Schmidt de Santa Catarina e o Afonso Alves de Camargo, Governador do Paraná. Quase de imediato recebe ordens do Ministro da guerra, para liberar todos os que se entregassem voluntariamente, e ordenando que retornasse com suas tropas ao Rio de Janeiro o quanto antes, trazendo junto o Capitão Wolland, que o Presidente queria condecorá-lo pessoalmente.

O Ministro alerta-o para não escutar os Governadores e fazer o que tinha ordenado, porque eles possivelmente iriam querer segurá-lo e aos seus soldados por mais tempo. General Setembrino envia um telegrama para o Tenente Coronel Júlio César, autorizando a liberação imediata dos três mil prisioneiros que estavam sendo mantidos em cativeiro em Papanduva. Envia outro telegrama para o Coronel Marcos Gonçalves de Farias e para o Major Euclides Ferreira de Albuquerque, pedindo para que avisassem ao Tenente Coronel Francisco Raul D'Estillac Leal que liberasse todos os cinco mil e trezentos prisioneiros que estavam ou seriam mantidos em cativeiro na vila de Curitiba. Enviou outros dois telegramas a Felipe Schmidt e Afonso Alves de Camargo, pois tinha recebido ordens superiores para liberar todos os fanáticos que se entregassem voluntariamente, somando um total de mais de dez mil fanáticos.

Em seguida, se dirige ao Capitão Wolland que se encontrava cercado pelos comandantes dos fanáticos, o Capitão Euclides de Castro, o Tenente Antônio Guilhon, o intendente e vários soldados que estavam bombardeando ele com perguntas. Ao ver que o Capitão se encontrava acuado, decide tirá-lo daquela situação incômoda.

Os dois se dirigem ao escritório de comando improvisado que ficava próximo do local. Ao entrar, vê que tinha uma mesa grande no meio, onde estavam vários mapas da região do contestado, inclusive o mapa que os cartográficos tinham centralizado todos os redutos de fanáticos. Primeiro, iria redigir o seu pedido de demissão da elite das forças especiais do exército brasileiro. Depois, queria que o General retirasse seu nome de todos os relatórios militares, inclusive dos que foram para o Ministro da guerra, querendo que todos pensassem que ele nunca existiu e que foi somente um comandante de jagunço. Ele sabia que muita gente o conheceu, mas não tendo o seu nome nos relatórios como militar, poderia facilitar a sua vida futura. Na irmandade de São Sebastião, conheceu e se apaixonou por Chica Pelega do Taquaruçu e pretendia viver em paz em qualquer uma vila ou cidade distante do contestado.

General Setembrino o informa que pretendiam condecorá-lo no Rio de Janeiro e ele se justifica que não seria uma medalha que faria sua vida melhor, mas Chica daria tudo o que sempre sonhou. O General alega que seria impossível esconder, pois para uns seria um traidor e para outros um herói. Wolland comenta que uma coisa aprendeu nessas missões, que a dúvida pode ser tudo e ao mesmo tempo nada, confundindo as pessoas e ficando para sempre a dúvida. Ele, estando com Chica e vivendo num lugar onde ninguém os conhecesse, seria uma grande possibilidade de ter um pouco de paz. Reclama ainda, que se sentia envergonhado por pertencer ao exército republicano, pois dentro do poder nacional, estadual e municipal existia muita corrupção, muita injustiça que levou milhares de sertanejos a completa miséria.

O General sai de seu escritório, o Capitão pega um papel e uma pena e começa a redigir o seu pedido de demissão, evitando expor os reais problemas, justificando que era por motivos particulares inadiáveis. Informa ao Ministro que o próprio General Setembrino explicaria pessoalmente melhor, mas pedindo sigilo absoluto sobre as informações. Ele termina de redigir seu pedido de demissão e sai do escritório improvisado, indo se reunir com o General, o intendente, os oficiais e os comandantes fanáticos.

Wolland despede-se de Bonifácio Papudo, do Reinhardt, Sebastião Campos, Francisco Salvador, Estanislau Schumann, Guilherme Helmich, Capitão Euclides de Castro, do intendente Manoel Tomáz Vieira e dos demais oficiais. Nesse momento sente uma mão forte descer sobre seu ombro e volta-se para ver quem era. Tonhão pergunta se sabia alguma coisa de Tavares e Cristina, e informa que se encontravam bem na cidade de Tubarão.

Ele se retira e foi se encontrar com vários amigos que não tinham acreditado que conhecia o famoso Capitão Wolland. O grupo dele fica fascinado ao testemunhar que realmente era verdade e caminham com orgulho para o armazém. Em seguida, Wolland vai se despedir do General Setembrino que lhe puxa pelo braço para se distanciar dos demais. O General informa-o que os cartórios da região do contestado estavam um caos em títulos e registros de nascimentos e que deveria aproveitar para fazer outro registro com novos nomes, pois isso os ajudaria.

Capitão Wolland monta em seu cavalo, olha para todos os militares presentes e para os ex-confinados da irmandade de São Sebastião, despedindo-se de todos e desaparecendo da vista de todos, tomando a direção de Papanduva ou de Curitiba.

Chegava o juízo final dos jagunços ou da irmandade de São Sebastião, muitos inocentes morreram em combate, mas milhares de mortes tinham sido evitadas. A partir desse momento, o líder Adeodato Manoel Ramos começaria a sua guerra particular contra os Coronéis e simpatizantes da república, usando codinome de Flagelo de Deus, por ser o escolhido para comandar a vitória da guerra santa. Era o que os Coronéis Albuquerque, Coronel Fabricio Vieira e Pedro Ruivo precisavam, assim intitulá-los bandoleiros do sertão.

Nessa outra guerra insana de comandantes ambiciosos e psicopatas, pereceria muita gente inocente ainda, somente porque acreditam na profecia bíblica, onde dizia: “Liberdade! Estamos vivendo um novo século e se o mundo durou mil anos, outros mil não durarão!”. Todos os humildes sertanejos eram supersticiosos, submissos em sua fé nos monges e nos raros padres que peregrinavam pelo sertão, pregando o juízo final e que precisavam viver em paz, para estar em paz com Deus. Nessa etapa da história, surgem os cavaleiros do apocalipse, humanamente ambiciosos e desumanos.

Wolland e Chica Pelega entre os Kaigang

Abril de 1915, Henrique Wolland já dominado pela vontade em estar com sua amada Chica, apressa o galope de seu cavalo até a aldeia Kaigang, percorrendo o restante da tarde e toda noite, chegando a seu destino no amanhecer. Os índios que se encontravam de vigia conhecem-no de longe, somente acenam para ele, continuando até entrada da aldeia. Assim que entra na aldeia, Cacique Cauê o vê primeiro, corre em sua direção gritando em dialeto Kaigang, chamando a atenção dos demais índios e inclusive de Chica que estava com um grupo de índias. Ao ver seu amado, corre em sua direção com extrema destreza. Ele salta de seu cavalo e a abraça com carinho, beija seus lábios longamente e depois acaricia suavemente seu rosto emocionado.

O curandeiro Jaqui retira um caldeirão de ferro que se encontrava suspenso por um tripé, também de ferro. Em seguida, vai até um baú feito de taquara, dele retira sete pequenos sacos de couro, se aproxima do fogo e fica por uns minutos recitando várias palavras em dialeto Kaigang. Depois joga o conteúdo dos sete sacos, um por um, sempre recitando as palavras do ritual. Quando ele jogou o último conteúdo, subiu sobre o fogo uma fumaça azulada, formando aos poucos a face de João Maria D’Agostin, o primeiro monge que peregrinou na região do contestado. A mesma visão que tinha presenciado no Quilombo do Capão dos Negros. Apesar de já ter visto aquela imagem do além, sentia-se estranho à frente de tudo aquilo.

O profeta do contestado fala que o Capitão é um homem de palavra, que cumpriu sua missão evitando milhares de mortes de gente inocente. Mas que a guerra ainda não tinha acabado e que o Demônio estava encarnado no corpo de Adeodato o que levaria ainda muitos inocentes à morte e a uma vida miserável. Mas que o principal ele já tinha evitado e que agora tudo estava nas mãos de Deus, fugindo das mãos dele. O Monge diz: “No século passado quando peregrinei nesse sertão, deixei muitas previsões que foram alteradas e levaria a morte de quase vinte mil inocentes. Por isso, voltei no corpo de Atanás Marcaff, para tentar alertá-los dessa guerra injusta e desumana. Eu profetizei sobre a guerra dos cem anos entre os dois estados, os curandeiros levianos e os Coronéis novamente mudaram minhas palavras, o que levaram todos a uma guerra de conveniência aos republicanos, impossível de vencer e se tornaram nos errantes do século. Agradeço por ter aceitado a minha missão, coisa que era obrigação minha em ter de consertar outra vez, a manipulação de minhas previsões futuras. A partir desse momento, quero que você e sua mulher mudem de nome, vivam em paz no Rio de Janeiro, é único lugar onde vocês terão paz. A cidade é grande e ninguém vai dar atenção a vocês dois. Isso você deve fazer o quanto antes, Adeodato já está recrutando os seus soldados, outro inferno está para começar, só que muito pequeno em vista do anterior. Nunca se esqueça, sempre estarei com você e com todos os que acreditam em mim. Adeus amigo Capitão, talvez seja a última vez que venho a aparecer para você, a não ser quando morrer que virei mostrar o caminho para você”.

A fumaça foi se dissipando aos poucos no ar, até desaparecer por completo. Wolland ainda encontrava-se como se estivesse em transe, mas lentamente foi recuperando a consciência. Olha assustado para todos os lados da cabana, após para o cacique e o curandeiro.

Wolland sai às pressas da cabana, indo direto se encontrar com Chica. Ao entrar foi surpreendido e agarrado por ela, que o beija longamente e o joga nos pelegos que servia de cama. Nesse momento os dois perdem a consciência, deixando suas emoções e seus desejos selvagens levá-los ao paraíso do intenso prazer da carne, permanecendo assim por duas horas, até pareciam feras insaciáveis, querendo recuperar o tempo perdido a qualquer custo. Depois relata para ela os últimos acontecimentos, que conseguiu convencer vários líderes a depor as armas e se entregar, que a destruição dos redutos da irmandade, principalmente o de Santa Maria, onde foram mortos cinco mil guerreiros, dez mil foram feitos prisioneiros. Revela o seu plano de partir ao Rio de Janeiro, recomeçando no anonimato uma nova vida.

Ele vai até onde estavam os cavalos dos Kaigang, encilha a égua dela e deixa junto com seu cavalo. Henrique vê que Jaqui e Cauê estavam à espera dele e de Chica, pois sabia que estavam partindo, aceitando o conselho do Santo do contestado. Ela aparece logo em seguida e os dois se dirigem ao cacique e ao curandeiro.

Chica chorando, abraça os dois com carinho, após a mulher do cacique e em seguida monta em sua égua branca. Henrique faz o mesmo. Após seguem em galope lento, acenando com a mão, se despedindo dos demais Kaigang, fazendo o mesmo com os vigilantes da aldeia. Os dois apressam o passo de seus cavalos, querendo chegar a tempo de embarcar no trem que estava indo para São Paulo. Ele, vendo que não conseguiriam chegar a tempo, decide parar o trem no caminho mais próximo, Chica percebe o que estava planejando.

Ambos rolam duas toras, numa distância de trinta metros, aguardando pacientemente o trem, que não demorou a aparecer. O maquinista ao ver as toras, imagina ser um ataque dos jagunços, puxa rapidamente os freios até parar por completo. Ele estava completamente tranquilo, pois a tropa militar do Coronel Júlio César se encontrava no trem.

O Coronel estranha ver que o trem estava diminuindo a velocidade, espera-o parar completamente, após ordena que cinquenta soldados fossem verificar o que estava errado. O Coronel divide o grupo em dois, um de cada lado do trem, todos caminhavam com extrema cautela e atentos a qualquer barulho diferente. O Coronel vê uma movimentação vinda

próximo deles, faz sinal aos soldados alertando-os, e estes passam a caminhar com cautela ao local suspeito. Ele e os soldados levam um susto quando Wolland e Chica saem da mata, por sorte não atiram contra os dois. O Capitão revela-o que pretendia partir ao Rio de Janeiro e necessitava de uma carona no trem de passageiros.

Os demais soldados cumprimentam o Capitão. O maquinista desce da locomotiva para ver o que estava acontecendo. Esperava um ataque dos jagunços, mas vê os soldados conversando animadamente com dois estranhos. Imediatamente os soldados retiram os troncos e prosseguem a viagem. O Coronel não queria ser indiscreto, mas forçado pela curiosidade é obrigado a perguntar quem era a sua acompanhante. Todos se surpreendem ao saber que era a famosa Chica Pelega do Taquaruçú.

A partir daquele instante, todos conversam como se fossem amigos há muito tempo. Os dois foram bombardeados por perguntas até chegarem a Canoinhas, o que aconteceu no princípio da noite. Wolland pede ao Coronel e aos demais soldados que mantivessem segredo sobre os dois, do contrário, poderia complicar suas vidas. Contou ao Coronel que tinha pedido demissão do exército, que estava indo para bem longe daquela região do contestado tentar viver na mais completa paz, com a mulher de sua vida. Os dois recebem a promessa de nunca ser revelado a quem quer que fosse.

Assim que o trem pára na estação, os dois ficam escondidos no vagão de passageiros e como não embarcou ninguém no trem, prossegue até o seu destino final. Os dois embarcam no mesmo dia para o Rio de Janeiro, fazendo muitos planos para o futuro. Nesse momento, dois líderes históricos saem de cena na área do contestado, vivendo-os na capital do país como mais dois na multidão, no mais completo anonimato.

Fênix Jagunço no Sertão

Maio de 1915, a frente da destruição de todos os redutos na área do contestado, inclusive o principal no vale sagrado de Santa Maria, Adeodato Manoel Ramos, Euzébio Ferreira dos Santos, Manoel Padilha, Olegário Ramos, Maria do Carmo, Conceição, Elias de Moraes, Sebastião Campos, Manoel Moraes, Manoel Assumpção Rocha, os irmãos Ventura, os irmãos Sampaio, Conrado Glober e os pares de França, começam a se agrupar novamente. Só que dessa vez, procuram criar outros redutos dentro das florestas do sertão. Nasce os redutos, Guarda dos Santos, perto da serra de Santa Maria. São Miguel, próximo ao rio São Miguel, Pedras Brancas, à margem esquerda do rio Paciência, Poço Preto e São Pedro.

General Fernando Setembrino de Carvalho informa ao Ministro da guerra, Marechal Caetano de Farias da destruição do reduto capital e ele deu por encerrada a campanha militar na região do contestado. Ordena ao General Setembrino devolver todos os soldados a seus antigos agrupamentos, e deixar os pequenos focos de fanáticos sob a responsabilidade dos Governadores Felipe Schimdt de Santa Catarina e Afonso Alves de Camargo do Paraná. Com a retirada do General Setembrino e de seus soldados, os estados contam somente com seus contingentes insignificante de soldados, deixando toda região, completamente desprotegida e retornando o caos e ao mesmo ponto de partida.

Reduto de Pedras Brancas

O reduto de Pedras Brancas, sob o comando de Manoel Padilha e Sebastião Campos, composto de mil pessoas, entre homens, mulheres, velhos e crianças. Pedras Brancas tinha mais de quatrocentos pequenos barracos, uma igreja e um cruzeiro. Os dois comandantes reúnem os líderes irmãos Sampaio, informando a real situação crítica.

Chico Sampaio vai até a barra de ferro, bate várias vezes para chamar todos os confinados, que imediatamente atendem ao chamado de ordem. O comandante Manoel toma a

palavra, explicando aos jagunços de Pedras Brancas: "Os irmãos Sampaio vão escolher cem vaqueanos para sair numa missão de arrebanhamento. Os escolhidos e que se recusarem serão imediatamente refrescados. Os que ficarem aqui poderão continuar com seus afazeres. Quero que as mulheres façam um ciclo de rezas na igreja, pedindo proteção a São Sebastião a todos os vaqueanos".

Os três irmãos caminham lentamente diante do grupo reunido, separando um por um até formar a quantidade necessária. Eles escolhem somente vinte homens, os restantes eram mulheres e jovens acima de treze anos, pois eram mais audaciosos e corajosos. O piquete de vaqueanos formado pelos irmãos Sampaio se retira do reduto, tomando a direção da fazenda dos Pardos, onde arrebanham duzentas cabeças de gado e cem porcos que estavam nas serras.

Eles foram vistos por dois empregados da fazenda, que correm para avisar o seu patrão. Rapidamente forma-se a defesa na sede do casarão à espera de outro ataque dos jagunços. O que não aconteceu. Os três líderes tinham que vieram buscar e retornam ao reduto, levando tudo o que confiscaram, visando alimentar os confinados em Pedras Brancas.

Assim que o piquete chega com aquela quantidade de gado e porco, são recebidos com festa por todos, inclusive pelos comandantes, Manoel Padilha e Sebastião Campos. Os jagunços da nova irmandade de São Sebastião ficaram confinados no reduto por um bom tempo, devido a esse arrebanhamento, evitando expor demais e assim, descobrirem a localização do novo reduto.

Nesse mesmo dia, eles recebem uma visita inesperada, Maria Rosa e vinte e quatro pessoas de sua família, também que também são recebidos com festa. Maria Rosa profetiza: "Estou aqui, tenho que evitar mais mortes. Logo virão os soldados do Coronel Felipe e os piquetes legais, à procura de todos vocês, muitos serão degolados e outros tantos serão fuzilados".

Chico leva a família de Maria Rosa até três barracos, que imediatamente são desocupados por outras pessoas, mas todas se sentem honradas em ceder para a iluminada e guerreira santa. Apesar da vinda inesperada de Maria Rosa e de sua família, a rotina em Pedras Brancas retorna ao normal. Mas até quanto? Um dia? Um mês? Isso só o tempo daria a resposta, cheia de mistério e muita morte.

Reduto de Guarda dos Santos

O reduto de Guarda dos Santos, sob o comando de Olegário Ramos tinha oitocentas pessoas, inclusive os três Ventura. O reduto era composto por duzentos e cinquenta pequenos barracos, igreja e cruzeiro. Ainda continuava vivo em suas mentes, o confronto com os soldados republicanos. Mas agora que todos tinham voltado a seus batalhões, a situação estava favorável a eles. A comunidade do reduto estava com falta de alimento, e todos já começavam a reclamar a seu comandante. Ele convoca uma reunião na igreja com os irmãos Ventura, visando encontrar uma solução para o problema.

Irmãos Ventura formam os seus piquetes de vaqueanos, cada um deles com cem guerreiros, levam poucos homens, a maioria era mulheres e jovens de treze anos acima. O piquete de Guilherme segue até a fazenda Granemann, onde arrebanham cem cabeças de gado, embrenhados na mata e no campo, que se encontrava distante da sede da fazenda, retornando em seguida ao reduto, passando por estradas menos movimentadas e evitando as vilas próximas.

O piquete de Chico segue até a fazenda do Tigre, onde consegue arrebanhar oitenta cabeças de gado e vinte porcos nas serras, sem ter nenhum confronto com os empregados da fazenda, depois retornam ao reduto. O piquete de João segue até a fazenda Corisco, de João Goeten Sobrinho, mas como já era de seu conhecimento que tinha muitos empregados, somente consegue arrebanhar o gado que se encontrava nas duas divisas da fazenda, mesmo

assim consegue arrebanhar setenta cabeças de gado e cento e setenta porcos numa serra. João Ventura viu que se prosseguisse, poderia ter confronto com os empregados da fazenda, então, decide retornar ao reduto. Diante da quantidade de confiscos para o reduto, o comandante Olegário, os Ventura e os confinados em Guarda dos Santos, poderiam manter-se tranquilos por uns tempos, pois tinham alimento necessário para todos.

Reduto de São Miguel

O reduto de São Miguel se encontra sob o comando de ferro de Adeodato Manoel Ramos, com mil pessoas confinadas, entre homens, velhos, mulheres e crianças. Também estavam em São Miguel, Elias de Moraes, Maria do Carmo, Conceição e os Pares de França. Em poucas semanas já eram quase duas centenas de pequenos barracos, uma igreja e cinco cruzeiros.

Adeodato, mesmo sabendo que as tropas republicanas retornaram aos seus antigos batalhões, teme que fosse uma estratégia para pegá-los de surpresa. Mas ao ver que estava para retornar o caos da fome, decide arrebanhar gado para manter todos fanáticos.

Maria do Carmo forma o seu piquete com oitenta mulheres e jovens acima de treze anos. Adeodato avisa os pares de França para lhe acompanhar no arrebanhamento. Os dois grupos se retiram de São Miguel em direção a baixada do Canoas. Eles evitam passar muito perto de vilas e estradas movimentadas. A maioria segue por carreiros e picadas feitas por antigos tropeiros, parando para descansar no início da noite. Por segurança, Adeodato acampa num capão de mata fechada, evitando assim, de ser descoberto pelos soldados e os piquetes legalistas. Os dois grupos chegam até no meio da tarde na fazenda de Néco Pepe, padrinho de Adeodato.

Ele mostra em detalhes, onde a Maria poderia encontrar o gado. Em seguida, se encaminham para a sede da fazenda onde é recebido por um de seus empregados com certa hostilidade, mesmo assim vai avisar o patrão. Ele ao saber que o seu afilhado se encontrava ali, fica preocupado e com certo temor, pois tinha ouvido falar muito das atrocidades que seu afilhado vinha fazendo no norte. Por precaução manda o empregado avisar que os outros ficassem em alerta, pois diante de seu afilhado todo cuidado era pouco, ele era enorme cobra traiçoeira.

Adeodato corre seus olhos em volta e dentro da casa, vê que seu padrinho não tinha confiado tanto nele, pois colocou os seus empregados em prontidão, caso ele resolvesse atacar a fazenda. Olha para os pares de França, faz sinal para se espalharem em dois grupos, o que indicava que poderia ter algum confronto ali.

Ele desce de seu cavalo, dirige-se lentamente em direção a seu padrinho. Ao chegar perto dele, cumprimenta-o com sua mão direita e a esquerda rapidamente desembainha sua faca que crava covardemente em seu coração, matando-o instantaneamente. Os pares de França ao ver que ele matou o padrinho, entram em ação. Uns atiram contra os empregados que se escondiam em volta da casa, outros acompanham o comandante para dentro da casa, também atirando contra nos outros empregados de seu padrinho. Adeodato vê que só tinham restado suas duas filhas e seis mulheres dos empregados da fazenda, todas se encontravam completamente apavoradas e encolhidas num dos cantos da casa.

Adeodato segura pelo braço da adolescente, que devia ter uns dezessete anos de idade, jogando-a no chão com violência. As meninas estavam com seus olhos petrificados de pavor em Adeodato, chorando desesperadamente e implorando que não fizesse aquilo com elas. Ele nem dá atenção, segura pelo braço a outra adolescente, levando aos berros para o quarto, joga-a na cama e começa rasgar o seu vestido e as demais peças de roupa, até deixá-la completamente nua. Ela se debatia e grita por socorro, implorando para não fazer aquilo com ela.

Mas tudo isso não o sensibiliza que bate várias vezes em sua face e a estupra com extrema violência. Em seguida, desembainha outra vez sua faca, e perfura seu coração sem demonstrar nenhum remorso. Sai do quarto, pega a outra adolescente, que tinha quinze anos de idade e leva também para o quarto ao lado, fazendo com ela tudo que fez com sua irmã. Após tranquilamente limpa a faca no vestido da adolescente, coloca na bainha e deixa o quarto.

Adeodato retorna ao quarto onde matou a primeira adolescente, põs fogo nas vestes dela e joga em cima da cama, fazendo o mesmo ritual no quarto da segunda adolescente. Em seguida desce até a sala, traz o corpo de seu padrinho e começa a incendiar as cortinas. Vê um galão de querosene e espalha por toda a sala, após sai lentamente da casa, sem demonstrar nenhum sentimento sobre seus crimes bárbaros. Nesse momento ouve seis tiros, com certeza os seus homens tinham matado as outras mulheres.

Joga no fogo o corpo das seis mulheres, doze empregados da fazenda, além do corpo de seu padrinho e de suas filhas que já estava sendo consumidos pelas chamas. Ele observa a cena numa certa distância e após, monta tranquilamente em seu cavalo. Os pares de França montam em seus cavalos, foram até o cercado onde se encontravam os vinte e cinco cavalos. Amarram com uma corda os cavalos em cinco grupos, levando-os até onde Maria ficou de esperá-los. Ao chegar ao local, encontram Maria e seu piquete, nervosos com a demora de Adeodato e dos pares de França.

Maria do Carmo sentiu que tinha acontecido algo muito grave na fazenda, mas prefere ficar calada naquele momento. Quando estivesse em São Miguel, perguntaria a um dos pares de França, que contaria toda a verdade. Os dois grupos fazem o mesmo caminho de volta, só que não param para dormir e muito menos para descansar. Cavalgam a noite toda com cautela, chegando a São Miguel no início da manhã.

Elias de Moraes e os quase mil confinados ao verem aquela quantidade de gados, porcos e ovelhas correm para encontrá-los. Adeodato e os demais participantes do arrebanhamento são recebidos como heróis e fazendo festa o dia todo e uma parte da noite. Maria do Carmo faz um sinal para Elias, dando a entender que queria falar-lhe em particular, que imediatamente revela as atrocidades que Adeodato cometeu na fazenda de seu padrinho.

O reduto de São Miguel continuava em festa, devido o grande arrebanhamento feito pelo comandante Adeodato. Consideravam-no o escolhido para liderar a guerra santa de São Sebastião, profetizado anos antes por José Maria. Adeodato prevendo que os soldados e vaqueanos legalistas viriam atrás dele e dos demais confinados em São Miguel, decide mudar todos para o reduto de São Pedro, onde tinha aproximadamente umas três mil pessoas e era muito mais seguro.

Após a festa os confinados arrumam suas tralhas mais necessárias, visando estar prontos conforme a ordem de seu comandante. Assim que amanhece, ele manda os pares de França, o piquete de Maria do Carmo e de Elias levar os porcos, ovelhas e todo gado arrebanhado. Enquanto os demais fanáticos fariam o caminho a pé, até o reduto de São Pedro. A visão miserável daquele povo fanatizado e sem nenhuma esperança naquele momento, daria a certeza de que seriam os novos Errantes do Século Republicano.

Reduto de São Pedro

O reduto de São Pedro ficava às margens do rio Timbó também sob o comando de Adeodato Manoel Ramos, mas quem controlava os confinados eram Conrado Glober e Manoel Lira de Jesus. O líder espiritual era Manoel Moraes, negro de barbas brancas, hábito castanho e sempre usava um gorro de jaguatirica. Ele benzia e fazia curas com ervas, jurava a todos que era a encarnação de José Maria. Mas todos os confinados chamavam-no de frei Manoel ou Pai Velho.

No reduto de São Pedro, viviam três mil Pessoas em condições miseráveis de saúde, a fome assombrava diariamente todos eles. São Pedro era composto por mil barracos, tendo as paredes com inúmeras imagens de santos, uma igreja e um cruzeiro, visando elevar o fanatismo religioso ao máximo. Conrado manda chamar Maneco que estava com um piquete de vaqueanos a quinhentos metros do reduto, na intenção de vigiar contra visitas indesejáveis e vaqueanos legalistas.

Nenê Alves era irmão mais novo de Manoel Alves de Assumpção Rocha, que foi coroado imperador da Monarquia Sul Brasileira. Ele cumpre as ordens, divide seus vaqueanos em dois grupos, um cuidava da disciplina e o outro do pessoal que trabalhava na lavoura. Pai Velho ou frei Manoel convoca todos os velhos e mulheres para fazer um ciclo de rezas, pedindo proteção contra os Demônios legalistas.

Reinhardt com seus vaqueanos faziam a vigilância do reduto, evitando qualquer ataque surpresa. Enquanto Maneco Alves e seu piquete arrebanham o gado nas fazendas nas proximidades da vila de Timbó. Ele sabia que a fazenda dos Munhoz era muito bem guardada por vaqueanos, mas sempre próximo da casa principal, as divisas onde sempre tinha muito gado gordo dificilmente eram cuidadas. Sabendo desse detalhe importante, Maneco Alves e seus vaqueanos conseguem arrebanhar quase trezentas cabeças de gado, retornando ao reduto sem ter nenhum problema na viagem.

Ao chegarem a São Pedro, são recebidos por todos com festa, devido terem arrebanhado tanto gado, o que manteria a sobrevivência dos confinados por mais de um mês. A alegria da comunidade fanática permanece até o amanhecer do outro dia. Mas com a chegada de Adeodato e seus seguidores, todos ficam preocupados, porque sabiam que ele os mantinha num regime rígido e cruel. Se acaso fosse contrariado em qualquer ordem sua, matava covardemente o miserável, sem nenhuma piedade ou remorso.

Os três líderes retornam aos seus afazeres diários, mas o que tinham conversado não consegue esquecer. Conrado aproveitando que Elias se encontrava sozinho num dos barracos, foi confirmar a veracidade do que Maria tinha lhe contado o que confirmou e também contou outras coisas que o deixou muito mais preocupado. Viu que Adeodato era uma enorme bomba ambulante, que poderia levar todos à morte.

Nesse momento lembrou-se de todas as palavras de advertência do Capitão Wolland sobre ele, e começou a acreditar que realmente tinha falado com São João Maria, porque tudo estava acontecendo conforme suas palavras de alerta. Se Adeodato estava mesmo louco ou possuído por um Demônio que os levaria à destruição, teria de fazer alguma coisa para que isso não acontecesse. Ele não poderia compactuar com qualquer covardia dele, muito menos levar milhares de pessoas à morte.

Reduto Poço Preto

O reduto de Poço Preto estava sob o comando de Manoel Alves de Assumpção Rocha e Euzébio Ferreira dos Santos, que era o líder espiritual. Ele era composto por cento e cinquenta pessoas e tinha uns noventa pequenos barracos, igreja e cruzeiro. Apesar de estar com poucas pessoas para alimentar no reduto, o alimento já estava começando a faltar.

Manoel Germano grita a seus vaqueanos que correm para ver o que seu líder queria. Ordena que todos fossem buscar seus cavalos e que os esperaria na estrada improvisada. Antes de cinco minutos, Germano e seus vaqueanos partem para o arrebanhamento de gado, enquanto Manoel retorna ao reduto para apressar o Euzébio, pois o reduto não poderia ficar sem vigilância, senão aconteceria o mesmo que em Santa Maria e tantos outros na região do contestado.

Germano e seus vaqueanos percorrem as divisas de três fazendas, conseguem arrebanhar quase oitenta cabeças de gado e vinte porcos. Vendo que já tinham o necessário,

HOLOCAUSTO NO SERTÃO

decide retornar ao Poço Preto. Ao chegarem, são recebidos por todos os confinados com intensa emoção, pois tinha trazido os seus sagrados churrascos de cada dia, isso para não dizer para muitos dias.

A partir desse instante, começa a quarta fase da guerra dos miseráveis contra o dragão republicano, só que desta vez, muito mais dramática, pois estavam sob o comando de um louco e psicopata, uma verdadeira réplica de muitos outros Coronéis e políticos republicanos que ainda viriam, trazendo o caos e a miséria em nossa nação

Cavaleiros do Apocalipse

Quilombo Capão dos Negros

Parte VIII

Cavaleiros Legalistas do Apocalipse

Junho de 1915, o Governador de Santa Catarina, Coronel Felipe Schmidt, envia inúmeros telegramas ao Ministro da guerra, Caetano de Farias, cobrando o porquê retirou todo o contingente militar da região do contestado. Isto acaba criando um impasse entre o General Fernando Setembrino de Carvalho e o Coronel General Setembrino alega que retirou o efetivo da região porque o Coronel Felipe se negou a colaborar quando combatia os jagunços.

Alega também que tinha destruído todos os redutos dos fanáticos de José Maria e que agora era obrigação do estado não deixar que retornassem a reunir-se novamente em redutos. O Coronel Felipe Schmidt contra-ataca, alegando que não tinha negado ajuda ao General Setembrino e que o contingente militar do estado somente era composto de trezentos soldados e diante dessa quantidade não poderia controlar a região do contestado.

O Governador e o Ministro Caetano de Farias, diante da situação do reagrupamento de fanáticos no norte, decidem colocar os soldados das vilas e dos municípios e os vários piquetes legalistas na caça aos jagunços. Após mais de um mês de intensa procura de fanáticos no sertão, enfrentando mata fechada, banhados traiçoeiros, desfiladeiros mortais, travessia de rios perigosos, ao final não encontram nenhum vestígio dos novos redutos. Foi uma grande decepção ao Governador Felipe, ao Vice-Governador Coronel Albuquerque, ao Coronel Fabricio Vieira, ao Governador Afonso Alves e ao próprio Ministro da guerra.

Como as despesas das expedições consomem mensalmente quatorze por cento da receita anual do estado, decidem paralisar as expedições conjuntas, soldados e piquetes legalistas. Nesse clima crítico da história, descobrem o verdadeiro caminho das Índias ou outro negócio da China, idêntico a construção milionária da EFSPRG - Empresa Feita Só Para Roubar o Governo. Ou seja, os vitoriosos serão pagos com os despojos após a destruição dos redutos. Era o sistema que praticamente obrigou os miseráveis a roubar, colocando os verdadeiros ladrões para caçar os flagelados, pois o regime não lhes deu opção melhor de vida.

Sendo mais claro, eram leões dando direito ao lobo para caçar o cordeiro. Nesse dia se reúnem na capital catarinense, Coronel Felipe Schmidt, Coronel Albuquerque, Coronel Fabricio Vieira, o Governador Afonso Alves do Paraná, Capitão Euclides de Castro, Capitão Vieira da Rosa e os demais piquetes de vaqueanos legalistas que já trabalhavam aos coronéis e ao governo, inclusive ao temido Lau Fernandes.

O Coronel explica que o motivo da reunião era para fazer uma proposta a todos eles, inclusive aos dois oficiais presentes. Como o estado não possuía recursos financeiros para arcar com as despesas de todos os soldados e dos piquetes de vaqueanos, o seu custo estava sendo muito alto e a câmara dos deputados estava reclamando que se estava tirando recursos de muitas obras, e se jogando na lama ou no nada, ou seja, estavam sendo jogado dinheiro do contribuinte fora. Por isso, propôs aos senhores que nenhum piquete legalista, oficial ou soldado, receberia algum soldo na caça dos fanáticos de José Maria.

Recupera um pouco o fôlego e recomeça: “Bem, onde eu estava? Sim. Vocês não terão nenhum soldo, mas poderão ficar com tudo o que encontrar de valor nos redutos destruídos. Segundo informações seguras, os jagunços, quando aderem à irmandade têm de entregar toda a sua fortuna nas mãos de seus comandantes, isso sem contar que, há quase dois anos vivem assaltando centenas de fazendas e vilas e até mesmo cidades. A julgar pelo tempo de assaltos, a existência de famílias e de posses na irmandade, deve estar acumulada em pequenas fortunas de ouro e jóias, porque eles não acreditam no dinheiro republicano. Informo também que, após a destruição dos redutos, vocês podem ficar com seus cavalos, gado, ovelhas, galinhas ou qualquer outro tipo de animal. Eu só exijo uma coisa de vocês, quero que matem seus comandantes, a elite dos jagunços ou qualquer um que possa vir a tentar novamente outra revolta. Sendo claro e preciso, estou dando o direito de matar ou

deixar vivo quem vocês julgarem viável, logicamente somente os que apresentarem perigo à segurança pública. Os prisioneiros deverão ser entregues à intendência mais próxima, onde decidiremos o que fazer com eles. O que tinha para lhes propor era isso, agora os senhores decidirão quem vai ou fica”. Todos aceitam a proposta do Coronel e nasce o descarado roubo republicano legalizado.

Os Governadores se despedem dos presentes na reunião, cada um se retira lentamente do gabinete do Coronel Felipe, deixando-os sozinhos. Naquele fatídico e vergonhoso dia, a razão, a humanidade e a consciência de paz, afundam na mais podre lama do sentimento cruel e desumano.

Nasce o holocausto no sertão, os errantes do século e os cavaleiros legalistas do apocalipse com licença para matar em nome da lei republicana. Que lei é essa que, mata os seus próprios filhos? Que lei é essa que protege os ricos e os coronéis, mas leva à completa miséria os humildes sertanejos? Como profetizou o monge João Maria D’Agostin, há quase um século, é a lei da corrupção, é a lei do Demônio, é a lei dos republicanos.

Morte do Senador Pinheiro Machado – Pai dos Coronéis

Setembro de 1915, o ex-Capitão da elite das forças especiais do exercito, Henrique Wolland, assim que chega com Chica Pelega ao Rio de Janeiro, apresenta o seu pedido de demissão ao Ministro da guerra, Marechal Caetano de Farias, por se encontrar descontente no conflito do contestado, onde milhares de humildes caboclos foram levados a mais completa miséria por coronéis provincianos, políticos corrupto e pelo poder capitalista americano.

Há vários anos vinha economizando um pouco de seu soldo de militar, e comprou uma pequena chácara nas proximidades do Bairro das Flores. Consegue também montar um estúdio de fotografia na famosa Rua do Ouvidor.

O casal de ex-líderes da irmandade de São Sebastião vive na mais completa paz, apesar da rotina costumeira e da mesmice de uma vida normal. Ele trabalha em seu estúdio, Chica tentava se acostumar com a vida de dona de casa, e com o forte calor da capital brasileira. Os primeiros meses foram um martírio para ela, mas aos poucos foi se acostumando com a nova vida de mulher casada.

O estúdio de fotografia de Henrique era muito requisitado pela elite da sociedade Carioca, devido ao excelente trabalho de pintura que realçava as cores vivas nos quadros de fotografias em preto e branco, com acabamento finíssimo em gesso ou em madeira nobre, muito apreciado por todos que queriam deixar uma lembrança a seus descendentes.

Henrique contratava sempre uma ótima pintora de nome Anita Malfatti para fazer esses trabalhos primorosos, como também fazia pintura em tela, retratando todos os traços com uma perfeição incrível. Anita era uma estudante da velha escola francesa de artes, que tinha se rebelado com as pinturas tradicionais e aderido ao impressionismo como novo estilo de arte.

Em consequência dessa rebeldia, era discriminada por todos os pintores contemporâneos brasileiros, inclusive pela antiga escola de artes européia. Por isso, ela fazia esse tipo de trabalho para o estúdio de Henrique, visando manter vivo o seu mundo impressionista e o seu modo simples de ver o universo da vida.

O estúdio de Henrique é contratado pelo ex-ministro Rui Barbosa, com o objetivo de fazer o seu auto-retrato. Ele envia um mensageiro para avisá-la de outro serviço e imediatamente responde ao chamado e procura-o no estúdio.

Anita Malfatti era descendente de emigrantes europeus, uma mulher de princípio rebelde e inovador, possuía um olhar curioso e observador, educação fina com um toque europeu e apesar da idade madura era muito bonita e carismática. Filha de uma família tradicional paulista decidiu expor suas pinturas na sociedade carioca, devido ser discriminada

por intelectuais adeptos da velha escola francesa em São Paulo. Ele recebe uma encomenda de um auto-retrato do ex-ministro Rui Barbosa e convence Anita a aceitar o trabalho, e se dirige até uma cozinha improvisada no estúdio.

Ela solta rapidamente a caneca de chá, e se dirige à pequena sala de recepção. O mestre da política republicana fica curioso para conhecer a mulher que pintava as obras de arte que tinha visto em muitas mansões da sociedade Carioca.

Anita segue na frente para mostrar-lhe o caminho, em seguida pede para que sente numa poltrona em estilo italiano, começando o rascunho em grafite de seu auto-retrato. Anita fez vários intervalos para descansar, aproveitando para tomar um pouco de chá e Rui Barbosa toma um cafezinho e quando terminou o rascunho em grafite, já era quase cinco horas da tarde.

Rui Barbosa vê o rascunho em grafite, estava tão realista, que até parecia um retrato em contorno de preto e branco. Ele admira aquela obra por alguns segundos e imediatamente imagina o já pronto, só então revela o seu parecer.

Em seguida se retira do estúdio, sobe em sua luxuosa carruagem e desaparece na famosa Rua do Ouvidor. Uma hora depois, Henrique contrata uma carruagem para deixá-la em casa. Ele fecha o estúdio e monta em seu cavalo indo para sua casa, onde Chica estava lhe esperando com intensa ansiedade. Após vinte minutos, chega a sua pequena chácara no Bairro das Flores, leva seu cavalo até o estábulo e o solta, dando-lhe um pouco de ração. Dirige-se a casa, onde ela estava o esperando na porta. Henrique abraça-a com carinho, beija-a longamente e acaricia seus cabelos suavemente.

Os dois conversam até aproximadamente dez horas, e se recolhem ao quarto, onde se desenrola um cenário de sedução com intenso prazer carnal. Só então, os dois dormem exaustos e abraçados, como se desejassem adentrar novamente um no corpo do outro.

Os dias passam rapidamente para Chica, enfim chega o dia em que planejou conhecer o famoso Ministro Rui Barbosa, e também rever sua amiga Anita no estúdio. Henrique a avisou que o Ministro passaria no estúdio às duas horas da tarde, com o objetivo de buscar o seu auto-retrato. Almoça antes do horário habitual visando poder chegar a tempo de conhecê-lo.

Próximo ao meio-dia coloca roupas leves, vai até o estábulo, encilha sua égua e se dirige lentamente para Rua do Ouvidor. Dentro de uma hora chega ao seu destino, desmonta e coloca sua égua no pequeno estábulo que Henrique tinha feito para seu cavalo e se encaminha para o estúdio. Ao ver Chica entrar, Henrique vai ao seu encontro, beija-a com carinho por uns instantes.

Ela vai até a sala ao encontro de Anita. As duas se abraçam como se fossem duas amigas de infância e conversam animadamente por quase uma hora. Em seguida se retira da sala, avisa Henrique que iria ao armazém para comprar algumas coisas que estavam faltando em casa.

Apesar de o armazém ficar perto do estúdio, leva quase meia hora para retornar, pois a mulher do dono do armazém não a deixou sair sem antes tomar uma xícara de café. Assim que chega ao estúdio, vê que Henrique não se encontrava no balcão. Com certeza, o Ministro tinha chegado e estava na outra sala.

Ela ouve três vozes, uma era de Henrique, a outra de Anita, mas a última era desconhecida e devia ser do Ministro. O seu coração começa a bater mais forte em seu peito, quando ouve o que estavam falando sobre a guerra do contestado e sobre a irmandade de São Sebastião.

Chica escuta Rui Barbosa comentar: “Que fique entre nós, Henrique, mas a maioria dos jornais de todo o país são controlados pelos republicanos. Os únicos que são independentes são os jornais liberais, esses o governo não conseguiu manipular. As notícias que vocês leram nesses jornais é que o poder republicano controla, são fatos manipulados

conforme suas conveniências. O conflito do contestado coloca o poder republicano como o principal responsável no roubo de terras, influencia a política provinciana, o capital americano na construção da estrada de ferro, e tantos outros motivos que geraram essa guerra miserável. Ou melhor, amigo Henrique, os principais responsáveis por essa guerra são os Coronéis Albuquerque de Curitiba, Felipe Schmidt de Santa Catarina, Dr. Afonso Alves de Camargo e Carlos Cavalcanti do Paraná, o ambicioso Coronel Fabrício Vieira e principalmente o Senador Pinheiro Machado. Segundo ouvi falar, foi ele quem mandou matar o Capitão Matos Costa e o principal responsável no envio de soldados de diversos batalhões, que culminou em mortes de milhares de humildes sertanejos no sertão do contestado. Também recai sobre ele a idéia de confiscos de guerra aos soldados estaduais e milhares de piquetes de vaqueanos, que ainda estão exterminando com os fanáticos da irmandade de São Sebastião. Estiveram envolvidos vários políticos na construção da estrada de ferro de São Paulo ao Rio Grande do Sul, mas os principais foram o Coronel Felipe Schmidt, o Dr. Afonso Camargo, os parlamentares no princípio da república, principalmente o Senador Pinheiro Machado. Eu mesmo fui contra essa construção, contra o envio de tropas, contra os sertanejos na área contestada, mas o que eu podia fazer contra o novo poder do país, só assinar a minha sentença de morte”.

Chica ao ouvir as palavras do Ministro, fica com os seus olhos incendiados com o mais puro ódio contra o Senador Pinheiro Machado. Fica completamente dominada pela cólera e decide se retirar do estúdio. Vai até o estábulo, encilha sua égua novamente, pega as compras no armazém e retorna até a chácara no Bairro das Flores.

O restante do dia foi um tormento, porque não conseguia esquecer as palavras do Ministro Rui Barbosa. Precisava se acalmar para que Henrique não percebesse, e com urgência teria de inventar uma desculpa para justificar sua volta à chácara, sem conhecer o Ministro e sem despedir-se deles. Henrique chega a casa quando faltavam uns minutos para as seis da tarde e imediatamente vai ao encontro de Chica, querendo saber o porquê retornou à chácara, sem conhecer o Ministro e se despedir deles. Encontra-a na cozinha preparando o jantar, beija-a com carinho.

Ele banhou-se rapidamente e retorna vestindo-se com roupas mais confortáveis. Depois do jantar, os dois sentam-se em duas cadeiras de balanço que tinha na varanda, conversam animadamente até onze horas e admiram o luar da noite de lua cheia, que dava uma excelente visão nostálgica a qualquer amante sentimentalista. Em seguida vão dormir, pois Henrique pretendia ir mais cedo para o estúdio. Chica acorda mais cedo e prepara algo para comer, só então o acorda.

Henrique deu-lhe um beijo de despedida, monta em seu cavalo e segue ao seu estúdio na Rua do Ouvidor. Chica entra em casa, vai até um pequeno cômodo perto de seu quarto, pára em frente a um baú de madeira, abre-o, retira de dentro um vestido longo branco com desenhos bordados de flores silvestres, uma bota de couro cru, um chapéu de palha de aba longa, um casaco longo de pele de ovelha branca, um afiado facão de aço, um winchester e uma cartucheira com dezenas de balas.

As lembranças do passado retornam em sua mente, escorregando lentamente duas lágrimas de seus olhos. Enxuga-as e em seguida deita em cima do vestido e começa a chorar desconsoladamente por uns minutos.

As imagens do ataque dos republicanos em Taquaruçú, as granadas caindo sobre o reduto e despedaçando corpos dos guerreiros, velhos, mulheres e crianças. Pedacos de corpos saltando pelo ar, gritos horripilantes de pavor ao ver que a morte chegava de uma forma desumana. A sua mãe em desespero, abraçada ao corpo de seu irmão morto, o seu pai tentando tirá-la daquele inferno, e a maldita granada caindo no meio deles, vê os pedacos de seus corpos voando por todos os lados.

Nesse momento, Chica enxuga lentamente as lágrimas, o seu rosto endurece e seus olhos continham um brilho frio de morte. Ela tira as suas roupas, coloca o vestido branco, calça a bota, afivela uma cinta de couro cru, embainha o facão, atravessa a cartucheira em seu peito. Em seguida, coloca o chapéu de palha na cabeça e o casaco longo de pele de ovelha, segurando a winchester em suas mãos.

E novas recordações passadas povoam sua mente. Vê-se treinando com os guerreiros da irmandade de São Sebastião, a imagem da morte de sua família aumentava sua raiva, fazendo perder o controle e superar os seus próprios limites. Após vê-se lutando contra os malditos republicanos em Taquaruçú, Caraguatá, São Sebastião, Santa Maria, no Quilombo do Capão dos Negros e na Aldeia Kaigang, fazendo aumentar o brilho de seus olhos dominados pela raiva. Lentamente tira o casaco, o facão da cintura e a cartucheira atravessada em seu peito, levando-os nas mãos até o estábulo e encilha a sua égua.

Ela amarra o seu casaco atrás da sela, coloca a cartucheira dentro do alforje, a winchester numa bainha de couro de um lado e o facão no outro lado. Fica pensativa um instante, só então monta lentamente em sua égua, tira o chapéu, junta suas mãos como se fosse rezar: “Pai, mãe, mano, todos os meus amigos mortos pelos malditos republicanos, me dêem forças para vingar a morte de todos vocês. Invoco a proteção de São Sebastião, do meu São João Maria, de Deus e de seu filho crucificado, que eu seja o fogo da vingança e a mão da justiça, amém”.

Novamente coloca o chapéu na cabeça, saindo do estábulo com sua égua em passo lento até chegar à estrada principal, onde levaria ao centro político da cidade do Rio de Janeiro. Uma hora depois, ela desmonta e amarra as rédeas de sua égua num suporte de madeira roliça de um pequeno armazém, em frente ao parlamento federal, entrando em seguida. No balcão encontrava-se um homem moreno de meia idade, olho ligeiro e muito simpático, que foi ao seu encontro. Ela conversa um longo tempo com o comerciante, visando diminuir a forte tensão, que torna a aumentar quando ele informa que o Senador estava saindo do parlamento.

Chica olha na direção onde o comerciante apontava o seu braço, vê que o Senador Pinheiro Machado devia ter mais de sessenta anos, estava vestido com trajes do Rio Grande e seis homens bem armados o acompanhavam. Ele e os seus capangas se dirigem a uma luxuosa carruagem, onde se encontravam cinco cavalos amarrados nela.

Ela se retira do armazém, monta em sua égua, veste o seu casaco longo em pele de ovelha, desembainha a winchester e confere se estava carregada, coloca novamente a cartucheira atravessada em seu peito, e lentamente dirige-se em direção do Senador e de seus capangas. O dono do armazém ao ver Chica conferir a winchester, imediatamente vê que algo muito grave estava para acontecer, pois sente no ar abafado o cheiro da morte.

Senador Pinheiro e seus capangas olham para Chica, mas não prestam muita atenção por ser uma mulher e continuam o seu caminho até a carruagem. Ela vê que o momento decisivo tinha chegado, suspira várias vezes, visando controlar seus nervos e diz em voz alta:

- Senador, Senador, desculpe a minha intromissão, mas preciso falar com o senhor.

- Com todo o prazer senhorita, estou à sua inteira disposição. - Vê que era uma mulher, mas vê também seus olhos carregados de ódio e sente o cheiro da morte no ar, principalmente quando vê que estava armada com um winchester. – Cuidado! A filha da puta está armada, atirem nessa desgraçada. - grita Senador Pinheiro Machado.

Chica continua com sua égua no mesmo passo lento, levanta um pouco a winchester e dispara seis vezes contra os capangas do Senador, sem ao menos fazer mira, matando-os instantaneamente. Em seguida, vai ao encontro do Senador Pinheiro, mantendo-o sempre sob a mira de sua arma.

- Maldito Coronel! Antes você vai saber o porquê vai morrer. Por sua causa os soldados republicanos mataram toda a minha família e centenas de amigos da irmandade de

São Sebastião. Estou aqui para vingar a morte deles. Vou te dar a chance de se defender, coisa que não deram para minha família e meus amigos. Tinhoso dos infernos se prepare para morrer. - grita Chica Pelega movida pelo ódio.

O Senador ao ver que tinha chegado a sua hora de morrer, tenta sacar o seu Smitt Wesson, mas antes o seu corpo é atingido por dois disparos de winchester, matando-o instantaneamente. Ela se aproxima de seu corpo, cuspe em cima dele, faz o sinal da cruz, e parte em galope desenfreado pelas ruas do Rio de Janeiro, desaparecendo diante dos olhos estupefatos de dezenas de testemunhas, deixando um rasto de sangue e morte. Todos os que presenciaram o tiroteio, ainda se encontravam incrédulos com o acontecido, especialmente porque, o responsável por todas aquelas mortes era uma mulher.

A morte do Senador Pinheiro Machado corre a cidade do Rio de Janeiro como um rastilho de pólvora. Assim que chega a Rua do Ouvidor cria um grande tumulto. As pessoas se aglomeram para comentar o acontecido. Ao ver toda aquela agitação na rua, Henrique olha em volta, procurando alguém conhecido, sai do estúdio assim que enxerga o seu amigo Lorenzo.

Ele abraça-a com suavidade, beija-a longamente com emoção e carinho, acaricia o seu rosto e seus cabelos negros. Torna a abraçá-la e permanece assim por vários minutos. Então lembra que precisava retornar ao estúdio, pois tinha marcado horário com uma família tradicional da sociedade carioca que pretendiam fazer um álbum fotográfico completo.

Henrique corre ao estábulo, monta em seu cavalo e parte em disparada rumo à Rua do Ouvidor, conseguindo chegar ao estúdio antes da família Camargo. Deixa o seu cavalo no estábulo, vai até a loja de perfumes europeus de Lorenzo, pega a chave e vai para o seu estúdio.

A filha dos Camargo vem acompanhada de seu noivo e aparecem dez minutos depois para acertar o preço e marcar uma data para a confecção do álbum fotográfico. Mas nos vinte minutos que permaneceram no estúdio, o principal assunto foi a morte do Senador e de seus seis capangas. Soube que o delegado de polícia e o secretário de segurança do estado descartaram a hipótese da assassina ser uma mulher. Por esse motivo designaram um investigador conceituado para o caso. Ao ouvir todas as testemunhas, informou ao delegado que aquele era um caso muito complicado, porque os depoimentos das testemunhas levavam a uma mulher com menos de dezoito anos de idade, o que era impossível de acontecer. Primeiro por ser uma mulher nova, segundo por todos eles serem homens experientes em combate.

Ao saber tudo isso, Henrique respira mais aliviado, porque alguma coisa dentro de seu peito lhe dizia que a sua Chica era a responsável por essas mortes. Após acertar tudo, a filha dos Camargo e seu noivo se retiram do estúdio, deixando-o envolto em pensamentos com os atuais acontecimentos.

Meia hora depois, fecha o estúdio, vai ao estábulo, monta em seu cavalo e lentamente segue ao Bairro das Flores. Há milhares de quilômetros do estado no sul do país, o rastilho de pólvora da guerra do contestado ainda continuava a fazer as suas vítimas, só que agora do lado do poder republicano. A morte do Senador Pinheiro Machado deixa todos os políticos em pé de guerra, porque era um dos poucos Senadores presidenciais e agora a disputa estava acirrada e iria render muita dor de cabeça ao partido republicano, em especial ao próprio Presidente Venceslau Brás.

Destruição do Reduto de Pedras Brancas

Outubro de 1915, o reduto de Pedras Brancas, às margens do rio Paciência, ainda conta com mil pessoas confinadas e já conta com quase quinhentos pequenos barracos, igreja e cruzeiro. Pedras Brancas continua sob o comando de Sebastião Campos e Manoel Padilha. Os dois comandantes foram obrigados a enviar mais duas expedições, sob o comando dos

irmãos Sampaio para fazer arrebanhamento de gado, porcos e ovelhas, inclusive atacar as sedes das fazendas para arrecadar dinheiro para comprar armas e munição.

As duas excursões arrebanham em torno de quatrocentas cabeças de gado, cinqüenta ovelhas, trezentos porcos, centenas de galinhas e quase quinhentos contos de réis em moedas de ouro. O piquete de Ricardo Sampaio sempre ficava na vigilância do reduto, porque corriam boatos de que o Capitão Vieira da Rosa e o piquete de Francisco Geraldo os procuravam assim como um gato procurava um rato.

Eles estavam bem próximos de Pedras Brancas e encontrá-los era só uma questão de tempo e esta situação estavam colocando todos os confinados em desespero, inclusive os dois comandantes. Naquele dia, Maria Rosa não consegue dormir, decide percorrer os arredores em sua égua para desfazer de seus temores. Parou uns cinco quilômetros adiante e sobe no pinheiro mais alto que encontrou, onde poderia ter uma visão parcial da estrada de Pedras Brancas.

Quando estava pensando em desistir da campana, julgando que seriam somente temores infundados, vê e ouve movimentação em direção da estrada a uns dois quilômetros. Teve certeza, quando viu a farda inconfundível do Capitão Vieira da Rosa e mais ou menos cem vaqueanos. Desce às pressas do pinheiro, monta em sua égua branca e corre para avisar a irmandade. Enquanto isso no reduto, os comandantes começam a providenciar reforços na existência de um ataque.

Chico convoca seus vaqueanos rapidamente, se dirige onde se encontravam seu irmão Ricardo e os vaqueanos. Ao ver o irmão com seu piquete para ajudá-lo, sente no ar um cheiro de problema. Mas sempre evitava que seus pressentimentos o levassem ao desespero, imagina que seria somente uma impressão ou um acontecimento difícil de acontecer, mas nunca abaixava a guarda e nem se tornava descuidado, isto sempre o deixava mais atento e cauteloso.

Então, param de falar, porque têm a impressão de ouvir um barulho de cavalo a galope vindo na direção deles. Acenam para os vaqueanos ficarem alertas e atirarem se tivessem certeza de que fosse inimigo. Mesmo distante reconhecem a égua branca de Maria Rosa num galope desesperado, vêem também que poderia vir ser o problema que todos temiam. Ela puxa com força as rédeas da égua, parando-a de chofre.

Chico açoita seu cavalo, que sai em disparada para o reduto, desaparecendo imediatamente da vista dos dois. Maria analisa a melhor tática de combate, onde poderia pegá-los de surpresa e dar tempo de recuar se fosse necessário. Maria Rosa determina: “Eu fico com o piquete de Chico e dou confronto à esquerda da estrada, você fica à direita com o seu piquete. Eu começo a atirar contra esses desgraçados e depois recuo, então é a sua vez de atirar e recuar. Vamos mantê-los assim, até chegar a um local onde fica mais fácil debandar. Mande seus homens deixarem todos os cavalos naquele capão de mato, próximo do reduto, acho que ali é o lugar ideal e será mais fácil escapar”.

Maria Rosa leva os vaqueanos de Chico para outro lado, manda se esconderem e somente atirarem quando ordenar. Ricardo organiza seu piquete do outro lado da estrada, procurando colocá-los no melhor ponto de tiro.

A partir daquele momento, era somente esperar a chegada das tropas do maldito Capitão Rosinha e dos vaqueanos legalistas. Um barulho chama a atenção de Maria e vê que era Manoel Padilha. Ela estranha sua presença e mesmo assim aguarda para certificar o porquê daquela atitude, vir auxiliá-la no confronto.

Maria imita o canto do sabiá para chamar a atenção de Ricardo, faz gestos com as mãos informando que era para atacarem juntos, porque os soldados e vaqueanos tinham se separado. Ricardo entende imediatamente os gestos de Maria e orienta seus vaqueanos também com gestos. Os dois líderes estavam só esperando que as tropas legalistas entrassem

em distância de tiro. À espera deixa todos completamente tensos, devido à intensa adrenalina que corria em suas veias.

Capitão Vieira da Rosa e Francisco Geraldo evitam falar um com o outro, somente se comunicam também com gestos. Os dois grupos legalistas caminham lentamente e com extrema cautela, temendo ser pegos numa armadilha dos jagunços.

O Capitão acena para Francisco que já estava próximo do reduto para ficar pronto ao confronto com eles. Nesse momento o silêncio é cortado por gritos ensandecidos e centenas de tiros dos jagunços contra as tropas legalistas.

Os vaqueanos de Maria e de Ricardo atiram contra a tropa legalista e recuam. Apesar de o Capitão estar esperando uma reação dos jagunços não imaginava que fossem atacados naquele local. Ele já tinha perdido oito soldados e cinco são feridos. No piquete perdeu dez e quatro ficam feridos. Entre os jagunços o estrago foi maior, no piquete de Maria Rosa perderam-se nove e doze são feridos, no de Ricardo perdeu quinze e onze são feridos.

Chico Geraldo e seu piquete começam a avançar atirando contra os vaqueanos de Maria Rosa, que têm de recuar muito mais do que o programado. Ricardo ao ver o piquete da Maria sobre fogo cerrado decide recuar mais rápido, tentando acompanhá-la em seu recuo, com o intuito de chegarem juntos aos seus cavalos e debandarem na mata. O comandante Padilha ao ver que estavam numa situação crítica, acha melhor usar outra tática de recuo.

Maria acena a Ricardo para correr até os cavalos e que o comandante Padilha protegeria a fuga. Ela sai correndo até onde se encontrava sua égua, monta e espera Ricardo e seus vaqueanos e em seguida desaparecem na mata. Chico e o Capitão percebem que eles estavam prestes a debandar e começam a avançar mais rapidamente em ambos os lados, visando pegá-los num fogo cruzado. Padilha e os vaqueanos percebem que seria difícil chegar a tempo aos cavalos e conseguem debandar antes deles fecharem o cerco.

Padilha e os vaqueanos jogam todas as suas armas distante, após saem atrás dos pinheiros com as mãos levantadas. Um dos vaqueanos pisa num galho seco, fazendo um movimento brusco e o Capitão Vieira atira friamente contra ele, temendo que ainda estivesse armado.

Nesse momento surge uma égua branca no meio dos inúmeros pinheiros, a cavaleira estava com um vestido branco e empunhava um winchester, que atira e mata três soldados e quatro vaqueanos, inclusive ferindo o braço do Capitão Vieira. Depois desaparece da mesma forma que apareceu como se estivesse evaporado no ar entre os pinheiros. Tudo acontece tão rápido que os soldados, os vaqueanos e inclusive os próprios prisioneiros são pegos de surpresa.

Os soldados e os vaqueanos legalistas amarram rapidamente os jagunços com um rolo de corda e empurram os prisioneiros em direção ao reduto Pedras Brancas. Todos temiam que a mulher de branco retornasse e matassem mais outros. Estavam apavorados com sua destreza em atirar com o cavalo em movimento, tendo disparos certos e mortais, até parecia uma aparição das trevas. Os soldados e vaqueanos entram no reduto sem qualquer problema no caminho e mesmo assim caminham com cautela se protegendo atrás dos prisioneiros.

Os soldados vasculham todos os barracos e só encontram uma menina de aproximadamente sete anos de idade, que estava escondida na igreja. Tentam dominá-la, mas foram obrigados a levá-la até o Capitão, aos gritos e esperneando, chamava todos de Demônios da República. Ele manda os vaqueanos de Francisco Geraldo e uns cem de seus soldados procurarem tudo de valor e após incendiarem o reduto, enquanto tomava providências com os prisioneiros.

Há pouco mais de dez minutos, o reduto Pedras Brancas se transforma numa imensa fogueira, mas antes é tirado tudo o que encontrava de valor e colocado em dois sacos. O Capitão manda que seus soldados levem os prisioneiros até uma imbuía, viu que a menina ainda esperneava e chamava todos de Demônio, mandando que o soldado a trouxesse até ele.

O Capitão fica surpreso com as palavras da menina. Ela só tinha sete anos, mas falava como uma pessoa adulta. De repente, foi tomado por um instinto de cólera, saca seu Colt e atira friamente contra a cabeça da menina.

Os soldados fazem diversas filas de vinte jagunços, o Capitão dava ordem de execução até terminar com o último jagunço prisioneiro. O líder dos vaqueanos ao ver aquela chacina covarde do Capitão, se enfurece junto com vários vaqueanos, mas julga não ser a hora certa para explodir contra a covardia do Capitão.

O piquete de Francisco recolhe os jagunços mortos, começando pelos que tinham iniciado o confronto até onde houve a chacina e jogando todos os corpos no fogo. Uma parte dos soldados recolhe os seus companheiros, quarenta mortos e os vinte e cinco feridos. Vinte soldados cavam um grande buraco, onde seriam enterrados os seus quarenta companheiros. O restante incendeia os barracos e jogam no fogo os noventa e dois jagunços mortos no confronto e os cento e noventa chacinados na imbuía. Vieira ordena para que prosseguissem, mas os chefes dos piquetes de vaqueanos se recusam, então são ameaçados de prisão.

Vieira da Rosa vê que os vaqueanos empunham suas mausers, apoiando o seu chefe, enquanto os poucos soldados que estavam ao seu favor, julgando por terem levantado seus rifles em posição de tiro. Usando o bom senso, decide acabar com aquele impasse, alegando que tinha se excedido, mas não tornaria a acontecer.

Uma hora depois, os vaqueanos e os soldados do Capitão Vieira da Rosa, partem rumo a Curitiba, deixando para trás um cenário de destruição que permaneceria viva na mente de todos até suas mortes, diante de tanta violência e da chacina covarde do Capitão Vieira da Rosa.

Redutos de Guarda dos Santos e de Poço Preto

Novembro de 1915, o Capitão Euclides de Castro, no comando de trezentos soldados e do piquete de vaqueanos de Lau Fernandes, se embrenham pelas matas da serra de Santa Maria, procurando os redutos Guarda dos Santos e Poço Preto. Segundo informações de fazendeiros da região, os redutos se encontravam nos arredores, devido a diversos roubos de gado, tendo duas testemunhas que presenciaram os jagunços roubar o gado de uma das fazendas.

Nesse instante o comandante Olegário Ramos do reduto Guarda dos Santos, soube por intermédio de Maria Rosa, que o reduto de Pedras Brancas tinha sido destruído pelas tropas do Capitão Rosinha e pelo piquete de vaqueano de Francisco Geraldo e que foram fuzilados todos os prisioneiros, inclusive o comandante Manoel Padilha.

Maria Rosa comenta que estava indo se encontrar com a família dele em São Pedro e só passou para avisá-los do ataque a Pedras Brancas e que era para tomar cuidado com os malditos piquetes legalistas. Soube no caminho, que o Capitão Euclides de Castro e o piquete do Lau Fernandes se encontravam na região, procurando em todos os matagais, revirando tudo pelo avesso, dizendo que não voltariam a Canoinhas sem que encontrassem pelo menos um reduto. O Capitão não era muito perigoso, mas o Lau e seu piquete de vaqueanos, esses sim, eram perigosos. Dizem que não temem ninguém, assim como a gente. Ela aconselha os amigos: “Evitem ir para São Pedro, porque o Adeodato mantém os confinados sob regime de ferro, dizem que até matou vários confinados somente porque reclamaram que não tinham comida ou que estavam doentes, não podendo acompanhar o ciclo de rezas. Ele procura e obriga todos a acreditar em suas loucuras, até diz que o senhor José Maria vai descer a qualquer momento do céu, montado num cavalo branco, trazendo consigo o exército encantado de São Sebastião.

Maria Rosa monta em sua égua branca e retira-se do reduto de Guarda dos Santos, tomando o rumo de São Pedro. Maria sabia que o Adeodato estava com ela atravessado em

sua garganta, devido à fuga dela e toda sua família em Santa Maria. Ela conhecia muito bem o comandante para saber que podia esperar qualquer coisa, qualquer coisa mesmo.

João Ventura no Reduto Poço Preto

Novembro de 1915, o líder de um dos piquetes de vaqueanos, João Ventura, escolhe vinte de seus melhores homens e partem para o reduto de Poço Preto para cumprir as ordens do comandante Olegário. Avisariam que as tropas do Capitão Euclides de Castro e o piquete de Lau Fernandes estava à procura dos novos redutos da irmandade de São Sebastião.

O grupo evita as estradas principais, passando distante das vilas, percorrendo carreiros, picadas e o matagal que somente eles conheciam muito bem, chegando a seu destino cinco horas depois. Manoel Assumpção Rocha e Euzébio Ferreira dos Santos estranham ao ver João e seu piquete ali, pois certamente devia ter acontecido algo muito grave para justificar a presença deles.

João e seus vaqueanos partem do reduto de Poço Preto no início da noite, cavalgam por quase cinco horas consecutivas sem fazer nenhuma parada no caminho, pois todos conheciam aquela região como a palma da sua mão. Ao chegar à Guarda dos Santos, João foi ao barraco do comandante e informa que tinha avisado o Manoel e o Euzébio, mas os dois acham difícil encontrar o reduto, pois ficava no meio do mato e era complicado encontrar.

Maria Rosa no Reduto São Pedro

Novembro de 1915, nesse mesmo instante, Maria Rosa chega ao reduto São Pedro e é abordada por uns trezentos vaqueanos, sob o comando de Conrado Glober e Maria do Carmo. Os dois líderes a reconhecem mesmo na escuridão, devido a seu vestido branco e a sua égua branca, que se destaca no luar da noite.

Maria Rosa comenta que o Capitão Rosinha mandou fuzilar o comandante Padilha, inclusive os velhos, mulheres e crianças. O seu sangue ferveu ao ver aquela covardia, perdeu a cabeça e avançou contra os pés redondos, matando mais ou menos uns dez deles. Mas isso não adiantou nada, complicando ainda mais as coisas, porque depois o maldito Capitão terminou de fuzilar o restante dos prisioneiros. Atirei naquele tihoso, não sei se só feri ou matei.

O som de um cavalo vindo a galope chama a atenção de todos. Julgado pela pressa do cavaleiro devia estar acontecendo alguma coisa. Ao chegar próximo, vêem que era a virgem guerreira Conceição. Ela se aproxima do grupo rapidamente e se dirige até Maria Rosa. Ela avisa que o comandante Adeodato mandou prender o pai de Maria. Certamente iria aprontar mais uma das suas, por causa da fuga de deles em Santa Maria. Falou que achava melhor ela ir até lá, se não quisesse ver o seu pai machucado ou morto, porque pela cara de Adeodato, ele iria se vingar nele.

Maria Rosa não termina de escutar as últimas palavras de Conceição e parte num galope desenfreado para São Pedro. No momento em que chega a entrada do reduto, Pai Velho ao vê-la teme por sua vida, pois Adeodato ordenou a um dos pares de França que desse uma surra de vara de marmelo em Elias da Serra, após refrescá-lo com salmoura. Ela foi até o barraco de Adeodato, mas não o encontrou, então segue até a igreja e informa-a que o levaram próximo do pé de sassafrás ao lado do rio.

Maria novamente parte a galope na direção informada pelo Pai Velho. E apesar de ser lua minguante e ter pouca claridade, o seu semblante era do mais puro ódio e revolta pelo famigerado comandante Adeodato, “flagelo de Deus ou do Diabo”, já não se sabia mais ao certo.

Mesmo estando um pouco longe deles o vê mandar um dos pares de França amarrá-lo num pé de sassafrás, também vê que tinha alguma coisa em suas mãos, não sabia ao certo o que era devido a pouca claridade e a distância. Maria tira sua winchester que estava presa na montaria, aponta para o par de França e atira, acertando seu braço. Em seguida aponta para o comandante interino Adeodato, atirando novamente, só que dessa vez foi para alertá-lo, acerta o chão de seu lado esquerdo.

Maria atira novamente contra ele, só que dessa vez mais perto de seus pés, acertando a ponta de sua bota esquerda. Adeodato ao ver que o tiro perfurou a bota, recua e saca seu Smitt Wesson, que é tirado imediatamente de sua mão, à frente de um tiro certeiro dela.

O par de França solta Elias de Sousa, que imediatamente corre com certa dificuldade onde se encontrava sua filha. Ele estava pálido de pavor e ainda tremia de medo, quase não conseguia caminhar direito.

Elias de Sousa segue ao reduto, avisando a todos os membros da família que partiriam imediatamente, só não podia informar para onde, porque Maria não tinha revelado. Os confinados em São Pedro ficam surpresos com a partida repentina da família de Elias, porque Adeodato tinha tomado o cuidado para ninguém saber, a não serem Conceição e Pai Velho que viu Elias ser levado por ele ao capão de mato, por acaso. Maria sabia que se levasse Adeodato sob ameaça de sua arma ao reduto, seria muito humilhante e o tornaria mais traidor e vingativo que naquele instante, podendo até descarregar sua raiva em qualquer inocente da irmandade, porque todos o temiam.

Maria açoita sua égua em direção ao reduto, sempre com a winchester apontada para ele e o par de França ferido. Ele acha melhor deixar Maria e sua família partirem de São Pedro, só depois apareceria no reduto como se não soubesse nada do acontecido. Maria vê seu pai, sua mãe e os demais membros de sua família a esperando na entrada do reduto. Ela manda que todos fossem na frente, protegendo-os contra qualquer tentativa de Adeodato ou de seus homens impedirem sua partida. Os piquetes de vaqueanos que se encontram de vigia vão ao encontro deles.

Os três líderes se despedem de Maria Rosa, que toma com sua família a direção norte, desaparecendo imediatamente entre a estrada e o matagal. Elias emparelha o seu cavalo com a égua de sua filha, pede para seguir na frente, porque conhecia melhor aquela região. Ele comenta com seu pai que o juízo final da irmandade de São Sebastião estaria próximo. Diz: “À quase um quilômetro daqui, olhei para a lua minguante e tive a impressão de ver os quatros cavaleiros do apocalipse cavalgando no céu, entre as nuvens, igual na Bíblia Sagrada”. São João Maria estava montado num cavalo vermelho como fogo, São Sebastião estava montado num cavalo branco, São Cipriano estava montado num dourado e o seu José Maria montava um preto. Eles cortaram o céu como uma estrela cadente, sumindo da mesma maneira que surgiram. Senti um arrepio todo em meu corpo, pai, mas não falei nada, porque não queria assustar vocês. Uma luz ao meu lado chamou minha atenção, o Capitão, o meu Capitão estava cavalgando junto comigo, ao meu lado, sorrindo como se estivesse feliz por estar junto a mim naquele momento. Mas também desapareceu da mesma forma com que apareceu. O senhor viu alguma coisa? Elias aconselha a filha a esquecer o Capitão, porque ele tinha morrido e a vida continuava, quisesse ou não, essa era a verdadeira realidade.

Elias manda as mulheres prepararem algo rápido para comer e descansar, porque partiriam no final da madrugada. Maria desencilha sua égua, solta-a e leva junto à montaria, os pelegos e sua capa para cobrir-se do sereno e do frio. Prepara-se para dormir embaixo de um enorme pinheiro nativo no capão de mato, próximo do restante da família.

Maria Rosa e o Capitão Matos Costa

Novembro de 1915, Maria tenta dormir, mas aquelas imagens ainda atormentavam os seus pensamentos e mais uma vez passaria a noite em claro. Eram quase quatro horas da madrugada, quando aparece uma voz fantasmagórica atrás do pinheiro, chamando o seu nome. Maria levanta assustada, olha apavorada para o lugar onde julgou ter ouvido a voz. Ela vê um clarão surgir no meio da escuridão da mata, que se transforma no espírito materializado de seu amado... O Capitão Matos Costa.

Ele se aproxima dela, abraça-a com força e beija longamente os seus lábios trêmulos de emoção, afagando em seguida as mãos em seus cabelos pretos e longos. Após, enxuga com as mãos as lágrimas que descia de sua face, tornando a beijá-la com prazer e emoção. O Capitão pede: “Você precisa me esquecer, minha Maria”. Essa é última vez que vou me manifestar em espírito para você, não poderei fazer mais isso. Desejei tanto viver esse momento maravilhoso com você meu amor, muitas vezes chegava até sonhar, mas a vida julgou que eu não era merecedor desse sentimento tão belo e eterno. Por ser a última vez, tive a permissão de tocá-la, abraçá-la e beijá-la, meu amor. Quero que a partir de hoje, me prometa que vai me esquecer, tentar gostar ou amar alguém assim como me ama. Tenho de ir meu anjo, onde estou não existe tempo, o que para você parece século para mim é menos de um minuto. Esqueça, procure alguém para amar, viva com intensidade a sua vida, viva por você, por mim, que o meu espírito estará a sua espera, meu amor.

Essa guerra injusta está no fim. Os coronéis corruptos, governantes, Ministros e parlamentares republicanos vão festejar a frente de tanto sangue inocente derramado, homens simples, mulheres, velhos e crianças. Vocês queriam somente um pedaço de terra, uma vida digna na qual pudessem criar os seus filhos, seus netos e talvez os seus bisnetos. Mas nem isso vocês terão, porque todas as terras serão distribuídas aos malditos coronéis, membros das famílias de políticos, simpatizantes dos republicanos, inclusive vendidas aos emigrantes europeus. Todos vocês lutaram para ter uma vida melhor com dignidade e até isso conseguiram tirar de vocês, meu amor.

Procure me esquecer, meu amor. Quero que dê o meu nome ao seu primeiro filho, isso vai ser o melhor presente e demonstrará o quanto você me ama. O meu espírito sempre vai acompanhar vocês dois. Minha Maria preciso ir, estão me chamando. Adeus meu amor, me esqueça, viva, ame todos os momentos de sua vida, ame por mim, por esse sentimento que nos une no eterno. “Lembre-se sempre minha Maria que o nosso amor ultrapassa a realidade da vida e nos unirá no futuro, então poderemos desfrutar desse amor eterno”.

Ela beija a face de seu pai, se acomodando novamente em sua cama improvisada, mas não consegue dormir, nem tão pouco estava com sono, fazendo com que as horas fossem um tormento para passar. Às cinco horas da manhã todos já tinham feito o seu desjejum, menos Maria, que alegou não ter fome. Depois partem rumo a Canoinhas, onde Elias pretendia procurar o seu compadre Silvério Bastos.

Destruição do Reduto Guarda dos Santos

Novembro de 1915, enquanto isso, à quase cinco quilômetros do reduto Guarda dos Santos, também levantam acampamento as tropas militares do norte, onde o Capitão Euclides de Castro tinha sob o seu comando trezentos soldados e o piquete de Lau Fernandes composto de duzentos vaqueanos.

O líder Lau Fernandes segue na frente, sendo acompanhado pelo Capitão Euclides, após os vaqueanos e os soldados. O grupo militar e legalista chega a um quilômetro de Guarda dos Santos perto de meio-dia. Lau informa ao Capitão que estavam próximos do local e era para ficar esperando por ele, que iria verificar o terreno e ver o ponto ideal para atacá-los. Lau chama o seu piquete de vaqueanos mais experiente e desaparece na mata.

Os dois caminham com cautela e atentos a qualquer movimento suspeito, vêem que a quinhentos metros se encontravam dois piquetes de jagunços que deviam estar vigiando contra um possível ataque. Mesmo assim prosseguem o reconhecimento, somente redobrando as suas atenções. Lau ordena ao vaqueano parar a uns cem metros da entrada do reduto, observa tudo detalhadamente do local e viu que as informações que tinha recebido do jagunço feito prisioneiro em Canoinhas estavam certas. Deviam ter mais ou menos oitocentas pessoas, igreja e cruzeiro.

Segundo o prisioneiro, era comandado por negro Olegário, tendo como líderes dos piquetes os Ventura. Então, decide que já tinha visto o necessário e ordena ao vaqueano recuar com cautela. Os dois percorrem o mesmo caminho, com sua atenção voltada a qualquer movimento suspeito. O Capitão fica mais aliviado ao vê-los, porque já estava temendo por suas vidas diante da demora em fazer o reconhecimento. Ele informa ao Capitão: “Tudo é conforme o prisioneiro falou, não vai ser difícil, porque passei pelos piquetes dos jagunços de vigia com a maior facilidade. Eles não devem estar esperando um ataque, pois vi a calma com que eles conversavam entre si. O melhor jeito de atacá-los é de frente, do contrário, podemos ficar num fogo cruzado deles. Alerta seus soldados, que o piquete está a uns quinhentos metros à frente e a partir desse ponto devem estar prontos para o combate. Mas alerta também, que devem evitar o confronto de corpo a corpo, porque são uns verdadeiros Demônios no facão”.

Capitão Euclides avisa os seus soldados sobre o piquete que vigia o reduto. Aos vaqueanos de Lau não foi necessário, porque o conheciam muito bem e saberiam quando seria o momento de atacar.

Os líderes Chico e Guilherme Ventura, se encontravam nervosos em consequência do clima tenso que repentinamente estava sobre eles. Os dois tiveram a ligeira impressão, que algo muito grave estava prestes a acontecer a qualquer momento. Apesar de Maria Rosa falar que as tropas dos pés redondos republicanos e dos legalistas se encontravam nas matas da região, não se acreditava que conseguissem descobri-los. Eles não se arriscariam com poucos soldados, porque as tropas federais retornariam aos seus batalhões de origem.

Guilherme se encaminha ao seu piquete e ao atravessar a estrada improvisada, olha para o lado e vê o piquete do Lau e os soldados republicanos então, acena para seu irmão, avisando-o do perigo e corre imediatamente aos seus vaqueanos.

O piquete dos Ventura dispara centenas de tiros contra os vaqueanos de Lau e contra os soldados, mas continuam avançando em direção ao reduto e contra os piquetes dos Ventura.

Os Ventura vendo que estavam em desvantagem no confronto, decide recuar ao reduto, julgando que Olegário teria reunido outros guerreiros para o confronto. O grupo fanático já tinha perdido vinte e oito guerreiros, o piquete de Lau perde dois vaqueanos e o Capitão Euclides perde mais outros dois soldados.

O confronto continua por quase vinte minutos, os jagunços dos Ventura recuam em duas frentes, enquanto o inimigo ganhava terreno e se aproximava de Guarda dos Santos. O comandante Olegário assim que ouve os primeiros disparos, manda João Ventura reunir os seus guerreiros, enquanto ele reunia o restante do grupo.

Ele corre até a igreja e começa a bater desesperado numa pequena barra de ferro, pois era o sinal de alerta, de perigo, mas foi totalmente desnecessário, pois todos já haviam escutado também os disparos e foram buscar as suas armas, ficando à disposição do comandante no confronto contra os peludos. Os dois líderes convocam dezenas de crianças acima de doze e até dezessete anos, as mulheres e os velhos mais ágeis. Conseguem reunir quatrocentos e cinquenta guerreiros, contando com os piquetes dos irmãos Ventura que já deviam ter perdido vários guerreiros, devido aos constantes disparos de fuzil e mausers. Ao

ver que os guerreiros estavam à quase cinquenta metros da entrada, vêem que os inimigos republicanos se encontram em maior número.

Os vaqueanos de Lau e os soldados do Capitão Euclides, ao ver que o tiroteio aumentou contra eles, se obrigam a buscar proteção atrás dos pinheiros e imbuías seculares. Apesar de estar num fogo intenso dos jagunços, procuram manter o terreno e avançar mais lentamente, visando não se expor em demasia.

Os dois Ventura e seus guerreiros ao verem que estavam protegendo o recuo, aumentam os seus disparos contra os republicanos e legalistas, correndo mais rapidamente para a entrada do reduto. Já com todos os piquetes reunidos, intensificam seus disparos contra os adversários, ocasionando várias baixas no grupo inimigo. Os Ventura ao ver que a situação estava crítica, decide dar proteção ao Olegário e ao seu piquete.

O comandante Olegário, João Ventura e os seus piquetes, na maioria mulheres e jovens adolescentes, partem às pressas do reduto Guarda dos Santos, deixando para trás os guerreiros de Chico e de Guilherme Ventura naquele inferno imposto pelos republicanos.

Capitão Euclides e Lau Fernandes vendo que os jagunços tinham diminuído os disparos contra eles, imediatamente deduzem que se preparavam para fugir, dividindo-se em vários grupos. Vêem que se não tomassem uma atitude para evitar a fuga, a caça escaparia de suas mãos.

Os Ventura vêem que o inimigo continuava ganhando terreno e que não poderiam continuar segurando por mais tempo, pois já tinham perdido quase setenta guerreiros dentro de meia hora, enquanto seus inimigos perderam menos de vinte soldados e vaqueanos.

Chico e seus guerreiros seguem na direção onde tinham desaparecido os demais, deixando Guilherme no comando de mais de cento e cinquenta guerreiros que davam confronto às forças republicanas. Ele ordena aos seus guerreiros que mudassem de posição de tiro constantemente, dando a impressão ao inimigo que se encontrava em maior número, e assim, daria tempo de pensar numa saída estratégica que não perdesse muitos homens.

Lau Fernandes calcula pelos poucos disparos dos jagunços que deveriam ter uns cento e cinquenta jagunços e se não avançassem mais rápido somente encontrariam o reduto vazio. Então, acena ao Capitão Euclides para avançar rápido, que lhe daria proteção.

Guilherme vê que a situação estava se complicando cada vez mais e que sua tática não estava surtindo efeito ao inimigo, pois ainda continuam avançando contra eles. Decide então, recuar para dentro do reduto. O seu grito de guerra não surte efeito entre seus guerreiros, pois já estavam cansados de tantas batalhas e também sabiam que só estavam persistindo no confronto com as forças republicanas para dar tempo aos demais de se distanciar deles. Ele vê que não podia esperar mais tempo e resolve dar ordem de retirada, dividindo-os em dois grupos. Enquanto um recuava, o outro protegia a retaguarda até chegarem onde estavam os seus cavalos.

O primeiro grupo seguiria a direção sul e ele ao norte, se encontrando a dois quilômetros adiante quando despistassem os malditos peludos. O grupo de Guilherme se encontrava no centro do reduto e aos guerreiros é mandado fazer vários focos de fogo com grimpas parta se jogar inúmeras balas de winchester, visando retardar as forças republicanas e dar tempo para se distanciar deles.

Capitão Euclides e Lau Fernandes ao ouvir centenas de disparos vindos de dentro do reduto, manda os seus homens buscarem proteção atrás dos pinheiros, julgando que os jagunços estavam tentando enganá-los. Mas depois de uns dez minutos de espera, os dois grupos republicanos avançam com extrema cautela até o reduto e nesse instante vêem que estava completamente vazio, encontrando dezenas de corpos de jagunços mortos no confronto.

Sargento Rodrigues divide os soldados em três grupos. Um recolheu todos os objetos de valor, inclusive as centenas de animais e em seguida incendiaram os barracos sob o

comando do Capitão. Ele no comando de outro recolhe com umas carroças os quinze soldados e cinco vaqueanos feridos. Escala um cabo no último grupo com duas carroças para recolher e enterrar os dez vaqueanos e quinze soldados mortos em combate.

Os vaqueanos recolhem com quatro carroças os cento e setenta jagunços mortos que são jogados no fogo. Seis deles foram sumariamente executados. A força republicana leva quase uma hora para cumprir as ordens do Capitão, só então vão se reportar com ele. São confiscados, dois baús com objetos de valor, cinquenta porcos, vinte ovelhas, cem cavalos e trezentas cabeças de gado. O Capitão deixa os vaqueanos responsáveis pelos animais e os baús seguem numa das carroças.

Eles conversam alto, devido aos constantes estalos ensurdecedores da madeira completamente seca dos barracos incendiados. Depois de cinco minutos, as forças republicanas partem rumo a Poço Preto, deixando o reduto de Guarda dos Santos tomado pelas chamas no meio do sertão e da serra de Santa Maria.

Os sobreviventes fogem para São Pedro

Novembro de 1915, depois de quatro horas em que as forças republicanas destruíram Guarda dos Santos, os irmãos Ventura e aproximadamente sessentas pessoas chegam a São Pedro. Eles são recebidos pelos líderes dos piquetes, Maria do Carmo, Conceição e Conrado Glober, que vigiam o reduto.

Conceição, os Ventura e o restante dos refugiados de Guarda dos Santos se apressam para chegar ao reduto de São Pedro, que ficava à quase um quilômetro do local. A visão dos jagunços foragidos do reduto destruído era desumana e constrangedora aos olhos humanos, pois apresentava a realidade da vida miserável em que os errantes do século foram obrigados a conviver, não tendo nenhuma opção de escolha e muito menos, um caminho decente que pudessem seguir ao qual preservasse um futuro a seus descendentes.

Enfim o ambicioso coronelismo provinciano e os políticos republicanos corruptos conseguem levar uma geração ao completo extermínio de sua auto-estima, marcando-os à base de ferro e fogo todas as suas esperanças, destruindo os seus sonhos por mais simples que fossem (viver em paz, dar uma vida melhor a seus filhos, aos seus netos e a toda uma geração vindoura).

Destruição do Reduto de Poço Preto

Novembro de 1915, o Capitão Euclides manda o Sargento Rodrigues acordar os soldados e os vaqueanos de Lau Fernandes às quatro horas da madrugada, pois teria de levantar acampamento para chegar a Poço Preto perto de meio-dia. As forças republicanas partem em direção ao reduto meia hora depois, embrenham-se numa mata quase fechada, enquanto as dez carroças seguem as estradas de acesso ou carreiros de fácil acesso. Lau Fernandes alerta o Capitão que se encontravam à quase um quilômetro e meio de Poço Preto.

Apesar de não concordar com a idéia de ataque do Capitão, Lau Fernandes segue na frente com seus vaqueanos até Poço Preto. Ele conclui que enfrentariam os jagunços em seu terreno e estariam à mercê do imprevisível, de caçador poderia se transformar em caça.

No reduto o líder espiritual, Euzébio Ferreira dos Santos e o comandante de guerra, Manoel Alves de Assumpção Rocha, convocam todos os confinados para uma reunião na igreja porque pressentiram que algo muito grave estava preste a acontecer. Euzébio revela: “Ontem à noite sonhei com o seu José Maria, ele estava montado num cavalo branco e bania uma espada e me alertou que seríamos atacados pelos Demônios da república”.

Nesse momento, entra apavorado um menino de aproximadamente cinco ou seis anos, esquelético e maltrapilho, revelando a realidade miserável que a irmandade estava

passando. Todos se levantam dos bancos em alerta e a julgar pelo seu estado, algo muito grave estava acontecendo. O menino respira várias vezes, só então consegue contar o motivo de estar apavorado. Conta que tinha visto forças legalistas.

Percorre um rumor de temor entre os presentes e todos ficam completamente perdidos à frente da notícia que tanto temiam. Aos poucos os dois líderes recuperam-se da surpresa inesperada e suas mentes começam a trabalhar rapidamente, conforme a situação exigia.

Manoel leva junto os confinados armados que encontra no caminho, visando segurar as forças republicanas até a chegada do restante dos guerreiros. Euzébio corre até o cruzeiro e bate com uma barra num ferro de roda de carroça, alertando os demais membros que se encontravam no reduto, enquanto um jovem corre até a lavoura para avisá-los do ataque.

Em questão de poucos minutos, todos se encontram armados na entrada para o confronto com os peludos. Todos se encontravam nervosos com o ataque dos republicanos e esperavam impacientes que aparecessem e estivessem em linha de tiro.

O líder Lau Fernandes pressente que os jagunços estavam à espera do ataque republicano, evaporando assim o fator surpresa. Rezava que o prisioneiro estivesse certo na quantidade de jagunços, do contrário estariam em maus lençóis e numa situação não muito favorável. Mas o Capitão Euclides continuava com sua teimosia em confiar em sua superioridade numérica, dizendo que quase não encontraria resistência, deixando de tomar qualquer tipo de precaução tradicional de combate. Nesse instante, o inferno desaba sobre a mata de Poço Preto, uma chuva de disparos corta o caminho dos soldados e dos vaqueanos legalistas.

Lau com os olhos acostumados em confrontos armados vê que não chegavam a duzentos jagunços, manda os seus vaqueanos avançarem ao reduto, disparando suas mausers e winchester's constantemente contra o inimigo.

A partir desse momento, o avanço dos vaqueanos incentiva os soldados, levando-os a ganhar rapidamente terreno até a beira da entrada do reduto. O Capitão grita ensandecido dando ordens aos seus soldados, enquanto Lau somente acenava aos seus vaqueanos e eles faziam o restante.

O comandante Manoel Rocha e o líder Euzébio, vendo que estão em menor número e que não conseguiriam suportar aquele ataque maciço por muito tempo, são obrigados a dar ordem de retirada para todos.

Euzébio e seus guerreiros montam em seus cavalos, gritam aos demais confinados que estavam visivelmente apavorados com o intenso tiroteio, que lhes acompanhassem a passos rápidos. Em poucos minutos o grupo de refugiados desaparece na mata, seguindo a direção do rio Timbó. Enquanto isso, Manoel Rocha e seus guerreiros fazem tudo para segurar o avanço dos soldados e dos vaqueanos.

Lau Fernandes vê que o grupo de jagunços estava fugindo novamente, ordena a seus vaqueanos circular ao sul do reduto e cercarem os que permaneciam dando combate a eles. Imediatamente os vaqueanos desaparecem na mata, reaparecendo atrás dos barracos quase no meio do reduto, invadindo-o e cercando os jagunços sobreviventes de Poço Preto, que agora se encontravam num fogo cruzado.

Manoel Rocha vendo que estavam cercados manda uns guerreiros darem combate aos vaqueanos, enquanto os outros permaneciam com os soldados. A situação deles era crítica e estavam prestes a serem mortos como animais.

Ele vê que a única solução era mesmo fugir, do contrário também perderia a vida como tantos outros. Corre ao primeiro barraco e monta no cavalo que se encontrava amarrado ao lado, saindo em disparada na direção norte e deixando os demais sobreviventes combatendo as forças republicanas. Galopa desesperado por quase um quilômetro, mas pára

quando não escuta mais nenhum tiro, pensa em voltar ao reduto, mas conclui que seria suicídio e continua a fuga.

Enquanto isso no reduto, os soldados sob o comando do Capitão Euclides conseguem chegar à entrada do reduto. Lau e seus vaqueanos avançam, empurrando os jagunços sobreviventes em direção dos soldados. Os cinquenta jagunços ao verem que estavam perdidos, jogam as suas armas e se entregam e são cercados imediatamente pelos dois grupos republicanos.

Sargento Rodrigues amarra os cinquenta jagunços prisioneiros, deixando dez soldados para vigiá-los. Em seguida, forma dois grupos, onde um recolhe os feridos e o outro fica encarregado de enterrar os soldados e vaqueanos mortos em combate.

Lau e seus vaqueanos começam a procurar nos barracos todos os objetos de valor, após incendeiam um por um até formar uma imensa fogueira. Recolhem os animais que estavam num cercado feito com taquara, sendo vinte e cinco cavalos, dez porcos, cinco ovelhas, e oitenta cabeças de gado, inclusive conseguem reunir mais de meio baú de madeira com objetos de valor, o famoso confisco de guerra ou lucro dos vitoriosos.

A força legalista teve seis soldados e dois vaqueanos feridos, foram mortos dois soldados e um vaqueano. Enquanto do lado da irmandade, setenta e sete jagunços foram mortos.

Aproximadamente vinte minutos depois, as forças republicanas partem rumo a Canoinhas, levando os confiscos de guerra, os cinquenta jagunços prisioneiros, deixando atrás um rasto de destruição no sertão do contestado. Mais uma vez os coronéis provincianos, os Governadores, Ministros, parlamentares e até o próprio Presidente levam o apocalipse aos miseráveis e aos excluídos do poder republicano.

Olegário Ramos no Quilombo Capão dos Negros

Novembro de 1915, Olegário passava por um capão de mato a quase um quilômetro do Quilombo Capão dos Negros, quando é interceptado por João Garipuna e vinte Quilombolas, reconhecendo-o imediatamente. Pois, antes de aderir à irmandade de São Sebastião, se refugiou uns tempos no Quilombo, devido estar sendo procurado injustamente por roubo de gado pelo Tenente Coronel Henrique Rupp de Campos Novos.

Olegário e João açoitam os seus cavalos e saem num galope desenfreado em direção do Quilombo. Ora João estava na frente, ora Olegário. Emparelham os cavalos quase na entrada. Os membros do Capão dos Negros ao ver os dois vindos a galope, correm para apanhar suas armas e ficar esperando apreensivos na entrada, julgando que estava acontecendo alguma coisa grave para estarem correndo como loucos. Os dois ao ver que a entrada estava fechada pelos membros do Quilombo puxam as rédeas de seus cavalos, que imediatamente empinam, quase derrubando os dois no chão.

Olegário pede para se esconder uns tempos no Quilombo, pois estava sendo procurado pelas forças legais. Pai Véio e os demais líderes aceitam ajudá-lo, contanto que trabalhasse na lavoura. Depois alertam João: “Redobre a atenção e alertem os outros, meu filho, o José Santos chegou hoje de Curitiba e falou que o Capitão Vieira da Rosa está à procura de redutos de jagunços nessa região e têm no comando mais de trezentos soldados e quase quatrocentos vaqueanos. Se ele aparecer por aqui, você já sabe o que fazer”.

João Garipuna parte em galope desenfreado rumo ao capão de mato, enquanto os três dirigem-se para a cobertura, onde ficavam os líderes do Quilombo do Capão dos Negros e os demais membros retomam os seus afazeres.

Frente dos mais recentes acontecimentos dramáticos da irmandade de São Sebastião, mais um comandante é obrigado a se esconder para não servir de comida de urubu ou ser enterrado num formigueiro ou até mesmo, virar comida de porcos. Nesse momento os

HOLOCAUSTO NO SERTÃO

coronéis e até mesmo os políticos corruptos, estavam festejando a vitória contra os miseráveis do sertão contestado, pois tinham marcado violentamente toda uma geração ou talvez diversas gerações vindouras, jogando-as na completa miséria desumana, cruel e ambiciosa.

Destruição do Reduto São Sebastião

Miséria no Sertão

Parte IX

Destruição do Reduto de São Sebastião

Dezembro de 1915, o comandante interino, Adeodato Manoel Ramos, depois do episódio com a líder guerreira, Maria Rosa, decide levar os seus seguidores para as margens do rio Timbó, onde nasce a nova cidade santa de São Sebastião. O novo reduto era formado por quatrocentos pequenos barracos, igreja e quatro cruzeiros a sua volta. Tinha aproximadamente mais de mil confinados.

Ele assegura aos confinados nos ciclos de reza que José Maria, São João Maria e São Sebastião iriam descer com o exército encantado, então conseguiriam derrotar os Demônios da república. O flagelo de Deus ou do Diabo mantém uma disciplina cruel e insana em São Sebastião, determinando aos pares de França, que executassem o primeiro que reclamasse ou se recusasse a cumprir suas ordens.

Adeodato decide enviar um espião à vila de Timbó, visando saber alguma notícia de outros redutos, se existia na região alguma tropa de soldados republicanos ou piquetes de vaqueanos legalistas. Ele já se encontrava aflito com a demora de seu espião, temendo que fosse feito prisioneiro e o torturassem para contar a localização de São Sebastião. Mas, ao vê-lo na entrada do reduto, vindo em sua direção, acalma-se imediatamente. Zéca informa: “Soube pelo dono do armazém da vila que o Capitão Euclides de Castro no comando de trezentos soldados e o piquete do Lau Fernandes com duzentos vaqueanos, destruiu o reduto de Guarda dos Santos e Poço Preto e parece que mataram mais de duzentos guerreiros no combate, só não sabem quantos foram feitos prisioneiros. Mas julgando pelos mortos, devem ter feito muitos prisioneiros, comandante. Soube também que Lau Fernandes e mais duzentos vaqueanos estão embrenhados nas matas da região, procurando o reduto de São Sebastião”.

O par de França, Zéca, vai ao barraco de dona Maria Cecília para comer alguma coisa e descansar. Enquanto Adeodato foi passar as ordens aos pares de França para ficarem atentos nos confinados, porque temia que eles debandassem com os seus familiares, assim como aconteceu no reduto de Santa Maria. Logo após, vai procurar os irmãos Sampaio, que moram num dos barracos perto dele e coloca-os a par de tudo o que Zéca descobrira na vila de Timbó.

Ele se retira do barraco para escolher seus guerreiros, deixando Adeodato conversando com os três irmãos Sampaio. O rosto de Adeodato demonstrava uma visível preocupação, mas procurava esconder para evitar qualquer rebelião entre os confinados ou uma debandada geral em São Sebastião.

Os três irmãos Sampaio e Adeodato se retiram do barraco e organizam os guerreiros que estavam de vigia a quase um quilômetro do reduto, enquanto Adeodato com os nervos alterados manda um dos pares de França acordar Zéca, e dirige-se a seu barraco. Minutos depois Zéca entra no barraco ainda com cara de sono, preocupado por ter acordado antes da noite.

Zéca se retira do barraco para cumprir as determinações de seu comandante, deixando-o completamente envolto em seus pensamentos. O flagelo de Deus estava cometendo um erro grave, que poderia culminar com sua derrota parcial ou total. Continuar impondo o medo entre os confinados para evitar a debandada geral, não era a melhor decisão. Porque em momento algum ele viu que os confinados estavam com mais medo do fantasma da fome, do que todas as suas ameaças ou até a própria morte. Naquele instante talvez, fosse a melhor solução para acabar com o inferno que as suas vidas tinham se transformado.

O piquete de Lau Fernandes, com duzentos vaqueanos faz prisioneiro um dos jagunços foragido de São Sebastião, que lhes conta a localização do reduto. Segundo o foragido, tinha deixado atrás a mulher, três filhos e mais dez membros de sua família e visava buscar ajuda e tirá-los das mãos sádicas de Adeodato. Diante dessa atitude sincera e corajosa,

Lau deu-lhe um winchester para ajudá-los no combate. Ele aceitou de bom grado, pois pretendia se vingar da morte de cinco parentes que seu comandante mandou matar.

Joaquim guia Lau e seu piquete até sair ao lado do rio Timbó, sempre evitando passar em campo aberto e ser descoberto por algum jagunço. Seguem o curso do rio por mais de oitocentos metros, saindo a quase duzentos metros da entrada. Lau observa atentamente o reduto e se certifica que não esperavam um ataque, porque uns quinze confinados caminhavam despreocupados ao redor dos barracos. Ele fica curioso para saber o que tanto procuravam no chão, porque estavam com várias enxadas. Joaquim Palhano explica que estavam procurando raiz de caraguatá ou qualquer outra raiz que servisse para comer. Todos os confinados viviam mortos de fome, pois o desgraçado do Adeodato racionava a comida para eles, mas os seus guerreiros comiam muito bem.

Lau e os duzentos vaqueanos saem rapidamente da mata, cento e cinquenta avançam em direção da entrada de São Sebastião, cinquenta ficam atrás protegendo a retaguarda contra os piquetes de jagunços, que vigiavam a quase oitocentos metros de onde se encontram.

Ricardo Sampaio foi o primeiro a ver os vaqueanos legalistas avançando ao reduto, corre desesperadamente até o barraco de Adeodato, quase derrubando a porta. Ele manda Ricardo alertar todos os guerreiros que corre até a igreja e bate inúmeras vezes numa barra de ferro, dando o sinal que seria atacado pelos soldados ou por vaqueanos legalistas. O sinal de perigo cria imediatamente um tumulto incontrollável entre os confinados que correm de um lado para outro, sem saber o que fazer para se defender.

Adeodato corre até a entrada e vendo que o piquete do Lau estava a cem metros, avança se protegendo à beira da mata no lado esquerdo da estrada improvisada. Nesse instante, Ricardo Sampaio surge com cinquenta guerreiros e Zéca com os pares de França, aguardando as ordens do comandante.

Enquanto ele e os demais ficam observando o avanço dos vaqueanos de Lau Fernandes, procuram imaginar a quantidade certa, pois os mesmos estavam ocultos na mata. Quando se encontravam a cinquenta metros da entrada, Lau manda sair da mata e avançar sobre os jagunços em campo aberto. Nesse momento, Adeodato vê que eram muito mais do que pensava e chega à conclusão que não poderia dar combate por muito tempo, nem tão pouco esperar que os piquetes dos dois irmãos Sampaio chegassem para ajudá-lo. Mesmo assim, tenta animar os seus guerreiros, dando o grito de guerra da irmandade de São Sebastião e nesse momento um tiroteio infernal caiu sobre sertão.

Adeodato, os pares de França e os guerreiros de Ricardo disparam seus winchesters desesperadamente em direção dos vaqueanos. Mas à frente dos disparos avançam sempre buscando proteção nos pinheiros do capão de mato. Após dez minutos de confronto com os vaqueanos legalistas, já tinham perdido vinte guerreiros, enquanto eles tinham derrubado uns cinco somente. Adeodato percebeu que não podia agüentar mais tempo, pois os vaqueanos estavam à quase vinte metros do reduto, decide debandar.

Ele e os pares de França desaparecem na mata ao lado da entrada do reduto, deixando Ricardo Sampaio e seus guerreiros completamente perdidos, pois não esperavam que o comandante fosse o primeiro a fugir do combate com os vaqueanos.

Ricardo vendo que estava tudo perdido, manda os seus guerreiros jogarem as armas, amarra um lenço branco na ponta do winchester e balança bem alto para que Lau e os vaqueanos vissem que estavam se rendendo. Lau ao ver a cena, ordena a seus vaqueanos para avançarem em campo aberto.

Ele corre na frente dos vaqueanos, que avançam lentamente para a entrada, onde Ricardo e os demais guerreiros se encontravam com as mãos para o alto. Foi o primeiro a chegar até eles, se aproximando de Ricardo.

Joaquim corre como louco até seu barraco e assim que chega, sente que tinha alguma coisa errada, pois não tinha visto sua mulher e nem seus filhos. Empurra a porta lentamente

até abri-la completamente e vê Adeodato e um dos pares de França apontando os seus Smitt Wesson para a cabeça dela.

Ele e o par de França disparam várias vezes contra Joaquim, que cai imediatamente no chão com um ferimento no peito e dois na perna. A mulher ao ver seu marido cair ferido se solta das mãos de Adeodato e corre até ele.

Assim que chega ao corpo ferido de Joaquim, saca o seu Smitt Wesson e rapidamente volta-se aos dois, disparando várias vezes contra o par de França e Adeodato.

Adeodato ao ver o par de França cair mortalmente ferido no chão, corre e salta pela janela, desaparecendo na mata atrás do barraco, deixando o par de França agonizando no chão. A mulher se aproxima dele e termina de descarregar a arma, visivelmente transtornada. Nesse momento, Lau Fernandes entra no barraco e vê Joaquim ferido no chão e sua mulher descarregando a arma num jagunço. Ao ver que arma estava vazia, se aproxima lentamente dela.

A mulher corre até o marido e o segura em seus braços, sacudindo-o para recobrar a consciência. Segundos depois, ele volta a si, mas estava um pouco perdida diante dos acontecimentos. Lau Fernandes comenta: “Não vou levar vocês para Curitibanos porque o Coronel Marcos Farias, o Major Euclides Albuquerque e o Capitão Vieira da Rosa, talvez executem todos covardemente. Acho que vou levá-los para Canoinhas. O Capitão Euclides de Castro cuidará bem de vocês, quem sabe possa até libertá-los.

A mulher se retira do barraco, reaparecendo cinco minutos depois, trazendo quase trinta pessoas com ela. Lau manda uns vaqueanos cuidarem da família de Joaquim e manda o restante juntarem-se aos demais prisioneiros. Chama um de seus vaqueanos de confiança, ordenando que recolhesse todos os objetos de valor e queimassem todos os barracos, jogando todos os corpos de jagunços mortos em combate. Pede também, que escalassem cinco vaqueanos para enterrar os cinco mortos em combate. Quando terminou de cumprir as ordens, foi ao encontro de seu chefe.

O vaqueano cumpriu as ordens de seu chefe e cinco minutos depois os quatrocentos barracos se transformaram numa só fogueira. A madeira seca estalava constantemente e saltavam faíscas entre a fumaça preta no céu. O líder dos vaqueanos, Lau Fernandes, ordena que aos vaqueanos e aos quase mil prisioneiros que caminhassem em direção a Canoinhas, porque pretendia chegar no dia seguinte até ao meio-dia. Foi nesse clima de destruição no meio do sertão, que os vaqueanos legalistas desapareceram entre a estrada e a mata.

A uns quinhentos metros do reduto destruído, no alto de um morro se encontrava Adeodato e os pares de França, que ficam olhando por uns minutos a fumaça no céu do contestado. Em seguida, desaparecem na mata rumo ao sul da região. Finda mais um episódio sangrento da insana guerra dos humildes do sertão, dos errantes do século e da guerra corrupta republicana, rumo ao poder da heresia hipócrita.

Destruição do Reduto de São Pedro

Dezembro de 1915, Elias de Moraes, comandante do reduto de São Pedro, soube por intermédio dos irmãos Sampaio, que São Sebastião foi atacado pelo piquete de vaqueanos de Lau Fernandes e que incendiaram os quatrocentos barracos, e fizeram prisioneiros o seu irmão Ricardo e quase mil confinados.

O comandante Adeodato e os pares de França conseguem fugir antes de dominar o reduto, e escapam porque os vaqueanos evitaram passar pela estrada, chegando ao reduto pela mata. Ao escutar todo aquele tiroteio, todos correm para ajudar os confinados e os guerreiros, mas o reduto já tinha sido dominado pelos vaqueanos, não restando outra opção senão se esconderem para evitar que também fossem presos. Agora um pouco mais calmos, procuravam um jeito de libertar o seu irmão Ricardo.

Os dois informam que somente passaram em São Pedro para avisá-los do ataque a São Sebastião e iriam para Canoinhas na tentativa de libertar seu irmão. O reduto de São Pedro era composto de mais de mil barracos, igreja e cruzeiro e existiam mais de quatro mil confinados no local.

Diante dessa inesperada notícia dramática, Elias convoca os líderes dos piquetes para montar um esquema de defesa contra os soldados republicanos e os vaqueanos legalistas. Entre os líderes estavam Francisco Paes de Farias - o Chico Ventura, Guilherme Paes de Farias - Guilherme Ventura, João Paes de Farias - João Ventura, a guerreira Maria do Carmo, a guerreira Conceição, Conrado Glober, o líder espiritual Manoel Moraes e Manoel Lira de Jesus. Elias revela a real situação e que precisavam encontrar uma saída, diante dos ataques das forças republicanas e dos piquetes de vaqueanos legalistas. Tinha a certeza de que novamente tentariam encontrar São Pedro a qualquer custo e deveriam manter todas as suas defesas.

Maria do Carmo, Conrado Glober e Guilherme Ventura retornam aos piquetes que fazem a vigilância de São Pedro, reassumindo os seus postos de liderança. João e Chico Ventura, os responsáveis pela disciplina entre os confinados, voltam ao seu serviço. Manoel Lira era o encarregado para carnear os animais, Conceição alimentar as famílias enquanto Pai Velho era o líder espiritual em São Pedro.

Os dois dias seguintes transcorrem sem nenhum imprevisto, só a tensão crescia entre os confinados pela falta de alimento na comunidade, mas os irmãos Ventura conseguem manter o controle entre os internos. Pai Velho pressente que o apocalipse estava batendo à porta da irmandade e procura intensificar a fé dos confinados em São Pedro mantendo diariamente o ciclo de rezas. Mas todos já se encontravam esgotados de tantos combates e de viver fugindo dos malditos republicanos.

Uma densa neblina desce sobre o reduto formando uma visão fantasmagórica naquele sertão do contestado, como se estivesse prevendo o final do apocalipse jagunço e a vitória dos ambiciosos coronéis republicanos.

Nesse exato momento a quase quatro quilômetros de São Pedro, o Capitão Euclides de Castro no comando de trezentos soldados, o Capitão Vieira da Rosa no comando de quatrocentos e oitenta e sete soldados e Lau Fernandes com um piquete de duzentos vaqueanos, levantam acampamento e partem rumo ao último reduto jagunço.

Os dois, ao verem as ordens determinadas pelo Capitão Euclides procuram calar-se, evitando qualquer outro desentendimento. As tropas legais caminham por quase uma hora no mais completo silêncio até se encontrar a um quilômetro e meio de São Pedro. Capitão Euclides ordena que todos parem e chama o chefe dos vaqueanos, pedindo uma sugestão: “Primeiro Capitão, vamos nos dividir em dois grupos, um segue pela mata à esquerda da estrada aproximadamente a um quilômetro e o outro grupo faz o mesmo, só que à direita da estrada. Assim evitaremos ficar presos no confronto com os piquetes de vigilância deles, dando tempo aos demais no reduto para preparar a defesa ou até mesmo uma fuga em massa. Se evitarmos esse confronto desnecessário poderá pegá-los de surpresa e dominar o reduto”.

Lau ordena a um de seus vaqueanos de confiança para acompanhar o Capitão Euclides, levando-os pela mata até a distância planejada. Os dois grupos desaparecem entre os seculares pinheiros na mata, onde caminham lentamente para evitar barulhos desnecessários que viessem a alertar os piquetes de vigilância jagunça.

Os dois grupos levam uma hora para fazer todo o percurso ultrapassando o piquete no mais completo silêncio, saindo à beira da mata a quinhentos metros de São Pedro. Lau observa atentamente a existência de algum jagunço na estrada ou mesmo entre os pinheiros, só após corre ao encontro do Capitão Euclides, informando o que tinha visto.

Lau novamente olha atentamente para os lados da estrada e para a mata, certificando-se de que não havia ninguém, então corre ao seu grupo. Ele chama o Sargento Rodrigues e

informa do plano de ataque, porém, teriam que esperar a ordem do Capitão Euclides, que veio após uns minutos.

Os grupos caminham silenciosamente pela mata, sempre procurando se esconder nos pinheiros seculares, até chegar aproximadamente cem metros da entrada do reduto. Nesse instante, o Capitão acena ordenando parar, devido à presença de umas dez crianças que estavam brincando próximo da entrada. Os grupos esperam as crianças retornarem ao reduto, só então se ordena o ataque.

Chico Ventura estava sentado numa pedra e limpava distraidamente a seu winchester e instintivamente olha para a entrada do reduto e vê os soldados e vaqueanos avançando. Imediatamente levanta-se e corre até a igreja, pega uma pequena barra de ferro e bate desesperadamente num aro de roda de carroça.

O sinal de alerta de Chico Ventura pega todos de surpresa, inclusive o comandante Elias e os demais líderes, criando uma verdadeira correria desordenada entre os confinados. O tumulto criado pelo ataque republicano inesperado dá o tempo necessário para os dois grupos adentrarem no reduto de São Pedro, colocando todos sob a mira de suas armas, inclusive o comandante Elias, os Ventura e os demais líderes. Capitão Euclides manda que soltem as armas e se entreguem do contrário, ordenaria aos soldados e vaqueanos que atirassem.

Elias ordena que joguem as armas. À frente da pergunta do Capitão, todos os prisioneiros permanecem em completo silêncio. O Capitão Vieira se aproxima de Chico Ventura, e aponta o seu Smitt Wesson para sua cabeça.

Vieira da Rosa olha para o Capitão Euclides, sentindo a determinação em seus olhos e em seguida olha para o Lau Fernandes e não teve dúvidas que cumpriria a ameaça, só então abaixa a arma. Ele tranquiliza Elias dizendo: “Quero que vocês venham pacificamente comigo pra Canoinhas, depois de constar os seus nomes nos relatórios como prisioneiros, deverão ficar presos um dia ou dois e com certeza devem ser soltos, porque o estado não tem condições financeiras de alimentar tanta gente. Os mil prisioneiros que Lau Fernandes fez em São Sebastião, ficaram dois dias presos. Recebi ordens do Ministro da Guerra para soltá-los por esse mesmo motivo”.

Os Ventura, Conceição e os três vaqueanos cumpriram as ordens de seus chefes, enquanto o Capitão Euclides, Elias de Moraes e Lau Fernandes conversavam como se fossem amigos antigos. Somente o Capitão Vieira da Rosa continuava afastado do grupo com uma cara hostil. Minutos depois ele se afasta do grupo e se dirige à igreja, pois viu que alguém se encontrava escondido. Ao chegar perto da porta, se assusta quando Pai Velho sai gritando com um crucifixo na mão.

Vieira da Rosa sem pensar duas vezes, desembainha sua espada e decepa a cabeça de Pai Velho - líder espiritual da irmandade de São Sebastião. Os gritos de Pai velho chamam a atenção de Elias, Capitão Euclides e Lau Fernandes que chegam a ver o Capitão Vieira banindo sua espada e a cabeça do velho rolando no chão em frente à porta da igreja.

Instintivamente Lau corre rapidamente em direção ao Capitão, e dá uma coronhada em sua cabeça, fazendo-o desmaiar imediatamente. Após, aponta a winchester para a cabeça do Capitão, fazendo menção de puxar o gatilho.

Manoel Lira escolhe os quatro primeiros que estavam ao seu lado e vão ao barraco de ferramentas e cavam o buraco e sepultam o Pai Velho, sendo sempre acompanhados de perto por seis soldados.

No momento em que estavam enterrando, todos os confinados tiram os seus chapéus e fazem o sinal da cruz em sinal de respeito, este gesto é feito inclusive pelos vaqueanos e pelos soldados. Minutos depois, aparece Conceição, trazendo oitenta mulheres e mais de cento e cinquenta crianças. João Ventura aparece trazendo consigo quase duzentas pessoas que estavam na lavoura. E por último, Chico Ventura surge trazendo Maria do Carmo, Conrado Globber, Guilherme Ventura e os seus piquetes de jagunços.

Maria do Carmo e os demais que não presenciaram a morte de Pai Velho ficam surpresos com a notícia. Ela olha com ódio para o Capitão Vieira, encara-o por um instante e solta um grito de raiva ao reconhecê-lo.

Ela se abaixa e pega novamente a winchester, aponta para o Capitão Vieira, ainda inconsciente. Os vaqueanos e os soldados ao vê-la com arma em punho tentam reagir, mas são interrompidos por Lau e pelo Capitão Euclides. Foi o tempo necessário para Conrado se aproximar dela, segurando a winchester pelo cano.

Maria deixa a arma cair no chão, abraça Conrado e desata a chorar continuamente em seu peito. Ele acaricia suavemente seus cabelos negros, abraça-a fortemente com emoção e com um sentimento sincero.

Elias, Capitão Euclides, Lau Fernandes, os prisioneiros, os vaqueanos e os soldados ficam surpresos com o desenrolar dos últimos minutos, se emocionam diante daquela cena incomum em tempos de guerra. Euclides manda o Sargento Rodrigues ficar no comando dos soldados do Capitão Vieira, recolher as armas e manter os prisioneiros sob vigilância. Diz para o cabo Prado pegar uns soldados e vasculhar todos os barracos e ensacar tudo o que encontrar. E Lau, pegar os seus vaqueanos e começar a incendiar todos os barracos. Manda se apressarem porque teriam um longo caminho pela frente e pretendia chegar a Canoinhas no dia seguinte até o final da tarde.

Meia hora depois, Capitão Euclides, Lau Fernandes, os soldados republicanos e os vaqueanos legalistas partem levando quatro mil jagunços prisioneiros, inclusive o Capitão Vieira da Rosa ainda desacordado, deixando totalmente destruído o último reduto da irmandade de São Sebastião, findando assim, mais uma página sangrenta, injusta, imoral, corrupta e desumana do mundo republicano. Nas inúmeras vilas na região contestada, os coronéis festejam por todo o sangue inocente derramado no sertão. No Rio de Janeiro políticos hipócritas discursam no parlamento ou perante a sociedade capitalista e conservacionista carioca, revelando ao mundo, o quanto às pessoas nefastas podem descer, perante Deus e perante a humanidade, não são humanos, são feras republicanas, são os eternos chacais da república dos malditos.

A Miséria do Apocalipse no Sertão

Dezembro de 1915, Elias de Sousa e mais vinte e quatro pessoas de sua família, inclusive a guerreira Maria Rosa, buscam proteção na fazenda de Silvério Bastos em Canoinhas, que imediatamente dá todo o apoio necessário a eles. Após uma semana que a família Sousa estava sob sua proteção, tenta convencê-los a se entregar às autoridades legais de Canoinhas e insistentemente Maria Rosa a princípio recusa a se entregar. Mas com o passar de mais de quatro semanas, vê que não podiam viver se escondendo por muito tempo, mais dia ou menos dia teriam de encarar a realidade, recomeçar suas vidas e refazer os seus destinos.

Decidem se entregar às autoridades legais de Canoinhas, contanto que eles os apoiassem até o último instante. Depois da última aparição do Capitão Matos Costa, próximo ao reduto São Pedro, estava lutando para esquecer o amor de sua vida e enfrentava uma verdadeira batalha de realidades e sentimentos, mas aos poucos superava obstáculo por obstáculo e já não se lembrava dele como anteriormente.

Nesse momento entra pela porta da sala, Silvério Bastos que tinha uma idade já avançada, magro, olhos experientes e ligeiros, o seu rosto demonstrava que sua vida não tinha sido nada fácil. Começou a lutar ainda novo para chegar a possuir aquele pedaço de terra, e as poucas criações que ainda lhe restava. Apesar de ter ajudado muito Antônio Tavares, Paulino Pereira e Bonifácio Papudo, chegou a dar várias cabeças de gado para alimentar os

confinados. Era muito bem visto pelos coronéis e pelas autoridades da região, especialmente pelo superintendente de Canoinhas, o Coronel Tomáz Vieira.

Maria desaparece na porta da sala, reaparecendo minutos depois, trazendo os vinte e quatro membros de sua família. Maria Rosa monta em sua égua branca, Silvério sobe na boléia da carroça e pede a Elias e aos demais para subirem atrás.

Eles percorrem vários quilômetros até chegar à entrada de Canoinhas. O intendente Tomáz Vieira deixou a guarda municipal na entrada, com a finalidade de evitar qualquer ataque jagunço desesperado, à procura de alimento. Eles passam pela barreira sem nenhum problema. Silvério segue a intendência, onde estaciona a carroça num pátio enorme, procurando o Coronel Tomáz Vieira. Conversa por quase vinte minutos, só então saem da intendência ao encontro da família Sousa, onde Silvério apresenta um por um. O Coronel informa que tinham liberados aproximadamente quatro mil prisioneiros, inclusive o Capitão Elias de Moraes.

Silvério e os demais se despedem do Coronel Tomáz Vieira, seguindo para a cadeia pública à procura do Capitão Euclides de Castro. Encontram em seu escritório, mexendo num monte de papéis em cima de sua mesa. Silvério explica que o Coronel Tomáz Vieira mandou procurá-lo para fazer um relatório, informando que a família Sousa estava se entregando às autoridades legais de Canoinhas e depois era para dispensá-los.

Imediatamente o Capitão Euclides passa a redigir um extenso relatório com todos os dados verbais da família que termina em uma hora, dispensando-os em seguida. Agora todos mais tranquilos, retornam para a fazenda de Silvério Bastos.

Ao amanhecer do outro dia, Elias de Sousa e o restante decidem partir para o morro do Taió, tentando recomeçar uma nova vida em paz. No dia anterior, Maria Rosa resolveu ficar com a família Bastos, tendo a promessa em criá-la como se fosse sua filha. Todos os parentes emocionados abraçam Maria, Elias fica por último.

Elias monta em seu cavalo e manda o seu sobrinho, que estava na boléia da carroça, seguir adiante, desaparecendo entre a mata e a estrada rumo ao sul do estado. Maria Rosa continuava chorando no ombro da mulher de Silvério, olhando-os até desaparecer.

A partir daquele dia, morria uma guerreira e nascia uma mulher, que fez uma guerra e faria toda uma geração orgulhar-se de serem seus antecedentes mais remotos. Morria a guerreira iluminada do contestado, nascia uma verdadeira mulher.

Dias depois, o líder Sebastião Campos e aproximadamente mil pessoas se entregam às autoridades legais de Canoinhas. Na véspera de Natal, a população se sensibiliza ao ver aquele quadro surrealista dos miseráveis do sertão, que mais pareciam andrajos humanos, cambaleando pelas ruas da vila.

Eles se emocionam ao ver que os jagunços que tanto temiam, agora mais pareciam trapos humanos. Nesse instante surge em suas mentes a pergunta: Se fossem seus filhos? Seus maridos? Suas mulheres? Seu pai? Sua mãe? Seu irmão? Ou até mesmo seu amigo? À frente dessas perguntas, o espírito de natal toca o coração de cada um, fazendo-os correr até suas casas para buscar alguma coisa que servisse para alimentar aqueles seres humanos, ou melhor, andrajos humanos que desmaiavam pela fome.

Até mesmo os emigrantes europeus, que tanto foram prejudicados por essa guerra injusta, se sensibilizam diante daquele quadro e imediatamente imaginam os seus parentes que tinham deixado em seus países de origem, em consequência da guerra mundial na Europa e na república socialista.

Ao que eles próprios contavam vinte e cinco perderam a vida devido à fome entre homens, mulheres, velhos e muitas crianças que não conseguia mais se alimentar de raízes, ou até mesmo não tinham nem mesmo sua bota ou cinta para comer. Fica uma pergunta no ar: Quantos outros perderam suas vidas tentando vencer a fome nesse sertão de Deus? Nos dias

seguintes se entregam em diversas vilas, aproximadamente quatro mil pessoas nas mesmas condições, como verdadeiros andrajos humanos.

Manoel Alves de Assumpção Rocha, o seu irmão Nenê Alves e mais duzentas e quarenta e três famílias se entregam às autoridades legais de Lages. Quase quinhentas famílias se entregam ao tenente Coronel Henrique Rupp em Campos Novos. Outras centenas permanecem escondidas na mata do sertão, evitando sair em campo limpo ou próximo das vilas, devido aos piquetes de vaqueanos, mantidos pelos coronéis das províncias da região do contestado.

O líder jagunço mais procurado, Adeodato Manoel Ramos, como era profundo conhecedor da região do contestado, continuava ainda foragido naquele imenso sertão. Ele não permanecia mais de uma semana escondido num capão de mato. E numa dessas mudanças, nas proximidades do rio Timbó, encontra Euzébio Ferreira dos Santos e sua família, que estavam fugindo para os arredores de Perdiz Grande.

- É, velho Euzébio, perdemos mesmo a guerra! - reclama Adeodato com raiva.

- Eu sabia disso há vários meses. - responde Euzébio.

- Maldito velho, sabia que iríamos perder a guerra e não me contou. - grita Adeodato revoltado.

Ele sacou um de seus Smitt Wesson e dispara dois tiros sobre Euzébio, liquidando o velho patriarca do contestado. Em seguida aponta a arma para todos os que o acompanhavam, ameaçando matá-los se contassem aos republicanos onde estava.

E para amedrontá-los ainda mais, Adeodato saca outra arma e dispara várias vezes para cima na direção deles, fazendo com que desaparecessem no meio da mata. Novamente ele segue adiante, visando encontrar um bom lugar para se esconder dos soldados e dos vaqueanos legalistas.

No momento em que caminhava pela mata, falava consigo mesmo: “Mataria qualquer um que tentasse me entregar ou que atravessasse o meu caminho. Pra quem já está no inferno, não custa dar um abraço no Diabo”. Os seus olhos brilhavam de ódio e dava uma visão de intensa insanidade, assim como uma fera encurralada e ferida mortalmente por seu caçador.

Capitão Vieira da Rosa assim que acorda, acaba fazendo um escândalo, querendo saber quem o tinha pegado de traição. Quando soube pelo próprio Lau que fora ele, começa a ameaçá-lo de morte. O Capitão Euclides informa-o que estava detido pela morte covarde do líder espiritual de São Pedro e só seria libertado depois de fazer os relatórios sobre o caso e sob a ordem do inspetor da região militar.

Assim que o acontecido chega aos ouvidos do governador Afonso Alves de Camargo do Paraná e de Felipe Schmidt de Santa Catarina, ordenam ao Capitão soltá-lo imediatamente. No momento em que foi solto, decide se vingar e jogar todo o seu veneno contra o comandante dos jagunços, o ex-Capitão da Revolução Federalista, Elias de Moraes.

Envia um telegrama ao Coronel Fabrício Vieira da Neves, informando-lhe que o comandante Jagunço tinha partido em direção ao Rio Grande e pedia o favor para enviar o piquete de vaqueano de Pedro Ruivo, para executá-lo junto com toda a sua família. Assim que o Coronel Fabrício recebe o telegrama, envia outro ao intendente de Palmas para que passasse o recado a ele.

Era para Pedro Ruivo e seu piquete de vaqueano, deslocar-se para a região de Lages e Vacaria, pois tinha recebido a informação de que o comandante jagunço, Elias de Moraes, estava fugindo para o solo gaúcho. Pedia que ele e o seu piquete dessem fim a Elias e a toda a sua família, evitando assim, que retornassem futuramente e formassem novamente os jagunços no contestado.

O intendente passa o recado a Pedro Ruivo, que se desloca com seu piquete para a região de Lages. Monta uma tocaia na divisa de Santa Catarina com o Rio Grande do Sul, na

estrada principal entre Lages e Vacaria. Pedro Ruivo e seus vaqueanos esperam pacientemente por três dias escondidos num capão de mato à beira da estrada.

Aproximadamente quase ao meio-dia, o vaqueano que tinha deixado há cinco quilômetros para alertá-los quando Elias e sua família estivessem vindos, aparece trazendo a notícia que eles estavam a quatro quilômetros dali. Pedro Ruivo rapidamente distribuiu os seus vaqueanos em ambos os lados da estrada, após manda os seus dois melhores atiradores subirem na copa de um pinheiro e outro se esconder numa elevação próxima. A partir desse instante, o compasso dos segundos fazia parecerem minutos, recaindo um silêncio de morte sobre a estrada e o capão de mato.

Elias de Moraes galopa lentamente com seu cavalo negro, enquanto o restante de sua família estava em duas carroças que o acompanhava um pouco mais atrás. Como era dezembro, o verão daquele ano parecia mais quente que os anteriores e por não ter muito vento, fazia parecer que a temperatura estava bastante elevada. Nesse momento, pareceu ver um reflexo na copa de uma árvore no capão de mato e rapidamente puxa o seu cavalo e vai conversar com o filho mais velho.

- Meu filho, me pareceu que vi um reflexo, alguma coisa naquele capão de mato, quero que todos mantenham suas armas nas mãos, pois pode ser uma tocaia de algum piquete legalista. Mande as mulheres se abaixarem dentro da carroça e os demais fiquem em alerta, prontos para um eventual confronto. - avisa Elias.

Elias continua cavalgando lentamente e seus nervos estavam completamente tensos, o seu instinto de sobrevivência o alertava do perigo, mas teria de manter a calma, assim como nos anos à frente do comando da irmandade de São Sebastião.

Quando se encontrava a cinquenta metros do capão de mato, onde tinha visto o reflexo, que julgava ser de uma arma, força os seus olhos acostumados ao sertão e consegue ver uma sombra na copa de um pinheiro, tendo a certeza de ser um atirador. Num instante, contorce o corpo em cima do cavalo para avisar da tocaia e ouve um disparo e um impacto em seu peito, que o derruba do cavalo. Elias no chão com o seu peito se esvaindo em sangue, instintivamente grita aos demais.

- Tire rápido todos daqui meu filho! - grita desesperado – Malditos, apareçam se forem homens, apareçam seus desgraçados e lutem como homens! - grita Elias com os olhos vermelho de ódio.

Elias levanta-se com dificuldade e com seu winchester nas mãos, começa a disparar desesperadamente contra tudo que se movesse no capão de mato. E vendo que todos estavam em perigo, volta-se onde se encontrava sua família, mas continua atirando.

- Tire todo mundo daqui, rápido meu filho! - grita Elias desesperado.

Nesse momento, o seu filho cai da boléia da carroça, atingido por vários disparos dos vaqueanos, Elias começa a gritar ensandecido ao ver seu filho esvaindo em sangue no chão.

- Não, meu Deus não! Filho, você não! Malditos, apareçam Demônios dos infernos. - grita Elias ensandecido.

Pedro Ruivo, vendo que tinha chegado o momento de aparecer para o comandante dos jagunços e a sua família, sai com seus vaqueanos do capão de mato, atirando contra ele e sua família. Elias novamente é jogado ao chão, atingido por dois disparos nas pernas e mesmo assim ainda consegue derrubar quatro vaqueanos.

A mulher de Elias ao vê-lo caído no chão, atingido por dois disparos dos vaqueanos legalistas, corre até o corpo de seu filho que jazia no chão ao lado da carroça. Apanha sua winchester e dispara desesperada contra eles, matando instantaneamente cinco vaqueanos, mas é atingida por quatro disparos do winchester de Pedro Ruivo.

Elias ao ver que sua mulher jazia ao lado da carroça levanta-se com dificuldade, escorando-se no cabo do winchester e depois dispara vários tiros contra os vaqueanos,

matando mais três deles, até ser atingido por mais dez disparos das armas de Pedro Ruivo e de seus vaqueanos. O seu corpo cai no chão, já sem vida.

- Executem todos, não quero ninguém vivo! - ordena Pedro Ruivo.

Os vaqueanos se aproximam das carroças, atiram contra os quatros homens restantes da família, matando-os instantaneamente. Circulam as duas carroças e executam friamente as seis mulheres e as dez crianças que se encontravam escondidas dentro da carroça.

- Juntem os corpos desses jagunços dos infernos, após queimem com grimpas, também aproveitem e queimem os vaqueanos mortos no confronto. - ordena Pedro Ruivo.

Os vaqueanos reúnem o corpo de Elias de Moraes e os vinte e dois membros de sua família, jogando-os um em cima dos outro. Também recolhem os doze corpos dos vaqueanos mortos no confronto, fazendo um monte de grimpas sobre os corpos e pondo fogo, exalando um cheiro forte de carne queimada.

- Vamos retornar a Palmas. Quando receber pela morte desses jagunços do Coronel Fabrício, eu darei o valor que prometi pra cada um. Vamos pessoal, ainda temos um longo caminho pela frente. - ordena Pedro Ruivo.

Pedro Ruivo e seus setenta e oito vaqueanos partem a galope rápido, deixando para trás novamente o fogo covarde da destruição, agora contra o comandante Elias de Moraes e toda sua família. A partir daquele instante, o poder dos coronéis das províncias, exterminava o principal líder que levou os humildes caboclos do sertão, a se rebelarem contra os republicanos corruptos e uma nação que matava friamente o seu próprio povo, levando milhares na mais completa miséria e toda uma geração a viver como andrajos humanos.

Divisão do Contestado

Morte do Flagelo de Deus

Parte X

Divisão da Região do Contestado

Outubro de 1916, depois de rios se transformarem em sangue, as matas se incendiarem com tantas mortes e injustiças, os humildes sertanejos serem sacrificados por suas superstições, enfim no dia vinte, o Ministro da Justiça, parlamentares, o Presidente Venceslau Brás, governadores Felipe Schmidt de Santa Catarina e Afonso Alves de Camargo do Paraná, chegam a um acordo nas divisas dos dois estados. Mas para que isso se tornasse realidade, foi necessário morrer mais de dez mil caboclos, quase dois mil soldados republicanos e aproximadamente mil e quinhentos vaqueanos legalistas, inclusive mais ou menos três mil civis que habitavam a região do contestado.

Esse fato demonstra a incompetência do poder republicano, e revela a constante insanidade bárbara dos coronéis nas províncias. Naquele momento inusitado e fatídico, políticos sobem em palanques para discursar como salvadores da pátria, de uma pátria que extermina milhares de seu próprio povo, e joga outros milhares a sobreviver como andrajos humanos.

Prisão do Coronel Fabrício Vieira das Neves

Novembro de 1916 devido aos relatórios dos inspetores da 11^a região militar, Capitão João Teixeira de Matos Costa e o General Fernando Setembrino de Carvalho, foram abertas as investigações sobre o roubo de terras, falsificação de documentos e dinheiro republicano, inclusive as centenas de mortes ocorridas na região do contestado, o que levou a prisão do Coronel Fabrício Vieira das Neves.

O Coronel é preso em Canoinhas e imediatamente transferido para o quartel da vila de Lapa, visando uma melhor segurança ao ilustre preso. O seu cúmplice Pedro Leão de Carvalho - vulgo Pedro Ruivo, também é preso na Lapa, sendo quase imediatamente solto por falta de provas.

Prisão e Julgamento de Adeodato Manoel Ramos

Dezembro de 1916, os Governadores do Paraná, Afonso Alves Camargo e Carlos Cavalcânti, o Governador Felipe Schmidt de Santa Catarina, o Ministro da Guerra Marechal José Caetano de Farias, o Tenente Coronel Antônio Sebastião Basílio Pirro - inspetor da região militar com sede em Curitiba, coronéis das províncias, o grupo Farquhar e inclusive o próprio Presidente Venceslau Brás, colocam a prêmio a cabeça de Adeodato Manoel Ramos, pagando cem contos de réis a quem o entregasse vivo ou morto. Contanto que o trouxessem preso ou com garantia de sua morte, ou seja, a sua cabeça.

Adeodato soube por intermédio de simpatizantes da causa fanática que seiscentos soldados e quase dois mil vaqueanos vasculham todos os capões de mato da região do contestado, na esperança de fazê-lo prisioneiro ou matá-lo, levando a sua cabeça como identificação.

A frente do que soube, ele redobra a sua cautela contra os caçadores e a partir daquele momento, não pernoita mais de dois dias no mesmo capão de mato, procurando sempre mudar também de região. Adeodato sempre dormia de roupa, com dois winchesters ao seu lado, um Smitt Wesson em cada bota, dois na cintura e um atrás das costas, e seus alforjes se encontram cheios de munição.

Ele tinha se transformado num andrajo humano, roupas sujas e esfarrapadas, cabelo enorme, barbudo e há meses não tomava um banho decente e nem conseguia dormir uma noite tranqüila. Acordava sobressaltado com qualquer barulho estranho. Já nos primeiros dias de fuga, o fantasma da perseguição psicológica o acompanhava vinte e quatro horas por dia e

temia que os soldados republicanos ou os vaqueanos legalistas o prendessem num instante de descuido. Isso o tornou mais neurótico do que já era parecendo uma fera acuada por diversos caçadores.

No mês de agosto, Adeodato já cansado de fugir e de se esconder, descuida-se e decide cozinhar um pouco de feijão que roubara numa lavoura próxima dali. Foi o seu erro imperdoável, que lamentaria por vários anos, porque se encontrava próximo do local de um piquete de vaqueanos, que imediatamente cercam o capão de mato e o aprisionam. Apesar de Adeodato estar muito bem armado, não esboçou nenhuma reação para se defender, pois já se encontrava esgotado de fugir e viver se escondendo no sertão.

Adeodato ao ser preso pelo piquete de vaqueanos é levado para a cadeia de Curitiba, a pedido do vice-governador Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, Major Euclides de Albuquerque e Marcos Gonçalves de Farias, querendo que respondesse pelos crimes de roubo qualificado, roubo seguido de morte contra a segurança nacional, crimes hediondos e por manter famílias de fanáticos em regime de escravidão.

Ele é mantido prisioneiro na cadeia pública até o seu julgamento como um marginal de alta periculosidade e um perigo para a sociedade. Julgamento estabelecido para o mês de dezembro. A prisão e o julgamento do flagelo de Deus da irmandade de São Sebastião transformam-se em manchetes por vários meses nos jornais das províncias, dos estados do Paraná e Santa Catarina e especialmente nos jornais diários do Rio de Janeiro.

Ele permanece indiferente ao tumulto criado pela mídia nacional, que a sua prisão gerou. Passa todas as tardes cantando músicas campeiras, contendo versos de críticas aos Coronéis, ao capitalismo americano, ao roubo de terras nos sertões e ao governo republicano.

Enfim, chega o dia do julgamento do flagelo de Deus. O Coronel Albuquerque, o juiz de direito Dr. Guilherme Abry e o Promotor de Justiça - Marcílio da Cruz Maia pedem reforço de cento e cinquenta soldados da guarda nacional da intendência de Lages, pois temiam que os jagunços tentassem libertá-lo no dia de seu julgamento.

Capitão João Alves Sampaio e o Capitão João da Cruz Maia são designados para comandar a força nacional que faria a escolta dele até o fórum e permaneceriam até o final do julgamento. No momento em que os dois capitães chegam à cela para buscá-lo para o júri popular, vêem que Adeodato continuava indiferente a tudo ao seu redor, chegando até a fazer piada sobre sua prisão e o circo montado pelo poder republicano contra ele.

- Está pronto para enfrentar a justiça Adeodato? - pergunta Capitão João Alves.

- Soldados, podem amarrar o prisioneiro. Adeodato, hoje você vai responder por todos os seus crimes, mofando na cadeia por muitos anos. - revolta-se Capitão João Maia.

- O julgamento que o Coronel Albuquerque montou é uma piada. A justiça da terra pode me condenar, mas serei absolvido pela justiça de Deus. - responde Adeodato friamente.

- Você tem uma cara de pau incrível em falar de Deus, Adeodato. Para mim você é o Diabo em pessoa. Eu até agora não consigo entender como você consegue dormir em paz, depois de ter matado friamente dezenas de pessoas. - comenta Capitão João Maia revoltado.

- Da mesma forma que vocês republicanos dormem, após ter matado milhares de pessoas da irmandade de São Sebastião, homens, velhos, mulheres e crianças. - responde Adeodato ironicamente.

- Maldito assassino! Quem é você para falar assim da república? Se pudesse desgraçado, te mataria com as minhas próprias mãos. - grita Capitão João Maia descontrolado.

- Sabe o porquê você não faz isso Capitão? Primeiro, porque não é homem o bastante para a isso. Segundo, porque você é uma marionete dos republicanos e só pode fazer o que eles mandam. - responde Adeodato ironicamente.

- Maldito assassino! - fala Capitão João Maia e ameaça avançar sobre ele.

- Não provoque o prisioneiro Capitão! Do contrário, vou ter de afastar de suas obrigações. Recebemos ordens de escoltá-lo até o fórum, e pretendo cumprir as ordens com você ou não. - alerta Capitão João Alves energicamente.

- Desculpe Capitão, mas esse desgraçado me tira do sério. - justifica Capitão João Maia.

- Não tente alguma coisa para fugir Adeodato, senão vou ter de reagir e apresentar somente o seu corpo para o julgamento. - avisa Capitão João Alves.

- Não se preocupe Capitão, eu não vou tentar fugir, estou me divertindo em fazer parte desse circo republicano. Mas fale a esse Capitãozinho de merda para a não me provocar, pois eu posso perder a paciência e mostrar que ele não é homem. - ameaça Adeodato.

- Comporte-se Capitão, não quero ter problemas com o Dr. Guilherme. - pede Capitão João Alves.

- Eu já pedi desculpas Capitão, não vai acontecer novamente. - justifica Capitão João Maia.

A escolta com dois capitães e oitenta soldados, que o juiz de direito de Curitiba designa para escoltar o prisioneiro até o fórum, se retira da cadeia pública. Eles caminham lentamente até o fórum, passando por vários outros soldados que foram distribuídos no percurso para dar maior segurança no trajeto, pois temiam que os jagunços tentassem resgatá-lo.

Assim que o Capitão João Maia entra com o prisioneiro no fórum, o Capitão João Alves organiza um cerco com duzentos e cinquenta soldados ao redor e nos pontos de riscos. Quando o Capitão João Maia e quatro soldados entram na sala de julgamento, escoltando Adeodato, surge um rumor de revolta e curiosidade entre os presentes.

Como era um julgamento de alto risco, o juiz de direito e o promotor público autorizaram somente a entrada da elite da sociedade Curitibanense e uns poucos coronéis da região. Adeodato não tinha nenhuma testemunha de defesa e tão pouco advogado de defesa, era um autêntico julgamento republicano a revelia.

Entre os presentes na sala do júri, estava o coronel Francisco Ferreira Albuquerque, Marcos Gonçalves de Farias, Henrique Paes de Almeida, Simpliciano de Almeida, Graciliano de Almeida, Firmino de Almeida, Virgílio Pereira, Harno Varela, José Rauen, Domingos de Oliveira Lemos, Henrique de Almeida Filho. Também o Major Euclides Albuquerque, Major Salvador Calomeno, Capitão Leógido Vicente Mello e mais uma dezena de autoridades da região.

Capitão João Maia manda-o sentar numa cadeira reservada aos réus e ordena aos soldados para vigiarem o prisioneiro. Nesse momento o escrivão público toma a palavra de esclarecimento aos presentes sobre os crimes que ele estava sendo julgado.

- Podem levantar. - pede o escrivão aos presentes. - Está aberta a sessão presidida pelo excelentíssimo senhor Juiz de Direito da primeira vara do fórum da vila de Curitiba, o Dr. Guilherme Abry, no julgamento de Adeodato Manoel Ramos contra os crimes de roubo qualificado, roubo seguido de morte, crimes contra a segurança pública, além de ser o principal responsável pela morte de mil e duzentas pessoas. Também acusado por cem assassinatos em primeiro grau, formação de quadrilha e por manter famílias de fanáticos em completo regime de escravidão na denominada região do contestado. Aqui presente também, o promotor público, Capitão Marcílio da Cruz Maia. Podem sentar-se senhores. Com a palavra, excelentíssimo Juiz de Direito, Dr. Guilherme Abry.

- O réu pode se levantar. Nome completo? - pergunta Dr. Abry.

- Adeodato Manoel Ramos. - responde Adeodato.

- Natural de onde? - pergunta Dr. Abry.

- São José do Cerrito, região de Lages. - responde Adeodato.

- O réu deve responder somente minhas perguntas e não esboçar nenhum comentário.
- esclarece Dr. Abry.

- Desculpe seu juiz, mas talvez muitos dos presentes não saibam onde fica. - responde Adeodato irônico.

- Se o réu tecer mais algum comentário irônico serei forçado a interromper o júri e julgá-lo a revelia. - ameaça Dr. Abry.

- Me desculpe seu juiz, não foi essa a minha intenção. - responde Adeodato mais humilde.

- Prosseguindo o julgamento. A profissão do réu? - pergunta Dr. Abry.

- Tropeiro, era tropeiro antes de aderir à irmandade de São Sebastião. - responde Adeodato.

- O réu esta consciente dos crimes aos quais está sendo acusado? - pergunta Dr. Abry.

- Na minha visão senhor juiz, eu não cometi crime algum, só era comandante da irmandade de São Sebastião. O senhor mesmo... - começa falar Adeodato.

- O réu deve se limitar a responder as minhas perguntas e não esboçar nenhum comentário. - corta Dr. Abry, ríspido.

- Me desculpe seu juiz. Acho que sei. - responde Adeodato.

- Escrivão, anote no processo, que o réu acha que sabe dos crimes aos quais está sendo acusado. Dr. Marcílio da Cruz Maia - Promotor Público de Justiça do fórum de Curitiba pode presidir a palavra. - pede Dr. Abry.

O Promotor de Justiça levanta-se da cadeira, olha para o corpo de jurados, para as autoridades presentes, para o réu e para o juiz e em seguida caminha lentamente ao centro do júri. Ele abaixa a cabeça, respira por diversas vezes e toma a palavra.

- Obrigado excelência. Senhores jurados, senhores aqui presentes. Eu pergunto para todos vocês quem é o réu Adeodato Manoel Ramos? A meu ver, senhores do corpo de jurados, Adeodato Manoel Ramos, é assassino psicopata frio e calculista, que aderiu ao fanatismo religioso da irmandade de São Sebastião somente para saciar os seus instintos mais violentos. Nesse exato momento estão em minhas mãos às manchetes de vários jornais da região do contestado e do estado. Vou citar algumas dessas manchetes: O Diabo está preso e será julgado em Curitiba em dezembro, diz o “Jornal Imparcial” de Canoinhas. A besta-fera está presa e teve o seu julgamento marcado para dezembro, diz o jornal “O Povo” de Curitiba. Enfim o famoso Flagelo de Deus está preso, que mais parece Flagelo do Diabo, diz o “Correio Lageano”. Enfim a paz voltou ao sertão, Adeodato Manoel Ramos está preso, diz o Jornal “O Dia”. Vou apresentar também outra manchete do Jornal “Imparcial” de Canoinhas: Cem viúvas choram em depoimento, vítimas da insanidade do comandante dos jagunços. Também: Jagunços depõem em Canoinhas, denunciam Adeodato Manoel Ramos de obrigá-los a permanecer na irmandade de São Sebastião, ameaçando-os até de morte. Eu não vou precisar de muito tempo para demonstrar e convencer os senhores do corpo de jurados, aos senhores aqui presentes, que o réu, Adeodato Manoel Ramos, é um psicopata e um assassino cruel, por isso, peço a pena máxima, por ser um enorme perigo à sociedade. Deverá manter-se confinado entre as grades e não ter nenhum contato com qualquer ser humano racional (faz uma pequena pausa, respira por diversas vezes e continua). - Vossa excelência recebeu vários depoimentos de testemunhas que foram feitos na forma da lei e enviados pelos senhores juizes nas vilas em que este psicopata impôs o terror, ceifou friamente vidas e roubou como o mais vil e cruel dos bandoleiros. Como todos aqui presentes, são sabedores, inclusive vossa excelência e os senhores do corpo de jurados, que tenho mais de cem depoimentos voluntários de ex-jagunços, vítimas do instinto assassino do réu Adeodato, fazendeiros e emigrantes europeus, onde este cruel bandoleiro apavorou por quase três anos. Tentei de todas as maneiras convencerem a se apresentarem nesse julgamento como

testemunhas de acusação, mas o medo que tinham desse psicopata era mais forte, e se recusaram a testemunhar em júri, nem mesmo com a minha ameaça de prisão, por se recusarem a auxiliar a justiça. Senhores, a partir desse instante, interrogarei o réu, após todos vocês enxergarem com os seus próprios olhos, o quanto Adeodato Manoel Ramos é um perigo para a sociedade e que deve ser confinado numa prisão de pena máxima. - O promotor pára de circular no centro do júri, prostra-se em frente ao flagelo de Deus.

- Adeodato, fale para todos os presentes, qual era a sua função na irmandade fanática.
- pede Dr. Marcílio.

- Era comandante interino. Eu era igual a um comandante do exército republicano, que matou milhares de pessoas inocentes em nossos redutos. - responde calmo Adeodato.

- Peço a vossa excelência, informar ao réu, que somente deve responder o que for perguntado, não deve tecer nenhum comentário pessoal. - pede Dr. Marcílio.

- Eu já alertei ao réu. Se tecer mais um comentário sem ter permissão, darei por terminada essa sessão e será julgado a revelia. - ameaça Dr. Abry.

- Me desculpe seu juiz, não acontecerá de novo. - promete Adeodato.

- O seu cargo de comandante, dava o direito de decidir quem vivia e quem morria nos redutos? - pergunta Dr. Marcílio.

- Eram ações de segurança interna nos redutos. - responde Adeodato.

- Isso dava o direito de matá-los? - torna a perguntar Dr. Marcílio.

- Se fosse necessário, sim. - responde friamente Adeodato.

- Informo aos senhores que o réu, além de comandante militar, era juiz e o carrasco. E porque vocês atacaram as vilas, as fazendas e os colonos emigrantes? - pergunta Dr. Marcílio.

- A irmandade necessitava de alimentos. Mas muitos de nossos ataques era uma resposta ao governo republicano, por ter roubado nossas terras e vendido aos estrangeiros. - responde Adeodato.

- Alguns de vocês tinham algum documento que comprovasse que eram os proprietários das terras? - pergunta Dr. Marcílio.

- Não precisava de documentos, já era nosso por direito, porque ter recebido de herança e por viver naquelas terras há centenas de anos. - responde Adeodato.

- O réu está querendo dizer que o governo republicano é errado em impor o título de propriedade? - pergunta Dr. Marcílio.

- A meu ver está errado, o regime monarquista sempre nos deixou em paz em suas terras. - responde Adeodato.

- É por isso que vocês incendiavam todos os papéis republicanos? - pergunta Dr. Marcílio.

- Era seu promotor. Porque o governo achava que mais valiam os seus papéis do que os anos que vivíamos naquelas terras. Também porque, muitos coronéis precisavam consumir com esses documentos e assim vender os pinheiros para a serraria estrangeira e depois vendê-las aos emigrantes - acusa Adeodato.

- Você possui alguma prova concreta dessas acusações? - pergunta Dr. Marcílio.

- Não preciso de provas, todo mundo sabe disso. - responde Adeodato.

- E isso acaso dava o direito de sair matando todo mundo? - pergunta Dr. Marcílio.

- Não fomos nós que atacamos primeiro, somente revidamos o ataque. A princípio nós cuidávamos de nossas devoções, mas diante dos ataques de Irani, Taquaruçú, Caraguatá e tantos outros redutos que vitimou milhares de pessoas, e decidimos atacar também e arrebanhar gado para alimentar a irmandade. - justifica Adeodato.

- Porque você mantinha todos os confinados em regime de escravidão? - pergunta Dr. Marcílio.

- Eles ficavam na irmandade por sua própria vontade. - responde Adeodato.

- Pois não é isso que consta nos depoimentos de centenas de testemunhas. Mas prosseguindo, em seus ataques porque matava suas vítimas, pois já estavam em seu poder o que veio buscar? - pergunta Dr. Marcílio.

- Matei-os pra não morrer, todos eles reagiram. - responde friamente Adeodato.

- Tenho depoimentos das famílias contando uma versão diferente. - esclarece - Sem mais perguntas excelência. - dirige-se ao corpo de jurados e aos presentes na sala do júri - É por esses motivos excelência, senhores jurados e senhores presentes, que peço que o réu, Adeodato Manoel Ramos, seja condenado a pena máxima, seja confinado numa cela por representar um enorme risco para a sociedade. Vocês mesmos viram e ouviram nesse interrogatório, a frieza em suas palavras e o grande perigo que é sua personalidade arredia e instável. Esse homem, à frente do comando dos jagunços, espalhou o terror na região do contestado. Olhem bem para ele senhores, a primeira vista, até parece um humilde e pacato sertanejo, mas revelou ser um assassino da pior espécie, por isso peço a pena máxima. Obrigado excelência, não tenho mais nada a dizer. - esclarece Dr. Marcílio.

- Os depoimentos das testemunhas estão documentados e se encontram nas mãos dos senhores jurados. O réu não apresentou nenhuma testemunha de defesa e nenhum bacharel em direito aceitou sua causa, então, da forma da lei o réu tem o sagrado direito de defesa. Peço que os senhores jurados se retirem do recinto, e retornem a esse júri com uma decisão. Esse tribunal entra em recesso por uma hora, após será lido aos presentes a decisão dos senhores jurados. - determina Dr. Abry.

O juiz e o promotor se retiram da sala do júri a outra sala ao lado. O Capitão João Maia e os quatro soldados levam o flagelo de Deus à outra sala, onde foi improvisada uma cela. As autoridades presentes se retiram da sala do júri para fumar e tecer comentário sobre o julgamento em frente ao fórum.

Os ânimos começam a ficar tensos, devido à presença dos dois inimigos políticos, o Coronel Albuquerque e o Coronel Henrique Paes de Almeida. Como o Capitão João Alves era sabedor dessa rixa antiga, enviou dez soldados para manter a ordem entre as autoridades presentes no júri. Com a presença dos soldados, os ânimos entre eles se esfriam, até o momento do reinício do julgamento.

O julgamento de Adeodato teve início nas primeiras horas da manhã e pendurou o restante da noite, somente perto das sete horas da manhã o juiz de direito Dr. Abry e o promotor Marcílio Maia, retornam para a sala do júri e reiniciam a sessão.

- Está reaberta a sessão. Os senhores jurados chegaram a algum veredicto? - pergunta Dr. Abry.

- Chegamos excelência! - responde o líder do corpo de jurados que vai até ele e deixa um papel em sua mesa.

O juiz de direito Dr. Guilherme Abry abre o envelope lacrado pelo líder do corpo de jurados, lê o seu conteúdo por uns instantes criando um clima tenso e de expectativa entre os presentes, que fazem um silêncio absoluto na sala. Só então, o Dr. Abry começa a relatar a sentença.

- Os senhores jurados chegaram ao veredicto, que o réu Adeodato Manoel Ramos, é culpado dos crimes de roubo qualificado, roubo seguido de morte, formação de quadrilha e assassinatos em primeiro grau. Também dos crimes contra a segurança pública e por manter famílias em regime de escravidão. A soma de sua pena ultrapassa cento e dez anos de prisão, mas como o código de lei da República dos Estados Unidos do Brasil, cita que a pena máxima é de trinta anos de reclusão em regime fechado ou cárcere privado, entendendo assim que o réu, Adeodato Manoel Ramos, é um perigo para a sociedade, partirá ainda hoje e deverá ser mantido pelo tempo máximo na cadeia pública, na cidade de Lages, que passa a vigorar a partir desse momento. - sentencia Dr. Abry.

- Trinta anos? Eu dou risada. - ironiza Adeodato e joga seu chapéu para o alto.

Quando o juiz Dr. Abry ditou a sentença de Adeodato Manoel Ramos, percorre um rumor de aprovação entre as autoridades presentes, que passam a agradecer ao promotor público, Dr. Marcílio da Cruz Maia, por ter conseguido que o réu fosse condenado à pena máxima, vigente no código de lei.

Dr. Abry manda o escrivão entregar uma cópia da sentença ao Capitão João Alves, que seria o oficial de comando dos duzentos soldados, na transferência do prisioneiro para a cadeia pública de Lages. Uma hora depois o Capitão, os soldados e o prisioneiro atravessam as ruas de Curitiba, rumo à região Serrana. O Flagelo de Deus ou Flagelo do Diabo estava cumprindo o seu destino e pagando por seus débitos à vida e justiça dos homens.

A Morte do Intendente do Holocausto

Dezembro de 1917, o líder do piquete jagunço, Conrado Globber e a líder guerreira Maria do Carmo, após serem libertados em Canoinhas, decidem recomeçar a vida nas proximidades do morro de Taió, onde antigamente tinha sido uma aldeia Kaingang. Os dois, dentro uma semana constroem um pequeno barraco de madeira e cobrem com fios de folhas de butieiro trançado. Em seguida Conrado e Maria do Carmo começam a lavrar a terra com seus cavalos e um arado feito em madeira resistente.

Os dois começam a trabalhar na lavoura de madrugada, e terminam no início da noite. Fazem uma plantação de arroz, feijão e milho, pois planejam criar galinhas, porcos e gado. Mediante o trabalho exaustivo dos dois nos anos seguintes, conseguem uma excelente colheita e reúnem dezenas de galinhas, uns trinta porcos e umas vinte cabeças de gado.

Naquele dia, como tinha pouco serviço na lavoura, Conrado pede para que Maria do Carmo fique em casa, indo sozinho para lavoura. Perto das dez horas da manhã, ela vê dois cavaleiros que se aproximam da casa e estranha porque poucos sabiam onde eles se encontravam. Foi ao encontro dos dois visitantes, com um olhar de curiosidade e de hostilidade. Os dois desmontam próximos e se aproximam, puxando os seus cavalos.

- Bom dia, cavaleiros! O que fazem por essas bandas? - pergunta Maria do Carmo.
- Estas terras são do Conrado Globber? - pergunta um dos cavaleiros.
- São por quê? - pergunta Maria do Carmo temerosa.
- Viemos a mando do Coronel Henrique de Almeida, precisamos falar com ele. Você deve ser Maria do Carmo. - pergunta o outro cavaleiro.
- Sou. O Coronel Henrique quer falar com o Conrado? - pergunta Maria do Carmo.
- Desculpe Maria, mas podemos falar só na presença dele. - justifica o mesmo cavaleiro.
- Está bem. Vocês aguardem aqui que vou procurá-lo na lavoura, estarei logo de volta. - pede Maria do Carmo.

Ela monta em sua égua em pêlo, parte em galope desenfreado em direção da lavoura, e retorna acompanhada de Conrado. Ele se aproxima dos dois cavaleiros com um olhar de desconfiança, enquanto eles o esperam pacientemente.

- Maria me falou que vocês vieram a mando do Coronel Henrique de Almeida? O que o Coronel quer? - pergunta Conrado.

- O Coronel mandou entregar a você este bilhete, nele informa o que quer com você Conrado. - responde o cavaleiro e entrega-lhe o bilhete.

Conrado pega o bilhete, abre e começa a ler com extrema atenção por alguns minutos, após fica pensativo um tempo e em seguida olha para Maria do Carmo e para os dois cavaleiros.

- O Coronel diz aqui que quer me contratar para matar uma pessoa. Quem o Coronel quer morto. - pergunta Conrado.

- Viemos para o morro do Taió para fugir de tudo aquilo e tentar viver em paz. Conrado você não vai voltar novamente? - reclama Maria do Carmo.

- Você está certa Maria. Podem voltar e digam ao Coronel que me deixem em paz. - pede Conrado.

- Mas você nem escutou quem que o Coronel quer que você mate. Quem sabe se souber, talvez mude de idéia. - supõe o mesmo cavaleiro.

- O nome pra mim não importa. Podem voltar e digam ao Coronel pra esquecer onde moramos. - altera-se Maria do Carmo.

- O Coronel pediu pra entregar esse pequeno alforje. - informa o cavaleiro.

Conrado pega o alforje e deixa o seu conteúdo cair sobre a mesa, espalhando umas cento e cinquenta moedas de ouro de mil contos de réis. Ele estranha o Coronel mandar entregar tanto dinheiro, com certeza devia ser alguém importante, do contrário não ofereceria aquela quantia.

- O Conrado já falou, voltem para Curitibanos e falem para nos esquecer. - teima Maria do Carmo nervosa.

- O Coronel não escreveu no bilhete o nome da vítima porque achou muito perigoso se cair em mãos erradas. Ele quer você mate o ex-intendente de Curitibanos e inimigo político, o Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque. O Coronel pediu que, se acaso não aceitasse a empreitada, deverá manter no mais completo sigilo essa nossa conversa. - revela o mesmo cavaleiro.

Os dois ao escutar o nome do Coronel Albuquerque, ficam estupefatos, porque podiam esperar que fosse qualquer outro inimigo, menos o maldito Coronel Albuquerque. Conrado recolhe as moedas novamente no pequeno alforje e devolve ao mesmo cavaleiro.

- Pode devolver o dinheiro ao Coronel Henrique, diga-lhe que essa empreitada eu faço com prazer. Dentro de três dias estarei nos arredores da estrada principal de Curitibanos e quero que um de vocês fique me esperando, trazendo informações detalhadas sobre as andanças do Coronel Albuquerque. Só então, verei onde poderei matar aquele maldito Coronel. - promete Conrado.

- Eu mesmo ficarei à sua espera Conrado. Trarei tudo o que me pediu. Vai precisar de alguma arma para o serviço? - pergunta o cavaleiro.

- Não. Aquele maldito Coronel, eu vou matá-lo com meu próprio winchester, há tempos atrás fiz algumas adaptações nela. Me trás tudo o que pedi, e pode considerar o Coronel Albuquerque morto. - garante Conrado.

- O Coronel Henrique, tem muita gente que pode matar o Coronel Albuquerque, mas ele quer alguém de fora, assim fica mais difícil descobrir o atirador e o mandante. - explica o cavaleiro.

- Está certo, então fique me esperando nos arredores da estrada principal, dentro de três dias estarei lá. - promete Conrado.

- Está bem Conrado, eu mesmo farei isso. Agora temos de ir, é um longo caminho da serra até Curitibanos. - despede-se o cavaleiro.

Os dois cavaleiros montam novamente em seus cavalos e partem a galope rumo a serra acima, deixando-os ainda surpresos com desenrolar dos recentes acontecimentos. Conrado abraça Maria do Carmo e beija-a com carinho, afaga os dedos em seus cabelos por uns instantes.

- Deixe-me ir com você querido! Quero estar junto também, quando você matar aquele maldito Coronel Albuquerque, quem sabe eu mesma o mate antes. - pede Maria do Carmo.

- Melhor não, meu amor! Você fica para cuidar da colônia e dos animais. Eu faço o serviço sozinho, assim eu corro menos risco. - explica Conrado Globber.

- Por favor, querido, me leve com você. - torna pedir Maria do Carmo.

- Não Maria, você fica aqui. Eu vou terminar o serviço que comecei na lavoura e virei para casa assim que terminar. - comenta Conrado.

Conrado beija Maria e retorna para a lavoura, onde permanece até o final da tarde. Ele chega cansado em casa, toma um banho, jantam e foram dormir, aproveitando os últimos momentos antes de sua partida. Ele acorda ainda de madrugada, fez fogo no fogão à lenha, prepara um café tropeiro e bebe lentamente, sela o seu cavalo e arruma todas as suas coisas para partir, só então acorda Maria do Carmo.

- Maria, acorda Maria! Está na hora de partir. - avisa Conrado.

- Mas já querido! Ainda está escuro. - reclama Maria do Carmo sonolenta.

- Tenho um longo caminho pela frente, pretendo viajar sem muita pressa, assim chego antes ao encontro e aproveito para descansar da viagem. - justifica Conrado.

- Está certo querido! Já fez fogo? - pergunta Maria do Carmo.

- Já. Fiz até um café. - responde Conrado Glober.

Maria levanta da cama, vai até a cozinha, toma um gole de café e vai ao encontro de Conrado. Ele estava arrumando as coisas em seu cavalo, inclusive a seu winchester. Abraça Maria por uns minutos, beija-a longamente com carinho, após monta em seu cavalo, despede-se novamente de Maria e parte lentamente em direção a Curitibaanos.

Conrado chega ao ponto de encontro dois dias depois, acampa num capão de mato nos arredores da estrada principal, e aproveita para descansar da longa viagem. No dia seguinte, nas primeiras horas da manhã, o cavaleiro comparece ao encontro marcado, trazendo todas as informações que precisava para fazer o serviço.

- O Coronel mandou lembranças Conrado, pediu para agradecer o grande favor que está fazendo para ele. O Coronel Albuquerque pretende ir hoje à tarde à fazenda do Coronel Virgílio Pereira, buscar uma vaca de leite que ganhou, acho que é a melhor oportunidade para acabar com o desgraçado. - aconselha o cavaleiro.

- Coronel Virgílio, deixe-me ver, Virgílio. Lembrei dessa fazenda, fica perto do capão da mortandade, na fazenda Espinilho no rio Marombas. Realmente é o lugar ideal para uma tocaia, então, vai ser agora à tarde. Terei que partir, senão não chegarei a tempo. - promete Conrado.

- Você vai chegar a tempo de matar aquele maldito Coronel, o seu cavalo está descansado e conhece muito bem essa região, isso ajuda muito. - comenta o cavaleiro.

- Nos despedimos aqui, fale com o Coronel que irei direto para as minhas terras no morro do Taió. Eu nunca estive com você e não conheço nenhum Coronel Henrique, certo? - pede ríspido Conrado.

- Como? Ah, sim. Entendi. Não se preocupe Conrado, ninguém mais vai saber disso. Boa sorte meu amigo! - despede-se o cavaleiro.

Conrado despede-se do cavaleiro e rapidamente encilha seu cavalo, partindo a galope em seguida em direção a fazenda Espinilho, no rio Marombas. Era quase uma e meia da tarde quando chega ao capão da mortandade, escolhe o melhor lugar para uma tocaia, e pacientemente espera o Coronel Albuquerque surgir na estrada, o que aconteceu meia hora depois.

Conrado vê que o Coronel Albuquerque estava acompanhado do Coronel Virgílio Pereira e de seu filho Orival. Chega à conclusão que não seria a melhor hora para matá-lo, esperaria o retorno deles. Retornam após uma hora e meia. O Coronel Albuquerque e seu filho estavam vindos tocando uma vaca e um bezerro pela estrada.

Conrado pega a winchester ao lado, deita-se lentamente no chão, faz mira por alguns segundos e dispara duas vezes. Vê o Coronel Albuquerque cair na estrada, e seu filho partir num galope desenfreado em direção de Curitibaanos. Conrado calmamente coloca a winchester no coldre da sela, monta em seu cavalo e parte lentamente rumo ao morro do Taió. Ele sabia que não precisava verificar se Coronel estava morto ou ferido, porque nunca errou um alvo

fixo ou móvel naquela distância. E pela sua mira, com certeza tinha ferido mortalmente o seu peito. Quando estava em cima de uma elevação num descampado, pára seu cavalo e olha para a estrada, onde o corpo do Coronel Albuquerque tinha caído, apesar da distância, vê que ainda estava no chão e permanecia imóvel, novamente ele segue o seu destino.

O efeito colateral da guerra do contestado, ainda continuava fazendo as suas vítimas. Tinha chegado a hora do senador José Gomes Pinheiro Machado, agora do Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, os principais responsáveis pela revolta dos sertanejos humildes e supersticiosos do sertão contestado. O Presidente Venceslau Brás decreta falência do Grupo Farquhar, assume as ferrovias e demais investimentos, emigrando a outros países da América dos Sul, América do Norte, Europa e África. O Coronel Albuquerque empurrou a irmandade de São Sebastião, a guerra contra república, impossível de vencer, do qual por dezenas de anos seriam conhecidos como: Os Errantes do Século.

Finda a 1º Guerra Mundial

Novembro de 1918, os alemães e austríacos diante de sucessivas derrotas para os russos, franceses, belgas e ingleses são obrigados a retrocederem dos territórios dominados. Criam-se os aliados: Japão, Itália, Romênia, Portugal, Peru, Equador e Brasil, complicando mais a situação dos alemães e austríacos.

Os Estados Unidos da América mantinham-se neutros, mas forneciam armamentos e mantimentos e se obrigam a entrar na guerra, devido aos submarinos alemães afundarem vários de seus navios e submarinos, assim determinando o final da guerra mundial. O governo alemão assina o tratado de Armistício de Compiegne, deixando um saldo de 13 milhões de mortos e 20 milhões de feridos, além de pagar por anos uma enorme dívida de guerra e perder parte de seu território.

A Morte de Adeodato - o Flagelo de Deus

Janeiro de 1923, Adeodato Manoel Ramos, esteve preso na cadeia pública de Lages por quase um ano, sem qualquer problema. Numa noite de chuva torrencial que caiu sobre a cidade, com um cabo de colher, soltou um bloco na parede de sua cela, fugindo da cadeia pública.

A notícia de sua fuga caiu como bomba entre os habitantes da cidade de Curitiba e de toda a região do planalto, pois os jornais tinham criado um monstro, muito mais perigoso do que realmente era na verdade. As forças policiais da região, os piquetes de vaqueanos retornam em cena. Enfim, encontram-no, totalmente embriagado num boliche de beira de estrada em São José do Cerrito, sendo imediatamente preso.

Devido a sua recente fuga, os habitantes da região e os coronéis das províncias exigiram que o governador o transferisse para a penitenciária de Florianópolis, na capital do estado. O que acontece quase de imediato. O governador designa o batalhão de caçadores para escoltá-lo até a capital, em seguida levá-lo a penitenciária estadual.

Adeodato manteve-se calmo até janeiro de 1923, onde tenta fugir novamente. O flagelo de Deus ganha a confiança dos guardas penitenciários e o escalam para cuidar do jardim. Ele aproveita a distração do guarda, avança com uma enxada e acerta-o na cabeça, fazendo cair inconsciente. Ele pega o seu fuzil, e cautelosamente segue em direção ao portão de entrada do presídio.

Mas o que Adeodato não sabia era que estava caindo numa velha armadilha, o fuzil estava sem balas e era somente um pretexto para dar cabo em sua vida. Porque muitos coronéis republicanos ainda o viam como uma verdadeira ameaça, pois poderia fugir e recomençar outra revolução no sertão.

HOLOCAUSTO NO SERTÃO

Nesse momento, aparece em cena o seu executor, o Major Trujilo de Melo, que ordena parar e jogar a arma no chão. Ele julga ter uma arma carregada, aponta para o Major e puxa o gatilho e se desespera ao ver que estava sem munição. O mesmo não acontece com o fuzil do Major Trujilo, que dispara diretamente em seu peito.

Adeodato cai ferido mortalmente no chão, esvaindo em sangue, morre minutos depois na enfermaria da penitenciária. Ao se certificarem da morte de Adeodato Manoel Ramos, enterram-no numa cova rasa como indigente.

Nesse momento, morre o último jagunço do sertão contestado, morrendo junto à rebeldia dos excluídos contra uma república, que transforma os seus filhos em andrajos humanos, políticos que vendem ao capital estrangeiro sua dignidade e sua alma a um preço demagogo. Nesse momento, morre a esperança, que talvez tenha sido induzida a pecar contra a humanidade, nascendo à eterna... República dos Malditos.

Conclusão

Amigos leitores possuímos diversos historiadores dentro de nosso estado, outros estados e até em muito outros países. Uns transformam os jagunços do contestado em marginais, outros em infelizes miseráveis, e tantos outros, levam os acontecimentos às suas regiões. Os historiadores não escrevem que, a “Guerra do Século” não é um fato centralizado numa só cidade ou região.

Simplesmente, foi à rebeldia jagunça contra todo sentido de injustiça, detonado pelo corrupto poder republicano, onde cada cidade, cada região, se manteve juntas, unidas nos ideais e pensamento, umas transparentes e outras ocultamente.

Os jagunços do contestado diante desse imenso Brasil foram os únicos que tiveram a coragem de assumir as suas contrariedades com a política na época. Os fatos históricos eram para nos encher de orgulho, e envaidecer a alma, mas não meus amigos, com certeza muitos sentem vergonha de seus antepassados.

O mundo republicano jogou-os há dezenas de anos à beira da marginalidade, empurrando em nossa garganta abaixo a grande mentira do século. As cidades como, Curitiba, Irani, Palmas, Campos Novos, Leão Régis, Canoinhas, Porto União, Caçador, Joaçaba, Lages, Santa Cecília, Rio Negro, Mafra, União da Vitória, General Carneiro e dezenas de outras cidades, foram por décadas discriminadas pelo governo estadual e federal.

As cidades onde nasceu a revolta foram sempre vigiadas de perto pelo poder federal, chegando ao ponto de serem ceifados os seus direitos políticos estaduais e federais. O medo do poder republicano era constante e nos ordenaram, assim como gado em direção a um matadouro, não sendo possível dar asas aos humildes rebeldes porque tinham receio em querer voar... Com liberdade novamente.

A lição que os jagunços nos deixaram, com certeza foi que, não importa se vocês são um cordeiro diante de inúmeros leões, o sentido de liberdade, verdade e justiça esta acima até da própria morte, porque se você não lutar à frente de tudo isso, já estará morto por dentro. Nunca deveremos sentir vergonha de nossos Jagunços, mas nos orgulhar de seus feitos heróicos.

Logicamente os jagunços tiveram muitas falhas e erros, mas se compararmos as inúmeras causas da “Guerra do Século” veremos com toda certeza que, foram levados a uma guerra impossível de vencer, ou que os levaria a seu completo genocídio. Existe uma antiga filosofia que diz: “Os fins justificam os meios” ou “Não importa quantos morrerão sem razão, o importante é razão em estar sempre com os vitoriosos” ou também, “A razão do capitalismo selvagem e o poder neurótico, é sempre jogar na mentira todos os que se opuserem em seu caminho ambicioso”.

Causas da Guerra do Contestado

Foram inúmeras as causas que acenderam o estopim que levou a “Guerra do Século, o famoso contexto do contestado. Após a queda da monarquia, o país estava completamente falido e sem nenhum recurso financeiro, porque os Imperadores sempre adotaram o regime Feudalista que enforcava mortalmente o panorama de igualdade social, levando os menos favorecidos a terem somente uma opção, trabalhar como escravos com uma mínima bonificação mensal aos protegidos do regime imperialista”.

A “lei do ventre livre” foi a primeira grande derrota dos senhores de engenho, que tiraria de suas mãos o filete de ouro, a futura mão-de-obra produtiva. Em 1888 a princesa Isabel legaliza a “lei Áurea”, abolindo todo e qualquer regime de escravidão. O que levou os senhores de engenho ao completo desespero, e consecutivamente ao princípio de sua falência econômica, privando-os dos luxos nos salões da corte imperial. Pois, a partir daquele momento humanitário histórico, teriam de pagar por seus serviços braçais, não obrigá-los a trabalhar e nem colocá-los no tronco para serem açoitados.

E na calada da noite em 1889, os parlamentares, políticos provincianos, empresários e comerciantes, ministros e os marechais das forças armadas compram dos Estados Unidos da América um regime republicano corrompido, corrupto e capitalista, que levaria toda a população brasileira a mais completa miséria social e econômica. A monarquia cai e toma posse o poder republicano. Parlamentares, ministros e os marechais julgavam ter em suas mãos um país rico e próspero, mas encontram um país em completa falência econômica e social. E, outra vez compram dos Estados Unidos da América a idéia de venda de títulos coronelistas aos senhores de engenhos, visando economicamente tirá-los desse buraco sem fim.

Em meio a todo esse caos da república, em 1893 o almirante Custódio de Melo revolta-se tendo sob o seu comando vários navios de guerra ancorados em pontos estratégicos do Rio de Janeiro. Convoca todos os poderes na época a lutar por novas eleições republicanas, sob a ameaça de detonar os seus canhões contra tudo e todos. A revolta armada força o Presidente Marechal Floriano Peixoto e parlamentares, a convocarem eleições urgentemente, contendo no ambiente à podridão da manipulação de conveniência e o cheiro podre da corrupção.

Os Estados Unidos fazem a sua parte no acordo, faltando somente o poder republicano fazer agora a sua parte. Nesse momento histórico se inicia o maior de todos os pecados capitais: Empresas públicas e empresas privadas que comandavam a economia são vendidas aos empresários americanos.

O país, que já estava naufragado na completa miséria econômica e social, acaba se transformando praticamente numa sucata ambulante e quase sem nenhum valor comercial. Os empresários americanos como sempre, são filantrópicos e humanitários com o resto do mundo, assim como as nuvens de gafanhotos são com as plantações, firmam um contrato com o poder republicano na construção de uma ferrovia do estado de São Paulo ao estado do Rio Grande do Sul, cobrando a simples bagatela de vinte contos de réis por quilômetro construído, depois reajustado por quarenta contos de réis, além de terem a posse de quinze quilômetros em ambos os lados da ferrovia, onde poderiam explorar todos os recursos naturais e povoar com emigrantes europeus.

Só que o governo republicano brasileiro se esquece que, dentro dos limites da ferrovia construída, e nesses trinta quilômetros, já moravam famílias que herdaram as

propriedades de seus antepassados, pela própria lei natural e verdadeira eram os donos, não precisando de nenhum papel para provar que aquelas terras eram suas.

Na época da construção, chegam uma autoridade do governo, representante do grupo Farquhar e os seus pistoleiros, dizendo que a terra onde nasceu o seu bisavô, seu avô, seu pai, ele e todos os seus filhos não era mais sua, porque tinham comprado do governo e teria de sair das terras, porque já tinham vendido aos emigrantes estrangeiros.

Caros leitores imaginem só como fica a cabeça de um simples caboclo, nascido e criado no sertão brasileiro. Com toda certeza, deixaria qualquer um que não tem sangue de barata, furioso e perderia a sua própria razão e até poderia levar o acontecimento às últimas consequências. E foi o que realmente aconteceu, desencadeando a “Guerra do Século”.

Veremos agora o outro lado da questão, a emigração de europeus no sul do país. O grupo Farquhar tinha feito um negócio da China, cria na Europa uma grande propaganda enganosa na venda de acres de terra num país de futuro. Os acres são comercializados a peso de ouro aos emigrantes, sendo que já estavam desanimados com a crise e a guerra em seu continente, havendo diversas nações falidas ou a beira da falência social e econômica.

Os emigrantes chegam ao sul do país em banheiras flutuantes, que o grupo chamava-o de navio, viajando na mesma situação deplorável dos navios negreiros que trouxeram escravos do continente africano. E quando os emigrantes chegam ao sul do país, dão de cara com a dura realidade, vendo à sua frente uma terra praticamente despida de recursos naturais, logicamente com um solo de grande riqueza em recursos agropecuários.

Mas mesmo assim, eram terras brutas, que com certeza teriam muito trabalho para deixá-la igual à terra dos sonhos. E no decorrer de sua árdua batalha diária, em tornar a terra produtiva, surgem caboclos revoltados, dizendo que aquela propriedade era sua e a queriam de volta, e que se fosse preciso iriam até as últimas consequências.

Caros leitores, com quem os emigrantes iriam reclamar? O grupo Farquhar já estava construindo a ferrovia Madeira Mamoré no Amazonas, tiram e levam centenas de cargas de madeiras nobres em navios para o continente europeu e americano e que os seus legítimos proprietários se contentem com o osso que lhes deixaram. Iriam reclamar com o poder republicano na época? Sendo que os parlamentares e políticos provincianos estavam mais preocupados em gastarem a sua fortuna com a alta sociedade parisiense, com o status de novos milionários. Reclamar com o Presidente da República na época? O mesmo estava mais preocupado em saber qual cobra seria a que lhe morderia primeiro, porque as tentativas de golpes de estado eram uma constante.

O presidente tinha uma nação falida em suas mãos, mesmo assim a concorrência era enorme. Como se não bastassem os parlamentares boicota o seu governo, ainda um conjunto de empresários brasileiros, europeus e americanos patrocinaram revoluções centralizadas, visando desestabilizar o atual governo.

Isso sem contar com a rivalidade entre os marechais e almirantes nas forças armadas brasileira. Naquela época o nosso país enfrentava um verdadeiro caos interno, transformando-se numa “torre de babel” e tendo em seu poder uma grande “caixa de pandora”.

O contrato do governo republicano com o grupo Farquhar consta que, o contratante forneceria toda mão-de-obra bruta na construção da ferrovia e para o desmatamento, nos estados de São Paulo até o Rio Grande do Sul.

Os cargos administrativos ficariam com os empresários americanos, além de pagar vinte e após quarenta contos de réis, cedendo o direito de explorar o transporte na linha férrea por vinte anos, tendo exclusividade e direito na renovação do contrato.

Como no Brasil existia pouca mão-de-obra bruta, devida ser tarefa dos escravos libertos e o governo não querer que essa bomba explodisse em suas mãos, pois os escravos libertos não eram confiáveis para a realização do serviço.

A opção que lhe restou, foi fechar um acordo com marginais da sociedade de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e os jagunços de Conselheiro na guerra de Canudos, garantindo-lhes que seriam postos em liberdade se cumprissem a sua parte.

Mas ao final da ferrovia, deixam um terço jogado a sua própria sorte e na completa miséria num sertão desconhecido, enquanto os parlamentares, republicanos e o grupo Farquhar saem transportando muitos baús abarrotados de ouro.

A opção que restou a esses miseráveis, excluídos da sociedade foi adaptar-se nessa terra estranha, trabalhar para os emigrantes europeus ou servir de jagunços a algum coronel. Aos demais, restou ir para a terra que vertia leite e mel, melhor dizendo, o Arraial de Bom Jesus do Taquaruçú.

Um dos principais pivôs no conflito do século foi o coronel Albuquerque - intendente da vila de Curitiba. O coronel era um forte comerciante e dono de terras, possuindo uma fortuna bastante considerável. Era um homem que tinha ambição pelo poder provinciano e também um temperamento violento, se fosse contrariado. Era portador de uma mania obsessiva em perseguição política, julgando que os seus adversários políticos queriam lhe tomar o poder. E para complicar mais a situação o coronel era presidente da câmara dos deputados, vice-governador e compadre do coronel Felipe Schmidt. Se o coronel fosse pelo menos um pouco inteligente e se estivesse preocupado com a miséria social da vila, com toda certeza não teria acontecido o conflito no contestado.

Os coronéis Felipe Schmidt e Vidal Ramos, governadores de Santa Catarina, também tiveram uma expressiva participação nos assassinatos dos errantes do século, por terem enviado tropas de soldados estaduais para exterminar, a até então fanática irmandade pacífica. Outro ponto crucial foi à cobrança tributária, que gerou mais revolta entre os pequenos fazendeiros e comerciantes, ocasionados pelo desleixo de ambos os governos na demarcação de limites entre os dois estados sulistas. À frente dessa ociosidade dos governos paranaense e catarinense, acaba se transformado numa terra de ninguém, onde os pequenos fazendeiros e comerciantes teriam de pagar os seus impostos duas vezes.

Outros governantes que acenderam o estopim da revolta foram os Dr. Afonso Alves de Camargo e Carlos Cavalcanti do Paraná, que também ficaram ociosos com a demarcação de limites entre os estados, devido não cobrar dos parlamentares e do presidente da república uma solução definitiva para o problema.

E para alterar mais o fato conflituoso, Dr. Afonso prestava serviços de assistência jurídica ao grupo Farquhar, causa principal na revolta dos caboclos no contestado. O governador Afonso trabalhava pelos seus próprios interesses e particulares, ficando ocioso com a crescente miséria social no sertão, empurrando os sertanejos excluídos da sociedade corrupta e capitalista, a uma guerra impossível de vencer. Em suas visões, nem que para isso os cordeiros levassem o caso até as últimas consequências, foi o que de fato aconteceu, a guerra do século.

A onipresença da Igreja Católica Apostólica Romana nos sertões da área contestada foi outro motivo muito marcante que agravou o conflito. O santo, Frei Rogério, fez com toda certeza, a sua parte como apóstolo de Cristo, mas uma simples andorinha sozinha não faz verão diante da imensidão do sertão catarinense. Levaria vários anos para o santo padre visitar os mais distantes vilarejos, e o povo ficaria exposto e à mercê de diversas superstições e de mitos espirituais que dominavam a credence popular do humilde caboclo.

Como toda a população do contestado encontrava-se esquecida pela Igreja Católica, há muito tempo, se entregam às credences populares diante de sua fragilidade espiritual. Nesse momento entram os benzedores e curandeiros, principia com o monge João Maria D'Agostin que peregrinou seis anos após a Revolução Farroupilha, entre os anos de 1851 a 1856. O monge era uma pessoa muito inteligente, receitava poções e chás naturais, aconselhava o

humilde sertanejo e também fazia previsões. O santo monge segundos os depoimentos na época foi em direção à Sorocaba no estado de São Paulo, após nada mais consta de concreto.

Devido ao abandono da região do rio Iguaçu até os campos de Palmas, o ditador paraguaio Francisco Solano López decide invadir e tomar o território em Novembro de 1864, visando presentear uma cortesã alemã que conheceu em Paris, inclusive possuir um eixo de ligação com o Oceano Atlântico, facilitando o comércio da nação emergente.

O conflito se estende até Novembro de 1870, com a morte de Solano López. Vários oficiais do alto comando, anos mais tarde viriam a proclamar a república no Brasil. Evitando novas invasões estrangeiras, povoam a região com emigrantes europeus, simpatizantes e familiares de políticos, inclusive centenas de oficiais e soldados que participaram na Guerra do Paraguai. Outro fato importante, nesse conflito foi os milhares de escravos negros, com a promessa de ganhar a sua liberdade.

Nos anos de 1893 a 1895, acontece a Revolução Federalista, nascida no Rio Grande do Sul, tendo como objetivo de derrubar o marechal Floriano Peixoto da presidência da república, também que destituísse do cargo o presidente do estado Júlio de Castilhos, concedendo-lhes o sagrado direito político e financeiro na província, além de estar aliado ao saudosismo Monárquico.

Aparece na área contestada o monge de nome Atanás Marcaff, muito idêntico ao monge João Maria, o qual os sertanejos acreditavam ser o mesmo santo. O monge Atanás também era muito inteligente, benzia, receitava poções e chás naturais, aconselhava e fazia muitas previsões aos sertanejos. Os mais sépticos que não acreditavam ser o monge João Maria, julgavam que era a encarnação do santo profeta.

Aproveitando as peregrinações dos monges: João Maria D'Agostin e Atanás Marcaff, ou João Maria de Jesus na área do conflito, inesperadamente surge Miguel Lucena Boaventura, vulgo José Maria, intitulado-se irmão do santo profeta, mas na realidade era um benzedor místico vindo da vila de Campos Novos. José Maria era mais um visionário e fanático com as idéias monarquistas e revolucionárias, tinha um pouco de instrução intelectual, sabia usar as palavras ao que lhe convinha, conforme os seus revolucionários pensamentos. Sendo assim, incentivou o coração doentio e místico que os desesperançados sertanejos tinham, desencadeando a guerra do contestado. O José Maria foi um mal necessário no instante e que marcou o tempo de um povo esquecido pela Igreja e pelo poder republicano.

A notícia da construção da ferrovia percorreu os quatro cantos do país, sendo um colírio para os olhos de grileiros de terra e coronéis inescrupulosos. Como se não bastassem às ameaças intimida tórias de pistoleiros do grupo Farquhar, surgem diversos grileiros patrocinados por inúmeros coronéis, que os ameaçavam de morte se não deixassem as suas propriedades. E após, vendiam a um preço insignificante ao grupo Farquhar, com isso aumentando a tensão no contestado.

A miséria social na área contestada levava a população menos favorecida a um mar de sacrifícios diários, assim como todos os matutos caboclos do sertão. Muitos perderam a posse de terras, e ainda os republicanos queriam tirar também a sua dignidade, como ser humano. Pois na longa história do Brasil, todos os seus governantes olhavam sempre as suas ambições e gula pelo poder, e naquela época não iria ser diferente da atual.

Certos estavam os ditados populares antigos: “Todos os políticos são cegos porque nunca vêem as necessidades e os anseios da nação” ou “Todo político não tem cérebro porque depois de eleito esquecem as propostas de campanha e quem os elegeu”. O sertanejo não tinha nenhuma perspectiva melhor de vida, porque os governantes não lhes davam essa opção, tendo somente a escolha em sobreviverem as suas vidas miseráveis no presente que tinham à frente.

Caros amigos, as causas da guerra do contestado foram muitas, mas esse acontecimento histórico deixou inúmeras seqüelas que até nos dias de hoje nos apavora,

mediante tanta injustiça sofrida por esse povo do sertão, com a sua humildade intelectual, sua simplicidade de vida que não continha quase nenhuma ambição. A meu ver, meus amigos, os eternos causadores da guerra do contestado montaram a mentira do século ao resto do país, forçando os jagunços a lutar por seus direitos violentados, construindo uma grande armadilha para eles em seus mínimos detalhes, jogando-os na descrença popular por mais de noventa anos.

Meus amigos, para que vocês tenham uma explícita idéia dos fatos, a imprensa dos Estados Unidos e os países da Europa deram muitas manchetes em seus jornais, como uma injustiça imperdoável ao que se estava fazendo com o povo humilde do sertão. Eram políticos corruptos e empresários desumanos que jogavam na lama o verdadeiro sentimento humano. Uns poucos historiadores são merecedores de créditos, se esforçaram ao máximo para reverter à situação, e hoje o Brasil e todo o mundo conhecem a história que anteriormente era: “Os errantes do século” e agora conhecida como: “Os injustiçados do século”.

Principais Personagens da Guerra do Contestado

Irmandade de São Sebastião: Elias de Moraes - Elias de Sousa - Maria Rosa de Sousa - Francisco Alonso de Sousa - Euzébio Ferreira dos Santos - Praxedes Gomes Damasceno - Joaquim Gomes Damasceno - Benedito Pedro de Oliveira (Chato) - Cirino Pedro de Oliveira (Chato) - Elias de Melo - Miguel Lucena Boaventura (José Maria) - Henrique Wolland (Alemãozinho) - Manoel Alves de Assumpção da Rocha - Maria do Carmo - Chica Pelega - Conceição - Margarida - Terezinha - Clementina - Guilherme Helmich - Agostinho Saraíba (Castelhano) - Francisco Paes de Farias (Chico Ventura) - Manoel Teixeira (Maneco) - Joaquim Germano - Gustavo Reinhardt - Irmãos Sampaio - Bonifácio José dos Santos (Bonifácio Papudo) - Antônio Tavares Júnior - Francisco Salvador - Juca Ruivo - os videntes Teodora e Joaquim dos Santos (Neta e filho de Euzébio) - Sebastião Campos - Guilherme Paes de Farias (Guilherme Ventura) - Delfino Pontes - Murilo Gomes - João Paes de Farias (João Ventura) - Tobias Lourenço de Sousa - Adeodato Manoel Ramos - Olegário Ramos (Negro Olegário) - Francisco Maria Camargo (Chico Pitoca) - Benevenuto Alves de Lima (Venuto Baiano) - Conrado Glober - Manoel Lira de Jesus - Manoel Germano - Ignácio Gonçalves de Lima - Aleixo Gonçalves de Lima - Francelísio Sutil de Oliveira - Honório de Albuquerque - Joaquim Gonçalves de Lima - Maria Alves Moreira - Silvério Bastos - Manoel Moraes (Pai Velho) - Paulino Pereira da Silva - Paulino Ribeiro - Francisco de Almeida - Cipriano de Almeida - Henrique Hass - Estanislau Schumann - Vacariano Nabor - Carneirinho e pouco mais de vinte mil fanáticos e jagunços. Contou com o apoio dos coronéis, Henrique Paes de Almeida (pai), Henrique Paes de Almeida (filho) e Miguel Fragoso, Domingos Soares e uma dezena de coronéis nas muitas províncias.

Coronéis e Autoridades: Coronel Francisco Ferreira de Albuquerque - Coronel Virgílio Pereira - Coronel Marcos Gonçalves de Farias - Coronel José Rauen - Coronel Domingos de Oliveira Lemos - Coronel Zacarias de Paula Xavier - Juiz de Direito Guilherme Abry - Promotor de Justiça Marcílio da Cruz Maia - os Capitães João Alves Sampaio - João da Cruz Maia - Leogídio Vicente Mello - Major Euclides Ferreira de Albuquerque - Major Altino Gonçalves de Farias - Major João Severo Gomes - Major Simpliciano de Almeida - Major Graciliano T. de Almeida - Major Firmino de Almeida - Major Henrique de Almeida Filho - Major Salvador Calomeno - Coronel Henrique Rupp - Coronel Virgílio Antunes - Coronel Manoel Tomás Vieira - Coronel Manoel Fabrício Vieira - Coronel Fabrício Vieira das Neves - Coronel Vidal Ramos - Coronel Felipe Schmidt - Dr. Afonso Alves de Camargo - Carlos Cavalcânti - Coronel Emiliano Ramos - Belisário Ramos - Senador Pinheiro Machado - Senador Lauro Müller - Deputado Federal Manoel Correia de Freitas - Antônio Rocha Tico - Deputado Ulbaldino de Amaral - Diocleciano Martyr - Deputado Sidnei Gonçalves - Ministro Rui Barbosa - Virgílio Martinho de Melo - Miguel Francisco Driessen - João Severo de Oliveira - José Knol - José Custódio de Melo - Aristides de Oliveira Lemos - Diogo Alves Ribeiro - Alzerino Waldomiro de Almeida.

Oficiais Republicanos: Tenente Coronel João Gualberto Gomes de Sá Filho - Tenente Coronel Busse - Desembargador Sálvio Gonzaga - Capitão Adalberto de Menezes -

Capitão Mauricio Antônio de Melo - Capitão Esperidião de Almeida - Ministro da Justiça Rivadávia da Cunha Corrêa - Capitão Euclides de Castro - Capitão Zaluar - Tenente Coronel Dinarte de Aleluia Pires - Major Trujilo de Melo - Capitão Lebon Régis - os Presidentes: Marechal Deodoro da Fonseca - Marechal Floriano Peixoto - Nilo Peçanha - Rodrigues Alves - Afonso Pena - Hermes da Fonseca - Venceslau Brás - Capitão João Teixeira de Matos Costa - Major Januário Cortes - Tenente Coronel Vidal de Oliveira Ramos - Tenente Coronel Castelo Branco - Tenente Coronel José Carneiro - Tenente Coronel José Capitulino Freire Gameiro - Tenente Coronel Adolpho de Carvalho - General Carlos Frederico de Mesquita - Ministro da guerra Vespasiano de Albuquerque - Ministro da guerra Caetano José de Farias - Tenente Coronel Campos - General Fernando Setembrino de Carvalho - Tenente Coronel Francisco Raul D'Estillac Leal - Capitão Tertuliano Albuquerque Potyguara - Capitão Vieira da Rosa Araújo - Tenente Coronel Henrique Rupp - Major Taurino de Resende - Tenente Coronel Júlio César - Tenente Coronel Onofre Ribeiro - Tenente Coronel Eduardo Sócrates - Major Furtado Paiva - Tenente José Pereira da Rosa - Tenente Joaquim Souza Reis - Tenente Herculano Teixeira de Assumpção - Tenente Walfredo Ermílio - Tenente Antônio Guilhon - Dr. Rabelo Pinto - Tenente Joaquim Ribeiro - Tenente Salvador Pinto Ribeiro - Capitão Francisco Alves Pinto - Sargento Carlos Pinkensleper - Tenente Belizário Caetano Ferreira Leite, comandou as várias expedições, tendo um total de quase doze mil soldados. Após a saída do General Setembrino, assumiu a inspetoria da décima primeira região militar, o Coronel Sebastião Basílio Pirro. São usados pela primeira vez no mundo, os aviões Parrascal Morone de 50 cavalos e um Morane Saulnier de 90 cavalos no reconhecimento aéreo, com o Coronel alemão Ricardo Kirk, o Tenente italiano Ernesto Dariolli. Os outros três aviões, um Bleriot de 80 cavalos e dois Parrascal Morane de 50 cavalos é destruído pelas fagulhas da locomotiva a vapor.

Piquetes de Vaqueanos Legalistas: Manoel Fabrício Vieira - Fabrício Vieira das Neves - Capitão Vieira da Rosa Araújo - Salvador Pinheiro - Pedro Vieira - Leocádio Camargo - João Alves de Oliveira - Virgílio Pereira - Tobias Ricardo - Antônio Camargo - Francisco A. Bueno - João Correia Sobrinho - Pedro Leão Carvalho (Pedro Ruivo) - David Padeiro - Nicolau Fernandes e muitos outros que formavam mais de três mil Vaqueanos.

Outros Personagens: João Maria D'Agostin - Anatás Marcarf (João Maria de Jesus) - Frei Pedro Sinzing - Frei Rogério Neuhaus - Frei Amando Bahlmann - Frei Dimas Wolff - Frei Gaspar Flesch - Frei Candido Spannagel - Frei Menandro kamps - Frei Solano Schmidt - Frei Redento Kullmann - Frei Bruno Heuser - Bispo João Francisco Braga - Bispo Duarte Leopoldo e Silva - Os comerciantes Guilherme Gaertner e Antônio Rossi - os filhos do Coronel Albuquerque, Tiago, Elvira, Iracy e Orival Ferreira de Albuquerque - João Goetten Sobrinho - Os diretores da Lumber Company and Colonization, Brazil Railway Company, Percival Farquhar, Ernesto Bishop, Henry Wismaster, Jaime Bishop, João Teixeira Soares, Eugenio Gudin e Achilles Stenghel - Família Garipuna, Santos e Lima do Quilombo Capão dos Negros - Os Kaigang: cacique Condá, Virí, Cauê e Jaqui - Fortunato Branco - Artur de Paula e Sousa - Francisco Hass - Antônio Lyk - Luís Skyna - Saturnino Maia - Macário Maia - Miguel Valle - Conrado Wagner - Miguel Stocker - Vitorino José Silveira - Inácio Briaveltaki - Antônio Francisco Pasela - Arlindo Bessa - Pedro Schiffer - Roberto Andrés Guilleron - Simpliciano Ferreira Guimarães - Pedro Nicolau Werner - Leopoldo Steffen - Roberto Enlke - Dr. Mileto Tavares - Cunha Barreto - João Nikisch - Joaquim Prudente - João Lourenço - Henrique Ramos.

Região Contestada

Redutos dos Fanáticos: Arraial do Taquaruçú I - II e III - São José - Caraguatá - Santo Antônio - Perdizinha - Campos do Irani - Perdiz Grande - Santa Maria - Pedras Brancas - Paciência - Pinheiros - Pinhalzinho - Timbózinho - Bom Sossego - Tamanduá - Caçador - Caçadorzinho - Poço Preto - Reinhardt - Raiz da Serra - Coruja - Traição - Cemitério - Conrado Gloor - Aleixo - Ignácio - Tapera - Perdizes - Butiá Verde - São Pedro - Ferreiros - Colônia Vieira - São Sebastião - Piedade - Passo de João Vargeano - Boliche de João Santos - Sebastião Campos - Estanislau Schumann - Francisco Salvador - Guilherme Helmich - Negro Olegário - Tomazinho - Guarda dos Crespos - São Miguel - São Pedro - Guarda dos Quadros - Rio das Pedras - Irmãos Sampaio - Campos de Palmas - Campos de Monte Alegre - Faxinal e também nas proximidades dos Rios Canoas, Iguaçu e barrancas do Uruguai.

Cidades e Vilas Envolvidas no Conflito: Curitiba - Campos Novos - Anita Garibaldi - Herval Velho - Herval D'Oeste - Joaçaba - Tangará - Videira - Caçador - Xanxerê - Concórdia - Pinheiro Preto - Chapecó - Taió - Palmitos - Água Doce - Pinhalzinho - Rio das Antas - Matos Costa - Três Barras - Timbózinho - Timbó Grande - São Cristóvão do Sul - Ponte Alta do Sul - Ponte Alta do Norte - Nova Galícia - Santa Cecília - Lebon Régis - Papanduva - Monte Alegre - Monte Castelo - Mafra - Porto União - São Bento do Sul - Rio Negro - Canoinhas - Jangada do Sul - Felipe Schmidt - Irati - União da Vitória - Capitão Malet - General Carneiro - São Mateus - Palmas - Irani - Lages - Correia Pinto - Otacílio Costa - São José do Cerrito - Frei Rogério - Fraiburgo - Brunópolis - Monte Carlo e proximidades do Rio Canoas - Lageado - Fachinal Paulista - Passa Dois - Perdizinha - Taquaruçú - Rio Correntes - Cabaçais de Baixo - Cabaçais do Meio - Cabaçais de Cima - Lajeado Raso - Marombinhas - Rio das Pedras - Campo Belo - Restinga Seca - Capão Alto - Campos dos Pires - São João - Calmon - Rio Marombas do Caçador - Butiá Verde - Serra da Esperança - Tapera - Rio dos Crespos - Serra do Espigão, expandindo até a divisa do Rio Grande do Sul e Argentina.

Bibliografia

Alves, Luiz – Revolução Farroupilha – Fundo Agropecuário de Desenvolvimento – PMC 2008 – Curitiba – SC.

Alves, Luiz – Revolta dos Excluídos – Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina 2009 – Curitiba – SC.

Alves, Luiz – Guerreiros do Sertão – Volume I e II – Romance não Publicado 2005 – Curitiba – SC.

Alves, Luiz – Heróis da Liberdade – Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte 2008 – Curitiba – SC.

Assumpção, Herculano Teixeira – A Campanha do Contestado – Imprensa Oficial do Estado 1917 – Belo Horizonte – MG.

Autores Diversos – Maria Rosa – Edição dos Autores 2005 – Curitiba – SC.

Autores Diversos – Formar Dinamismo a Serviço da Cultura – Bibliografias – Editora Cobralil 1970 – Rio de Janeiro – RJ.

Borelli, Mário José – Contestado – Secretaria de Educação e Cultura – Gráfica IOESC s. d. – Florianópolis – SC.

Busato, Gualdino D. – Revolução Farroupilha – Edição do Autor 1995 – Curitiba – SC.

Construção da Ferrovia Madeira Mamoré – Museu da USP – Site Internet 2006 – São Paulo – SP.

Cunha, Euclides – Os Sertões – Editora Record 1998 – Rio de Janeiro – RJ.

Cadorin, Adílzio – Anita - Guerreira das Repúblicas – UDESC e IOESC 1999 – Florianópolis – SC.

Collor, Lindolfo – Garibaldi e a Guerra dos Farrapos – Editora Globo 1938 – Porto Alegre – RS.

Contestado - Fundação Roberto Marinho 1987 - Rio de Janeiro - RJ.

Derengoski, Paulo Ramos – O Desmoronamento do Mundo Jagunço – FCC Edições 1986 – Florianópolis – SC.

Ferreira, José Roberto Martins – História Didática – Editora FDT 1950 – São Paulo – SP.

Gallo, Ivone Cecília D'Ávila – O Contestado O Sonho do Milênio Igualitário – Editora UNICAMP 1999 – Campinas – SP.

Gerson, Brasil – Garibaldi e Anita - Guerreiros do Liberalismo – Editora Souza 1953 – Rio de Janeiro – RJ.

Guerra do Contestado - Documentários RBS/TV s/d - Blumenau – SC.

Kruker, Giovana A. – Estudos Sociais - Município de Curitiba – Gráfica IOESC 1999 – Florianópolis – SC.

Lemos, Zélia Andrade – Curitiba na História do Contestado – Imprensa Oficial do Estado 1977 – Florianópolis – SC.

Lima, João Francisco – Anita Garibaldi - Heroína dos Dois Mundos – Editora Paulista 1977 – São Paulo – SP.

HOLOCAUSTO NO SERTÃO

Monteiro, Douglas Teixeira – Os Errantes do Novo Século – Livraria Duas Cidades 1974 – Rio de Janeiro – RJ.

Moraes, Aldair Goeten – Fatos Importantes da História de Curitibanos – Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo da Prefeitura 2007 – Curitibanos – SC.

Museu Antônio Granemann de Souza (Acervo) – Prefeitura Municipal de Curitibanos – SC (Foto Jagunços da Irmandade de São Sebastião).

Pizza, Walter F, Herculano Gomes Mathias e Nilso Thomé – Contestado – Imprensa Oficial do Estado 1986 – Florianópolis – SC.

Pradi, Cirila de Menezes – Chica Pelega do Taquaruçú – Imprensa Oficial do Estado 2000 – Florianópolis – SC.

Rau, Wolfgang Ludwig – A Vida e Morte de José e Anita Garibaldi – Edição do Autor 1989 – Laguna – SC.

Rau, Wolfgang Ludwig – Anita Garibaldi - Entre o Amor e a Guerra – Documentário TV SENAC 1999 – Florianópolis – SC.

Revolução Federalista - Diversos Autores - Site Internet 2006 - Porto Alegre - RS.

Revolta das Chibatas – H. Acker – Site Internet 2006 – Fundação Carioca de Cultura – Rio de Janeiro – RJ.

Sachet, Celestino e Sérgio – Histórias de Santa Catarina - O contestado – Editora Século Catarinense 2001– Florianópolis – SC.

Thomé, Nilson – Tradições Folclóricas da Região do Contestado – Jornal A Imprensa Catarinense 1984 – Caçador – SC.

Stulzer, Frei Aurélio – A Guerra dos Fanáticos – Editora Vozes 1982 – Petrópolis – RJ.

Valente, Valentin – Anita Garibaldi Heroína por Amor – Editora Soma 1949 – São Paulo – SP.

Varnhagen, Francisco Adolfo – História Geral do Brasil – Editora Melhoramentos 1962 – São Paulo – SP.

Zumblick, Walter – Aninha do Bentão – Edição Prefeitura de Tubarão 1980 – Tubarão – SC.

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/>
Holocausto no Sertão by Sebastião Luiz Alves is licensed under a Creative Commons Atribuição<#231;ão-Úso Não<#227;o-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença<#231;a 3.0 Brasil License.